This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

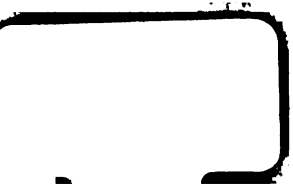
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

3 3433 07592949 1



Elementos
SED

ELEMENTOS
DA
CIVILIDADE,
E DA DECENCIA,
PARA INSTRUCÇAÕ DA MOCIDADE
DE AMBOS OS SEXOS:
TRADUZIDOS DO FRANCEZ EM VULGAR
E DIVIDIDOS EM TRES PARTES:

A primeira contém: Os ELEMENTOS DA CIVILIDADE, E DA DECENCIA, que se pratica entre as Pessoas honeſtas, ſiſudas, e bem educadas.

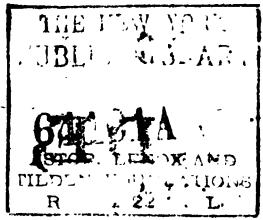
A ſegunda: A ARTE DE AGRADAR NA CONVERSAÇAÕ: com Maximas Moraes para reger-nos ſiſudamente no Mundo.

A terceira: O TRATADO DOS PRINCIPAES FUNDAMENTOS DA DANÇA, em que ſe daõ os preceitos naõ ſó para bem dançar, mas para andar, ſaudar, e fazer airoſamente as cortezias, aſſim nas Aſſembléas, como em outra qualquer occaſiaõ.

Segunda Ediçaõ correcta, e emendada.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1801.
Com licença da Meza do Deſembargo do Paço.

641101A


THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
641101A
STOR. LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 22 L

PROLOGO.

TODO o que he dotado de hum bom discernimento, naõ se descuida de procurar continuamente os meios de ser feliz nesta vida, quanto permitte a fragilidade humana.

O principal, e ao mesmo tempo o mais efficaz de todos estes meios, he o vinculo, com que nos unimos em sociedade aos nossos semelhantes, e que igualmente facilita, e difficulta os meios de prover-nos das cousas proprias para satisfazer as nossas necessidades. Ao formar-nos a natureza, logo nos ligou huns aos outros, sobmettendo-nos a huma dependencia taõ reciproca, que quem a ignora, ou della se quer apartar, mette-se em hum desordenado, e confuso labyrintho, n'huma enfiada de desditas, que só acabaõ com a vida. Para convencer-nos desta verdade, assás he deitar os olhos com attençaõ para aquelles ho-

mens; em quem reinaõ grandes vicios, e successivamente para os que saõ menos viciosos: logo para as virtudes medianas, e ultimamente para os que saõ dotados de grandes virtudes. Que veremos nos primeiros? Homens de todos aborrecidos, e de quem todos fogem; porque com elles estaõ sempre aventurados a perder a vida, os bens, ou a honra, e em sua companhia naõ se logra algum agrado por serem seus discursos communmente tecidos de palavras impuras, e expressões, que insultaõ, e offendem. Os segundos, cujos vicios saõ menores, algumas vezes agradaõ, e saõ huns homens sagazes, que sabem occultar com exterior enganoso a peçonha de seu coraçaõ, que a seu pezar occasiaões ha que apparece, e se faz fortemente sentir daquelles, que vivem com elles, já em amizade, já em conversações frequentes, de maneira que cedo, ou tarde vem a arrepender-se de os ter conhecido, ou de ter-se alliado com elles por algum dos vinculos da sociedade, de quem nenhum

delles

delles possa separar-se sem grande difficuldade. Os de virtudes medianas formaõ o maior numero: seu caracter brando se inclina facilmente ao bem, e ao mal, segundo as circunstancias; todos elles tem hum coraçaõ frouxo, animo timido, e extremado amor proprio: a unica cousa, em que levaõ sempre a mira, he o seu interesse pessoal, e tudo o que naõ presta para o lisongear, ou satisfazer naõ he de seu gosto, nem póde agradar-lhes; e por isso só frequentaõ os que tem os mesmos defeitos, e as mesmas virtudes, que elles. Ama hum devasso ao outro devasso; o jogador ama ao jogador, &c. porque entre si tem toda a liberdade, que acompanha sempre as desordens.

Vejamos pois o homem virtuoso por seu principio. O seu fim essencial he usar sempre de suas virtudes, para cumprir com os designios, que a sabedoria divina quer, que elle execute. De nenhuma sórte duvida, que os sentimentos do seu coraçaõ só lhe foraõ da-

do-

dos para ser benevolo, e affavel com todos os seus semelhantes, e para ter huma affeiçaõ muito particular a todos aquelles, que o frequentaõ, ou vivem com elle, e assim emprega todas as suas virtudes, principalmente com estes ultimos, a fim de que gozem de todas as felicidades, que lhes póde adquirir, ou por via de beneficios, ou por seus modos affaveis, e benignos, ou por suas sabias, e instructivas conversações, e finalmente por seus serviços secretos, quando a occasiaõ lhe offerece os meios de os fazer, ainda nos que forem seus maiores inimigos, que só pódem ser elles a quem chamamos grandes viciosos. A ignorancia para elle hé o maior mal, e os conhecimentos certos, e uteis, o maior bem; e por essa razaõ cuida de continuo em adquirir as virtudes, que lhe faltaõ, ou para sua propria utilidade, ou para poder ser util ao seu proximo; o seu genio igual, e agradavel, a sua bondade constante em perdoar as faltas, que se commettem

tem a seu respeito, saõ parte para qualquer alcançar todo o apreço da sociedade, e toda a felicidade, que nos resulta de parecer-nos com elles. A súa conversaçaõ logo á primeira vez agrada, e encanta todas as demais: que por meio della he que os sujeitos se daõ a conhecer, e se manifestaõ todas as suas boas qualidades assim como os seus discursos naturaes, e adquiridos: donde vimos no conhecimento da sua existencia, e do gráo de felicidade, de que elle goza.

Por estas razões he a conversaçaõ a primeira causa, ou principio, que dá a conhecer os homens, e o meio pelo qual elles agradaõ, ou desagradaõ na sociedade, e aproveitaõ, ou desmerecem em suas pretenções. He logo da maior importancia para a mocidade, que quer apparecer no mundo, e ser feliz em seus projectos, o fazer muito por seguir em todas as occasiões as regras da civilidade, e da decencia, e principalmente a Arte de agradar na con-

conversaçaõ. Estas regras, formadas pelo caracter do homem virtuoso, saõ o objecto destes Elementos da civilidade, que damos ao prélo, para que neste pequeno volume os ache recopilados todo o que quizer aprendellos.

DIS-

DISCURSO PRELIMINAR.

SENDO minha tençaõ ajuntar aqui as regras da civilidade, convém dar primeiro huma idéa justa della, e dizer brevemente em que consiſte.

PELA palavra civilidade naõ se entende aqui aquelle talento particular, que certas peſſoas tem, de agradar em tudo quanto fazem, ou dizem, e de naõ deſagradar em couſa alguma. Eſte maravilhoſo talento, que muitas vezes ſe reputa por merito, conſiſtindo ſó no exterior, he hum puro dom da natureza, que ninguem póde artificioſamente adquirir: mas a civilidade, de que aqui ſe trata, he hum dote da alma, e do eſpirito, que todos pódem adquirir pelo eſtudo das regras da decencia: o que he taõ certo, que o homem mais deſtituido da natureza, quanto ao exterior do corpo, como tenha bom animo, póde ſer em ſeus diſcurſos, e acções taõ agradavel, como qualquer ſujeito bem educado, e ainda o mais bem dotado dos dons da natureza.

NAÕ he a verdadeira civilidade outra couſa, ſenaõ *a pratica das regras da decencia, ou a ſciencia de bem regrar os diſcurſos, e acções na vida civil.*

ESTA ſciencia naõ he huma virtude adventicia, nem ſimples dom da natureza, mas huma *ſciencia adquirida*, e como a definem os antigos, *huma ſciencia, que enſina a pôr em ſeu legitimo lugar o que temos de fazer, ou dizer*; donde ſe ſegue, que a

civilidade consiste *em huma regra de proceder modesta, polida, e prudente a respeito de qualquer pessoa*, isto he em hum modo civil de viver huns com os outros, e de *fazer com agrado a qualquer pessoa, o que lhe se deve conforme a sua idade, ou dignidade, e merecimento, como o pedem os tempos, e os lugares, onde qualquer se encontra.* Em huma palavra a civilidade he hum compendio de todas as virtudes moraes, e huma uniaõ da modestia, urbanidade, diferiçaõ, condescendencia, prudencia, circunspecçaõ, e decencia, que a cada hum cumpre guardar em suas palavras, e acções.

O que deve estimular a mocidade, para instrucçaõ da qual foi esta Obra feita, a applicar-se cuidadosamente ao estudo, e á pratica das regras da civilidade, he ser esta no seculo presente taõ necessaria, que ninguem poderia faltar a ella sem constituir-se indigno da sociedade, e expôr-se ao desprezo geral. Mas o que a faz muito mais apreciavel, e digna de estimaçaõ, he ser muito conforme ao espirito do Christianismo: o que facilmente conhecerá quem quizer considerar qual he o verdadeiro fundamento da civilidade.

E com effeito funda-se esta sobre duas virtudes christãs: humildade, e caridade. Disse *primeiramente*, sobre a humildade: porque ainda que muitas pessoas ha, as quaes passaõ no mundo por muito civis, honestas, e humildes, se estas naõ tem humildade, pelo menos daõ indicios de a ter: e isto quando mais naõ seja mostra que ninguem póde verdadeiramente ser civil sem ter humildade, que deve ser o fundamento de todas as nossas acções. Digo, *em segundo lugar*, que a civilidade se fun-

funda ſobre a caridade: porque ella he a origem da humildade, de que fallamos, e nos obriga a eſtimar os outros como a nós meſmos, iſto he, a fazer-lhes, e a querer-lhes bem, e a naõ fazer, nem querer mal a ninguem. Daqui ſe ſegue, que *a civilidade he aquella modeſtia affavel, e honeſta, que dá indicios de huma humildade fundada ſobre a caridade chriſtã.*

ANTES de entrar na expoſiçaõ das regras da deſcencia, naõ ſerá deſacertado dar aqui alguns preceitos geraes, que ſirvaõ de baze, e inſtrucçaõ a toda a Obra.

DISSEMOS a cima, que a civilidade he *huma ſciencia, que enſina a pôr em ſeu legitimo lugar, o que temos de fazer, ou dizer*; e hora devemos dizer demais diſſo que esta ſciencia naõ poderia pôr-ſe em pratica ſem obſervar exactamente as quatro circunſtancias ſeguintes.

1. REGER-SE cada hum conforme a ſua idade, e condiçaõ.

2. REFLECTIR na qualidade da peſſoa, com quem ſe trata.

3 ATTENDER ao tempo, e lugar onde nos achamos.

4 SABER diſtinguir, o que he civil, e conveniente, daquillo que naõ o he.

ESTAS quatro circunſtancias ſaõ outras tantas regras, que nos enſinaõ a conhecer-nos a nós meſmos, e os outros, e a fazer todas as outras diſtinções neceſſarias: e a obſervancia destas regras he taõ eſſencial, que ſe faltarmos a huma ſó, todas as noſſas acções pareceráõ ridiculas, e fóra de ſeu lugar, bem que todas ſejaõ naſcidas da mais recta intenção.

EXAMINAREMOS cada huma destas regras em particular, com a maior brevidade poſſivel.

SE-

1 Esta talvez a primeira destas quatro regras a mais difficil de praticar: pois tem por fundamento o conhecimento proprio, e a este he que ordinariamente chegamos mais tarde, por quanto o amor proprio nos motiva a suppôr-nos mais, do que na realidade somos. Porém assim como seria motivo de riso hum mancebo, que na idade de quinze annos quizesse representar hum Catão, ou que hum velho quizesse representar hum casquilho, da mesma sorte seria cousa de zombaria, e irrisaõ, se para parecer mais sabio, ou mais polido, se quizesse collocar a cima da sua condiçaõ, e passar por sujeito de merecimento. He preciso que cada hum se lembre, que só a verdade he amavel. Tambem he preciso, que naõ exceda os limites da modestia, e humildade: devendo todavia haver grande cuidado em que esta humildade naõ degenere em baixeza servil: o que seria outro excesso, pelo qual se faria desprezivel qualquer sujeito. Como haja huma pouca de prudencia, naõ seria difficultoso conservar-nos em hum justo meio.

2 A segunda regra por si mesma se explica por ser huma simples consequencia necessaria da primeira: e por pouca diligençaõ, que qualquer tenha, naõ lhe será muito trabalhoso comprehender quanto ella nos determina. Importa porém lembrar-nos, *que em materias de politica, ou civilidade, melhor he ter muita, do que muito pouca.*

3 A observancia da terceira regra depende só da prudencia, na suppoſiçaõ de ter cada hum o discernimento necessario: e como isto entre na quarta regra, contentar-nos-hemos de passar a ella, sem dilatar-nos nesta.

4 Ordena esta quarta regra o *saber fazer hum dis-*

discernimento, ou distinguir o que he civil, e conveniente do que não o he. E com effeito o homem, que he lerdo, ou muito caprichoso, por não ter este discernimento, he incapaz de viver entre sujeitos de bem: porque confundirá os tempos, e os lugares, e se desviará daquelle caminho, que o guia ao conhecimento de todas as cousas: pois fazendo grande admiração de huma cousa frivola, passará inconsideradamente pos outra de maior importancia: as suas proprias acções civis, e as suas attenções serão desacertadas, e em tudo quanto fizer obrará indiscreto.

Mas para bem fazer este discernimento são absolutamente necessarias tres cousas. Primeiramente *ter boa intelligencia, e bom discernimento para conhecer as differentes qualidades de qualquer cousa.* Os que absolutamente carecem de intelligencia, e discernimento, dotes que nos vem da natureza sem o auxilio da Arte, fazem compaixão, e não ha preceito que se lhes possa dar. Tudo o que se póde fazer a favor dos que não são inteiramente incapazes, he suprir de algum modo para com elles o defeito da natureza com huma boa educação, e recommendar-lhes hum estudo, e applicação extraordinaria a respeito de si proprios.

Em segundo lugar he preciso *ter cuidado do que a praxe tem estabelecido entre nós, como civil, e decoroso, e do que está condemnado como indecoroso, e incivil.* Importa tambem distinguir aqui *a praxe natural, e a praxe de convenção.* Por praxe natural se entende o que a natureza nos dicta a respeito de muitas cousas. E com effeito pela natureza nos forão dadas as primeiras regras da decencia, e todos devemos considerallo como guia fiel, e seguro, para seguillo

em

em tudo quanto nos inſpira como bom, e honeſto, e imitalla na repugancia ao que ella julga indecoroso. De tal ſorte, por exemplo, nos obriga a proceder conforme os talentos, que nos deu: ſe paſſarmos dos ſeus limites, contrafazendo-nos nas palavras, ou nas acções (o que acontece a muitos, que affectaõ voz languida, e balbuciente, ou certo modo de andar, e geſtos, que naturalmente naõ tem) logo ſe manifeſtaõ a violencia, e a irregularidade, e o proprio amor, que temos á ſimplicidade, dá a conhecer em tudo isto huma indecencia, que deſgoſta, e offende. Devemos pois lembrar-nos, que *naõ preciſa de artificio a bella natureza, e que ninguem he tanto ridiculo pelas qualidades, que tem, como pelas que affecta ter.*

Quanto á *praxe de convençaõ*, naõ he outra couſa ſenaõ hum certo coſtume recebido de commum conſentimento por todos os ſujeitos civis, que nos enſina a regular pelas leis da decencia as noſſas acções, a reſpeito das quaes naõ nos determinou a natureza regra certa; por exemplo, comer, beber, eſcarrar, toſſir, eſpirrar, &c. ſaõ acções naturalmente indiſpenſaveis; mas como naõ ſejaõ communs com os brutos, e o homem por hum principio natural, a fim de correſponder á dignidade do ſeu ſer, deve diſtinguir-ſe delles para elevar-ſe a maior perfeiçaõ; a razaõ, e a praxe recebida pedem que eſtas acções ſe façaõ com a maior civilidade, que poſſivel for; iſto he, de hum modo muito alheo dos brutos.

Naõ ſuccede aſſim nas couſas, que naõ dependem da natureza, mas que a meſma praxe de convençaõ tem eſtabelecido entre nós, como o deſcobrir a cabeça, ſaudar, e correſponder á ſaudaçaõ,

dar

dar a preferencia ás outras peſſoas á entrada das portas, ou o lugar mais diſtincto n'huma camara, ou á meza, a mão direita, ou o melhor lugar do pavimento da rua, &c.

O CONHECIMENTO deſtes differentes coſtumes he bem neceſſario; porque todos elles ſaõ conformes entre a maior parte das Nações polidas: mas naõ nos cançamos em moſtrar aqui as differenças, que ha de huma para outra naçaõ, no que diz reſpeito aos coſtumes, e uſos; ſe bem que naõ ignoramos acontecer algumas vezes ſer aquillo meſmo que he civil, e decente em hum Paiz, offenſivo, e eſcandaloſo n'outro; e da meſma ſorte deſagradar muitas vezes n'hum o que n'outro tempo he acertado. Mas como iſto naõ ſeja do noſſo aſſumpto, inutil he fazer delle menção neſte *Diſcurſo preliminar*.

EM terceiro lugar, *devemos ter conta em naõ confundir a familiaridade com a reſpeito.*

TANTO mais neceſſario he fazer eſta diſtincção, que ſendo a familiaridade em certas occaſiões permittida; e decorosa, em outras pelo contrario ſeria por extremo incivil, e offenſiva.

A familiaridade he huma liberdade civil na converſação, que por huma certa convenção tácita, e reciproca entre as peſſoas, que della ſe ſervem, faz com que levem a bem aquillo meſmo, que os offenderia tomado em rigor. Por eſta razaõ naõ devemos ſervir-nos della com todos: e he preciſo examinar:

1 SE aquelle, com quem tratamos nos he *igual, ou ſuperior, ou inferior.*

2 SABER diſtinguir ſe temos grande communicaçaõ com elle, ou ſe temos pouca, ou nenhuma.

De igual para igual, ſe formos muito conhecidos, con-

convem haver familiaridade, por ſer decente, e ſupôr amizade, e confiança. Porém ſe nos conhecermos pouco, he inciuilidade: e ſe naõ nos conhecermos abſolutamente ſerá imprudencia, e leviandade de eſpirito.

De inferior para ſuperior, ainda que ſe conheçaõ pouco, ou muito, a familiaridade he atrevimento, excepto quando nos he ordenada expreſſamente pelo ſuperior, e ainda aſſim he preciſo praticalla com prudencia. Mas ſe obſolutamente naõ ſe conhecem ſeria ruſticidade, e inſulto.

De ſuperior para inferior, a familiaridade he ſempre boa, e dá goſto ao inferior, com quem ſe uſa della: porque os ſignaes de affecto, que ſe recebem de huma peſſoa de maior dignidade, liſonjeaõ indiſivelmente o amor proprio. Iſto o que em breves palavras julgamos mais neceſſario, e eſſencial para dizer ſobre as regras do decoro, e da decencia em geral. Os principios, que temos eſtabelecido baſtaráõ a todo o que os ſouber applicar com acordo: mas como iſto ſeja impoſſivel á mocidade por falta de experiencia, importa explicar-lho miudamente: o que fazemos neſta Obra, a qual dividimos em Capitulos, ſegundo a ordem das materias, para facilitar melhor o uſo delles. Nas regras, e preceitos, que damos, ſempre ſuppomos que o noſſo diſcipulo he hum inferior, que trata com ſuperior, e que elles ſe conhecem pouco hum ao outro. Mas por pouco, que ſe imprimaõ no eſpirito as regras geraes, que acabamos de dar, facil será, cemo haja algum, bem que pouco, diſcernimento, modificallas de maneira que ſe entendaõ, e appliquem a todos os caſos, e a reſpeito de ſujeitos de toda a especie.

ELEMENTOS
DA
CIVILIDADE,
E DA DECENCIA.

PARTE PRIMEIRA.

CAPITULO I.

De honeſta compoſiçaõ do corpo, e dos veſtidos, e aceio.

1 DEVEMOS ter ſempre o noſſo corpo direito, ou ſeja em pé, aſſentado, ou de joelhos, e nunca inclinaremos a cabeça nem para huma, nem para outra parte, e naõ a moveremos indiſcretamente, e ſendo neceſſario fazello, o faremos com gravidade, e decencia: tambem a naõ levantaremos com eſforço; porque nos teráõ por altivos, orgulhoſos, e pedantes: naõ a metteremos tambem entre os hombros, por naõ parecermos preguiçoſos,

ſos, e nem a deixaremos cahir para huma, e outra parte, por ser eſte o coſtume dos hypocritas, e nunca a voltaremos sem neceſſidade por naõ mostrarmos leviandade no noſſo juizo.

2 Quando fallarmos naõ enrugaremos a teſta por ſer eſte hum ſignal de colera, ou velhice, que deſagrada a todos: nem encreſparemos o nariz, porque he hum ſignal de eſcarneo: o que sempre devemos evitar. Porém quando naõ fallarmos, naõ eſtaremos com a bocca aberta, nem com os beiços muito apertados, nem a mordellos: porque denota em nós ſimplicidade, e devemos ter ſempre muito cuidado, que o geſto do noſſo roſto naõ eſteja triſte, ſevero, ou admirado, ou muito alegre, e ſagaz: mas o teremos ſinceramente alegre, docil, ſocegado, e ſem affectaçaõ: e quando tratarmos de algum negocio serio, naõ nos moſtraremos muito alegres, nem demaſiadamente ſiſudos, principalmente em cousas familiares, e commuas.

3 Naõ devemos lançar os olhos para huma, e outra parte, e nem devemos olhar para as peſſoas de travéz, nem com deſdem, ou déſpreſo, e quando fallarmos com alguma peſſoa, naõ lhe devemos fitar a viſta no roſto: porém devemos abaixalla hum pouco mais, e polla junto ao eſtomago, e principalmente ſendo com peſſoa de reſpeito, ou de differente ſexo, pois quando olhamos para alguma peſſoa de travéz, ou com deſdem, e ſoberba, he faltar-lhe ao respeito, principalmente quando he de inferior para ſuperior.

4 Quando naõ tivermos as mãos occupadas com

com alguma couſa, devemos entaõ tellas diante de nós, e nunca atraz das cóſtas, nem nas algibeiras; como tambem devemos evitar cuidadoſamente as agitações das espadoas, braços, e pernas.

Ha muitas peſſoas, que tomaõ inſenſivelmente ſemelhantes coſtumes, que depois lhe daõ grande incommodo para os deixar, e ainda que naõ poſſamos dizer abſolutamente, que iſto ſeja incivilidade, nunca he decente, nem será preciſo que tenhamos muito trabalho para nos emendarmos.

5. Naõ devemos esfregar as mãos, nem levallas á cabeça, ou cara ſem neceſſidade; nem tambem as levaremos áquellas partes do noſſo corpo, que naõ eſtaõ expoſtas á viſta, em preſença de peſſoa alguma. Tambem he huma grande incivilidade o fazer grandes movimentos com as mãos, quando ſe falla com alguma peſſoa: porque iſto denota, que o diſcurſo naõ vale nada, e que naõ perſuade, ſenaõ pelos movimentos, e contorſões do corpo.

6. Nunca teremos as unhas compridas, nem cheias de immundicia, nem tambem as eſtaremos roendo com os dentes, nem as cortaremos diante de gente: porque aquelle, que tem as unhas compridas, denota ſer tocador de arpa, e o que corta as unhas com os dentes moſtra eſtar penſativo, e o que as corta diante de gente obra huma grande incivilidade.

7. Quando eſtivermos aſſentados devemos ter os pés igualmente poſtos em terra, ſem encruzar as pernas, nem as pôr diſtantes huma da outra,

ou

ou eſtendidas muito longe da noſſa cadeira, e quando eſtivermos em pé parados, naõ devemos ter hum pé mais adiante que outro. Ha algumas peſſoas, principalmente entre a mocidade, que eſtando aſſentadas tocaõ tambor com os pés, e os eſtaõ balanceando, e facudindo, ou os tem em alguma má poſtura: o que ſempre devemos ter o cuidado de evitar.

8 Naõ faremos grande eſtrondo, quando nos aſſoarmos, para o que nos devemos ſervir ſempre do lenço, como tambem para tocarmos dentro no nariz, quando for neceſſario, e depois que nos aſſoarmos nunca olharemos para o que lançarmos no lenço: e quando eſtivermos á meza, ou em huma ſala aceada, devemos eſcarrar no lenço. Tambem devemos usar da meſma civilidade, quando quizermos eſcarrar, ou eſpirrar, e naõ ſerá preciſo reprimir-nos para deixar de o fazer, nem tambem nos esforçaremos para o fazer com mais eſtrondo, que o coſtume; porque iſto indica falta de reſpeito: porém o que neſte caſo devemos fazer, he eſpirrar brandamente, e depois fazer huma reverencia, e agradecer a todas as peſſoas, que nos ſaudarem.

9 Devemos evitar, quanto nos for poſſivel, o toſſir com hum tom forte, e penetrante, como tambem o dar algum ſuſpiro, ou fazer algum rumor com a bocca, quando reſpiramos, que ſeja percebido das mais peſſoas: e finalmente devemos abſter-nos de toſſir, o mais que for poſſivel, principalmente quando eſtivermos á meza, ou na Igreja.

10 Tambem devemos ter muito cuidado, principalmente quando fallarmos, ou ouvirmos fallar a alguma peſſoa, de naõ fazer algum movimento com o corpo, que ſeja deſcompoſto: tambem nos devemos abſter de mover a cabeça, quando quizermos exprimir melhor os noſſos penſamentos, fazendo acções a cada palavra, que dizemos, ou ouvimos dizer; e nunca encoſtaremos a cabeça ſobre algumas de noſſas mãos por ſer couſa contra a decencia.

Eſtes movimentos, que muitas peſſoas fazem com a cabeça para melhor exprimirem os seus penſamentos, eſtaõ ainda de tal ſórte acreditadas entre aquellas peſſoas, que ſe lisongeaõ de ſaber a civilidade, que no seu conceito he eſta huma regra muito conveniente, e neceſſaria.

11 Devemos abſter nos cuidadoſamente de qualquer movimento de mãos, e naõ menearemos, ſem neceſſidade, o que trazemos para noſſo ornato: como tambem naõ puxaremos pelos dedos para os fazer eſtalar, nem eſtaremos batendo os pés, como fazem aquellas peſſoas, que querem imitar os tambores: e finalmente quando eſtivermos em pé teremos ſempre o cuidado de eſtar firmes ſobre os noſſos pés.

Eis-aqui huma das regras, que ordinariamente se daõ aos meninos, ainda que ha muita gente de maior idade, que preciſa bem della: por ſer couſa, que fazem por habito, ou digreſſaõ do eſpirito.

12 Devemos ter ſempre limpos, e aceados os noſſos veſtidos, ſem affectaçaõ, ou ſigual de vaida-

dade, e naõ olharemos muitas vezes para elles, nem os eſtaremos a compôr ſem neceſſidade. A limpeza, e o aceio fazem huma grande parte da decencia, e civilidade, e ſerve mais que tudo para dar a conhecer a virtude, e capacidade de qualquer peſſoa; porque vendo-ſe nella veſtidos ridiculos, faremos logo conceito de que eſſa peſſoa he nescia. Finalmente o aceio he huma certa connexaõ, ou ſemelhança dos veſtidos a reſpeito da peſſoa: aſſim como a decencia em tudo o mais, he a conformidade das noſſas acções, e palavras a reſpeito das outras pessoas, ou de nós meſmos. Porém a limpeza he a ſegunda parte do aceio, e he taõ neceſſaria, que na falta do aceio ſupre ella. Se os noſſos veſtidos eſtiverem limpos, e muito principalmente a camiſa, ſempre pareceremos bem, e nos faremos diſtinguir, ainda que eſtejamos pobremente vestidos.

13 A MAIOR ſingularidade, que podemos ter no noſſo aceio, he o conformar-nos ſempre nos noſſos veſtidos ao talho do noſſo corpo, e da noſſa qualidade, e idade: porém devemos ſempre evitar a deſproporçaõ, que hé o contrario diſto, e o vicio em que cahem aquellas peſſoas, que fazem grande opiniaõ de ſi, ou tambem da grande negligencia, que he o defeito das pessoas preguiçoſas, molles, e naturalmente ſujas.

Huma das couſas eſſenciaes ao noſſo aceio he o proporcionarmos ſempre os noſſos veſtidos ao talho do noſſo corpo: porque ſem eſta circunſtancia haverá huma deſproporçaõ inſoportavel. Por eſta razaõ devemos ſempre reflectir ſobre qualquer moda:

da: porque ſe eſta faz todas as couſas grandes, nem por iſſo devem ſer ſenaõ mediocres para huma peſſoa de baixa eſtatura: porque ſe eſta peſſoa levar na cabeça hum chapéo de grandes abas, naõ veremos andar ſenaõ hum chapéo, e o meſmo ſuccede em todas as mais couſas. Naõ he menos importante o proporcionarmos os noſſos veſtidos á noſſa qualidade, e á noſſa idade. Por exemplo, ſe hum Eccleſiaſtico andar veſtido, pouco mais, ou menos, como hum ſecular, e hum velho como hum rapaz de vinte annos, podemos dizer, que hum, e outro tem pouco juizo.

14. Devemos conformar-nos com a moda: porém he preciſo que evitemos eſtes dous extremos vicioſos, que vem a ſer a affectaçaõ, e a negligencia: por iſſo naõ devemos ſer dos primeiros em ſeguilla, nem dos ultimos em deixalla.

Tambem devemos cortar pelo noſſo luxo, e reduzillo á modeſtia, e eſta he a regra de proceder, que deve ſeguir hum homem Chriſtaõ. A moda, no que diz reſpeito ao aceio, he huma lei, que devemos indiſpenſavelmente obſervar, e ſujeitar a noſſa razaõ ao ſeu imperio abſoluto, apropriando os noſſos veſtidos ao ſeu goſto, ſem a minima contradiçaõ, ſe naõ quizermos offender as leis da civilidade: porém nunca devemos paſſar niſto a exceſſo, affectaçaõ, ou negligencia, por nos naõ fazermos objecto de riſo. Por exemplo, ſe hum homem ſe quizeſſe oppôr contra a móda, e trouxeſſe hum chapeo apreſilhado por hum modo contrario ao da mais gente, ſeria eſte hum motivo bastante para ſe fazer moſtrar ao dedo.

15 De-

15 Devemos ter sempre o cuidado de ter a cabeça limpa, como tambem os olhos, e dentes, cuja negligencia, ou descuido corrompe a bocca, e infecta aquellas, pessoas, com quem fallarmos.

Tambem devemos observar a mesma limpeza nos pés, principalmente no tempo de verão, por naõ molestarmos, com o máo cheiro delles, aquellas pessoas com quem estivermos. Esta parte da limpeza naõ he menos necessaria, que aquella, que devemos observar a respeito da roupa branca, e dos nossos vestidos: porque aquellas pessoas, que saõ negligentes neste ponto, peccaõ sempre contra a decencia, e passaõ por incivis.

CAPITULO II.

Do modo de saudar, ou de fazer as cortesias, e da sua correspondencia.

NAÕ he possivel, que em hum livro se possa ensinar a fazer huma cortesia com graça, e agrado, nem tambem a dançar, ou a montar a cavallo: por isso a nossa intençaõ naõ he dar aqui preceito algum a este respeito, mas sómente fazer algumas observações sobre os erros grosseiros, que fazem commummente muitas pessoas, que se dispensaõ deste dever da civilidade.

1 Ha muitas pessoas, que por ignorancia, ou negligencia sua tem hum ar taõ desengraçado no modo de fazer huma reverencia, ou cortesia, que naõ pódem deixar por isso de motivar a riso, ou desgosto a qualquer pessoa, como por exemplo, aquel-

aquellas, que principiaõ a fazer huma reverencia antes de tirarem o chapéo, ou a fazer huma, e outra couſa ao meſmo tempo, tendo o chapéo diante da cara, como ſe ſe quizeſſem eſconder, ou pondo-o diante de ſi, como quem pede huma esmóla, o que he huma grande indecencia, e incivilidade. O contrario diſto ſuccede a hum homem, que teve boa educaçaõ, quando intenta fazer a ſua reverencia, ou cortezia com graça: porque antes de fazer algum movimento com o corpo, ou cabeça tira o seu chapéo, eſtendendo o braço até o joelho, e depois faz a ſua corteſia mais, ou menos profunda, ſegundo a qualidade da peſſoa a quem ſauda. Aquellas peſſoas, que cahem nos erros a cima ditos por preguiça, ou negligencia ſua, naõ ſaõ dignas de eſcuſa: porque ſabendo muito bem o que devemos obrar, deixaõ de o fazer por ſe naõ inortificarem; porém aquellas, que peccaõ por ignorancia, devem procurar os meios de ſe inſtruir, frequentando, por algum tempo, a ſala de hum bom meſtre de dança: ou o melhor ſerá, ſe houver occaſiaõ para iſſo, de ſe aperfeiçoarem com o exemplo daquellas peſſoas, que tiveraõ boa educaçaõ, ou a quem o uſo do mundo tem civiliſado.

Devemos evitar principalmente o temor loucco, e deſenxabido, como tambem a affectaçaõ, e geſto elevado daquellas peſſoas, que imaginando moſtrar hum grande reſpeito á peſſoa, a quem ſaudaõ, ſe põem muito ſerios, e naõ ſabem ajuntar hum geſto airoſo, e deſembaraçado, com aquella decencia, que convém a todos.

He verdade que a educaçaõ, tanto niſſo, como

mo em tudo tem grande influencia: de sórte que huma pessoa de qualidade, que for bem educada, se dá logo a conhecer por hum certo desembaraço, e graça, que lhe parece natural em todas as suas acções; porém como o bom nascimento, e a boa educação naõ dependem da nossa vontade, por isso he preciso ao menos fazermos da nossa parte pelo igualarmos por meio do estudo, e observação dos bons costumes: e naõ he preciso outra cousa mais, do que fazermos hum juiso exacto sobre a escolha de hum bom modelo a quem possamos imitar.

2 Ha tambem muitas pessoas, que quando saudaõ a outrem, naõ fazem senaõ tocar o chapéo levemente, por se naõ poderem dispensar de o fazer, ou se contentaõ só com fazer huma leve inclinação com a cabeça, sem tirar o chapéo: finalmente ha outros, que na acção de tirar o chapéo o vaõ acompanhando com algum movimento do corpo, ou cabeça. Todos estes modos de saudar saõ muito incivis, e naõ se toleraõ de superior para inferior, e quando muito só de igual para igual, e quando se tratáõ familiarmente.

3 O costume, que hoje ha de trazermos quasi sempre o chapéo debaixo do braço, nos dá huma grande facilidade para saudarmos a qualquer pessoa: porém naõ advertimos que muitas vezes este costume he a causa de alguma inadvertencia, ou falta de attenção: porque ainda que este uso naõ seja offensivo entre pessoas iguaes, ou de superior para inferior, naõ se segue o mesmo, quando saudamos alguma pessoa de qualidade; porque por mais pro-

fun-

funda que seja a reverencia, que lhe fizermos, sendo com o chapéo debaixo do braço, sempre he incivil, e naõ convém. He mais respeitoso, e decente termos o chapéo na maõ, quando saudarmos de passagem a alguma destas pessoas, principalmente sendo em rua publica.

4 Como o bom uso nos ensina, que quando saudarmos, ou formos saudados, indo nós em liteira, ou cadeirinha, &c., devemos abaixar o vidro, ou ao menos fazer signal de o abaixar, quando passarmos apressadamente: tambem devemos observar o mesmo preceito, quando estivermos por de traz de alguma janella de vidraças, e passar alguma pessoa pela rua, que nos saude: pois lhe corresponderemos com a nossa cortesia, abrindo a janella, principalmente se estivermos em pé. Porém se estivermos assentados, devemos levantar-nos, se tivermos tempo para o fazer, ou ao menos faremos a ceremonia, principalmente se essa pessoa, que passar for de hum tal merecimento, que nos obrigue a usar com ella esta submissaõ, e respeito.

5 Succede muitas vezes vermos algumas pessoas na sua janella, com os braços cruzados, e o corpo descançado sobre elles; esta acçaõ he ordinariamente de pessoas ociosas, que naõ tem outra occupaçaõ mais do que a de ver quem passa pela rua: podemos conceder este passatempo a qualquer pessoa: porém sempre será preciso advertir-lhe que se por acaso alguem a saudar naõ lhe corresponderá sómente com hum simples movimento da cabeça, porém deve tirar-se daquella postura indecente;

entando o corpo ſómente ſobre as pernas. Pe-
tambem a meſma civilidade, que para corref-
idermos a eſſa corteſia, que nos fazem, nos a-
emos hum pouco da janella, para que tenha-
s maior facilidade em fazer a noſſa reverencia.

Devemos tambem obſervar, que quando ti-
nos o noſſo chapéo, o tiraremos ſempre com a
) direita, e nunca com a eſquerda, excepto ſe
ivermos occupada com alguma couſa. Esta ad-
encia he limitada: porém ſempre devemos
, que ella tem ſeu fundamento.

Naõ diremos neste lugar couſa alguma a
peito dos abraços, que coſtumaõ dar muitas
oas reciprocamente, quando ſe ſaudaõ, como
bem da circunſpecçaõ, que ſe deve obſervar a
reſpeito, e tudo o que temos dito neſte Ca-
ilo tocante ao modo de ſaudar, naõ diz reſpei-
ſenaõ ás civilidades que ſe devem obſervar nas
s publicas, ou naquelles lugares publicos, on-
ſe naõ póde fallar. O mais pertence á converſa-
, de que fallaremos em outro Capitullo.

CAPITULO III.

Do modo de paſſear, e da civilidade, que ſe deve obſervar com aquellas peſſoas, que encontrarmos no Paſſeio

Naõ devemos andar com hum paſſo vio-
to, e apreſſado, nem tambem lento, e peſa-
, ou com artificio, e leveza: porém deve ſer
a medida, gravidade, e decencia. O andar com

paſ-

paſſos muito apreſſados naõ convem ſenaõ aos criados de ſervir, e o andar com hum paſſo vagaroſo, e peſado he ſignal de negligencia: como tambem o andar com artificio he huma affectaçaõ, que naõ parece bem: pois naõ ha couſa mais agradavel que o natural.

2 Quando paſſearmos naõ inclinaremos, nem balancearemos o corpo para hum, e outro lado, nem teremos as mãos, e braços pendurados, nem tambem lhe daremos movimento algum, mas devemos tellos firmes na altura do cotovello: como tambem naõ devemos arraſtar os pés com força, e quando ſubirmos algumas eſcadas nunca ſubiremos mais que hum degrão de cada vez. Ha homens, que quando paſſeaõ daõ aos ſeus braços hum certo movimento, como ſe tiveſſem neceſſidade de remar para adiantarem mais o caminho: o que he muito máo coſtume, e ſe deve evitar cuidadoſamente.

3 Se encontrarmos na rua alguma peſſoa de qualidade, tomaremos entaõ o lugar mais inferior do pavimento: porém, ſe o caminho for igual, paſſearemos entaõ pela parte eſquerda, para lhe deixarmos a direita livre, e obſervaremos o meſmo, quando nos encontrarmos com alguma carruagem. Quando formos ſaudar a alguma peſſoa, que encontrarmos, o faremos curvando-nos hum pouco humildemente, mas naõ nos levantaremos com precipitaçaõ: para que, ſe a peſſoa a quem ſaudarmos, ſe inclinar tambem para nos abraçar, lhe naõ demos alguma cabeçada.

4 Se paſſearmos com alguma peſſoa de reſpeito, nunca devemos parar, ſenaõ quando ella o fizer, nem

nem lhe paſſaremos adiante, quando formos andando, nem devemos ſer o primeiro a voltar quando tivermos chegado ao fim do paſſeio; porém devemos fazello juntamente com ella, voltando-lhe o roſto, e nunca as coſtas.

5 Quando paſſearmos em companhia de alguma peſſoa de qualidade, nunca paſſearemos com paſſos iguaes a ella; porém devemos ſeguilla deixando-nos ficar hum pouco mais atraz; iſto he, o eſpaço de meio pé, de fórte que poſſamos ſer ouvidos commodamente. O que ſe deve obſervar a eſte reſpeito, he de nunca nos pormos directamente hombro a hombro com ella, porém hum pouco mais atraz, excepto quando eſta peſſoa qualificada nos fallar, e nos fôr preciſo reſponder-lhe, e devemos além diſſo ter a cabeça deſcoberta.

6 Se eſta peſſoa ſuperior com quem formos, ou acompanharmos, fallar com outra peſſoa em particular, devemos retirar-nos hum pouco, para naõ ouvirmos o que ellas dizem, excepto ſe ella nos prohibir a retirada. Se entrarmos com ella em alguma ſala, ou camara, naõ nos devemos chegar perto daquellas peſſoas a quem ſe fallar: porém devemos ficar diſtantes, e da parte da pórta, e ſe ella nos convidar a que adiantemos o paſſo, o faremos: porém nunca nos poremos em igual parallelo, retirando-nos a hum lado, ficando-lhe da parte de baixo: e ſe formos obrigados a fallar-lhe, devemos fazello de hum modo muito reſpeitoſo, principalmente quando nos perguntarem alguma couſa, fallando pouco, e circunſpecto, e nunca contradiremos a eſta peſſoa, a quem acompanharmos.

7 Pe-

7 Pede tambem a civilidade, que as pessoas, que acompanharem com outras mais consideraveis que ellas, lhe cedaõ sempre o lugar mais honroso, isto he, o da direita, sendo sómente duas pessoas, e o do meio quando forem mais; porém nas ruas, ou junto de algum muro, he sempre mais honroso o lugar mais alto do pavimento, e o mais perto do muro, conforme o uso de França, e sendo em huma camara, ou sala, he ordinariamente aquelle, aonde está a cama, ou o mais distante da pórta.

8 Devemos advertir, que quando pesearmos tres pessoas juntas, o lugar do meio he o mais honrado, e por consequencia o da pessoa mais qualificada; o da direita he o segundo lugar, e o da esquerda o terceiro, de que se segue que o lugar mais elevado em hum jardim, e em outra qualquer parte, onde o uso naõ tem determinado cousa alguma, he sempre a direita da pessoa qualificada.

Se por exemplo, duas pessoas qualificadas deixem o lugar do meio a huma pessoa inferior para melhor ouvirem a sua conversaçaõ, he preciso todas as vezes que chegamos á extremidade do passeio, que a pessoa do meio se volte da parte daquella pessoa mais qualificada, e se estas forem de igual condiçaõ, se voltará huma vez para huma, e outra para a outra, e deve tirar-se do meio quando tiver acabado o seu discurso.

9 Quando passearmos com alguma pessoa mais distincta que nós, e esta se assentar, devemos ficar em pé junto a ella, até que ella nos mande assentar: o que faremos respeitosamente, descobrindo-nos, e pondo-nos a baixo della.

Se nos acharmos com mais peſsoas, e eſtivermos diante de alguma peſsoa qualificada, a quem ſe moſtrava reſpeito, nunca paſsearemos da ſua preſença, ou á viſta della; como tambem naõ nos deixaremos ficar aſsentados diante deſſa peſsoa, ſe ella paſsear.

10 Quando paſsearmos no jardim de alguma peſsoa de reſpeito, nunca nos devemos rir, nem fallar ſó, nem colheremos algum fructo, ou flor, que eſtiver naquelles paſseios por onde paſsarmos: porque he grande incivilidade o colher alguma deſtas couſas. Porém ſe por acaſo no-las offerecem, podemos entaõ acceitallas; porque de outra fórte naõ devemos tocar couſa alguma, ſenaõ com os olhos.

11 Quando paſsearmos no meio de duas peſſoas de igual condiçaõ, e inferiores á noſsa, devemos voltar-nos huma vez para huma, e outra vez para a outra; porém ſe ellas forem deſiguaes, entaõ nos voltaremos ordinariamente para a parte da mais qualificada.

Aquellas peſsoas, que eſtiverem nos lados deſſa qualificada, devem ſempre voltar-ſe para ella, e com ella, e nunca antes, nem depois.

12 Aquellas peſsoas, que pelo ſeu caracter lhe for devido o lugar mais diſtincto, devem ſempre ter huma pouca de conſideraçaõ para com aquellas peſsoas, que lhe fizerem eſta honra, evitando, quanto lhe fôr poſſivel, no paſseio o levallas por caminhos taõ incómmodos, que as obrigue a fazer huma eſpecie de manejo com o corpo, para lhe cederem o melhor lugar.

13 Quando paſsearmos com os noſsos iguaes devemos ir igualmente com elles, e nunca ſejamos

o

o primeiro a voltar nos, nem tambem pararemos muitas vezes, excepto se alguma necessidade nos obrigar a fazello.

14 QUANDO muitas pessoas iguaes passearem juntas, he preciso que aquellas, que tiverem o lugar do meio, se retirem para os lados, quando chegarem ao fim do passeio, e cedaõ o lugar do meio aos que estavaõ dos lados, e estes devem igualmente observar o mesmo, quando tiverem feito o seu gyro, proseguindo da mesma sórte consecutivamente.

Tambem se observa o mesmo entre tres pessoas: porém he cousa, que naõ agrada a todos, e nem se observa sempre rigorosamente.

15 QUANDO passearmos sómente dous, devemos geralmente observar, que no fim de cada passeio nos devemos voltar para a parte de dentro para a pessoa com quem passearmos, e naõ para a parte de fóra, para que nunca lhe voltemos as costas.

CAPITULO IV.

De algumas acções, que dizem respeito á conversaçaõ, e da conversaçaõ em companhia de muitas pessoas.

1 DEVEMOS fazer huma inclinaçaõ ás pessoas superiores, quando nos chegarmos a ellas, e da mesma sórte quando nos separarmos dellas: e esta inclinaçaõ deve ser tanto maior, quanto essa pessoa fôr superior a nós.

2 TODAS as vezes, que nos vierem visitar, naõ só

só pessoas qualificadas, mas ainda nossas iguaes, lhe devemos sahir ao encontro, logo que formos advertidos da sua chegada, e devemos, no mesmo instante conduzillas ao lugar, onde costumamos receber as pessoas de tal qualidade, apresentando lhe immediatamente huma cadeira, em que se assente; porque seria faltar-lhe ao respeito se a deixassemos ficar em pé, ou se a fizessemos passear no tempo em que lhe fallarmos: excepto se ellas absolutamente assim o quizerem. Quando estas pessoas se assentarem, devemos acompanhallas até fóra da porta, e naõ nos recolheremos sem que primeiro as vejamos partir.

Se essas pessoas, que nos vierem visitar, tiverem vindo em carruagem, em cadeirinha, ou a cavallo, devemos esperar, que ellas se montem para lhe tornarmos a fazer segunda reverencia, e naõ nos retiraremos tambem deste lugar em quanto ellas naõ tiverem partido.

3 Naõ montaremos a cavallo, nem em carruagem em presença de pessoas mais respeitaveis, que nós, a quem tenhamos ido visitar; porém devemos andar hum pouco a pé antes de nos montarmos.

4 Devemos levantar-nos da cadeira, em que estivermos assentados, quando alguma pessoa superior a nós, ou ainda igual, com quem naõ tenhamos familiaridade, nos vier fallar; porém quando isto succeder entre pessoas, com quem tenhamos confiança, ou familiaridade, devemos dispensarnos desta ceremonia.

5 Quando procurarmos alguma pessoa em sua caza, devemos ter o chapéo na maõ antes de che-

gar-

garmos á ſua preſença, e quanto mais reſpeitavel fôr eſta peſſoa, tanto mais diſtante della nos devemos deſcobrir.

6 De nenhuma ſorte devemos convidar as peſſoas mais diſtinctas, que nós, a que ſe cubraõ, nem tambem nos cobriremos, ſem que ellas nos mandem, e ſe tenhaõ coberto primeiramente; como tambem nós naõ devemos recuſar importunamente de cobrir-nos quando formos huma, ou duas vezes advertidos para o fazer.

7 Entre peſſoas iguaes, depois de ſe terem reciprocamente comprimentado, e convidado a cobrirem-ſe, he permittido fazello ao meſmo tempo.

Naõ ſe tomará o lugar mais diſtincto, ainda que ſeja entre peſſoas iguaes, porque he fáltar á civilidade, como tambem o recuſallo obſtinadamente, quando nos fôr offerecido; e em noſſas caſas ſempre devemos ceder o melhor lugar aos noſſos iguaes.

8 Se fallarmos com alguma peſſoa, que nos naõ ſeja muito inferior, naõ conſentiremos que ella eſteja muito tempo deſcoberta em noſſa preſença, ſem a mandarmos cobrir.

Em ſemelhante caſo naõ devemos mandalla cobrir mais que huma ou duas vezes; porque eſta peſſoa inferior o naõ poderá fazer ſem faltar ao ſeu dever.

9 Quando alguma peſſoa ſuperior paſſar por diante de nós, naõ ſómente devemos parar hum pouco, mas tambem nos devemos deſviar, principalmente nas entradas das pórtas, ou caminhos eſtreitos, para lhe darmos melhor lugar a paſſar, e

ao

ao subir, ou descer de huma escada, lhe daremos tambem mais commodo.

10 Se alguma pessoa mais qualificada que nós, vier fallar com outra, com quem estejamos conversando, devemos retirar-nos hum pouco, quando essa pessoa superior nos naõ mande o contrario.

Devemos usar da mesma sorte, quando entrarmos em casa de alguma pessoa, a quem queiramos fallar, estando ella em companhia de outras, ainda que sejaõ desiguaes, e muito mais sendo pessoas superiores; como tambem quando entrarmos em algum lugar particular, e nos encontrarmos com alguma pessoa respeitavel, a quem naõ tenhamos tenção de fallar.

11 Quando alguma pessoa superior, ou respeitavel entrar no lugar, em que estivermos, devemos immediatamente levantar-nos, e descobrir-nos, e assim nos deixaremos estar até que essa pessoa se assente, e se cubra: quando ella se ausentar devemos usar da mesma civilidade desde que ella se levantar até sahir para fóra; advertindo porém, que neste tempo devemos interromper a acçaõ, ou entretenimento em que estavamos, quando ella chegou.

12 Quando batermos a alguma porta, principalmente sendo de alguma camara, o faremos brandamente, deixando grande intervallo antes de bater segunda vez, e da mesma sórte na segunda, e terceira vez, se for preciso: o que devemos observar mais, ou menos segundo a qualidade das pessoas, a quem procuramos.

13 Naõ abriremos com violencia, ou estrondo as portas das salas, ou aposentos aonde entrarmos,

prin-

principalmente quando dentro estiverem pessoas respeitaveis, e o mesmo faremos, quando as fecharmos na salida.

14 Quando alguma pessoa de qualidade nos mandar assentar junto a si, devemos, para maior respeito, assentar-nos em huma cadeira inferior áquella em que essa pessoa qualificada estiver assentada, se a acharmos perto de nós: porém naõ obstante seremos importunos, e incivis se recusarmos obstinadamente aquella, em que nos mandarem assentar.

Neste caso he melhor ser incivil, que importuno. O mesmo hè, quando por naõ passarmos por diante de huma pessoa de qualidade a obrigamos a levantar-se, ou a constranger-se, para lhe passarmos por detrás.

15 Quando fallarmos com alguma pessoa de respeito, naõ nos encostaremos, nem nos chegaremos muito a ella: porém devemos mediar hum passo de distancia, pouco mais, ou menos, entre nós, e ella.

16 Nunca perguntaremos a huma pessoa muito superior a nós, como passa, excepto se ella estiver doente: porque usando o contrario, mostrariamos huma especie de familiaridade, de que huma pessoa qualificada se poderá offender.

17 Quando recebermos, ou dermos alguma cousa a alguem, devemos beijar a maõ, ainda que seja pessoa igual a nós.

Quando fallarmos aqui da maõ, devemos entender que esta deve ser a direita, e naõ a esquerda.

8 He incivilidade o eſtendermos a maõ por
te de huma peſſoa qualificada para dar, ou
ber alguma couſa de alguem: porém deve-
dalla, ou recebella por detrás della.

9 Tambem he grande incivilidade o puxar
capa, manga, ou outra qualquer parte do
do a huma peſſoa qualificada, quando lhe qui-
os fallar. Tambem naõ devemos puxar por
, nem chamalla de longe, ſeja por palavra,
or ſignaes; mas devemos procuralla no lugar
ue ella eſtiver, ou eſperar que ella nos veja. Se
mos algum negocio de muita importancia para
communicarmos, principalmente ſendo para
intereſſe, e eſſa peſſoa qualificada eſtiver fal-
o em particular com alguem, entaõ devemo-
pôr em parte, que ella nos poſſa ver, e quan-
os fôr permittido, chegaremos a ella reſpei-
nente, e lhe diremos o que ſe nos offerece
er-lhe.

0 Naõ devemos tocar, nem olhar curioſa-
te para os livros, eſcritos, ou couſas ſeme-
tes, que pertençaõ a outra peſſoa, ſem ſeu
entimento, nem lançaremos a viſta ſobre o
outro eſtá lendo, ou eſcrevendo.

Seria ainda maior incivilidade o olhar para os
s de huma peſſoa, que devemos reſpeitar, ex-
o ſe for alguma Bibliotheca, e que ella tome
como obſequio, que ſe lhe faz: como tam-
naõ nos chegaremos perto daquellas peſſoas,
eſtiverem contando dinheiro, ou procuran-
oias em algum Gabinete, ou perto de hum
: aberto: e tambem naõ lançaremos curioſa-

men-

mente a vista, ou a maõ sobre papeis, que estiverem sobre huma meza: porque saõ estas humas curiosidades muito indiscretas, ainda que seja entre iguaes, e muito mais sendo de inferior para superior.

21 Devemos abster-nos quanto nos for possivel, de dormir quando outras pessoas estiverem fallando, como tambem de estarmos assentados, quando ellas estiverem em pé, ou de passear quando ellas estiverem paradas, e naõ mataremos nem pulgas, nem outro qualquer insecto na presença de alguem.

22 Quando estivermos ao fogaõ em presença de outras pessoas, ainda que estas nos sejaõ iguaes, naõ voltaremos as costas para o fogo, nem buliremos nelle sem necessidade, nem nos chegaremos a elle mais perto, que as outras pessoas, e daremos sempre de boa vontade o lugar áquellas, que chegarem depois.

Naõ permittem as leis da civilidade, que tiremos os sapatos, ou chinellas, para aquentar os pés em presença de pessoas superiores, ou dignas de respeito.

23 Nunca espirraremos, nem escarraremos virados para a pessoa, com quem fallarmos: porém devemos voltar-nos a hum lado para o fazer: e quando escarrarmos, naõ lançaremos o escarro muito longe de nós, nem á parede, nem da janella abaixo, e se o escarro for muito espesso lhe poremos o pé em cima.

Devemos tambem ter muito cuidado de naõ lançar alguma saliva nas pessoas, com quem fallarmos,

mos, e para o evitarmos nos poremos sempre em huma proporcionada distancia entre nós, e ella.

24 Devemos abster-nos, quanto nos for possivel, de abrir a bocca, principalmente na conversaçaõ: porém, quando nos naõ podermos abster, o faremos sem rumor algum, cobrindo a bocca com a maõ, ou lenço, e desviando hum pouco o rosto da vista das mais pessoas.

Quando huma pessoa abre a bocca, ou se espreguiça no tempo, em que as outras fallaõ, obra huma grande incivilidade: porque dá a entender que se desgosta da conversaçaõ, e he ainda maior incivilidade o fazer grande rumor ao abrir da bocça. Se naõ gostarmos da conversaçaõ naõ o devemos dar a entender aos circunstantes, nem tambem devemos cahir no absurdo, em que cahem aquellas pessoas, que puxaõ pelo relogio, ou perguntaõ quantas horas saõ.

25 Quando estivermos em companhia de muitas pessoas, e nos quizermos mudar de hum lugar para outro, nunca passaremos por diante das pessoas respeitaveis: excepto se a necessidade nos obrigar a fazello, tendo para isso pedido licença.

26 Devemos abster-nos das ceremonias affectadas, e importunas, que costumaõ fazer aquellas pessoas, que continuamente recusaõ a honra, que lhes he devida, e que misturaõ nos seus discursos as frequentes escusas, e desgostosos preambulos de huma falsa modestia.

27 Devemos tambem evitar a vil condescenden-

dencia dos liſongeiros, que pelo ſeu intereſſe approvaõ indifferentemente todas as acções, e inclinações, ſejaõ boas, ou más daquellas peſſoas a quem deſejaõ agradar.

28 Pelo que diz reſpeito ás ceremonias neceſſarias, que devemos fazer por obrigaçaõ, ſeguiremos o uſo eſtabelecido entre os ſabios; conformando-nos ao Paiz, ao tempo, á idade, e á condiçaõ das peſſoas; fugindo igualmente, neſte caſo, do exceſſo, e do defeito.

29 Devemos ter ſempre o cuidado, que a noſſa converſaçaõ ſeja modeſta, moderada, e ſem auſteridade, ou temor: porém livre, alegre, e ſem leviandade, ou diſſoluçaõ: doce, graciosa, e ſem affectaçaõ, ou liſonja, ſincéra, cordial, e com prudencia, diſcriçaõ: e finalmente proporcionada, util, e agradavel áquellas peſſoas, com quem tratarmos.

30 Quando fallarmos, faremos que o tom da noſſa voz ſeja modeſto, e naõ ſeja nem lento, nem apreſſado, nem groſſeiro, ou effeminado, nem mais forte, que o neceſſario, nem taõ brando, que naõ poſſamos facilmente ser ouvidos das peſſoas, com quem fallarmos.

31 Devemos abſter-nos daquelle modo de fallar, que ſe uſa entre a plébe, como tambem das palavras muito livres, e equivocas, que ſe pódem alludir a alguma couſa deshoneſta.

32 Observaremos ſempre huma decencia, e moderaçaõ nas palavras graciosas, que differmos para recreio do eſpirito, por naõ cahirmos no abſurdo, em que cahem aquellas peſſoas, que com-

muin-

mummente naõ eſtaõ ſérias na converſaçaõ, e que tudo lhes ſerve de motivo de rizo, divertindo os circunstantes como bobos, com loucuras, e diſcurſos impertinentes, ou com acções ridiculas, e indecentes: eu o que ainda he peior, zombar de couſas ſantas, ou dos defeitos naturaes do proximo.

33 Naõ uſaremos de grandes periodos, ou pontos eſtudados, nos diſcurſos familiares, e ſempre nos devemos portar na converſaçaõ com a meſma naturalidade, que praticamos em outra qualquer parte.

34 Nunca fallaremos a peſſoa alguma palavras picantes, altivas, ou de deſprezo: mas antes pelo contrario, devemos teſtemunhar continuamente com o noſſo modo de fallar humilde, e reſpeituoſo, que reſpeitamos a eſta peſſoa, com quem converſamos.

A obſervancia de todas eſtas regras, e principalmente da ultima, he abſolutamente neceſſaria na converſaçaõ, quando fallarmos com peſſoas qualificadas, e de maior graduaçaõ, que a noſſa: e tambem na ſua preſença, para maior reſpeito, nos devemos abſter de todas as palavras, ou acções de colera, a reſpeito de noſſos ſubditos, ou domeſticos. Eſta ultimo ponto ſe obſerva ainda meſmo de ſuperior para inferior, e todas as peſſoas de qualidade, e bem inſtruidas, o obſervaõ exactamente, e por naõ perturbarem o goſto da converſaçaõ com algum tranſporte de colera intempeſtivamente.

35 Quando fallarmos com alguma peſſoa qua-

li-

lificada, ou seja de hum, ou de outro sexo, a quem nos seja preciso responder. *Sim*, ou *naõ*, diremos sempre desta sorte: *Sim, meu Senhor, fim, minha Senhora, &c.* Devemos fugir sempre daquelles modos de fallar, de que naõ devemos usar senaõ a respeito de pessoas inferiores, que encerraõ em si hum certo modo de mandar.

He esta huma cousa, que se diz todos os dias aos meninos, para que quando houverem de dizer, *fim*, ou *naõ*, lhe ajuntem sempre estas palavras, *fim, meu Senhor, fim, minha Senhora, &c.* e quando for preciso dizer *naõ* para contradizer alguma pessoa qualificada, nunca o façaõ com aspereza: porém deve ser por circunlocuçaõ, dizendo por exemplo, *ha de me perdoar, meu Senhor, minha Senhora, &c.*

36 Devemos ter muito cuidado de naõ ajunter ao titulo de *meu Senhor*, ou *minha Senhora* alguma palavra, que possa formar algum equivoco.

Seria rusticidade se dissessemos, por exemplo: *Este livro he encadernado em pelle de porco, meu Senhor. Eis-aqui huma bella egoa, minha Senhora. Elle estava montado em hum cavallo, meu Senhor.*

37 Nunca ajuntaremos depois de *meu Senhor*, ou *minha Senhora*, o sobre-nome, ou a qualidade da pessoa, a quem fallarmos.

He incivilidade o dizer, por exemplo, *Sim, meu Senhor Descartes: fim, meu Senhor Baraõ*: porém fallando a ellas mesmas, deveremos sómente dizer, *fim, meu Senhor, fim, minha Senhora*, e nada mais.

38 Nunca faremos servir de comparaçaõ a pessoa,

ſoa, a quem fallarmos, para notar alguma imperfeiçaõ, ou alguma deſgraça em outra peſſoa.

Seria huma grande incivilidade ſe por exemplo, diſſeſſemos á huma peſſoa: *Eu conheço eſſe homem; eu eſtava preſente quando ſe fez eſſa acçaõ, pela qual todo o mundo o diffama, e abomina: elle tem alguma ſemelhança com V. m.: elle he quaſi da ſua eſtatura, &c.* como tambem o dizer a huma Senhora de qualidade: *Eu conheço eſſa moça, ella naõ tem muito boa reputaçaõ: porém a ſua phiſionomia he bella, os olhos azues, e cabellos negros, como os ſeus, minha Senhora.*

39 Nunca fallaremos em prejuizo de alguma peſſoa, que tiver alguns defeitos naturaes, diante de outra, que tenha os meſmos defeitos.

Seria huma grande incivilidade, ſe por exemplo diſſeſſemos diante de huma Senhora, que tiveſſe o nariz chato: *aquella Senhora tem bem pouca graça em querer pareçer formoſa, tendo o nariz chato como tem*: ou tambem ſe diſſeſſemos diante de huma coxa: *Seria motivo de riſo, ſe huma coxa quizeſſe emendar eſte paſſo de dança.* Em huma palavra, de nenhuma ſorte fallaremos com prejuizo de peſſoa alguma: porque a maledicencia naõ he ſómente huma acçaõ contraria á honeſtidade, mas he juntamente ſignal de hum eſpirito baixo, e vil.

40 Quando alguma peſſoa nos louvar alguma acçaõ, que fizermos, ao que repugne a noſſo humildade, devemos abſter-nos com muito cuidado de lhe dizer como ordinariamente ſe diz: *V. m. zomba, Senhor*; porque iſto he faltar-lhe ao reſ-

reſpeito: devemos porém mudar a fraze de outro modo, e dizer aſſim: *V. m. me confunde, Senhor, eu naõ faço ſenaõ a minha obrigaçaõ. Eu me eſqueceria inteiramente de mim meſmo, ſe obraſſe o contrario, &c.*

41 Devemos fallar raras vezes de nós meſmos, e de tudo aquillo, que nos póde dar louvor; porém quando a neceſſidade nos obriga a dizer alguma couſa a noſſo reſpeito, a diremos ſempre com poucas palavras, com humildade, e modeſtia, ſem abater os outros, nem nos elevarmos acima delles.

42 He huma grande impertinencia, e indiſcriçaõ propor na converſaçaõ couſas pouco convenientes; como o fallar de couſas triſtes no tempo de divertimento, ou em couſas baixas, e de pouca conſideraçaõ diante de peſſoas doutas, e judicioſas, ou tambem fallar em couſas ſubtis, e elevadas diante de peſſoas neſcias, e ignorantes. Mas o que devemos obſervar com maior exactidaõ, e cuidado, he naõ abuſarmos nunca da attençaõ daquellas peſſoas, que nos eſtiverem ouvindo, fazendo-lhes relações muito dilatadas de couſas inventadas, ou tambem, das couſas, que ſonhamos.

Os diſcurſos, que fizermos em companhia de mais peſſoas, devem ſempre ſer proporcionados ao tempo, ao lugar, ás circunſtancias prezentes. Tambem peccaremos contra a civilidade, ſe fizermos diſcurſos alegres em occaſiaõ de triſteza, e ſe diſſermos couſas, que offendaõ a honeſtidade diante de ſenhoras reſpeitaveis; ou fallar da diſ-

ſec-

fecçaõ de hum cadaver no meio de hum jantar, &c.

43 DEVEMOS exprimir em poucas palavras, o que houvermos de dizer, principalmente quando fallarmos com peſſoas de grande conſideraçaõ, ou bem inſtruidas. E quando fallarmos em negocios com qualquer peſſoa, naõ entraremos em grandes diſcurſos; porém devemos logo entrar na materia, ſe o podermos fezer commodamente, evitando, na continuaçaõ do diſcurſo, as digreſſões frequentes, e repetições de couſas já ditas.

44 HUM homem, que paſſa por bem inſtruido, obrará mal ſe fallar de ſua mulher, de ſeus filhos, e de ſeus parentes, para os louvar diante de peſſoas qualificadas.

Póde-ſe fallar delles, ſe vier a propoſito, mas ſem exageraçaõ alguma: e ainda neſte caſo devemos fallar delles honeſtamente, ſe nos obrigarem a iſſo: porque ſe nos calarmos inteiramente, daremos entaõ cauſa a que nos tenhaõ por zeloſo, ou de pouca amizade.

45 HUM marido naõ deve fazer grande applauſo aos elogios, que lhe fizerem de ſua mulher, filhos, ou parentes; nem deve tambem nomear ſua mulher pelo nome, ou qualidade, que ella tiver: porém quando fallar della dirá ſimplesmente *minha Mulher*, principalmente diante de peſſoas qualificadas

46 HUMA mulher, fallando de ſeu marido, póde nomeallo pelo meſmo nome que elle tiver, ſendo diante de peſſoas de mediocre qualidade, ajuntando-lhe o titulo de *Senhor*, ſe elle naõ for

de

fe baixa condiçaõ ; porem diante de peſſoas qualificadas , naõ deve dizer ſenaõ *meu marido*.

O marido que brinca com ſua mulher diante de mais peſſoas , obra mal , e faz-ſe ridiculo : e a mulher cahe tambem em grande erro em dizer abreviadamente , *o Senhor* , fallando de ſeu marido : o que he erro commum principalmente entre Cidadãos.

47 Quando fallarmos de noſſos Pais , naõ diremos *o Senhor meu Pai* , *a Senhora minha Mãi* : mas diremos ſimplesmente *meu Pai* , *minha Mãi* : ſendo eſtes os termos mais proprios , e que convém melhor que todos os mais ao reſpeito , e á piedade natural.

Sómente aos Principes , e Princezas , he que pertence dizer *o Senhor meu Pai* , *a Senhora minha Mãi* ; e qualquer outra peſſoa , que ſe ſervir deſtes termos , ſe fará objecto de riſo.

48 Aquelles filhos , que ſendo já crescidos , dizem *meu Paiſinho* , *minha Mãiſinha* , naõ pódem ter graça , ou galantaria alguma. Eſtes nomes eſtaõ hoje infelizmente deſterrados entre gente de qualidade ; porém os meninos de grande qualidade pódem dizer *o Senhor Duque* , *o Senhor Conde* , &c.

49 Naõ contaremos os noſſos negocios particulares aos domeſticos , mas ſómente aos noſſos intimos amigos , ou áquellas peſſoas de quem eſperamos receber conſelho , ou aſſiſtencia. Em toda a ſórte de diſcurſo , ou ſeja ſobre negocios , ou em hiſtoria , devemos ſer ſempre breves , principalmente quando a materia for de pouca conſide-

sideraçaõ, ou quando percebemos, que ella naõ he do agrado dos circunstantes.

Devemos aqui notar, que quando contarmos alguma cousa, nunca pediremos a approvaçaõ aos circunstantes, dizendo por exemplo: *Naõ disse eu a verdade?* E muito menos convém empurrar as pessoas com o cotovelo para o mesmo effeito, ou nomear as pessoas, de quem tivermos ouvido aquillo, que contarmos, excepto quando tivermos a certeza, de que ella se naõ escandalisará.

50 Nunca mostraremos com o dedo as pessoas de quem fallarmos, ou de quem ouvirmos fallar, estando ellas presentes; porque esta acçaõ he offensiva.

51 Nunca mandaremos recommendações, ou comprimentos a alguma pessoa por outra, que lhe seja superior, e digna de respeito: porque he faltar á civilidade.

52 Quando duas pessoas superiores a nós estiverem conversando, naõ nos entremetteremos na sua conversaçaõ; porque he faltar-lhe ao respeito, se tomarmos esta liberdade: e neste caso naõ nos he permittido fallar, senaõ quando nos perguntarem alguma cousa, ou nos obrigarem a entrar em o discurso, ou quando por exemplo nos tomarem por testemunha, ou nos quizerem deixar dizer alguma cousa de sua vantagem, por se envergonharem de a dizer de sua propria bocca.

53 Na conversaçaõ nunca interromperemos o discurso ás pessoas, que quizermos respeitar, quando a estas lhe naõ venha promptamente á memoria aquillo, que quizerem dizer, com o pretexto de as ali-

alliviar delle embaraço : porque he incivilidade.

Se, por exemplo, alguem diſſer : *Cejar deſtruio a Pompeo na batalha de , de , de* , e outra peſſoa ajuntar *de Pharſalia* , commetteria huma grande incivilidade. O melhor he dar-lhe tempo para conſiderar , ou eſperar que eſſa peſſoa no-lo pergunte.

34 NUNCA emendaremos áquellas peſſoas , que devemos reſpeitar , ainda que ellas errem quando fallarem ; porque he huma eſpecie de deſmentir.

Se , por exemplo, eſta peſſoa diſſeſſe , tomando Alexandre por Dario : *he hum ſignal de ternura , e de humanidade de Dario , o ter chorado quando vio Alexandre morto* ; devemos neſte caſo dar-lhe tempo a que torne a pegar no fio do diſcurſo , ou eſperar que ella nos dê occaſião a que fallemos deſſas peſſoas , para então a deſenganarmos ſem a minima affectação.

35 NA converſação , ainda que ſeja entre peſſoas iguaes , devemos fallar moderadamente , e a propoſito ſobre a materia , de que ſe trata : não ſeremos taciturnos , nem muito falladores , e ſujeitos a huma torrente de palavras , que ſe não poſſão reprimir.

36 NÃO interromperemos aquellas peſſoas , que tiverem principiado a fallar , ainda que nós já ſaibamos o que ellas nos querem dizer ; porém devemos dar-lhe tempo , a que acabem o ſeu diſcurſo: porque o interrompermos a qualquer peſſoa , quando ella falla , para dizermos as couſas de melhor modo , que ella , he hum ſignal de vaidade , que offende , e não ſe póde ſoffrer , ſenão

naquelles caſos, em que ſe trata de algum facto, ou materia, em que cada hum tem neceſſidade de provar, ou de ſe informar de alguma couſa em utilidade de outra peſſoa.

57 Se naõ formos ſuperiores ás peſſoas com quem eſtivermos, nunca nos divertiremos a lêr na ſua preſença, a tempo que alguma dellas fallar, ou a divertir-nos com qualquer outra cousa, sem que para iſto lhe tenhamos primeiramente pedido licença.

58 Quando eſtivermos em alguma aſſemblea, de muitas peſſoas, nunca diremos o noſſo parecer ſobre as materias que ſe propozerem, ſem que primeiramente ſejamos perguntados, ou haja neceſſidade para o fazermos; e quando differmos o noſſo ſentimento, naõ faremos diſcurſos dilatados; mas entraremos logo no ponto principal da queſtaõ, que ſe propôz.

59 Naõ contradiremos facilmente o ſentimento de peſſoa alguma, nem tambem defenderemos obſtinadamente os noſſos penſamentos: e nas couſas, em que a diverſidade de opiniões fôr permittida, nunca reprovaremos áquellas peſſoas, que forem contrarias ao noſſo parecer.

60 Nunca diremos couſa alguma inconſideradamente; nem reſponderemos a alguma peſſoa, antes que ella acabe de fallar: naõ apontaremos as palavras áquellas peſſoas, que ſe explicarem lentamente, e com trabalho, excepto ſe ellas aſſim o quizerem; como tambem o podemos fazer com alguma peſſoa familiar, com quem fallarmos em particular.

61. Quando entrarmos em alguma assemblea, e virmos, que todos se levantaõ para cortejar-nos, devemos ter cuidado de naõ tomar o lugar de alguma dessas pessoas, que ahi estiverem; porém devemos assentar-nos no lugar, que estiver desoccupado, e ainda no mais inferior, podendo ser.

62. Quando chegarmos a qualquer assemblea, naõ perguntaremos immediatamente pela materia, de que se estiver fallando, se naõ formos superiores a essas pessoas: e se ellas por nosso respeito pararem com o discurso, devemos pedir-lhe attenciosamente que continuem. Porém aquella pessoa, que tiver principiado a fallar, deve resumir em poucas palavras aquillo, que tinha dito, se a pessoa que sobreveio merecer maior respeito.

63. Quando entrarmos na conversaçaõ, devemos ter muito cuidado de naõ fallar com algum dos circunstantes em lingua, que todos naõ percebaõ: nem fallaremos ao ouvido de pessoa alguma, nem nos riremos depois de fallar, para naõ dar occasiaõ a que algum dos circunstantes se offenda: o que he grande incivilidade.

64. Naõ nos informaremos curiosamente dos negocios de outras pessoas, que nos naõ pertencerem: nem tambem contaremos inconsideradamente as novidades, que ouvirmos: nem nos intrometeremos a fallar de cousas futuras, e incertas, que sabemos só por conjectura; nem finalmente fallaremos de cousas, de que se deve guardar segredo.

65. Nunca nos mostraremos sentidos, e pesarosos dos defeitos naturaes de outras pessoas, nem

olharemos para elles curiosamente, nem fallaremos delles sem necessidade. Mas o que ainda he maior imprudencia, he o contrafazellos por escarneo, ou lançar-lho em rosto por vituperio.

66 Receberemos sempre com agrado, e gratidaõ, os conselhos, ou instrucçaõ, que nos dérem, e dissimularemos prudentemente as faltas de respeito, e attençaõ, que se fizerem a nosso respeito. Porém nunca nos intrometteremos a dar conselhos, ou reprehensões áquellas pessoas, que naõ dependerem de nós.

67 Naõ reprehenderemos, nem injuriaremos aquellas pessoas, que fizerem todo o possivel nas cousas, que lhe recommendarmos, ainda que nos naõ satisfaçaõ conforme os nossos desejos. Tambem naõ reprehenderemos nunca a pessoa alguma com cólera, nem com disputas, ou alteraçaõ de voz: porém devemos fazello com moderaçaõ, doçura, e discriçaõ.

68 Quando estivermos em companhia de mais pessoas, devemos abster-nos de fazer qualquer brinco de mãos, dando pancadas, e brincando com huns, e outros: porque a demasiada alegria denota simplicidade, e della se nos póde originar algum máo successo, se estas pessoas se desgostarem desta sórte de brincos.

69 Quando estivermos em companhia de Senhoras de qualidade, devemos abster-nos de todo o gracejo, ou brinco de mãos: como tambem naõ devemos pegar em cousa alguma, que lhes pertença, como por exemplo, em hum lenço, bracelete, ou fita, &c.: porque todas estas acções saõ pou-

co

co indecentes, e juntamente he faltar-lhe ao reſpeito.

70 He tambem huma acçaõ muito indecente o tirar a cabelleira, ou cafaca, cortar as unhas, ou roellas com os dentes em preſença de Senhoras, ou de outra qualquer aſſembléa de peſſoas ſérias: como tambem naõ nos devemos coçar em alguma parte do noſſo corpo, nem atar alguma liga, ou deſapertar o ſapato, ainda que ella nos cauſe grande oppreſſaõ, nem mudarmos de roupa para nos pôrmos em maior liberdade, por ſerem todas eſtas acções muito indecentes, e incivis.

71 Quando eſtivermos em alguma aſſembléa, e principalmente em companhia de Senhoras, devemos ſempre lembrar-nos que naõ ha, nem póde haver couſa mais deſagradavel, e enfadonha, do que ouvir ſempre a huma peſſoa queixar-ſe de algum mal, ou de alguma indiſpoſiçaõ.

Attribue-ſe iſto, ou a ignorancia, ou a fingimento, ou a muito amor proprio, imaginando por eſte modo encobrir a falta de talento, que tem para entreter a converſaçaõ, ou para ter lugar de eſtar com toda a ſua commodidade á cuſta dos circunſtantes ſem ſer cenſurado.

72 Quando eſtivermos em companhia de Senhoras, e alguma dellas moſtrar algum brinco, ou couſa de preço ás peſſoas, que ahi ſe acharem, nunca ſeremos dos primeiros a pôr-lhe a maõ para o vêr: porém devemos moderar a noſſa curioſidade, e eſperar que chegue á noſſa maõ para então a vermos: e ſe por acaſo eſſa couſa ſe guardar antes de a termos viſto, naõ daremos a entender

dar que faziamos gosto de o vêr; pois falta incivilmente aquella pessoa, que mostra huma cousa a huns, e a outros não.

Neste caso não devemos fazer grande admiração, nem ser excessivos nos elogios da mesma cousa, como fazem algumas pessoas, que mostrão por esta grande admiração complacência, e que nunca virão nada, nem sabem dar o valor das cousas. Porém de outra parte não devemos tambem ser indifferentes; nem nos embaraçemos em estimar aquillo que he estimavel: porque he hum signal de vangloria, ou de vaidade, que não convém a pessoa alguma, principalmente áquellas, que saõ bem nascidas: e finalmente sempre os portaremos neste caso com modestia, e equidade.

73 Quando estivermos em companhia de muitas pessoas, nunca fallaremos a nenhuma dellas em segredo: e se nos for preciso fazello, chamaremos hum pouco á parte essa pessoa, a quem quizermos fallar, pedindo primeiramente licença ás pessoas, que ahi estiverem presentes.

74 Quando algumas pessoas estiverem fallando, não nos intrometteremos na sua conversação, ainda que ellas sejaõ do nosso conhecimento, e com ellas tenhamos muita familiaridade.

Para virmos no conhecimento de que essas pessoas fallaõ em segredo, bastará tão sómente vêr que ellas se retiraõ á parte, ou fallaõ baixo, ou mudaõ do discurso, ao mesmo tempo que nos formos chegando para ellas; e tanto que chegarmos a perceber isto, devemos retirar-nos precisamente para naõ interrompellas.

75 Fi-

75 FINALMENTE, pelo que diz respeito em geral a toda a sórte de pessoas, tocante á honra, e estimaçaõ que lhes devemos dar, nos devemos regular primeiramente pelo que somos, e depois pelo que ellas saõ. Ordinariamente fallando, as regras da civilidade nos obrigaõ a respeitar as pessoas Ecclesiasticas, por causa do seu caracter: tambem devemos respeitar os Magistrados, e aquellas pessoas, que representaõ a do Rei, ou tiveraõ dignidade na Republica; como tambem aquellas, que forem qualificadas pelo seu nascimento, as Senhoras, e as pessoas, que forem dotadas de algum talento extraordinario, que as distinga, e faça célebres, e as pessoas adiantadas em annos.

CAPITULO V.

Das Visitas.

1 SE tivermos noticia de que huma pessoa de qualidade nos quer visitar, será preciso que para lhe manifestarmos a nossa submissaõ, e respeito, lhe façamos saber que estavamos dispostos a hir fazer a nossa obrigaçaõ: porém se naõ obstante isto, essa pessoa naõ deixar de vir á nossa casa, devemos ir recebella, ou á carruagem, ou ao lugar mais distante, que poder ser, e fazella entrar com a carruagem no nosso pateo, se a casa tiver esta commodidade.

Se o nosso caracter nos permittir o uso da espada, devemos tella á cinta; porque será indecencia, se apparecermos sem ella.

2 QUAN-

2 Quando tivermos recebido esta pessoa de qualidade, que nos vier visitar, devemos logo introduzilla no lugar mais honroso de nossa casa, e lhe chegaremos logo huma cadeira de braços, se a houver, para se assentar, e naõ nos assentaremos, senaõ depois que ella nos mandar: o que faremos logo assentando-nos na menor de nossas cadeiras.

3 Se alguma pessoa de qualidade nos sorprender, sem que sejamos advertidos, devemos entaõ levantar-nos promptamente, se estivermos assentados, para obsequialla, abstendo-nos de qualquer acçaõ, em que estivermos, até que ella se ausente.

Se estivermos na cama, quando essa pessoa chegar, lhe fallaremos ahi mesmo sem nos levantarmos, nem vestir na sua presença, por ser esta huma acçaõ indecente, e incivil.

4 Se ao mesmo tempo, que quizermos obsequiar, e honrar alguma pessoa de qualidade, ella se oppozer á nossa attençaõ, e respeito, entaõ nesta casa o melhor meio que devemos tomar, he obedecer-lhe em tudo aquillo, que fôr de seu gosto: porque naõ lhe poderemos significar melhor o dominio, e poder, que ella tem sobre nós, senaõ em lhe obedecermos em tudo o que nos ordenar.

He da nossa obrigaçaõ o hospedar, o melhor que fôr possivel, aquellas pessoas a quem devemos sobmissaõ, e respeito; porém quando estas nos quizerem dispensar desta ceremonia, naõ seremos importunos, nem de ceremonias excessivas;

vas: porque deſte modo lhe viremos a ſer incommodos, e deſagradaveis.

5 Quando alguma peſſoa de qualidade ſahir de noſſa caſa, naõ deixaremos de acompanhalla até á ſua carruagem: porém ſe for alguma Senhora de qualidade, a quem quizermos reſpeitar, e obſequiar, lhe devemos offerecer a maõ, naõ havendo ahi alguma peſſoa mais qualificada, que lha dê. Tanto que a tivermos conduzido á ſua carruagem, e ajudado a montar, nos deixaremos ficar á porta, e naõ nos recolheremos ſem que primeiro a carruagem tenha partido.

6 Se eſta peſſoa qualificada, que nos veio viſitar, tiver vindo a pé, devemos acompanhalla até á porta da rua, e naõ nos recolheremos ſem que primeiro ella tenha partido. Porém ſe a tal peſſoa fôr alguma Senhora, entaõ pede a civilidade, que a levemos a ſua caza, particularmente ſendo ella de menor idade, e muito principalmente ſendo de noite, e ſua caſa diſtante.

7 Naõ ſómente devemos obſequiar, e reſpeitar as peſſoas de qualidade, que nos viſitarem, mas tambem aquellas peſſoas, que forem eſtranhas em noſſa caſa (iſto he, naõ ſendo noſſos domeſticos, nem inferiores) ainda que naõ tenhaõ outro predicado mais que o ſerem de maior idade, que a noſſa.

Se quizermos paſſar por civis, ſeremos obrigados a ir buſcar, e receber eſtas peſſoas, e introduzillas na melhor ſala, que tivermos, fazendo ao logo aſſentar, e dar-lhe em tudo a preferencia, e o melhor lugar, que he o que eſtiver mais diſtan-

tè da porta, e tambem lhe faremos a meſma honra, ſe nos pozermos com ellas á meza, dando lhe o melhor lugar: e em qualquer outra parte que ſeja, lhe faremos quaſi as meſmas honras, que fariamos a huma peſſoa das mais qualificadas.

8 Quando alguma deſtas peſſoas, a quem devemos obſequiar, e reſpeitar, nos viſitar, naõ a faremos eſperar muito tempo, excepto ſe eſtivermos occupados com alguma peſſoa de maior qualidade, ou com alguns negocios publicos.

Se por qualquer deſtas razões formos obrigados a fazer eſperar eſta peſſoa, mandaremos entaõ huma peſſoa decente para a entreter, por naõ faltarmos á civilidade, em quanto lhe naõ podermos fallar.

9 Se alguma peſſoa nos vier procurar para ſeu proprio intereſſe, no caſo em que tenhamos algum emprego publico, e nelle eſtejamos actualmente occupados com algum negocio intereſſante á noſſa peſſoa, entaõ poderemos diſpenſar-nos de acompanhalla, quando ella ſe auſentar.

Porém, ſupponhamos que eſta peſſoa, que nos veio viſitar, nos he ſuperior, eſtá entaõ da parte della o pedir-nos, ou mandar-nos expreſſamente que naõ ſaiamos fóra do noſſo gabinete.

10 Se eſtivermos em companhia de muitas peſſoas, que nos tenhaõ vindo viſitar, e que alguma dellas ſe auſente, e fiquem as outras, o que devemos obſervar neſte caſo he, que ſendo eſta peſſoa, que ſe auſenta mais qualificada, do que as

que

que ficaõ, temos então obrigaçaõ de acompanhallas: porém se ella fôr inferior ás outras, que ficaõ, a deixaremos ir só, escusando-nos prudentemente para ficarmos na companhia das outras.

Quando succeda que todas aquellas pessoas, que nos vierem visitar, sejaõ de igual condiçaõ, ou qualidade, devemos então vêr se aquella pessoa, que se fôr embora, he digna de maior attenção, e respeito, que as que ficaõ, para a acompanharmos, ou para nos deixarmos ficar na companhia das outras.

Naõ gastaremos todo o nosso tempo em fazer visitas, como as pessoas preguiçosas: porque havemos saber que disto havemos de dar contas a Deos, e por isso devemos ter toda a moderaçaõ nesse exercicio.

Quando nos quizermos conservar na amizade de algum Grande, naõ deixaremos de o visitar de tempos em tempos, para sabermos da sua saude, e nos conservarmos no seu agrado, principalmente quando tivermos a certeza de que a nossa visita lhe será grata.

Devemos tambem observar a mesma regra a respeito daquellas pessoas, a quem quizermos mostrar a nossa amizade: porque a amizade deve ser cultivada com cuidado.

Ha occasiões, em que offenderiamos a civilidade, se deixassemos de cumprir com esta obrigaçaõ para com aquellas pessoas, a quem quizermos mostrar o nosso respeito, e amizade: e naõ nos devemos de nenhuma sórte dispensar disto naquellas occasiões, em que devemos participar, ou seja da

sua

sua alegria, ou da sua tristeza, por algum incidente que lhe sobrevieſse, ou em bem, ou em mal.

14 NAÕ seremos dilatados nas visitas, que fizermos, principalmente a doentes, ou áquellas peſsoas, cujo tempo lhes he preciſo. Abreviaremos em o noſso diſcurſo, quanto fôr poſſivel, as ceremonias ordinarias, e manifeſtaremos o noſso reſpeito, mais por alguma demonſtraçaõ exterior, que por comprimentos.

15 QUANDO algum de noſsos amigos tiver chegado do campo, ou de alguma viagem, e eſte nos fizer ſaber da ſua chegada, devemos ir logo viſitallo, antes que elle nos viſite: e ſe nós o naõ podermos fazer logo, ſeremos obrigados a mandallo comprimentar, e juntamente pedir-lhe que nos deſculpe, em quanto o naõ fazemos peſsoalmente.

He regra geralmente praticada, o ſermos nós os primeiros em viſitar aquellas peſsoas, que de novo chegaõ á noſsa terra, quando o ſoubermos da parte deſsa meſma peſsoa; porém eſta regra geral naõ deve ſer obſervada ſenaõ entre peſsoas iguaes, e de hum homem para outro. Seria huma couſa muito ridicula, e incivil, ſe por exemplo, huma peſsoa de inferior qualidade mandaſse aviſar a huma peſsoa de condiçaõ, ou a huma Senhora, que ella tinha chegado de fóra, para della ſer viſitada: porque eſſa regra naõ eſtá em uſo de inferior para ſuperior, e nem de homem para mulher: mas devemos ir viſitar primeiramente a eſta qualidade de peſsoas, e nós meſmos devemos ſer os que lhes havemos de dar a noticia da noſsa che-

ga-

gada. Da meſma ſorte tem obrigação aquelle que chegar de fóra, de dar parte da ſua chegada: porque ninguem he obrigado a adevinhar: pois ainda que ſeja huma peſſoa ſuperior, ou huma Senhora, que chegaſſe de fóra, e a que tiveſſemos obrigação de viſitar, ſe o naõ fizeſſemos por ignorarmos a ſua vinda, naõ devemos ſer neſte caſo accuſados por incivis: porém tanto que eſſa peſſoa nos aviſar da ſua chegada, entaõ naõ nos podemos diſpenſar, ſendo entre iguaes, de ſermos o primeiro em viſitalla.

Por exemplo, ſe eu chego do campo, e mando dizer a huma peſſoa de igual qualidade, com quem tenho huma eſtreita amizade, *que cheguei, e que lhe mando beijar humildemente as mãos, e que impaciente já da falta de ſuas noticias, naõ quiz retardar mais tempo a informar-me dellas, em quanto me naõ diſpenho a ir peſſoalmente offerecer-me ao ſeu ſerviço, quando ſeja do ſeu goſto o aſſignar-me a hora, que lhe for mais opportuna*: ſe eſta peſſoa tomar eſte comprimento ao pé da letra, entaõ moſtra que naõ ſabe civilidade: porque ella me deve viſitar primeiramente, excepto ſe eſtiver indiſpoſta, ou indiſpenſavelmente occupada, e neſte caſo deve ſempre ella deſculpar-ſe no meſmo inſtante.

16 FINALMENTE da regra precedente reſulta outra, que he igualmente indiſpenſavel, e he quando chegarmos de fóra, e pretendermos a honra de ſermos viſitados primeiramente, naõ deixaremos de aviſar os noſſos amigos da noſſa chegada; porque ſem eſta advertencia teráõ elles em

taõ

naõ motivo de estranhar a falta de atenção a seu respeito.

CAPITULO VI.

Do modo como se deve entrar em casa de hum Grande; e o que se deve observar a seu respeito em todas as occasiões.

1. QUANDO quizermos visitar huma pessoa de grande condiçaõ para lhe significarmos o nosso dever, e conservarmos nosso agrado; devemos observar exactamente todas as regras da decencia, que se devem observar de inferior para superior, ditas no principio do terceiro Capitulo, quando fallamos das acções, que dizem respeito á conversaçaõ.

2. NAÕ entraremos no pateo das pessoas de grande caracter, em carruagem, ou a cavallo, ou em cadeirinha; porque se o fizermos commetteremos huma acçaõ de incivilidade, pois nos devemos apear antes de entrarmos nesse lugar, excepto, se por ordem do Senhor da casa, nos obrigarem a obrar o contrario: o que entaõ devemos fazer entrando com a nossa carruagem, ou cadeirinha.

3. SE formos inteiramente estranhos em huma casa, naõ entraremos no interior della, sem que sejamos introduzidos por alguma pessoa da mesma casa; porque de outra sórte faltaremos á civilidade: porém se naõ acharmos quem nos introduza, e alguma pessoa nos mandar entrar, olharemos entaõ attentamente se a porta está fecha-

da

la pela parte de dentro, e se assim estiver, naõ a empurraremos, porém esperaremos com paciencia que ella se abra, ou bateremos com moderaçaõ: e se ninguem nos fallar, devemo-nos entaõ apartar hum pouco da porta, para naõ sermos achados neste sitio, como espias: porque isto offende extremamente aquellas pessoas, que sabem a civilidade, e politica.

3 Se formos obrigados a esperar em alguma sala, ou ante-camara, á qual nos venhaõ introduzir, pede entaõ a civilidade que tenhamos a cabeça descoberta, e cortejemos aquellas pessoas, que ahi se acharem.

4 Quando formos procurar alguma pessoa á sua casa, e o criado desta pessoa nos perguntar o nosso nome, para o dizer a seu amo, lho diremos simplesmente sem que lhe ajuntemos o titulo de Senhor, ou Senhora, &c.

5 Quando entrarmos na camara, ou gabinete de hum Grande, iremos com passos moderados, e faremos huma grande reverencia, se elle estiver presente: porém se por acaso ahi naõ encontrarmos pessoa alguma, entaõ naõ entraremos a procurar por húma, e outra parte; porém sahiremos no mesmo instante para fóra desse lugar, em que tivermos entrado, e esperaremos na ante-camara.

6 Se esta pessoa qualificada estiver doente na cama, devemos abster-nos de a ir ver, excepto se ella nos convidar positivamente a fazello, e entaõ o faremos; porém deve ser breve a nossa vizita, e fallaremos sempre baixo, e naõ a obri-

ga-

garemos a fallar, senaõ as menos vezes que for possivel.

7 Se este Senhor estiver occupado a lêr, ou a escrever, naõ o interromperemos: porém esperaremos que elle acabe, ou se abstenha da sua applicaçaõ, a fim de lhe podermos fallar.

8 Se esta pessoa nos mandar assentar, lhe obedeceremos, e nos assentaremos no lugar mais inferior, que he sempre aquelle, que fica da parte da porta, por onde tivermos entrado, e tomaremos huma cadeira mais inferior, que aquella, em que essa pessoa estiver assentada.

9 Naõ appareceremos nunca diante de pessoas de maior condiçaõ, que a nossa, e particularmente diante de Senhoras, mostrando o peito por entre a camiza, e vestia, ou deixando aberto, ou descoberto aquillo, que deve estar coberto por decencia, e honestidade.

10 Quando nos assentarmos nunca nos poremos hombro a hombro com a pessoa qualificada, porém devemos pôr-nos defronte, para que ella veja que estamos em acçaõ de a ouvir.

Pode a decencia, que neste caso estejamos com o corpo voltado hum pouco para hum lado da pessoa qualificada, com quem fallarmos, por ser esta postura mais respeitosa, do que o estarmos muito defronte della.

11 Quando estivermos assentados devemos estar direitos na cadeira, e naõ brincaremos com as luvas, nem com o chapeo, nem com outra qualquer cousa, que tivermos na maõ.

12 Naõ seremos o primeiro em começar o dis-

discurso, mas devemos dar tempo a que essa pessoa o comece, ainda que ella naõ diga senaõ huma palavra, que nos dê lugar a fallar.

Se virmos esta pessoa, sómente de passagem, para a informarmos promptamente de algum negocio, ou para a fazermos lembrada de alguma cousa que ella já saiba, entaõ poderemos expôr-lhe no mesmo instante o que tinhamos para dizer-lhe.

10 Quando nos virmos na presença desta pessoa, naõ daremos grande gargalhada de riso, nem nos riremos de tudo quanto se differ, ou sem motivo.

14 Se por acaso cahir da maõ alguma cousa a esta pessoa devemos apanhalla promptamente, e naõ devemos consentir que ella apanhe alguma cousa, que nos cáia; porém a apanharemos nós mesmos com toda a brevidade possivel.

15 Se esta pessoa espirrar naõ lhe diremos em alta voz, *Dominus tecum*; porém faremos huma profunda reverencia.

Se por acaso a necessidade nos obrigar a espirrar, faremos entaõ muito pelo fazer com a maior moderaçaõ, que fôr possivel.

16 Se esta pessoa qualificada quizer chamar por alguem, sahiremos nós mesmos da sua presença, para a ir chamar, a fim de lhe pouparmos este trabalho, e por nenhum modo a chamaremos com hum tom de voz elevado, ou seja da escada, ou da janella; mas mandaremos chamalla por alguem, pois de outra sorte faltariamos ao respeito.

17 Es-

17 Estaremos sempre com muita attenção a tudo o que essa pessoa nos disser, para lhe naõ darmos o trabalho de tornar a repetir aquillo, que nos tiver dito, e de nenhum modo a interromperemos no seu discurso; porém esperaremos que ella acabe de fallar para então lhe responderemos.

18 Devemos tambem ter muita cautela em lhe naõ contradizermos cousa alguma, e se a necessidade nos obrigar a fazello para a informarmos da verdade, lhe pediremos primeiramente perdaõ ácerca disto; e se ella se obstinar neste ponto, naõ lhe resistiremos, nem teimaremos mais; mas esperaremos outra occasião mais opportuna para a desenganar.

19 Se na conversação estiverem pessoas mais discretas que nós, então nos calaremos, e as ouviremos, deixando-as fallar: se tivermos necessidade de dizer o nosso sentimento, o faremos em poucas palavras, e de nenhuma sórte queiramos imitar aquellas pessoas, que se jactaõ de occupar sempre o lugar de Magistrados em as assembleas.

19 Se fomos obrigados a fazer algum comprimento: devemos fazello com brevidade, e responderemos mais com reverencia, que com palavras, e grande discursos.

20 Devemos abster-nos de jurar em qualquer de nossos discursos; porque o jurar diante de huma pessoa de qualidade, e principalmente diante de Senhoras, he perder-lhe o respeito, e neste defeito cahem muitas pessoas, por máu ha-

habito, cuidando que com isto acreditaõ melhor o que dizem. Quando huma pessoa vai a jurar, e ao mesmo tempo outra pessoa lhe prohibe, dá-lhe a entender, de hum certo modo, que o seu juramento de nenhuma sórte a satisfaz, e por esta razaõ se naõ deve jurar de nenhum modo, porque naõ ser este o meio, com que se devem fazer acreditar as pessoas bem criadas.

Exhortamos sempre, que o nosso discurso seja simples, e que demonstre em tudo a circunspecção, e o respeito, com que queremos persuadir a essa pessoa com quem fallamos.

Naõ perguntaremos, nem entraremos muda em questaõ com aquellas pessoas, a quem quizermos honrar, e obsequiar, como tambem a outra qualquer pessoa, excepto se forem de nossa dependencia, ou a quem formos obrigados a fazer fallar.

Neste caso tambem he preciso usar, com estas pessoas, de muita civilidade, e circunspecção; porque ordinariamente se tomaõ as pessoas curiosas por espias, de quem naturalmente devemos fugir, e temer. Por isso se formos interessados em saber alguma cousa daquella pessoa, a quem respeitamos, lhe fallaremos de tal sorte, que a obriguemos civilmente a responder-nos, sem que, para isso a inquiramos; por exemplo, supponhamos que nós queriamos saber, se este Senhor favorecerá os desejos de huma pessoa, por quem sejamos interessados; seria escandalisallo, se lhe disseremos, por exemplo; *favorecerá V. m. os desejos de N.?* Esta pergunta he muito familiar,

e

e em lugar disto se nós lhe dissermos: *Pelo que vejo, meu Senhor, creio que v. m. naõ fará contrario aos desejos de N.?* Este modo de perguntar naõ tem nada de offensivo, e só he curiosidade, que se perdoa, quando he feita com prudencia, e respeito.

Quando estivermos na presença de alguma pessoa, a quem devemos respeitar, ou em companhia de Senhoras, então devemos abster-nos sempre de todas as palavras deshonestas, e livres, e daquelles equivocos, que naõ sómente offendem a civilidade, mas tambem a honestidade: e quando estivermos em alguma assemblea, onde esteja alguma destas pessoas licenciosas, e que esta profira alguma palavra livre, e deshonesta, então nos devemos abster de rir, dando deste modo a entender, que naõ a ouvimos, ou que naõ gostamos.

Faltaremos tambem ao respeito, se proferirmos aquellas palavras, que tem duas interpretações, e que deixaõ sempre alguma idéa de deshonestidade; porque a natureza nos deo regras para o pejo, as quaes nos devem servir particularmente para regularmos os nossos discursos: e como os juramentos, e as palavras livres offendem a civilidade, por isso as devemos sempre evitar, como tambem as disputas, a colera, ou furia com que nos arrebatamos, os hyperboles, as vaidades mal fundadas, e as mentiras, e murmurações. Tambem devemos evitar cuidadosamente o louvar-nos a nós mesmos por comparações, e modos de fallar semelhantes a estes:

Quan-

Quanto a mim, eu naõ faço iſto, ou aquillo: hum Fidalgo como eu: hum homem da minha qualidade, &c. eſtes modos de fallar ſaõ taõ importunos, indiscretos, como ridiculos, e incivis.

24 PARA naõ nos fazermos inſociaveis, nem erimos incommodos na converſaçaõ; devemos evitar os coſtumes daquellas peſſoas, que fallaõ muito, e naõ dizem ſenaõ bagatellas: que naõ poſſem dizer couza alguma, ſem que primeiro façaõ hum *preludio*, ou enſaio: que diſputaõ ſobre tudo quanto ſe lhes diz, ainda que ſejaõ couſas muito indifferentes: que ſaõ oraculos, e aſſegураõ atrevidamente, como verdadeiro tudo aquillo que ellas dizem, ainda que ellas meſmas naõ ſaibaõ ſe iſſo he verdadeiro, ou falſo: que nunca fallaõ ſem ſe alterarem, ou encherem de colera, ainda que ninguem lhes dê cauſa a iſſo, ſómente para contradizerem, e obrigarem a todos a ſeguir a ſua opiniaõ; e principalmente daquellas peſſoas, que naõ pódem dizer couſa alguma ſem levantarem o tom da voz até chegarem a cauſar dôr de cabeça, a quem as ouve: pois naõ pódem haver na converſaçaõ couſas taõ incommodas como eſtas.

Hum homem, que quer obſervar as regras da decencia, deve evitar cuidadoſamente todas eſtas imperfeições, e finalmente deve ter cuidado de levantar, ou abaixar o tom natural da voz, ſegundo a diſtancia do lugar, em que eſtiver a peſſoa com quem fallar; porque a diſtancia do lugar he a que deve ſervir de regra para abaixar, ou levantar a voz.

25 NUNCA fallaremos a peſſoa alguma cara a cara, como fazem aquellas, que duvidaõ de ſer ouvidas, ſe aſſim o naõ fazem, e que em fallando deſta fórte coſpem na cara ás peſſoas com quem fallaõ, e muitas vezes as infectaõ com o ſeu máo halito: porém ſe tivermos alguma couſa, que dizer a alguma peſſoa qualificada, devemos fallar-lhe ao ouvido, como nos enſina a civilidade.

26 CUIDAREMOS muito em naõ ſermos muito dilatados nas noſſas viſitas, conforme as regras determinadas no Capitulo precedente: no caſo que eſta peſſoa qualificada naõ nos deſpeça, nos deſpediremos entaõ quando eſta ficar em ſilencio, ou no caſo que ella chame por alguem, ou nos dê outro qualquer indicio de ter alguma occupaçaõ em outra parte. Porém ſe neſte meſmo tempo chega outra peſſoa, que occupe o noſſo lugar, ou ſe aquella, com quem eſtivermos, ſe applicar a fazer outra couſa, entaõ devemos retirar-nos, ſem fazer grande apparato, e ſem dizer couſa alguma.

Se quando nos retirarmos naõ formos apercebidos, entaõ naõ devemos fazer outra couſa ſenaõ ſeguir o noſſo caminho, e irmo-nos embora. Porém ſe formos apercebidos, e querendo eſta peſſoa fazer-nos alguma civilidade ao ſahir da ſua camara, naõ a devemos embaraçar; porque poderia ſucceder, que quizeſſemos impedir huma couſa, que naõ era feita a noſſo reſpeito; porém poderemos dar-lhe a entender, por alguma acçaõ, que naõ attribuimos eſta honrá a noſſo reſpeito: e o que devemos fazer neſte caſo he, ou ſeguir

o noſso caminho ſem olharmos para traz, ou pararmos hum pouco como ſe foſſe para a deixar paſſar. E finalmente, quando naõ podermos evitar que a civilidade ſe manifeſte, e que eſta peſſoa ſaia da ſua camara, pararemos entaõ no meſmo inſtante, e nos retiraremos a hum lado, e dahi naõ ſahiremos, ſenaõ depois que ella tiver entrado outra vez na ſua camara.

27 Se ſucceder, que ella peſſoa ſe levante para ir a alguma parte em occaſiaõ, que nós eſtejamos diante della, nos retiraremos entaõ a hum lado, e paratemos para a fevereneciarmos, quando ella paſſar.

28 Se eſta peſſoa nos levar á janella para vermos alguma couſa, nunca nos poremos hombro a hombro com ella, nem nos chegaremos muito á janella, por naõ parecermos muito familiares com ella; porém eſtaremos hum pouco mais retirados para dentro, para lhe naõ faltarmos ao reſpeito.

29 Se eſta peſſoa qualificada nos conduzir até a porta da rua, entaõ naõ nos montaremos a cavallo, nem nos metteremos em carruagem, nem cadeirinha, na ſua preſença, como fica dito antecedentemente, mas lhe pediremos que ſe recolha, antes de nos pormos em acçaõ de partir: porém ſe ella inſiſtia em nos querer obſequiar, iremos entaõ hum pouco a pé, e deixaremos ir a noſſa carruagem até que nos apartemos da ſua viſta.

30 Se nos for preciſo acompanhar huma peſſoa de qualidade, ou ſeja pela rua, ou no paſſeio, entaõ devemos obſervar neſte caſo, as regras ditas no Capitulo terceiro, e ſe ella nos fizer a honra de

nos

nos visitar, devemos regular-nós pelo que fica dito no Capitulo quarto, e quinto. Porém se formos obrigados a acompanhalla á sua, ou á nossa casa, devemos passar-lhe adiante, podendo ser, para lhe abrirmos as portas, e levantar os repostéiros, se os houver: e se for alguma pessoa achacada das pernas, e por essa razaõ lhe seja penoso o passeio, entaõ devemos dar-lhe a maõ para a ajudarmos a caminhar; porque assim o determina a civilidade.

31 Se no mesmo tempo, em que estivermos na companhia desta pessoa, chegar outra de maior qualidade, que a nossa, mas inferior á outra, entaõ naõ devemos sahir da sua companhia para irmos receber a que chegar de novo; porém devemos fazer a esta huma simples demonstraçaõ de civilidade, sem proferirmos palavra alguma: e quando succeder que esta pessoa seja superior áquella, com quem estivermos entaõ, ao mesmo tempo que esta se determinar a ir recebella, ou comprimentalla, o faremos tambem da mesma sorte; deixando a primeira para ir honrar a segunda.

32 Quando esta pessoa, que nós visitarmos, fallar a outra qualquer pessoa, naõ nos devemos aproveitar deste intervallo, para conversarmos com alguma pessoa, que estiver junto a nós; porque esta familiaridade naõ he decente, e he faltarmos aos preceitos da civilidade.

CA-

CAPITULO VII.

a decencia, e civilidade, que se deve observar de superior para inferior, e entre pessoas iguaes.

1 ALÉm do que temos já referido nos Capitulos precedentes, poderemos tambem dizer aqui alguma cousa mais precisa a respeito da decencia, e civilidade, que hum superior deve observar a respeito de seus inferiores: porém a nossa intenção não he querer determinar leis áquellas pessoas, que as fazem, e nos contentaremos sómente de apresentar á mocidade nobre as razões, porque devemos obrigallos a observar esta decencia, e civilidade.

2 Esta civilidade, nas pessoas de qualidade, não consiste senaõ em serem civis para com os seus inferiores, e obrigallos com hum modo agradavel em todas as occasiões, que se lhes offerecerem, mostrando-lhes a sua affeiçaõ, quando elles se desempenharem bem em cumprir com o seu dever, e ser com elles hum pouco familiares, affaveis, na consideraçaõ de que esta familiaridade he a maior civilidade, que se póde fazer a seu respeito. Huma pessoa de qualidade, que observar este decóro a respeito dos seus inferiores, será sempre tido por homem de bem, e por muito civil, e ganhará por este modo a sua affeiçaõ, e agrado.

3 Se estas acções politicas, para com os seus

inferiores, foſsem taes, que lhes cauſaſsem algum incommodo, ainda poderiaõ ſer deſculpados, quando as naõ praticaſsem: mas ellas lhes cuſtaõ tão pouco, e pódem ſer civís com tanta facilidade, que cauſaria admiraçaõ o querer faltar a ellas.

4 FINALMENTE ha homens, cujo numero naõ he pequeno, que tem taõ pouca conſideraçaõ, a reſpeito de ſeus inferiores, que poderiamos dizer, que elles imaginaõ, que Deos os criára de hum barro differente dos mais homens, e que ignoraõ, que os ſeus inferiores foraõ feitos á imagem de Deos, e reſgatados com o ſangue de Jeſu Chriſto, aſſim como elles: réflexões eſtas, que os obrigariaõ a ter mais reſpeito aos ſeus inferiores.

6 SE todas eſtas razões lhes naõ forem ſenſiveis, ao menos devem ſer, por ſeu proprio intereſſe, benignos para com ſeus domeſticos, e com aquellas peſsoas, que naõ dependerem da ſua protecçaõ: porque deſte modo he que ſe lhe ganha os corações, e ſe fazem amaveis de todos.

6 E ASSIM, por pouco, que huma peſsoa diſtincta moſtre aos ſeus inferiores bondade, e civilidade, ſempre ſerá amada, e reſpeitada por elles, e todos faráõ goſto de a ſervir, e honrar; e pelo contrario, ſe eſta peſsoa de qualidade falta aos termos da civilidade, ſerá tido por hum monſtro, de quem todos fugiráõ, e ſerá cortejado, e ſervido com pouca conſideraçaõ, e reſpeito, taõ ſómente por ſatisfazer ao uſo.

7 A HONESTIDADE, e a pureza dos coſtumes he ſempre eſtimavel em toda a parte: porém prova mais ſenſivel de huma boa educaçaõ he re-

regra de proceder, que seguimos a respeito dos nossos iguaes: por este respeito he que lhe a natureza faz a hum homem civil

8 Para sermos civis para com os nossos iguaes, em quem estamos acostumados a viver, não he preciso, que observemos o mesmo decóro, e respeito que usamos com os nossos superiores, diante dos quaes devemos mostrar o nosso respeito por cerimonias estudadas.

Semelhantes comprimentos entre iguaes opprimiriaõ muito a amizade, que deve ser o vinculo mais forte da sociedade.

9 Quando estivermos em companhia de nossos iguaes, poderemos entaõ abreviar aquillo, a que chamamos cerimonja, e fazer succeder a familiaridade ás formalidades, e cerimonias exteriores.

10 Esta familiaridade, que deve fazer a conversaçaõ mais agradavel, entre pessoas de igual condiçaõ, naõ consiste em fallar livre, e deshonesto: porque esta he a familiaridade, de que usaõ aquellas pessoas, que perderaõ a vergonha, e que naõ tem sentimento de honra: o que devemos por consequencia evitar com muito cuidado.

He erro pernicioso o crêr que a amizade abre a porta á deshonestidade; porque a natureza naõ estabeleceo entre nós as leis da amizade, senaõ para animar, e excitar a virtude, e naõ para authorisarmos o vicio.

11 Quando conversarmos com alguma pessoa da nossa qualidade, e esféra, teremos muito cuidado de naõ dizer, nem fazer nunca alguma cou-

ſa, que não tenha caracter de hum bom eſpirito, e genio, ainda meſmo naquellas occaſiões, em que eſtivermos com toda a noſſa liberdade.

12 Ha outra eſpecie de familiaridade, que devemos igualmente evitar, e vem a ſer aquella, que ſerve de pretexto a certas peſſoas de hum caracter groſſeiro, e incivil, para gozarem a ſeu ſalvo de toda a ſua commodidade, abuſando da bondade, e decencia daquellas peſſoas, com quem tratão. Eſta eſpecie de familiaridade he huma liberdade offenſiva, e inteiramente indigna de huma peſſoa bem naſcida.

13 A Familiaridade he o verdadeiro ſymbolo da amizade, de que devem uſar os iguaes entre os homens de honra: donde vem, que elles devem abſolutamente regular o ſeu proceder a ſeu reſpeito, ſobre hum principio de amizade, e obſervar entre elles a igualdade.

14 Daqui vem, que para vivermos bem com os noſſos iguaes, devemos evitar em todas as occaſiões, o irritar-nos, ou moſtrar-nos offendidos contra os outros: mas antes devemos procurar todos os meios de reciprocamente alegrar-nos, e além diſſo devemos honrar-nos huns aos outros, não com huma honra de ceremonia, mas de amizade, fundada ſobre huma verdadeira eſtimação, como fazem entre ſi os verdadeiros amigos.

15 Por quanto a unica regra, que devemos obſervar para viver decentemente com os noſſos ſuperiores, he o conſiderar em todas as occaſiões, que eſtes ſaõ mais que nós: e tambem devemos ſaber que a unica regra para vivermos decentemente com

m os noſsos iguaes, he o conſideralos em tudo mo nós mesmos.

15 Quando tratarmos com os noſsos iguaes, ó devemos pretender, que elles nos conſidem como ſuperiores a elles, nem que nos atten-ó, como a hum oraculo, nem pretenderemos dar is a todos; nem fazer depender o goſto dos outros, noſso; nem fazer que eſperem por nós: nem ligir-nos como meſtres, e cenſores; porque he ama incivilidade muito incommoda a huma comanhia de peſsoas iguaes.

16 Esta eſpecie de familiaridade nos diſpen-dias acções de ceremonia, e das palavras que enotaõ ſobmiſsaõ, e reſpeito; e iſſo he o que ia, que a converſaçaõ entre iguaes ſeja mais vre, e mais agradavel, do que entre peſsoas nde ha deſigualdade: mas como eſtas converſações por mais alegres, que ſejaõ, devem ſer ſem-re honeſtas, por iſſo ſerá juſto que obſervemos qui algumas regras, fundadas ſubre a honeſtidade, e civilidade.

17 Como procuramos ſempre fazer que a con-rſaçaõ ſeja alegre, e divertida, naõ ha cou-a alguma, que de ordinario tenha mais parte a converſaçaõ de peſsoas iguaes, como a graceja, o qual naõ he outra couſa, ſenaõ hum diſ-urſo alegre, e engenhoſo, que exprime alguma couſa agradavel, ſem offender a ninguem, nem trahir a honeſtidade.

Deſta definiçaõ ſe vê claramente, que naõ ſe entende por gracejo aquelle, de que a maior parte das peſsoas ſe ſervem para exprimir a zombaria ſub-

subtil, e engenhoſa de hum vicio, ou defeito em algum ſujeito, com quem ſe encontrão, já em zombar delle claramente, já em contrafazer as ſuas acções. Eſte o coſtume de certas peſſoas imprudentes, que fazem profiſſão de fazer rir a gente por qualquer preço, que ſeja, ſem conſideraçaõ alguma ao tempo, lugar, ou peſſoas, com quem eſtão. Naõ ha muita diferença entre o zombar, ou gracejar deſte modo, e o dizer injurias; e eſta eſpecie de gracejos, além de offender a honeſtidade, e deſagradar ao proximo, he totalmente indigna de peſſoas bem criadas. Porém o gracejo, de que aqui ſe trata, he hum gracejo inteiramente innocente, que póde ter lugar na converſaçaõ das peſſoas de bem: mas iſto naõ convém a todas as peſſoas; porque naõ ſó he preciſo ter viveza, e eſpirito para diſcorrer felizmente ſobre o que chamaõ *boas ditos*; mas tambem ter hum eſpirito claro para dar-lhe bom ſentido. Devemos todavia obrar com muita prudencia, e circunſpecçaõ: porque muitas peſſoas ha de hum genio taõ maligno, e perverſo, que coſtumaõ dar ſempre obliquo ſentido a tudo quanto ſe lhes diz ſinceramente, e em bom ſentido. Saõ eſtas peſſoas na verdade muito incommodas; mas como no mundo ha muitas deſta qualidade, e ſe nos faz preciſo viver com ellas, por iſſo melhor ſerá concordarmos com a ſua fraqueza, do que imitar a inconſideraçaõ, ou pouco juizo daquellas, que antes querem perder hum amigo, que hum bom dito: naõ obſtante ſaberem muito bem, que todos os bons ditos juntos naõ valem tanto como hum amigo.

Eſtas as regras, que devemos obſervar inteiramente para naõ offender a peſsoa alguma.

18 Devemos geralmente evitar toda a zombaria peſsoal, que offende, e diz reſpeito ou a peſsas ainda vivas, ou ás que taõ pouco tempo ha morrêraõ, que vivem ainda para com aquellas, que repreſentaõ a ſua peſsoa.

He eſta huma couſa, que naõ póde ficar iſenta de caſtigo: e daqui ſe ſeguem muitas vezes aõ grandes inconvenientes, que deſejariamos naõ hes ter dado occaſiaõ.

19 Devemos ſempre diſtinguir em qualquer ſujeito os defeitos que ſaõ voluntarios, dos que naõ o ſaõ.

O gloriar-ſe huma peſsoa de ſer bem feita he grande preſumpçaõ, que denota grande falta de juizo, viſto naõ contribuir couſa alguma da ſua parte para adquirir eſte attributo, de que he dotada: e he couſa muito má o zombar, ou eſcarnecer de huma peſsoa, por exemplo, que he coxa, ſurda, ou corcovada, ou por ter algum defeito natural.

20 Devemos tambem diſtinguir, em qualquer peſsoa, o exterior, e o interior: porque o exterior naõ he taõ ſenſivel, como o interior; e fazer do ſeu interior objecto de zombaria he offender ſenſivelmente o proximo.

Por exemplo, hum homem naõ ſe enfadará, ſe lhe diſserem que elle naõ tem bom ſemblante; porém ſe lhe diſserem que naõ tem juizo, neceſſariamente ſe enfadará muito. Huma mulher naõ ſe eſcandalizará, ſe lhe diſserem que ella naõ he

bem

bem feita: porém ultrajalla-hia quem lhe diſſeſſe, que era extravagante.

21 DEVEMOS diſtinguir no interior o que conſtitue o merecimento ſólido daquillo, que a imaginaçaõ, ou fraqueza dos homens tem ſubſtituido no lugar do merecimento; como o que chammos *ponto de honra* para com o mundo.

Hum homem, por exemplo, naõ ſe enfadará tanto, ſe lhe diſserem que elle naõ tem virtude alguma, como ſe lhe diſserem que naõ tem animo, ou valor: e huma mulher naõ ſe enfadará tanto, ſe lhe diſserem que naõ tem piedade, como ſe lhe diſserem, que he deſenvolta.

22 DEVEMOS tambem diſtinguir nas peſsoas as ſuas acções: porque aquellas, que procedem de principios melindroſos, e exquiſitos, tocaõ muito mais ſenſivelmente o coraçaõ do que as outras. Por exemplo, ſe eſtivermos diante de hum militar, que tenha fugido em algum combate, ou deſafio, e o motejarmos por cauſa da ſua fugida, iſto o offenderá certamente muito mais, do que ſe o motejarmos por elle ter feito hum máo comprimento. Da meſma ſorte ſe motejarmos huma Senhora ſobre ſeus enfeites, e adornos, dizendo-lhe, que ſe enfeita com máo deſignio, iſto a offenderá muito mais, do que ſe lhe diſsermos que ſe adorna taõ ſómente para ir orar ao Templo. A razaõ de tudo iſto he porque os homens obraõ deſta ſórte para fazer ſervir as ſuas acções de regra para a virtude, devendo pelo contrario ſervir a virtude de regra para as ſuas acções: e porque julgaõ haver deſprezo onde o naõ ha, e

me-

merecimento, onde só o póde haver imaginario. Tal he a cegueira da natureza depravada: e visto que estamos obrigados a viver no meio de todas estas frágilidades humanas, e naõ as podemos corrigir, e evitar, devemos accommodar-nos com o seu estylo de proceder, e fugir de offender pessoa alguma naquellas cousas, em que o uso estabeleceo este supposto desprezo: e por isso importa conformar-nos com a regra fundamental estabelecida, que he considerar sempre os nossos iguaes como a nós mesmos: porque naõ ha cousa, que nos seja taõ sensivel, como o desprezo, e muito principalmente aquelle, que nos vem daquellas pessoas, que naõ tem authoridade alguma sobre nós: pois he certo, que como naõ gostamos de que nos desprezem, por isso mesmo seriamos naõ só incivis, mas tambem injustos em desprezar os outros. E esta he a razaõ porque devemos considerar, com quanta subtileza, e elegancia se deve praticar o gracejo, e a zombaria sem sahir das regras da honestidade, e civilidade: pois nos fica pouca materia para o gracejo, se quizermos evitar aquelles perigos, em que podemos cahir, os quaes deixamos ditos. Finalmente naõ nos resta para o gracejo, ou zombaria, outra materia mais, que aquellas cousas, que naõ procedem do homem; nem dizem respeito á humanidade: e nisto mesmo devemos ter certa moderaçaõ: o que nos obriga ainda a dar as regras seguintes.

23 *Em primeiro lugar*: naõ zombaremos nunca daquellas cousas, que naturalmente devemos respeitar, como saõ as cousas concernentes á Re-

li-

ligiaõ por mais subtil, e engenhoſa, que ſeja a zombaria: porque iſto he ſignal certo de hum devaço, e de hum homem, que naõ tem religiaõ.

24 *Em ſegundo lugar*; nunca devemos gracejar, ou zombar naquellas couſas, de que devemos naturalmente ter pejo, por mais diſſimulaçaõ, que niſſo haja; porque iſto he obrar intaiſamente contra a honeſtidade.

25 *Em terceiro lugar*; devemos acautelar-nos ſempre para naõ cahir na indiſcriçaõ, ou defeito de zombar, ou eſcarnecer das desgraças, e infortunios de qualquer peſſoa, que ſeja: porque huma peſſoa bem naſcida nunca deve inſultar a desgraça de outrem. Iſto para com o mundo he baixeza de eſpirito, e para com Deos hum peccado contra a caridade; pois naõ ha loucura mais inſolente, e ao meſmo tempo menos chriſtã, do que eſta: e por iſſo nos devemos abſter, com muito cuidado, de todas aquellas zombarias, ou gracejos, que pódem offender a religiaõ, a honeſtidade, e a caridade, e que mostraõ por conſequencia grande deſordem de eſpirito.

Finalmente obſervando eſtas regras, podemos com toda a liberdade, e confiança, mas ſem ſahir dos limites da modeſtia, que deve acompanhar ſempre todas as noſſas acções, e palavras, dar ampla materia, e largo campo ao noſſo diſcurſo, ſe para iſſo tivermos eſte admiravel, e raro talento de gracejar, e zombar de muitas couſas; porque além de naõ offender a peſſoa alguma, ſerve de alegrar a todos, e eſta innocente alegria dá a

co-

conhecer hum bello animo, e hom genio, e faz maveis as peſsoas, que ſão completas, e melindroſas neſſe ponto: e de mais diſſo a ſua converſação ſe faz muito agradavel a todos.

Eſtas as regras, que devemos obſervar para gracejar com acerto, e de hum modo, que não offenda a peſſoa alguma: mas como não eſtá da noſſa parte o evitar o gracejo, ouvirem-baria, que fizerem a noſſo reſpeito para ſe divertirem á noſſa cuſta, não será fóra de propoſito vêrmos em tal caſo até que ponto devemos ſoportar o gracejo, e conbaria.

26 Ha certas couſas, em que he preciſo a complacencia, e ouvir os gracejos, ſe não quizermos paſsar para extravagantes, e ridiculos. Por quanto, ſe nos moſtrarmos offendidos de couſas, que ſe dizem levemente, e ſem intenção de offender peſſoa alguma; daremos moſtras de que ignoramos, e não entendemos os ſeus intereſſes. E o gracejo fôr innocente, grande loucura será reſponder-lhe com palavras offenſivas; porém a meis ſegura vingança, neſta occaſião, he dar-lhe huma prompta, e ſubtil reſpoſta, que o caſtigue, e deſtrua com ſuas proprias armas. Mas ſe a graça for pezada, e não nos agradar, poderemos ficar ſérios, e ſi-ludos, para dar a entender que não nos agrada; e temos razão para offender-nos.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que devemos observar, quando estivermos á meza.

1 SE acontecer, que alguma pessoa de qualidade nos convide, ou nos obrigue a jantar com ella, naõ pedirémos agua ás mãos, se naõ nos apresentarem a bacia, nem nos lavaremos juntamente com essa pessoa, sem que ella absolutamente nos obrigue a fazello, porque de outra fórma passaremos por incivis.

Este costume naõ se usa em casa das pessoas de qualidade; porém se tivermos necessidade de lavar as mãos, sahiremos fóra do quarto, ou sala, em que estivermos, e nos lavaremos.

2 QUANDO dermos graças antes de principiar a comer, devemos estar de pé, e com toda a decencia, e respeito.

Sujeitos ha, que ao tempo de dar graças a Deos, antes de principiar a comer, parecem estar devorando com os olhos as iguarias, que estaõ na meza, e que nellas tem todo o seu espirito. Ha tambem outros, que julgaõ ser baixeza de espirito o ter as mãos erguidas para mostrar devoçaõ, e naõ sabendo o modo como as haõ de ter as deixaõ sahir até os joelhos, ou as mettem nas algibeiras, ou no seio: saõ estes huns tantos costumes máos, que a mocidade deve sempre ter muito cuidado de evitar, para naõ offender as leis da civilidade.

3 Tanto que tivermos acabado de dar graças a Deos, devemos esperar que nos mandem assentar, e que nos mostrem tambem o lugar da meza, em que devemos ficar: porém se nos deixarem a escolha delle ao nosso arbitrio, tomaremos entaõ o mais inferior da meza.

A maior parte dos que tratáraõ da civilidade dizem que naõ devemos tirar a espada, ou espadim, quando vamos para a meza, em casa de pessoas de qualidade; porque assim o pede a civilidade, e decencia, principalmente em certo tempo, em que o estado, de que fazemos profissaõ, assim o pede absolutamente; e que quando esteja em uso tirallo, ou naõ, assim o faremos.

4 Quando estivermos assentados á meza, devemos ter o corpo direito, sem encostar-nos; e nunca poremos os braços, ou mãos sobre a meza, nem apertaremos, ou empurraremos com os cotovelos as pessoas, que nos ficarem aos lados: naõ nos coçaremos, naõ moveremos os pés, nem voltaremos a cabeça para huma, e outra parte, sem necessidade.

5 Devemos sempre fugir de tossir, escarrar, e assoar-nos, quando estivermos á meza; porque naõ póde haver cousa mais desagradavel, e fastidiosa para os circunstantes: porém se naõ podermos abster-nos disso, devemos pôr o guardanapo diante da cara, muito principalmente quando nos assoarmos: finalmente, em quanto estivermos á meza, devemos estar com toda a moderaçaõ, sem fazer bulha alguma, e o mesmo devemos observar ao levantar della.

6 Naõ desdobraremos o guardanapo, nem metteremos a maõ no prato, primeiro que as peſſoas mais conſideraveis, ou mais qualificadas, que ali eſtiverem: porque he erro conſideravel contra a civilidade.

Mas ſe nos convidarem para ſervir as mais peſſoas, entaõ podemos metter primeiro a maõ no prato para ſervillas, e depois podemos ſervir-nos a nós meſmos.

7 Nunca daremos ſignal algum de que temos fome, nem olharemos para os guizados que eſtiverem na meza com tal cobiça, como ſe houveſſemos de comer quanto temos diante de nós.

Aquelles, que eſtando á meza, eſtaõ voltando os olhos para huma, e outra parte, ou os fitaõ nas peſſoas, ou iguarias que tem diante de ſi, moſtraõ ſer golofos, e mal criados, e por iſſo devemos evitar cuidadoſamente eſtes defeitos.

8 Se nos mandarem trinchar, e ſervir ás peſſoas da meza, devemos offerecer-lhes os melhores bocados, e guardar para nós os ſomenos, e naõ tocaremos couſa alguma ſenaõ com o garfo; porém nunca nos intrometteremos a trinchar, ou a ſervir as mais peſſoas, ſem ſer convidados pelo dono da caſa para eſſe effeito, excepto ſe fôr entre peſſoas, com quem tenhamos muita familiaridade.

Se com effeito nos tocar ó ſervir, e alguma peſſoa qualificada nos pedir alguma couſa, que eſteja diante de nós, devemos ſabella cortar promptamente, e com methodo, e conhecer tambem quaes ſaõ os melhores bocados, a fim de o podermos

mos Tervir com decencia. Porém devemos saber sempre, que he grande incivilidade o intrometer-nos a trinchar, e servir na meza de huma pessoa superior, ainda que para isso tenhamos muita destreza, e desembaraço, se ella nos naõ convidar a fazello, e quando formos convidados para isso, e o naõ soubermos fazer, naõ ficará mal escusar-nos, commettendo isso a outra pessoa; nem nos devemos envergonhar por naõ saber trinchar, porque ao Senhor, ou á Senhora da casa he que pertence o trinchar, e servir, ou a alguns dos da meza, a quem os senhores da casa rogarem para esse effeito, ou a quem estes ordenarem que depois que tiverem trinchado lhe façaõ passar o prato de diante de si para o distribuirem á sua vontade.

9 Se o convite fôr nosso, naõ devemos obrigar a nenhum dos convidados, a que comaõ, ou bebaõ, senaõ de hum modo civil, e nem sempre: naõ olharemos continuamente para elles, para que naõ imaginem, que os estamos observando: pois a meza he hum lugar, em que se deve conceder inteira liberdade: antes os devemos animar, mostrando-lhes hum bom semblante, e huma certa alegria, que os persuada de que os tratamos com bom coraçaõ, e de boa vontade.

10 Quando estivermos á meza nunca apresentaremos primeiramente o nosso prato para sermos servidos primeiro, seja qualquer que fôr a pessoa, que estiver distribuindo os guizados; mas devemos esperar que essa pessoa, que estiver servindo, nos apresente o prato quando fôr occasiaõ.

Se

Se ſucceder que quem ſerve, ſe deſeſpere de ſervir alguma peſſoa mais qualificada que nós, para nos ſervir, devemos repugnar a acceitar o que nos offerecem, ou finalmente acceitallo, ſendo neceſſario, mas para aprefentállo nós meſmos áquellas peſſoas, a quem quizermos honrar: excepto ſe for o Senhor da caſa, ou a Senhora, que peſſoalmente nos aprefente o prato; pois neſte caſo devemos ficar com o que nos derem; e em quanto ao mais, acceitar tudo o que nos offerecerem, e recebello com reſpeito, quando for peſſoa ſuperior, que no-lo offerecer.

11 NUNCA pediremos couſa alguma, que eſteja na meza, principalmente ſe for golodice, (por ſer couſa incivil, e na verdade propria de hum golofo,) moſtrar grande inclinaçáõ aos guizados delicados) ou ſeja por alguma acçáõ eſcolhendo curioſamente os melhores: ou eſtendendo os braços para chegar aos pratos, que ficáõ mais diſtantes: ou ſeja por palavras, entretendo-nos neſte diſcurſo ſem motivo, ou neceſſidade: ou moſtrando ſer máos de contentar nas occaſiões de comer, ou beber.

Tambem he grande defeito manifeſtar os noſſos apetites, ou averſões particulares, como por exemplo, o dizer abſolutamente: *naõ goſto diſto, naõ ſoffro eſte cheiro, nunca como aſſado, naõ goſto de coelho, naõ poſſo comer os guizados, que levaõ pimenta, noz-moſcada, cebola, conello; porque tudo iſto me excita a vomito, &c.*

Como eſtas averſões ſó ſaõ imaginarias, e ſe pódem facilmente emendar na mocidade, e ven-

cer

a todo o tempo, se quizermos soffrer hum pouco a fome, e naõ lisongearmos tanto a nossa bocca, e apetites, faremos precisamente que estes nossas aversões naõ sejaõ conhecidas. Por tanto devemos acceitar civilmente tudo quanto se nos offerecer, e se tivermos naturalmente huma aversaõ invencivel áquillo, que nos offerecem, como com effeito succede a muitas pessoas, devemos então, sem fingimento algum, ou repugnancia deixar ficar o bocado no prato, e comer de outra cousa: e quando virmos que ninguem poderá perceber-nos, faremos tirar o prato, em que tivermos aquillo, a que temos aversaõ.

12 Se cada pessoa se fôr servindo, isto he, tirando cada hum para o seu prato, nunca o façamos primeiro, que as pessoas mais qualificadas, nem nos serviremos daquelles pratos, que nos ficarem distantes, mas só do que nos ficar defronte: como tambem naõ tiraremos os melhores bocados, ainda que sejamos os ultimos a tirar, nem offenderemos o braço por cima do prato, que nos ficar defronte, para chegar a outro.

Devemos tirar por huma vez aquillo, que houvermos de comer; porque he incivilidade metter a maõ duas vezes no prato, e muito maior incivilidade será, se nos pozermos a tirar do prato de cosinha, bocado a bocado.

13 Devemos sempre alimpar a nossa colher, depois de nos servirmos com ella, se quizermos tirar alguma cousa do prato de cosinha: porque pódem estar presentes pessoas taõ melindrosas, que naõ queiraõ comer daquellas sopas, onde tivermos

mos mettido a colher, depois de a ter levado á boca.

Quando estivermos á meza de pessoas abastadas, e aceadas, naõ he necessario alimpar a colher para tornar a servir-nos della, mas devemos deixalla, e pedir outra.

14 Naõ comeremos apressada, nem golosamente, ainda que tenhamos muita fome: devémos fazello com moderaçaõ, e descanço, para naõ engasgar-nos: e nunca levaremos bocado á boca sem ter engolido o outro, nem serão taõ grandes esses bocados, que indecentemente enchaõ a boca.

15 Naõ inclinaremos o corpo sobre o prato, mas taõ sómente hum pouco, quando levarmos cousa liquida á boca, endireitando-nos logo: e de sórte, que naõ deixemos cahir cousa alguma sobre nós, ou sobre a toalha.

16 Devemos ajuntar os beiços quando comermos, para naõ fazer o mesmo, que os cães quando bebem: naõ faremos tambem ruido algum com o garfo, e faca sobre o prato, por ser isto signal de golodice: o que naõ seria notado pelos circunstantes, se o naõ fizessemos. Tambem naõ devemos fazer estrondo com os queixos quando mastigarmos, nem quebrar os ossos, ou caroços da fruta com os dentes.

17 Naõ devemos comer a sopa no mesmo prato, em que vier á meza: mas devemos tiralla com todo o aceio para o nosso prato, e se estiver muito quente naõ nos poremos a comella, e a soprar a cada bocado, que mettermos na boca,

ca, por ser cousa muito indecente: e por isso devemos esperar, que arrefeça, ou esfrie hum pouco. Porém se por desgraça nos queimarmos ao metter o bocado na bocca, devemos soffrer com paciencia o mais que for possivel, e sem o dar a entender: e quando naõ possamos soportar, pozaremos então no prato com huma maõ, e levando-o á bocca, poremos a outra maõ diante, e lançaremos outra vez o bocado no prato, o qual daremos no mesmo instante, por de traz de nós, ao criado: porque se a civilidade requer todo o aceio, naõ permitte que sejamos homicidas de nós mesmos.

18 NAÕ abocanharemos o paõ, mas cortaremos com a faca taõ sómente aquelle bocado, que houvermos de levar á bocca, e naõ ficaremos com a faca na maõ, depois que nos tivermos servido della.

Pede tambem a decencia, que levemos o comer á bocca com huma maõ só, e esta seja a direita, e com o garfo: e seria cousa indecente, e incivil, se levassemos tambem a faca á bocca.

19 NAÕ chuparemos os ossos para lhe tirar a medulla, ou tutano, nem os levaremos á bocca para lhe roermos a carne: devemos tirar-lha com a faca em cima do nosso prato, e depois leval-la á bocca com o garfo: porque he muito indecente o tocar alguma cousa gorda, molho, ou outra qualquer com os dedos, por naõ ver-nos obrigados a cada instante a limpar as mãos ao guardanapo, e sujallo como huma rãdilha de cosinha,

ou

ou a lamber os dedos, que he o mais alto ponto da incivilidade.

20 Devemos ter muita cautela em naõ molhar o paõ, ou carne no prato de cofinha, nem tambem os bocados no faleiro, ao meſmo tempo que formos comendo: mas ſim tirar o ſal com a ponta da faca, e o molho com húma colher. Naõ miſturaremos muitos guizados, huns com os outros no noſſo prato, nem offereceremos a peſſoa alguma o que tivermos já provado.

21 Devemos ter como regra geral, que todas as vezes que tivermos tirado para o noſſo prato alguma couſa, naõ a tornaremos a lançar naquelle donde a tiramos: porque he eſta húma acçaõ pouco decente, e algum tanto aſqueroſa: naõ devemos tambem lamber os dedos, faca, colher, ou garfo, nem alimpar, e enxugar com aquelles o prato em que comemos: e quando tivermos os dedos, faca, ou garfo engordurados, alimpallos-hemos ao guardanapo, e nunca ao noſſo paõ, ou toalha da meza.

22 Devemos pôr ſobre a borda do prato os oſſos, eſpinhas, caſcas da fruta, e os caroços, os quaes devemos apartar da bocca com a maõ antes de os lançar no prato.

23 Se por algum incidente extraordinario nós fôr preciſo lançar fóra da bocca alguma couſa, que nella tivermos, nunca a deixaremos caĥir de alto no prato, por ſer couſa muito incivil: mas receberemos na maõ o que quizermos lançar fóra da bocca, e o poremos no prato ſuccintamente, fazendo-o tirar no meſmo inſtante. Teremos tambem

bem muito cuidado em naõ deitar no chaõ couſa alguma, excepto ſe fôr liquida, e ainda eſta melhor ſerá deitalla no prato.

14 NUNCA deitaremos o caldo, molho, ou qualquer outra couſa liquida, do prato para a colher, a fim de aproveitar até a ultima pinga; porque eſta acçaõ he muito indecente: nem tambem ſe deve enſopar paõ no reſto dos liquidos, que nos ficaõ no prato, porque he moſtrar grande vontade de comer: mas devemos deixar ficar nelle o que naturalmente naõ ſe póde levantar com a colher, ou garfo.

25 NAÕ poremos a manteiga ſobre o paõ inteiro, nem ſobre a metade delle, mas ſobre bocados mediocres. Naõ cortaremos o paõ ſobre o prato, nem ſobre a toalha, por ſer acçaõ pouco airoſa; naõ devemos comer a codea do paõ ſeparada do miolo: porque naõ parece bem, nem he conveniente a hum ſujeito bem criado.

26 DURANTE a comida, naõ devemos criticar as viandas, ou molhos, nem fallar continuamente em iguarias; porque he ſignal evidente de huma alma ſenſual, e baixa educaçaõ.

27 NO tempo, em que eſtivermos á meza, naõ nos faremos delicados: mas comeremos honeſtamente, e conforme o noſſo appetite: e para naõ parecer inſaciaveis, ſeremos ſempre os primeiros em deixar de comer, antes que as mais peſſoas acabem, excepto ſe o ſenhor da caſa (que por civilidade naõ deve fazer tirar os pratos, ſem que todos tenhaõ acabado de comer) nos pe-

pedir, que continuemos, e ainda neste caso ſe devemos comer o preciſo.

29 Como naõ devemos comer furtivamente, tambem naõ devemos beber occultamente, e por iſſo he preciſo, quando bebermos, obſervar cuidadoſamente as regras ſeguintes.

29 Nunca ſeremos os primeiros a pedir de beber, nem beberemos ſenaõ depois que as peſſoas mais qualificadas tiverem bebido; porque de outra ſórte obraremos huma grande incivilidade. Tambem naõ pediremos de beber em voz alta, porque he faltar ao reſpeito; e por iſſo o faremos ſuccintamente, ou por algum ſignal.

30 Quando nos derem de beber, devemos receber o cópo da parte da peſſoa mais inferior, ſe eſtivermos entre duas peſſoas deſiguaes, em qualidade, ou dignidade.

31 Nunca beberemos á ſaude de peſſoa alguma de qualidade, dirigindo-nos directamente a ella, por ſer eſta acçaõ muito groſſeira.

Porém, ſe alguem principiar a beber á ſaude deſta meſma peſſoa, por galantaria, devemos entaõ beber á ſua ſaude, mas ſem nomear eſſa peſſoa qualificada: o que faremos deſte modo: *Meu Senhor eu tambem bebo* (fallando para a tal peſſoa, que bebeo primeiramente) *á meſma ſaude*: mas de nenhuma ſórte nos devemos dirigir a elle dizendo-lhe que bebemos á ſua ſaude por correſponder áquella peſſoa, que o fez primeiramente.

32 Devemos ſempre alimpar a bocca antes, e depois de beber, e naõ encheremos, ou dei-

xa-

remos encher o noſso copo, de ſórte que poſſa entornar-ſe quando o levarmos á bocca.

33 Naõ provaremos o vinho, nem o beberemos por duas, ou tres vezes: porque eſta acçaõ denota huma grande familiaridade: devemos bebello todo de huma ſó vez: e ſem prepitaçaõ, olhando para dentro do cópo em todo o tempo, que eſtivermos bebendo, e nunca beberemos com a bocca cheia.

Naõ devemos beber com precipitaçaõ, para naõ engaſgar-nos: porque ſeria couſa muito indecente, e muito importuna na meza de huma peſſoa de qualidade; e além diſſo o beber tudo de hum gole he acçaõ de glotaõ, a qual he muito indecente, e incivil. Devemos tambem ter grande cuidado, quando bebermos, de naõ fazer bulha alguma com a garganta, moſtrando todos os góles, que engolimos, de ſorte que outro os poſſa contar. Tambem he mais civil o beber tudo o que ha no cópo, do que deixar nelle alguma couſa, e muito principalmente, quando o uſo naõ nos permittir o conſervallo diante de nós.

34 Nunca pediremos de beber por diante de alguma peſſoa qualificada, nem offereceremos hum cópo de vinho a qualquer peſſoa depois de o termos provado: porque he grande incivilidade.

35 Quando algum ſujeito de qualidade beber á noſſa ſaude, ou de alguma peſſoa, que nos diga reſpeito, devemos inclinar-nos hum pouco para a meza até que ella acabe de beber, e nunca lhe faremos a meſma, excepto ſe ella nos mandar

dar abſolutamente: e iſto ſó ſe deve entender entre peſſoas de maior qualidade, e naõ entre iguaes.

56 Quando eſtivermos em alguma parte, onde eſteja em coſtume a converſaçaõ todo o tempo da meza, devemos fallar pouco, nunca com a bocca cheia, e ſempre com diſcriçaõ, e modeſtia: devemos principalmente ter grande cuidado em naõ dar moſtras de movimento algum de colera contra alguem, nem ainda contra noſſos domeſticos, na preſença dos convidados.

56 Se ſucceder, que huma peſſoa qualificada nos faça alguma pergunta, a tempo que levar o o cópo á bocca, naõ lhe reſponderemos, ſenaõ depois que ella tiver acabado de beber.

58 He incivilidade alimpar os dentes diante das mais peſſoas, e muito maior alimpallos com o garfo, ou faca, ao tempo de comer, e depois delle: por ſer couſa inteiramente indecente, e tediosa.

Tambem he grande incivilidade lavar a bocca depois de comer diante daquellas peſſoas, a quem devemos reſpeitar. Sujeitos ha taõ groſſeiros, e incivis, que chegaõ a lavar a bocca á meza, e a deitar a agua, com que a lavaraõ, no ſeu prato: eſtas, e ſemelhantes acções, ſaõ muito indignas de fazer-ſe diante de peſſoas reſpeitaveis, e muito indecentes entre peſſoas iguaes: viſto que, ſe quizermos lavar a bocca, devemos ir ao aparador, e fazello de maneira que naõ ſejamos viſtos daquelles a quem devemos reſpeitar.

59 Quando algum ſujeito qualificado ſe deixar

tar ficar á meza, depois que todos os mais se iverem levantado, e qualquer de nós fôr o unico, om quem elle fique conversando, principalmente ião sendo nós dependentes delle, nem seus domesticos, devemos fazer-lhe companhia até que elle se levante.

40 TANTO que tivermos açabado de comer devemos dar graças a Deos, logo que o dono da casa se pozer em açaõ de o fazer, e depois fazer-lhe huma profunda reverencia, mostrando-nos agradecidos.

Devemos tambem observar que, se nesta occasiaõ estiverem á meza mais pessoas, que nos sejaõ superiores, nem por isso devemos fazer a nossa reverencia em geral: mas deve ser dirigida taõ sómente ao dono da casa.

CAPITULO IX.

Do que se deve observar em jornadas, ou quando formos em carruagem, á cavallo, ou em cadeirinha, como tambem de companhia com alguma pessoa de qualidade.

1 SUPPONDO que huma pessoa, a quem devemos respeitar, faz jornada, e nos leva em sua companhia, pede a civilidade, que nos mostremos sempres contentes, e satisfeitos geralmente de tudo, e que nunca nos queixemos de cousa alguma, nem demos motivo a que se espere por nós: mas faremos sempre por ser vigilantes, e officiosos em tudo.

Devemos fugir, nestas occasiões, de imitar aquellas pessoas, que se queixaõ continuamente de naõ ter boa besta, bom apozento, boa cama, &c.; e que malquistaõ os criados huns com os outros, e ainda com o mesmo amo: que nunca estaõ promptos, nem lhes agrada cousa alguma, e se desgostaõ de tudo inteiramente, mostrando-se sempre mal satisfeitos. Naõ he este o meio de fazer-nos appetecidos, e de nos buscarem em outras occasiões.

2 Quando montarmos em carruagem, devemos deixar primeiramente montar a pessoa mais qualificada, e depois montaremos nós, tomando o lugar inferior.

3 Em todo o tempo, que formos na carruagem, devemos voltar-nos para a parte dessa pessoa qualificada, a quem acompanhamos: e quando for occasiaõ de apear-nos, pede a civilidade que sejamos os primeiros, a fim de lhe darmos a maõ, ou seja homem, ou senhora.

5 Quando montarmos a cavallo, devemos tambem deixar montar primeiramente a pessoa qualificada para ajudalla a montar, ou a pegar-lhe no estribo: e quando nos mettermos a caminho, devemos observar o mesmo, que no passeio de pé, dando sempre a direita a essa pessoa, e naõ nos poremos a par della, deixando-nos ficar hum pouco mais atraz, e regulando-nos pelo passo, em que ella caminhar. Porém se entaõ ficarmos da parte do vento, e por esta razaõ incommodarmos a essa pessoa com a poeira, devemos mudar-nos para o outro lado.

To-

Todas as vezes que houvermos de vadear algum rio, ou atoleiro, devemos paſſar a diante: nas ſe ſuccéder que fiquemos atraz, para paſſarnos depois deſſa peſſoa qualificada, afaſtar-nos-hemos della, de modo que á noſſa beſta naõ poſſa molhar, ou enlamear. E quando eſta peſſoa galopar, naõ devemos correr mais do que ella, nem fazer oſtentaçaõ do noſſo cavallo, excepto ſe nos obrigar a fazello.

5 Quando formos á caça com alguma peſſoa de qualidade, naõ devemos paſſar-lhe adiante em tempo algum, nem nos enfureceremos com grande vehemencia em occaſiaõ de atirar; mas dar-lhe-hemos ſempre a primazia, tanto em atirar, como em acabar de matar a caça, ſe for preciſo.

6 Se ſucceder, que por cauſa de máo apoſento nos ſeja preciſo pernoitar, ou dormir na meſma camara, em que eſta peſſoa qualificada houver de dormir, pede a civilidade que a deixemos primeiramente deſpir, e deitar, e que depois façamos o meſmo, deſpindo-nos diſtante della, e junto á noſſa cama; e deitándo-nos ſem eſtrondo algum, ficaremos muito quietos, e ſocegados, durante a noite.

Devemos tambem advertir aqui, que aſſim como ſomos os ultimos em deitar-nos, pede a civilidade que ſejamos os primeiros em levantar-nos, a fim de que eſſa peſſoa qualificada nos ache já veſtidos pela manhã: pois a decencia naõ ſoffre que huma peſſoa, a quem devemos reſpeitar, nos veja nús, nem arraſtar qualquer fato de huma para outra parte, e muito menos que a noſſa ca-

ma eſteja deſcoberta, e em deſordem o quarto, em que dormirmos.

7 Teremos ſempre o cuidado de naõ cahir na incivilidade de ver-nos ao eſpelho, ou de pentear-nos na presença de huma peſſoa de reſpeito. Devemos tambem fugir de ſervir-nos do pente, ou de outro qualquer traſte, que pertencer a eſſa peſſoa: porque de nenhuma ſórte convem fazello.

Daqui devemos inferir, que faremos huma acçaõ incivil; ſe quando chegarmos á eſtalagem nos formos apreſſadamente apoſſar do melhor quarto, ou cámara, &c., pois devemos neceſſariamente deixar tudo iſto á diſpoſiçaõ da peſſoa qualificada.

8. Quando alguma peſſoa qualificada for obrigada a ficar em máo aposento com aquellas peſſoas, que por obſequio forem na ſua companhia, naõ deve inteiramente tomar para ſi os melhores commodos, e deixar as outras peſſoas opprimidas, e mal acompanhadas: porque he faltar aos termos da civilidade. Porém como as peſſoas de bem coſtumaõ ter mais conſideraçaõ a reſpeito daquellas, que tem a honra de as acompanhar, juſto he por eſſe motivo, que eſtas lhe dem ſempre a preferencia em tudo.

CAPITULO X.

Do que se deve observar nos Espectaculos publicos, no Baile, no Jogo, e em tudo o que diz respeito ao Canto, e aos instrumentos de Musica.

COMO succeda muitas vezes naõ ser possivel dispensar-nos de acompanhar alguma pessoa qualificada aos Espectaculos publicos, como a Opera, Comedia, Baile, e outras ceremonias, nem deixar de entrar com ella em alguma partida de jogo, ou divertilla com o canto, ou com algum instrumento de musica, naõ será fóra de proposito dar aqui as regras que o decóro, e civilidade nos mandaõ observar em todas estas differentes occasiões.

1 Como as regras da civilidade nos ensinaõ a ceder sempre os lugares mais honrosos ás pessoas qualificadas, devemos sempre notar á Opera, ou Comedia, que naquelles Camarotes, que estaõ proximos ao Theatro, os melhores lugares saõ os que ficaõ mais distantes do Theatro, e os mais somenos os que lhe ficaõ mais proximos, e nos Camarotes, que ficaõ distantes do Theatro, vem a ser pelo contrario: porque os lugares da parte do Theatro saõ os melhores, e os outros, os inferiores.

2 Quando estivermos em algum divertimento, ou Espectaculo publico junto de alguma pessoa qualificada, teremos muito cuidado de naõ falar aos pre-

preceitos da civilidade, fazendo grande admiração, ou louvando continuamente o que nos agrada, na sua presença, sem que primeiramente ella nos tenha manifestado o seu sentimento: porque isto he querer mostrar o nosso talento fóra de proposito, e faltar-lhe ao mesmo tempo ao respeito. Devemos por tanto esperar que essa pessoa qualificada admire, e louve, vitupere, ou censure, e depois a applaudiremos. Mas se ella nos perguntar o que sentimos, poderemos dizello francamente, e sem exageração.

3 Se nos acharmos em alguma Assemblea, ou Baile, he preciso em primeiro lugar, que saibamos pontualmente as regras da dança, e a civilidade que se deve praticar, segundo os lugares, em que nos acharmos: porque esta civilidade não he a mesma em toda a parte: e por isto importa que não faltemos em taes occasiões á mais leve ceremonia, se não quizermos expôr-nos a algum inconveniente.

4 Quando nos convidarem para dançar, não devemos escusar-nos, se o soubermos fazer, a fim de não especialisar-nos: porém se não tivermos neste exercicio mais que hum mediocre talento, nunca nos intrometteremos a dançar dança alguma, que não saibamos dançar perfeitamente.

5 Não devemos tambem expôr-nos a dançar se não tivermos bom ouvido, ainda que saibamos bem fazer os passos: porque o vêr dançar hum homem fóra de compasso he cousa, que provoca á riso, e que só a elle se atribue a culpa: porque se, não póde deixar de ir ao baile, podia dis-

pen-

penſar-ſe de dançar, fazendo huma profunda reverencia á Senhora, que o convidou para iſſo, depois de a ter guiado ao meio da ſala, tendo-lhe antes declarado reſpeitoſamente o deſgoſto, que concebia naquella occaſiaõ, por naõ ſaber dançar.

Eſta ceremonia he abſolutamente muito neceſſaria, para que eſſa Senhora ſe capacite, de que a cauſa de naõ dançarmos com ella, procede da noſſa pouca agilidade, e naõ de deſpreſo, ou preguiça.

6 Se finalmente nos virmos expreſſamente preciſados a dançar, por inſtancias de alguma peſſoa reſpeitavel, naõ devemos recuſar; porque he muito melhor expôrmo-nos a huma leve vexaçaõ voluntaria; para fazer-nos civis, do que á ſuſpeita, que poderiamos dar, de o naõ querer fazer por vaidade.

7 Quando acabarmos de dançar, ſeremos obrigados a acompanhar a Senhora ao ſeu lugar, e a convidar outra. Devemos tambem obſervar, que ſe nos convidarem ſegunda vez a dançar, devemos tambem tornar a convidar a meſma Senhora, que nos convidou a primeira vez, ſe o uſo do lugar, em que nos acharmos, aſſim o permittir.

8 Quando eſtivermos em algum baile, naõ devemos aſſentar-nos nunca no lugar de quem eſtiver dançando: o que devemos evitar cuidadoſamente, por naõ ſer permittido. Devemos fugir ſempre de cahir na indiſcriçaõ de ſeguir com a cabeça as peſſoas, que dançaõ, ou de lhe fazer o compaſſo de modo algum.

9 Quando nos acharmos entre peſſoas maſcara-

radas, nunca cahiremos na incivilidade de fazer desmascarar alguma, se naõ for seu gosto, nem tambem lhe poremos a maõ sobre a mascara, porque daqui se nos poderá seguir algum inconveniente: e muitas vezes debaixo de huma mascara se encontraõ pessoas, a quem naõ só devemos cortejar, mas tambem respeitar: motivo por que somos obrigados a ter maior consideraçaõ com as mascaras, do que com outras pessoas.

10 Se quando nos acharmos ao jogo, naõ estivermos de bom humor, devemos deixar de jogar, porque daqui nos pódem vir mil inconvenientes.

Querer desterrar da sociedade toda a sorte de jogo, he effeito de huma moral excessiva, e de hum escrupulo mal fundado. Naõ quero dizer que o jogo innocente, e moderado he o melhor meio de entreter, e ligar a sociedade das pessoas: mas em que pretendemos que as pessoas qualificadas, que naõ tem occupaçaõ alguma regular, passem o tempo? Naõ se desgostaõ ellas, e aborrecem das conversações serias? He sem duvida. Importa logo que tenhaõ alguma cousa, em que se divirtaõ, e entretenhaõ.

Para que o divertimento seja mais agradavel, he preciso que o jogo seja moderado, e que as pessoas, que jogaõ, sejaõ tambem moderadas no jogo; pois de nenhum modo se deve fazer profissaõ de jogo, empregando nelle todo o tempo desoccupado. Este divertimento deve ser inteiramente conforme aos preceitos a cima ditos.

11 Quando succeder, que huma pessoa qualificada nos obrigue a jogar com ella (cousa que nun-

nunca devemos emprender sem que primeiramente ella nos mande) naõ convém mostrar grande ardor no jogo, nem muito desejo de ganhar; porque isto fará com que nos tenhaõ por sujeitos de espirito muito limitado, e de baixa condiçaõ.

12 Naõ devemos ser negligentes, e descuidados no jogo, nem nos deixaremos perder por complacencia; bem que quando mais naõ seja, o façamos só para evitar que essa pessoa qualificada imagine que contribuimos para o seu divertimento com pouco cuidado.

13 Quando tivermos algum lance favoravel no jogo, naõ devemos dar grandes risadas, nem mostrar-nos muito contentes, porque isto offende muitas veres as pessoas, com quem jogamos, e damos motivo, para que nos contem por indiscretos.

14 Se jogarmos algum jogo de exercicio, como por exemplo, o da bola, o do bilhar, ou outro qualquer jogo semelhante, devemos ter muito cuidado de evitar toda a postura de corpõ ridicula, e extravagante.

15 Sobrevindo casualmente alguma differença no jogo, nunca devemos teimar: mas se fôr preciso que defendamos a questaõ, devemos fazello mansa, e socegadamente, sem levantar a voz: e provar a nossa razaõ com evidencia, e brevidade.

16 Devemos sempre fugir de qualquer incidente, que nos obrigue a jurar: porque he offender a Deos, e peccar contra a modestia.

17 Se quando estivermos jogando nos succeder

ga-

ganhar o bolo, que estiver na meza, e alguma dessas pessoas, que estiverem jogando, faltar com a sua entrada, devemos pedir-lha com o modo mais decente, e civil, que fôr possivel, e se perdermos, devemos sempre pagar, antes que nos peçaõ: porque esta acçaõ denota nobreza de espirito.

18 Se a pessoa respeitavel, com quem estivermos jogando, perder, e nós lhe ganharmos, naõ nos devemos levantar, excepto se ella expressamente o mandar, mas sim dar-lhe tempo sufficiente para o desquite: e quando perdermos, devemos retirar-nos do jogo com muito socego, e tranquillidade: porque mais conveniente nos he regular-nos conforme as nossas forças, para naõ expôr-nos ao riso, e a ficar envergonhados, do que fazer por complacencia mais do que podemos.

19 Se succeder que esta pessoa se enfade no jogo, principalmente sendo alguma Senhora, naõ lhe devemos criticar, ou pegar nas palavras, nem faltar-lhe ao respeito; mas sim levar tudo a bem, e continuar sempre a jogar.

20 Finalmente, se alguma pessoa, mais qualificada que nós, quizer jogar, devemos por civilidade ceder-lhe o nosso lugar.

27 Se tivermos boa voz, e soubermos cantar, ou tocar algum instrumento, nunca devemos procurar meio algum para o dar a entender. Porém quando isto fôr manifesto, e alguma pessoa qualificada, a quem devemos obedecer, e respeitar, nos pedir que o façamos, devemos primeiramente escusar-nos de hum modo decente, e civil; e se ella

naõ

naõ estiver pela nossa escusa, devemos então tocar, ou cantar immediatamente: porque naõ fica bem a huma pessoa, que saba viver, usar de outra sórte.

22 Quando cantarmos, ou tocarmos algum instrumento, fugiremos de ser muito dilatados, ou extensos, para que, em vez de causar aborrecimento, ou incommodo, deixemos a companhia gostosa, e com maior desejo de ouvir-nos.

CAPITULO XI.

Do que devemos observar, quando escrevermos alguma Carta.

Sendo as cartas, que escrevemos huns aos outros, hum discurso de pessoas ausentes, devemos por esta razaõ observar nellas as mesmas precauções, que se observar no que toca á civilidade em qualquer acçaõ, ou discurso. Importa pois, quando escrevermos, que nos sirvamos das expreisões de amizade, honestidade, e respeito, da mesma sorte que as praticamos, quando fallamós. Em primeiro lugar devemos fazer aqui huma reflexaõ sobre a ceremonia da escrita de hum inferior para hum superior: advertindo porém, que he maior respeito servir-nos de papel imperial para escrever-lhe do que de outro inferior a este; e que lhe devemos sempre escrever em papel dobrado, e não he, em folha inteira, e nunca em meia folha, ainda que só tenhamos seis linhas para escrever na primeira pagina: excepto se sôr hum sem-

simples comprimento de poucas palavras, ou hum billhete, que se escreve para lembrar alguma cousa, que já temos escrito antecedentemente: porque então podemos servir-nos de hum papel mais ordinario, por evitar ceremonias. Este papel porem deve ser sempre dobrado, como se escrevessemos em huma folha.

1 Quando escrevermos a alguma pessoa de qualidade, devemos deixar entre o seu nome, e o principio da carta, hum espaço proporcionado á sua qualidade.

Por exemplo, se formos de huma mediocre condiçaõ, e quizermos escrever a hum Bispo, ou a algum Fidalgo, ou Fidalga, devemos deixar em branco a metade da pagina, entre a palavra de *Senhor*, ou *Senhora*, e a primeira linha da carta: e o mesmo devemos observar á proporçaõ, a respeito das outras pessoas, conforme a distincçaõ, que houver entre nós, e ellas. E quando estivermos em duvida a respeito da qualidade da pessoa, a quem escrevermos, será melhor, que deixemos antes espaço grande, do que pequeno, porque a falta de respeito facilmente póde offender a essa pessoa, mas nunca, ou raras vezes a poderá offender o excesso.

Quando porém escrevermos a pessoas de mediana qualidade, ou condiçaõ, naõ obstante merecerem algum respeito, devemos deixar em branco o espaço de duas, ou tres linhas: e sendo as pessoas iguaes, ou familiares, será o espaço mais curto.

2 Devemos fugir, quanto nos fôr possivel,

de

e principiar a primeira linhã de huma carta pe-
a mesma palavra, que escrevemos no principio,
ara declarar a qualidade da pessoa, a quem es-
revemos.

Por exemplo, depois da palavra *Senhor*, ou *Senhora*, naõ devemos principiar a carta por estas palavras *o Senhor N.*, ou *a Senhora N. me veio vêr*, &c. Devemos tambem evitar que a primeira palavra do corpo da carta naõ possa fazer liga com a de *Senhor*, ou *Senhora*, que temos posto no principio. Por exemplo, se depois da palavra *Senhor*, viessemos a principiar a carta, por estas palavras: *o seu lacaio me veio*, &c. Ou depois da palavra *Senhora*, principiassemos por estas palavras, *a sua criada N. me disse* &c.

3 Quando escrevermos a pessoas nossas iguaes, ou áquellas, com quem tivermos muita familiaridade, poderemos dizer desta fórte: *escrevo esta*, ou *recebi aquella*, &c. quando porém escrevermos a pessoas, que merecem algum respeito, usaremos destes termos mais honrosos: *recebi a carta, que V. m. me fez a honra de escrever, ou com que V. m. me honrou*, &c.

4 Se escrevermos a pessoa de grande qualidade, devemos servir-nos no corpo da carta, do titulo particular, e honorifico, devido á sua pessoa, e naõ de termos neutraes, de que só nos serviremos, quando a repetiçaõ do titulo fôr muito frequente, para que naõ venhaõ a ser molestos, e importunos. Quando escrevermos este titulo de qualidade devemos escrevello sempre por extenso, ou ao menos todas as vezes que vier ao principio

de

de cada pagina, e depois poderemos continuallo por abreviatura. A hum Embaixador costuma-se dar o titulo de *Excellencia*: a hum Principe, ou Princeza, *Alteza Sereniſſimo*: a hum Duque *Excellencia*: ao Rei *Voſſa Mageſtade*: a hum Eleitor *Voſſa Alteza Eleitoral*. e a hum Imperador, *Voſſa Mageſtade Imperial*.

Quanto aos Eccleſiaſticos devemos ſervir-nos dos titulos ſeguintes: a hum Abbade daremos *Reverendiſſima*: a hum Biſpo, ou Arcebispo, *Excellencia*: a hum Cardeal *Eminencia*: ao Papa *Santidade*.

5 Nas cartas, que eſcrevermos, devemos ſempre fazer menção das que tivermos recebido, declarando a data de cada huma dellas para moſtrar a noſſa pontualidade, e cuidado.

Se não quizermos ſer taõ exactos neſte ponto, pelo menos devemos reſponder preciſamente a todos os artigos das cartas, que tivermos recebido, para moſtrar por eſte meio que as recebemos.

6 Quando alguma peſſoa noſſa igual, e muito principalmente a que nos he ſuperior, nos recommendar por carta muitas couſas differentes, ſomos obrigados a reſponder-lhe pontualmente a cada huma em particular: porém ſe encontrarmos alguns obſtaculos, que não nos permittaõ dar execução a tudo, quanto ſe nos ordena, não deixaremos por iſſo de repreſentar-lhe os embaraços que temos, para que eſta peſſoa nos poſſa dar os expedientes, que julgar mais convenientes para tirar-nos deſte embaraço.

Quan-

Quando tratarmos de muitas couſas differentes em huma carta, naõ devemos ſer muito prolixos na expoſiçaõ dellas, por naõ fazer a carta muito dilatada; e por iſſo cumpre começar expondo logo ſucceſſivamente todas aquellas couſas de que tratarmos, e em parrafos ſeparados, cada couſa em particular.

7 Devemos eſcrever ſem affectaçaõ, e da meſma ſórte como ſe eſtiveſſemos em huma converſaçaõ particular, ſervindo-nos de hum eſtylo abreviado, claro, e ſingelo: devemos tambem fazer muito por explicar-nos de hum modo ſimples, ſincero, e familiar, e todavia reſpeitoſo: e conforme as peſſoas, e a materia de que ſe trata.

Devemos ſempre obſervar a igualdade do eſtylo, e ſendo a carta ſéria, ter grande cuidado de naõ deixar eſcapar termo, expreſſaõ, ou penſamento algum familiar, e preſumptuoſo, como fazem algumas peſſoas, que naõ pódem reprimirſe ſufficientemente, e que depois de fazer o primeiro periodo em eſtylo grave, e ſolido, ſe confundem, e julgaõ dizer maravilhas, uſando de algumas leves ſubtilezas de eſpirito, e explicando com termos jocoſos, e figurados, proprios ſómente para o eſtylo familiar, graciozo, e burleſco, o que ſe deve dizer em termos ſimples, reverentes, e circunſpectos. N'huma palavra importa que o eſtylo ſe conforme ſempre com a materia, e com quem nos correſpondemos.

8 Naõ devemos pedir ás peſſoas ſuperiores, que nos recommendem a outras peſſoas, nem dar-lhes ſe-

semelhantes commissões; porque seria faltar-lhes o respeito devido.

Quando escrevemos a huma pessoa de qualidade igual á nossa, ou que naõ nos seja muito superior, poderemos entaõ tomar esta liberdade: mas sempre de hum modo respeitoso, dizendo, por exemplo, *desejára que V. m. me fizesse a honra, sendo de seu agrado, de recommendar a Senhor N. a minha obediencia, e respeito, &c.* Se a pessoa, a quem quizermos comprimentar, por este modo, for de qualidade muito superior á nossa, naõ devemos tomar a liberdade de lhe fazer recommendações por outras pessoas, nem obrigalla a comprimentar as que lhe saõ inferiores: *porque tudo isto he faltar ao respeito, que lhe he devido.*

9 Devemos mostrar no fim da carta a affeiçaõ, e respeito para com as pessoas a quem escrevemos, como por exemplo; *sou de V. m. o mais humilde, e obediente servo.*

10 Devemos variar nos titulos de respeito, que se costumaõ pôr no fim das cartas, segundo as differentes qualidades das pessoas, a quem escrevermos.

Por exemplo, hum vassallo escrevendo ao seu Rei, deve usar destes termos: *Sou de V. M. o mais humilde, e o mais obediente, e fiel Vassallo.* Hum filho escrevendo a seu Pai, ou hum sobrinho a seu Tio, deve acabar a sua carta deste modo: *Sou de V. m. o mais obediente filho*, ou *Sobrinho*. Hum irmaõ escrevendo a seu irmaõ, concluirá assim: *Vosso muito humilde servo, e ofe-*

fectuoſo irmaõ, ou *primo*. Hum igual a outro igual, com quem ſe trata familiarmente, baſtará dizer: *muito humilde ſervo*; ou *muito humilde, e obediente ſervo*, ſendo a hũma peſſoa de condiçaõ.

Devemos tambem notar que eſta expreſſaõ: *Tenho a honra de ſer, &c.* he menos reſpeituoſa, que o dizer, *ſou &c.* Muitas peſſoas ha porém, que imaginaõ o contrario diſto, e a quem naõ devemos imitar, e principalmente ſe a peſſoa, a quem eſcrevermos, fôr de maior qualidade.

11 Nunca devemos deixar de pôr nas noſſas cartas a data do dia, e anno, e do lugar donde eſcrevermos.

Em materia de negocio devemos pôr a data no principio da carta, ſe a peſſoa, a quem eſcrevemos, deve ſervir-ſe della antes de a lêr; mas para maior ſignal de reſpeito devemos pôr ſempre a data no fim da carta, defronte da noſſa firma.

12 Devemos pôr ſempre hum ſobreſcrito ſeparado nas cartas, que eſcrevermos ás peſſoas de qualidade: mas naõ devemos eſcrever nunca dentro do meſmo ſobreſcrito, ſeja a qualquer qualidade de peſſoa que fôr: porque ſe raſga naturalmente o ſobreſcrito, ſem ſe ſaber ſe nelle vem alguma couſa eſcrita pela parte de dentro.

CA-

CAPITULO XII.

Da Hoſpitalidade.

NAõ ha couſa mais mais antiga, nem mais ſanta, que a hoſpitalidade. Era eſta virtude geralmente praticada pela antiguidade. Cada qual tinha por grande honra receber os eſtrangeiros em ſua caſa: de maneira que até os hia rogar, e convidar para o ſeu apoſento; e naõ ſó ſe empenhava em ter particular cuidado de ſuas peſſoas, mas tambem de as proteger, e expôr ainda a vida por ellas, ſe preciſo foſſe: o que era reciproco, tanto da parte da peſſoa, que recebia, como da que era recebida. O exemplo de Loth claramente nos deixa vêr, quaõ religioſamente eſta virtude era obſervada no ſeu tempo. Entre os Pagãos era como o vinculo da amizade: e baſtava ſó ter-ſe huma peſſoa alojado em caſa de outra, para declarar-ſe ſua amiga por toda a vida, e defendella em todos os lugares, e contra toda a ſórte de inimigos; do que ſe achaõ exemplos muito frequentes entre os Gregos, e Romanos. A circunſtancia, que fazia muito mais nobre a pratica deſta virtude, era o ſer ſempre graciosa; e os que a praticavaõ, entendiaõ ganhar muito, quando faziaõ deſpeza com a hoſpedagem das peſſoas de bem. Mas ſe a hoſpitalidade foi taõ eſtimavel entre os Pagãos, naõ tem deixado de ſer entre os Chriſtãos muito mais ſagrada. E com effeito, que couſa haverá mais digna de hum Chriſtaõ, que a

de

de exercitar a caridade com o seu proximo, praticando a seu favor as regras da hospitalidade? Que cousa mais humanâ, e ao mesmo tempo mais nobre, que o recolher a hum estrangeiro, que naõ tem conhecimento, nem refugio algum, e que naõ sabe para onde deve ir, anoitecendo-lhe muitas vezes em tempo chuvoso? He este tambem hum dos principaes deveres do Christianismo, e por esta razaõ nos exhorta S. Paulo em muitos lugares de suas Epistolas, fazendo-nos lembrar ao mesmo tempo, que na pratica desta virtude muitas pessoas, sem o saber, receberaõ Anjos em suas casas. Mas a pezar desta exhortaçaõ do Apostolo, tem diminuido de tal sorte a caridade entre os Christãos, assim neste ponto, como em outros muitos, que achando-se inteiramente desprezada a pratica da hospitalidade, foi preciso inventar-se estalagens, como huns lugares publicos, onde qualquer pessoa podesse fazer com que a servissem do mesmo modo, que em sua casa. E posto que as occasiões naõ sejaõ, taõ frequentes depois deste estabelecimento, como eraõ em outro tempo, com tudo ainda se nos offerecem muitas de praticar esta virtude: pois podemos fazello naõ só com os pobres, ou estrangeiros que se achaõ distantes de seu paiz, sem conhecimento, nem refugio algum: mas tambem com as pessoas do nosso Paiz, e conhecimento, ricos, ou pobres; porque o exercicio da hospitalidade, naõ consiste em outra cousa mais, que em receber hum hospede, e nisto tem a caridade, e a civilidade taõ igual parte, que naõ se póde

G4101

de dizer qual das duas tem maior merecimento. Devemos porém crêr, que nem todos podem praticar esta virtude: porque he preciso para isso haver meios de poder se exercitar verdadeiramente a caridade, e a civilidade. Naõ se póde logo dar neste ponto preceito algum, que naõ seja na supposiçaõ de haver bom estabelecimento, e posses para poder commodamente receber os hospedes, ou seja em huma casa de campo, ou em outra parte de qualquer herdade. Sobre este exemplo será bem facil regular-se cada hum conforme as suas possibilidades. Este o modo de proceder com os hospedes: e para recebellos bem naõ será preciso mais, que observar as regras seguintes.

1 Logo que chegar algum estrangeiro á nossa casa, devemos recebello como se fora o Senhor della, e com grande demonstraçaõ de amizade, porque este estrangeiro nos manifesta a sua amizade com a visita, que nos faz.

Devemos logo introduzillo naquelle lugar, onde costumamos receber as visitas, e ter os criados industriados, para que ao mesmo tempo peguem nas bestas, ou conduzaõ a carruagem ao lugar, onde deve ir, mostrando ao cocheiro, e moços da cavalhariça a herva, e cevada, e o lugar onde elles se haõ de deitar. Porém he de notar, que se esta pessoa trouxer algumas Senhoras em sua companhia, deve entaõ o Senhor, ou Senhora da casa, depois de lhes ter feito os primeiros comprimentos, guiallas ao quarto, que lhes tiverem destinado, e deixallas ahi ficar no mesmo instante para terem a liberdade de mudar de vestidos, e descançar.

2 Naõ

2 Naõ devemos conſtranger os noſſos hoſpedes em couſa alguma, mas antes deixallos ſempre em huma grande liberdade, des que chegarem até auſentar-ſe; Tambem naõ devemos deſcuidar-nos delles, para que naõ entendaõ, que os deſprezamos, nem andar-lhes continuamente no alcance.

A maior circunſtancia, que devemos obſervar, quando recebermos algum hoſpede em noſſa caſa, he tratallo de modo, que venha no conhecimento de que olhamos para elle, como para huma peſſoa de caſa, e ſe perſuada que nem a ſua peſſoa, nem a ſua aſſiſtencia nos dá enfado algum.

5 Quando os hoſpedes eſtiverem no ſeu quarto devemos mandar-lhes hum criado, que os ſirva em todo o tempo, que eſtiverem em caſa, e que lhes moſtre immediatamente tudo quanto for preciſo para o ſeu commodo, accenda o fogaõ, ſe for Inverno, vá buſcar-lhes o que elles pedirem, ou moſtre aos ſeus proprios criados os lugares, onde devem haver as couſas preciſas.

Eſta diligencia he muito neceſſaria: porque muitas vezes vem os hoſpedes ſem criados, e por falta deſta precauçaõ, ſe achaõ inteiramente embaraçados ſem ſaber o que façaõ. Eſta a falta ordinaria de certas peſſoas, que fazem bom agaſalho, e tratаõ bem as que as viſitaõ; mas naõ ſabem o modo como as devem receber, bem que tenhaõ muitos criados, a quem poſſaõ encarregar eſte cuidado.

4 Quando os hoſpedes chegarem em occaſiaõ que o jantar, ou cea ainda terá grande demora, devemos ter o cuidado de mandar-lhes paõ, e vinho,

nha, e outra qualquer couſa, com que ſe entretenhaõ, em quanto naõ ſe aprompta o jantar.

Devemos tambem mandar-lhes todas as manhãs o chá, ou café, ou aquillo de que goſtarem, conforme o que por via delles meſmos, ou de alguns dos ſeus criados, de quem o poſſamos ſaber, tivermos entendido: ſe lhes for preciſo, até agua teremos nos ſeus quartos para beberem de noite, ſe for ſeu coſtume, a fim de lhes naõ faltar couſa alguma: e tudo iſto faremos de huma maneira tal, que elles entendaõ naõ ſerem ſabedores o dono, ou dona da caſa.

5 Se os noſſos hoſpedes houverem de demorar-ſe algum tempo em noſſa caſa, devemos ſempre tratallos na meza com a maior ceremonia, que for poſſivel; e aſſim, he preciſo que lhes demos bem de comer, mas ſem parecer banquete: porque eſta grande pompa para hum hoſpede poderá ſer interpretada por elle como huma deſpedida honeſta, que ſe lhes dá. Devemos porém uſar de outra ſórte, ſe a peſſoa, a quem hoſpedarmos he de grande qualidade, e lhe devemos alguma obrigaçaõ, e ſe ſua viſita he de paſſagem: porque entaõ devemos deſpender tanto neſte jantar, quanto deſpenderiamos em muitos.

6 Como os bons banquetes ſaõ tidos em pouco, ſe naõ ſaõ acompanhados de algum genero de divertimento, devemos fazer quanto for poſſivel, para que os noſſos hoſpedes ſe naõ deſgoſtem de modo algum.

Por eſta razaõ convem dar-lhes todo o genero de divertimento, que nos for poſſivel, ſegun-

gundo a eſtaçaõ do tempo: como ſaõ a caça, a peſca, o paſſeio, as feſtas, e jogos, as raridades, que houver nas viſinhanças, &c.

7 Devemos convidar, ou rogar os noſſos hoſpedes, com o melhor modo, que nos for poſſivel, para que demorem mais a ſua partida: porém nunca lha embaraçaremos, quando elles abſolutamente a determinarem.

Ha muitas peſſoas, que coſtumaõ eſconder os arreios das beſtas, ou pôr aos ſeus hoſpedes como debaixo de chave, imaginando dar-lhes por eſte modo grande idéa da ſua generoſidade: mas de ordinario reſulta daqui effeito muito contrario.

8 Faremos á proporçaõ aos criados o conveniente agaſalho, como aos amos, e naõ nos deſcuidaremos de que as ſuas beſtas ſejaõ bem penſadas.

A razaõ diſto he, porque os criados ſaõ ordinariamente difficeis de contentar, e muito faceis em fallar mal; de ſórte que, ſe elles tem algum dominio ſobre o eſpirito do amo, como muitas vezes ſuccede, pódem envenenar todas as noſſas boas intenções, e deſluſtrar quanto procurarmos fazer com o melhor acerto.

9. Devemos ſempre portar-nos de bom humor, e com a meſma alegria, para com os noſſos hoſpedes, desda ſua chegada até que ſe retirem.

Tudo quanto tivermos tido no principio de liberaes, civis, e generoſos, ſerá tido em nada, e deſmentirmos diſto pelo decurſo do tempo, ou e deixarmos de ſer ſempre os meſmos em tudo: ſe poſſivel for devemos tratallos com maior civi-

vi-

vilidade, e grandeza no fim, do que no principio.

10 Devemos instruir os nossos criados de sorte, que tenhaõ sempre os nossos mesmos sentimentos, e em vez de murmurar dos hospedes, quando se demoraõ muito tempo, se conformem com as nossas vontades, para que os hospédes achem só em nossa casa tudo quanto for cortezia, e civilidade.

Os domesticos costumaõ murmurar desta sórte sómente para mostrar-nos, que saõ bons criados: ao que devemos oppór-nos, mostrando-nos escandalisados do seu affectado zelo.

11 Devemos passar por ordem em nossa casa aos criados, que naõ acceitem cousa alguma de ninguem, sob pena de serem despedidos no mesmo instante, porque isto deslustra, e faz desmerecer todo o acolhimento, que podiamos fazer aos hospedes.

Muitas casas ha com effeito, onde os criados estaõ taõ costumados a pedir, e a receber, que naõ póde haver estalagem alguma, em que se despenda tanto, e posto que haja muita gente de taõ bom genio, que goste de que lhe acceitem aquillo que offerece, com tudo sempre fica mais decente ao dono da casa naõ consentir em tal, mórmente quando succede muitas vezes naõ dar esta liberalidade honra á pessoa, que a exercita.

12 Em todo o tempo, que os hospedes se demorarem em nossa casa, naõ devemos interromper, se nos for possivel, a ordem della; principalmente as horas de levantar, deitar, ou re-

rezar, &c., nem devemos tambem ſujeitar os hoſpedes a nada diſto, ſe elles por ſeu goſto naõ o quizerem fazer.

Sendo eſte procedimento indicio de hum eſpirito ſólido, e bem regulado, nunca deixará de adquirir-nos a eſtima, e agrado de toda a peſſoa de bem.

13 No caſo, que nos ſobrevenha, em quanto hoſpedamos outros, algum hoſpede, a quem ſejamos obrigados a tratar bem, tal ordem devemos dar a tudo, que naõ ſe diminua em couſa alguma o que ſe tinha praticado a reſpeito dos primeiros.

Mas quando o ultimo hoſpede ſeja peſſoa de qualidade muito ſuperior aos primeiros, e naõ nos permitta deixar de alterar o noſſo coſtume, ninguem em tal caſo nos poderá criticar toda a mudança, que mais decoroſa nos parecer a reſpeito delle.

74 Se nos chegarem muitos hoſpedes, huns depois de outros, e que vaõ ſómente de paſſagem, poderemos ſe for noſſo goſto, apreſentar-lhes alguma couſa, que comer, e fazello ſem comer com elles juntamente, ſe naõ tivermos vontade; pois em que eſtado naõ nos poriamos nós, ſe houveſſemos de comer com todas aquellas peſſoas, que ſe nos offerecem?

Para obrarmos neſte caſo de hum modo, que *ninguem* poſſa eſcandalizar-ſe porque naõ lhe fazemos companhia, he preciſo capacitar a todos os noſſos amigos, de que naõ coſtumamos comer ſenaõ ao jantar, e que ſendo elles ſervidos de vir a eſſas horas, teremos muito goſto de lhes fazer companhia.

15 Se entre grande numero de peſſoas, que nos vierem viſitar, vier alguma de quem naõ goſtemos, naõ haverá outro remedio, ſenaõ ſoffrella com paciencia; porém nunca devemos incommodar-nos por cauſa della.

Eſtabelecida que ſeja a boa ordem em huma caſa, ſe o Senhor della emprega todo o ſeu tempo em couſas ſerias, e vive huma vida regular, e moderada; por mais que receba com goſto, e agrado todas as peſſoas, que ſe lhes offerecem, ſempre as peſſoas inuteis fogem da companhia das que ſaõ virtuoſas: porque cada hum ama o ſeu ſemelhante.

CAPITULO XIII.

Das palavras indirectamente incivis.

PALAVRAS ha, ou modos de fallar, que ſaõ bem dos limites da civilidade, aſſim como ha tambem indiſcrições, e incivilidades obliquas, que hum homem de bem deve evitar, mórmente nas converſações, que tiver com peſſoas ſerias, e qualificadas: eſta a materia, de que trataremos neſte Capitulo.

1 A RAZAÕ, porque hum homem de bem deve acautelar-ſe para naõ cahir neſtes modos de fallar indirectamente incivis, he ſerem elles naturalmente indicios dos defeitos do ſeu eſpirito: e porque das palavras incivis, e offenſivas, naõ ſe póde naturalmente inferir outra couſa, ſenaõ que

quem

nem as profere he homem de eſpirito incivil, groſſeiro.

2 Devemos tambem ſaber que eſtas palavras ſó incivis, naõ ſó quando offendem viſivel, e adireçtamente as regras da decencia: mas tambem muitas vezes; quando parecem que naõ ſe partaõ dos termos da decencia, e civilidade. E com effeito crendo que agradamos por eſte meio, vimos a offender: e imaginando que ſeremos applaudidos, ſomos pelo contrario deſprezados: parecendo-nos que ganhamos os coraçoẽs dos homens, e diſſuadimos, e alienamos; e julgando geral nelles a benevolencia, e affeiçaõ, excitamos pelo contrario a indignaçaõ. Razaõ temos logo para chamar a iſto indiſcrições, e incivilidades obliquas.

3 Tambem he eſpecie de incivilidade o uſar de certas palavras para ſorpreſar, ou colher alguma peſſoa, a quem devemos reſpeitar.

Quem diz *ſorpreſar*, diz já huma couſa indigna de homem de bem. Ninguem quer viver com peſſoa ordinaria. Todos querem paſſar por homens de juizo, e eſpirito: e para chegar a eſte fim, querem enganar, e armar laços, perſuadidos de que naõ ha couſa mais facil: e julgaõ-ſe capazes de fazer cahir no laço as peſſoas mais ſabias, e entendidas.

4 Sujeitos ha, que querendo paſſar por ſábios, tomaõ por emprego o enganar aquelles, de quem pretendem algum favor: querem por eſte modo fazer-ſe celebres nos enredos, e traveſſuras, julgaõ ter a mais conſummada, e ſublime prudencia, quando ſabem bem mentir, e fingir. Es-

te falſo principio he o que guiſa com diſſimulação, ou falſa prudencia tudo quanto elles dizem na preſença das peſſoas qualificadas, e o que produz os máos effeitos, de que fallamos.

Que poderá penſar hum homem, que vem no conhecimento de que o enganaõ, ou querem ſurprender, ſenaõ que o conſideraõ como hum louco? Eſta razaõ, porque naõ ſe lhe poderá dizer couſa alguma, que deixe de fazer-lhe grande impreſſaõ, ainda que niſſo nos pareça haver algum ſignal de civilidade.

§ Supponhamos que hum inferior pretende algum favor de huma peſſoa elevada em dignidade, e he do caracter acima dito, o qual devendo principiar a fallar no ponto principal do negocio, que o encaminha a ella, começa a entretella com grandes preambulos, e elogios ſobre o merecimento, e acções heroicas da ſua peſſoa: e depois de ir com a ſua rhetorica até o fim, principia a fallar no ſeu negocio, julgando ter adquirido por eſte modo a benevolencia: hora eſte preambulo deſagrada, e muito bem ſe vê que tal diſcurſo ſó tem por fim enganar aquella peſſoa, de quem ſe pretende obter o favor. E parecendo iſto acçaõ benigna, e officioſa, naõ he ſenaõ huma offenſa indirecta.

Que penſará eſta peſſoa no tempo em que ſe lhe faz eſte preambulo? Verá de longe o laço, que ſe lhe arma, e por mais eſtutos, e ſagazes que ſejamos, pôr-nos-ha taõ fóra da noſſa pretenção, que nos ſerá preciſo haver por deſpropoſitado o que pedimos: e entaõ, bem longe de ſuſtentar-

nos

nos sobre a mais brilhante eloquencia, experimentaremos, pelo contrario, hum máo successo.

6 Devemos pois estabelecer por maxima inviolavel, que para naõ cahir nestas incivilidades indirectas, e em taes indiscrições, convem evitar cuidadosamente todo o genero de engano, ou malicia: isto he, tudo aquillo, que naõ tem connexaõ, ou naõ he essencial á materia: porque como tudo, o que naõ he essencial, he suspeito, e tudo o que he suspeito, indica alguma traiçaõ, ou engano: e qualquer engano, que se faça, he ingratidaõ, por isso he de necessidade, evitar tudo o que naõ he essencial, para naõ desgostarmos aquellas pessoas, de quem pretendemos, ou queremos ganhar a affeiçaõ, e agrado.

CAPITULO XIV.

De bom genio, e condescendencia, e das falsas escusas, que lhes saõ directamente oppostas.

1 NAõ ha cousa mais agradavel no trato do mundo, e principalmente nas conversações que temos com as pessoas de bem, do que o bom genio, assim como naõ ha tambem cousa que desgoste, e desagrade tanto, como o máo genio. Daqui vem que as pessoas de juizo fogem muito de achar-se nestas conversações, quando se sentem de máo genio, por naõ vêr-se obrigadas a esforçar a sua natureza, a fim de fazer-se agradaveis á socie-

da-

dade, domando o seu proprio genio para se conformar com o das mais pessoas.

Antes de passarmos adiante, devemos advertir aqui, que naõ se deve tomar por bom genio aquella alegria, ou agrado, que se vê em huma pessoa, e nos seus modos, e acções: porque a isso se chame, com mais propriedade *bello genio*; mas devemos entender por bom genio aquella certa harmonia, que faz o genio de huma pessoa com o das outras, e as demais circunstancias, que o acompanhaõ.

2 Estabelecemos pois por principio a este respeito, que he ponto essencial da civilidade o saber-nos accommodar ao genio das outras pessoas conforme as circunstantes das cousas, e do tempo, e lugar, onde nos acharmos: porque a isso he que propriamente chamaõ *estar de bom humor, ou ter o genio que nos convem.*

Naõ entrarei aqui em longo, e dilatado discurso sobre o movimento da alma, e do corpo, e qualidades contrarias dos quatro elementos, que entraõ na composiçaõ dos córpos, nem sobre os quatro temperamentos, que delles resultaõ no corpo humano, e sobre os effeitos que elles produzem, para mostrar de que procede o bom, ou máo genio. Devemos crêr que a melancolia, que desordena todas as funções do corpo, quando predomina, desordena igualmente o espirito: que a fleuma, que faz o corpo pezado, faz o espirito lento, frio, e vagaroso; que o sangue, que faz o corpo vigoroso, e leve, faz o espirito vivo, e apressado; e que a colera, que accende, e esquen-

ta

ca o corpo, eſquenta tambem o eſpirito. Todos ſabem que eſta he a origem, e principio das differentes paixões, que agitaõ o eſpirito do homem. A melancolia, por exemplo, he a cauſa da triſteza, afflicçaõ, e deſgoſto: a fleuma fórma, ou cauſa a graveza, ou pezo, a indifferença, e deſdem, ou deſprezo; o ſangue, a alegria, o amor, e a brandura; e a cólera, a ira, o odio, e furor: e iſto he o que faz com que chamemos ao temperamento, genio, ou humor de hum homem. Mas aqui naõ ſe trata deſte genio, ou temperamento; porém ſómente do modo de domallo, e vencello.

3. Para conſtituir-nos em eſtado de agradar na converſaçaõ, devemos imprimir com efficacia no noſſo eſpirito, que o melhor temperamento, e o melhor genio, que convem a hum homem de bem, he naõ ter nenhum; porque he eſte hum ſignal de que a ſua alma eſtá, ou ſem paixaõ, ou ſuperior a todas as paixões.

Eſta he a qualidade das almas grandes, deſſas almas fortes, e quaſi divinas, que naõ eſtaõ ſujeitas ás vontades do corpo, ou que com força da razaõ ſabem refrear as ſuas paixões.

4. Naõ devemos tomar *o bello humor*, que he méro effeito do temperamento, por aquillo a que nós chamamos bom genio. Dizemos, ſegundo o uſo commum, que huma peſſoa eſtá de bello humor, quando a vemos alegre, goſtoſa, e agradavel, e com effeito he certo, que huma peſſoa comedida, e que cauſa alegria, e riſo em qualquer parte onde ſe acha, tem encantos infalliveis;

veis, com que agradar: porém torno a dizer, que naõ se trata aqui de bello humor.

Por exemplo, se hum homem de bello humor estiver rindo continuamente na presença de alguma pessoa digna de respeito, e o fizer tambem de alguma má noticia, que chegasse á essa pessoa, ou rir no Templo, ou finalmente quando os mais choraõ, naõ será sem duvida homem de bello humor, mas sim hum tolo confirmado. He logo necessario para agradar, ou formar hum homem de bom genio, outra circunstancia mais, que o bello humor; e eis-aqui o que he necessario para isto.

5 Para considerar-nos de bom genio, devemos ter sempre diante dos olhos as quatro cousas, que tomamos por principios neste tratado; a saber, a pessoa, a cousa, o tempo, e o lugar. Devemos fazer de maneira, que o nosso genio se conforme com estas quatro cousas, e que ellas nos sirvaõ, como de outros tantos humores naturaes. Porém cumpre ter conta em naõ tomar huma cousa por outra, nem ficar entendendo que por estas regras propostas, a que se pretende, he introduzir a hypocrisia em lugar de decencia, e civilidade.

Tudo o que daqui devemos entender, he que hum homem de bem deve ser sincero em tudo, segundo as circunstancias, e por consequencia compadecer-se por motivo de caridade das desgraças do proximo, e alegrar-se com elle nos seus gostos, conforme a Sagrada Escritura, a qual diz: que he preciso que nos alegremos com os que se alegraõ, e choremos com os que choraõ. Nem he outra cousa

fa o que se chama conformar o nosso genio com o dos outros.

6 Naõ devemos imitar aquelles, que se mostraõ sempre tristes, e melancolicos, e que estaõ como encolerisados contra a sua boa fortuna, ainda naquellas occasiões, em que tem grande motivo de contentamento, e alegria; mas sim dar sempre mostras da nossa satisfaçaõ nos termos da decencia, para que ella seja como hum testemunho publico da nossa gratidaõ. Por quanto se recebessemos hum favor de alguma pessoa superior, e lhe acceitassemos com frieza, e seriedade podesia passar por desdem, ou desprezo; e esta a razaõ porque convém que o nosso genio se conforme com a cousa, que o deve regular.

7 Naõ seremos como aquelles, que se apresentaõ no Tribunal da Justiça com animo melancolico, triste, e adormecido, ou que dormem quando devem instruir-se em algum negocio, em que muitas vezes periga a honra, fazenda, ou vida de hum innocente; mas devemos ter nestas occasiões o espirito sempre tranquillo, e attento.

Poderemos mui facilmente conseguir esta precisa attençaõ, se nos pozermos no lugar daquelle, a quem se ha de pronunciar a sentença pro, ou contra.

8 Naõ imitaremos aquellas pessoas vãs, e extravagantes, que algumas vezes vemos, com escandalo dos circunstantes, de humor alegre, e animo insensivel, quando alguem se acha espirando.

Este momento, que he terrivel, pede a maior seriedade, e modestia, que he possivel; e assim he

que

que devemos conformar o noſſo genio com as circunſtancias do lugar, em que nos acharmos.

9 FINALMENTE devemos ter por certo, e infalivel, que o genio do homem he a diſpoſiçaõ de ſeu coraçaõ, a reſpeito deſtas quatro couſas, que vem a ſer, a peſſoa, a couſa, o lugar, e o tempo: e he preciſo, que deſtas quatro circunſtancias a que he mais conſideravel dê os preceitos a tudo o mais.

Por exemplo, ſe ſucceder que nos achemos em huma Igreja com alguma peſſoa, a quem devemos reſpeito, e que eſta por ſer de genio alegre, nos diga alguma galantaria, que na realidade naõ ſáia fóra dos limites da decencia, e honeſtidade, mas que ſeja pouco decente, attendendo ao lugar em que eſtamos, obriga-nos a civilidade a applaudilla com a meſma diſpoſiçaõ de animo: porém como devemos ter mais reſpeito a Deos, que a eſta peſſoa, convém que nos reviſtamos, ou nos moſtremos de hum ar ſério, para que elle venha no conhecimento de que aquelle lugar naõ he proprio para taes diſcurſos. Se aſſim ſoubermos regular o noſſo exterior em taes caſos, nunca eſcandalizaremos a ninguem; e iſto he a que nos inſpira a verdadeira condeſcendencia.

10 A COMPLACENCIA he taõ neceſſaria á civilidade, que he hum dos mais fortes vinculos da amizade? pois conſiſte em regular as noſſas acções pelas acções daquelles, com quem devemos condeſcender: e eſta conformidade de acções une eſtreitamente os corações, como nos moſtra a experiencia.

Por

Por exemplo, os que tiverem a mesma inclinaçaõ, e a mesma profissaõ, sempre se amaraõ mais que aquelles, que naõ tiverem taes predicados: e quando duas pessoas da mesma profissaõ se unem huma com a outra, he por causa do interesse, ou ciume.

11 Por esta razaõ devemos principalmente condescender, e accommodar-nos ao genio das outras pessoas, se nos quizermos fazer amaveis: mas nunca devemos chegar com a nossa complacencia, ou condescendencia ao ponto de fazer, ou approvar cousa, que seja má, ou injusta: porque tudo isto só deve comprehender as acçoẽs honestas, e civis, ou indifferentes em si mesmo.

12 Se quizermos significar a nossa condescendencia a huma pessoa a quem devemos respeito, cumpre concordar com ella, para agradalla em tudo quanto estiver da nossa parte.

Se ella quizer que se cante, devemos cantar; se quizer que se dance, devemos dançar: se quizer ir á caça, devemos acompanhalla: se quizer dormir, devemos fazer o mesmo, &c. se ella estiver alegre, devemos tambem alegrar-nos: e se estiver triste, mostrar-nos tristes. E finalmente he necessario que o nosso exterior testifique o sentimento do nosso coraçaõ, assim como tambem as nossas palavras, e acçoẽs.

13 Devemos fugir de imitar certas pessoas loucas, ridiculas, e impertinentes, que entendem taõ mal esta conformidade, que se huma casa está em alegria, ellas a desordenaõ com hum

sem

ſemblante ſerio, e carrancudo: e ſe pelo contrario a achaõ em triſteza, e afflicçaõ, moſtraõ-ſe entaõ alegres, e confundem a gente com contos graciosos, ou fallaõ ſó em divertimentos.

Eſta maneira de proceder he taõ aborrecivel, e taõ contraria ao decóro, e civilidade, que huma peſſoa bem naſcida naõ ſaberá obrar nunca deſte modo.

14 Se quizermos ſer eſtimados por meio da condeſcendencia, devemos evitar cuidadoſamente contradiçoes, ou aquelle genio obſtinado, e inflexivel, que nunca quer concordar em couſa alguma com as outras peſſoas: porque quanto agrada a condeſcendencia, tanto deſagrada, e mortifica a ſeveridade, e aſpereza.

Eſte genio obſtinado, inflexivel, que contradiz continuamente, he huma eſpecié de ruſticidade, que ſe manifeſta por muitos modos, já contradizendo abertamente, já oppondo-ſe directamente ás vontades das outras peſſoas, já oppondo-ſe-lhe com rodeios, ou indirectamente. O primeiro he o effeito de huma obſtinaçaõ natural que degenera em groſſeria: e o outro, que ſó conſiſte em falſas eſcuſas, e frivolas razões para rejeitar induſtrioſamente, o que huma peſſoa ſuperior lhe propõe, naſce de hum vil intereſſe, ou de huma vergonhoſa preguiça. Hum, e outro ſaõ inteiramente contrarios á civilidade, e por conſequencia devem evitar-ſe.

CA-

CAPITULO XV.

Da Importunaçaõ.

1. A IMPORTUNAÇAÕ he tambem directamente opposta á civilidade, e por isso devemos fazer toda a diligencia para evitalla.

Este vicio aparta-se inteiramente dos nossos principios, naõ attendendo nem á pessoa, nem ao lugar. Aquelle, que naõ attende ao lugar, em que se acha, nem ao tempo, nem á pessoas, he incivil. Hum importuno vem a ser o mesmo: e assim quem diz importuno, diz naturalmente incivil.

2 Se quizermos evitar este vicio, cumpre desterrar do nosso coraçaõ o excesso do amor proprio, que he a causa da pouca consideraçaõ, que temos com as outras pessoas, e naõ devemos ser assaz lerdos, para imaginar que ellas naõ se offendem da nossa importunaçaõ: porque destes dous defeitos juntos, ou de cada hum delles he, que procede este vicio; e nunca chegamos a mortificar, ou a escandalizar a pessoa alguma, senaõ porque estamos possuidos, ou preoccupados, por motivo de amor proprio, desta falsa idéa, que as nossas proprias vontades devem dominar sobre as dos outros; ou porque naõ temos capacidade para conceber quaõ fóra seja a importunaçaõ.

3 Naõ devemos crêr, ou imaginar que a nossa commodidade póde servir de regra á das mais pes-

pessoas, e em nós mesmos podemos reflectir que as occasiões naõ saõ sempre as mesmas, e que aquillo que póde ser decente em hum lugar, naõ o poderá ser em outro.

Ninguem desvia outrem dos seus negócios com obstaculos enfadonhos, senaõ por motivo de orgulho: e se alguem incommoda qualquer pessoa naquelle lugar, onde se deveria tratar com circumspecçaõ, he só porque a boa opiniaõ, em que se tem, naõ lhe permitte pôr limite algum aos seus defeitos, ou por ser taõ lerdo, que naõ comprehende a irregularidade deste procedimento.

4 Se ha cousa, que da importunaçaõ nos deva desviar, saõ os effeitos nocivos, que ella produz. Se erramos em qualquer outro preceito da civilidade, podemos ser desculpados pela falta de educaçaõ, e attençaõ: porém se formos importunos, de nenhuma sórte seremos desculpados, por ser este erro voluntario.

O importuno passa por insolente, e petulante, ou lerdo: e eis-aqui o primeiro effeito da importunaçaõ. O outro effeito he, que como a insolencia he hum signal de desprezo, que se faz á pessoa com quem se trata, por isso vem a ser huma offensa, que aliena o espirito dessa pessoa.

5 Para naõ sermos importunos devemos attender sempre ao estado, tempo, e lugar em que se acha a pessoa, a quem queremos honrar, e obsequiar.

Por exemplo, se formos procurar huma pessoa de qualidade, quando estiver melancolica, por

por cauſa de hum máo ſucceſſo, que lhe acontecéſſe, viria este obſequio a ſervir-lhe de legitimo ſupplicio: ſe a formos viſitar a tempo, que eſteja occupada com cauſas de muita importancia, muito incommoda lhe ſerá a viſita: e finalmente ſe a formos comprimentar, ou cortejar a hum lugar, onde a decencia náo permitte que ſe manifeſte, eſte cortejo ſerá para ella hum golpe mortal, e tudo iſto junto nos fará ſer muito incommodos, e prejudiciaes a eſſa peſſoa.

6 Quando nos achamos em grande aperto, por cauſa de algum negocio de grande importancia, que devemos communicar abſolutamente a eſſe ſujeito ſuperior, náo devemos entáo temer de ſer importunos: porque a noſſa importunaçáo ſe faz entáo neceſſaria, e digna de eſcuſa: e o ſujeito, de quem fallamos, náo attribuirá eſta importunaçáo á peſſoa, mas á neceſſidade, em que nos conſidera, e aſſim náo terá motivo de eſcandalizar-ſe: porque ſabe que a neceſſidade náo tem lei.

7 Se pelo contrario náo tivermos negocio nenhum de importancia para communicar-lhe, devemos entáo temer de ſer-lhes importunos: porque neſte caſo a noſſa importunaçáo he defeito, que náo ſe póde deſculpar: o qual produzirá máo effeito em ſeu animo, e nos fará ter por ſujeitos de pouco juizo.

Supponhamos aqui que, ſegundo as noſſas regras, temos obrigaçáo de ir ſignificar a eſſa peſſoa ſuperior a parte, que temos no ſeu deſgoſto, náo devemos deliberar-nos a fazello indiſcreta-

men-

mente; porque importa, que para iſto concorraõ muitas circunſtancias.

Antes de dirigir os paſſos para eſte fim, devemos informar-nos primeiramente ſe a novidade he publica, e ſe eſta peſſoa levará a bem, que ſe publique. Se ella naõ a quizer fazer pública, ſerá offendella em extremo o manifeſtalla; e ſe for publica, cumpre ſaber ſe levará a bem, que ſe lhe falle niſſo, e ſe outras peſſoas da noſſa qualidade o tem feito, ou ſe ella meſma nos dá occaſiaõ para fallar niſſo. Se virmos, que por eſte modo o noſſo cortejo naõ ſerá conveniente, melhor ſerá procurar alguma peſſoa, que tenha com ella maior amiſade para ſignificar-lhe o noſſo ſentimento a reſpeito do ſeu deſgoſto, quando vier a propoſito, ou tiver occaſiaõ oportuna para iſſo.

8 Se nos for preciſo dizer alguma couſa de importancia a eſſa peſſoa qualificada, e tempo que ella eſteja em parte, onde a decencia naõ nos permitta entrar, naõ devemos ir peſſoalmente importunalla, mas dar-lho-hemos a ſaber por outrem, ou por eſcrito.

Neſte ponto devemos ſer taõ attentos, e taõ circunſpectos, que ſe por caſualidade eſſa peſſoa ſe encontrar comnoſco inadvertidamente, devemos fingir que a naõ vemos, ou naõ conhecemos.

9 Para que naõ nos encontremos inopinadamente com eſſa peſſoa, a quem devemos reſpeitar, informar-nos-hemos primeiramente do ſeu eſ-

ſtado, e diſpoſiçaõ, e do lugar, e tempo favoravel, e conveniente para lhe fallar, e ſignificar a noſſa ſobmiſſaõ, e reſpeito; e eſte ſerá o meio de naõ ſermos importunos em tempo algum.

10 DEVEMOS ſempre reflectir, ſe o que nos leva a fallar com eſſa peſſoa qualificada diz, ou naõ reſpeito a ella meſma, ou a ſeus negocios: porque ſe niſto houver alguma connexaõ a ſeu reſpeito, favoravel ſerá a noſſa empreza, e a naõ haver ſer-lhe-ha importuna.

11 AINDA que tenhamos boa intençaõ, e bons ſentimentos, a reſpeito de huma peſſoa ſuperior, ſe lhe naõ formos acceitos, todos os noſſos obſequios para com ella ſeráõ inuteis, e importunos: e por iſſo melhor he deixar de os fazer.

O meſmo ſuccede, quando vamos fazer eſtes obſequios em companhia de ſujeitos, que naõ agradaõ a eſſa peſſoa ſuperior: o deſgoſto, que lhes cauſa a ſua viſta, cahe ſobre nós, e faz importuno o que ſem eſta circunſtancia ſería goſtoſo, e agradavel.

12 NAÕ uſaremos continuamente das meſmas expreſſões de civilidade com huma peſſoa de qualidade; por quanto, ainda que ſejaõ proprias, e convenientes em algumas occaſiões, vem a ſer muitas vezes importunas em outras.

13 SE alguma peſſoa de qualidade nos vier viſitar, naõ devemos aproveitar-nos deſta occaſiaõ para pedir-lhe algum favor: porque he faltar aos termos da politica, e civilidade, excepto ſe ella meſ-

meſma nos dá occaſião a iſſo: porque o pedir gum favor a huma peſſoa de qualidade, fóra de ſi cuſa, he faltar á civilidade, ſalvo quando alguma circunſtancia aſſim o permitte, e porque a menor circunſtancia póde muitas vezes corrigir huma acção, que de ſi meſma ſeja irregular.

14 FINALMENTE, para evitar a importuna devemos ter por maxima infallivel, que tudo quanto obrarmos a reſpeito das outras peſſoas, importuno, ſe iſſo naõ convem ao lugar, tempo, e peſſoas.

CAPITULO XVI.

Da falſa civilidade, e do uſo que devemos fazer em todas as occaſiões, das regras da decencia, e civilidade.

1 AO meſmo tempo que praticarmos com toda a pontualidade as regras da civilidade mais regular, temos ainda dous defeitos para evitar os quaes fazem degenerar em huma falſa civilidade, a ſaber: a céga complacencia, e o demaſiado eſcrupulo nas ceremonias.

Ha peſſoas, que obſervaõ, e imitaõ até o mínimo geſto, que fazem aquellas, a quem ſe inclinaõ: e que admiraõ, e exaltaõ tudo, quanto ellas dizem, como ſe foſſem hums Oraculos. Eſta eſpecie de liſonja he huma baixeza, que redunda em prejuizo de quem a faz, e de quem a recebe, dando a conhecer o animo diſſimulado, vil, e traidor do liſonjeiro, e o eſpirito preſumi-

mido, e limitado daquelle, que se deixa levar das submissões, que tem por objecto cousas muito diversas do seu merecimento.

2 Devemos fugir com cuidado desta baixeza, por ser indigna de todo o homem de bem, e de bom nascimento.

Ha outras pessoas, que por muito investigar, e esquadrinhar as cousas, vem a escrupulisar de tudo, e a fazer-se de tal sórte escravas das ceremonias, que chegaõ a perturbar o seu espirito, e a ser incommodas, ou dignas de riso, por quererem ser muito pontaes em tudo.

3 Devemos tambem evitar cuidadosamente todas estas ceremonias excessivas: porque a civilidade deve ser livre, natural, e de nenhuma sórte melindrosa, nem escrupulosa.

Nunca devemos sahir dos termos do decóro, e respeito devido ás pessoas qualificadas, nem mostrar-nos timidos na sua presença: porque este medo, que algumas vezes passa ao excesso de fazer-nos tremer, embaraça, e incommoda tambem as pessoas, a quem fallamos, e he signal de hum rustico natural, ou de huma educaçaõ baixa, e mal cultivada.

4 Finalmente devemos observar em toda a parte a decencia, e civilidade, a respeito das pessoas, tempo, e lugar: e applicar estas regras com distincaõ em todas as occasiões: e para conhecer de huma vez, se estamos no estado, que ellas nos prescrevem, importa sómente observar a regra seguinte, que he breve, infallivel, e nella se encerraõ todas as outras, e vem a ser, que devemos

mos conſiderar o effeito do preceito, reflectindo no meſmo preceito, e attender ſe eſte effeito convem, ou naõ ao caſo, que ſe nos offerecer.

SENTENÇAS MORAES

PARA REGER-NOS SABIAMENTE NO MUNDO.

1 SE quizermos ſer felites, e eſtimados de todos, devemos temer a Deos, ſer fieis ao noſſo Soberano, e viver como homens de honra, e de bons coſtumes.

2 SE derem tres paſſos por noſſo reſpeito, daremos ſeis para moſtrarmos o noſſo agradecimento.

3 SE naõ tivermos fortuna, faremos por merecella: faz-ſe vêr claramente a eſta cêga, á força de bem fazer, e de trabalhar com honra.

4 NAÕ reprehenderemos publicamente aquellas peſſoas, ſobre quem tiverinos authoridade para o fazer: porque ſeria eſta huma acçaõ, a qual manifeſtaria que mais aborreciamos a peſſoa, do que os ſeus defeitos.

5 DEVEMOS ſer mui circunſpectos em noſſas palavras: porque huma, que nos eſcape por imprudencia, ou zombaria, e muitas vêzes dita com juizo, cuſta caro a quem lhe parece merecer grande applauſo.

6 DE-

6 Devemos fazer por adquirir muitos amigos: mas poucos ha, que sejaõ verdadeiros, e de quem possamos fiar-nos. Em nós mesmos acharemos os nossos melhores amigos, se satisfizermos as nossas obrigações para com Deos, e com aquelles com quem houvermos de viver.

7 Naõ devemos ter apego, nem amor ao mundo, que naõ seja á proporçaõ do tempo, que nelle havemos de viver. O viandante naõ se deixa ficar na primeira Cidade, que encontra; porque sabe que deve passar adiante.

8 Qualquer que seja o nosso estado, sempre nos daremos a conhecer mais por nossas acções, do que por nossas palavras. A rectidaõ, e equidade de hum homem mostra melhor a sua qualidade, do que tudo quanto elle póde dizer a seu respeito.

9 Se nos virmos em empregos consideraveis, naõ tenhamos em nossa companhia homens, que naõ sejaõ de experiencia, e capazes de ser uteis ao Soberano, e ao Estado. Naõ promettamos nada que naõ possamos ter, nem abracemos conselho, senaõ dos que nos parecerem desinteressados, e de bom siso.

10 Fugiremos sempre da ociosidade, como do mais perigoso de todos os males. Entaõ se faz corpo o nosso espirito, quando naõ se occupa, e quando está occupado, o corpo se faz espirito. Nas fadigas se lembra o homem do que he, e quando naõ as tem, de si se esquece, e se entrega aos seus gostos, como hum bruto.

11 Daremos a conhecer o interior da nossa alma,

ma, por meio das palavras, e por meio das acções o noſso naſcimento.

12 Se tivermos amigos, devemos vellos muitas vezes, mas naõ obrigalſos a eſtar comnoſco, por naõ expôr-nos a perdellos.

13 Faremos ſempre por adquirir algum merecimento em noſſa profiſſaõ; porque o merecimento he eſtimado por todos, e de tal valor, que naõ ſe póde comprar por mais riquezas que tenhamos.

14 Devemos ter por certo, que naõ ſe dá peior occupaçaõ, do que a de naõ ter nenhuma, e que naõ ha vida mais faſtidioſa, que a que ſe paſſa em divertimentos, e viſitas continuas. Eſtar todos os dias expoſto a todos, e nunca a ſi, he ſer livre ſó na apparencia, e fazer-ſe eſcravo na realidade.

15 Se occuparmos o primeiro lugar, ou nas armas, ou nas letras, devemos lembrar-nos que hum ſuperior para occupar dignamente o ſeu lugar, deve dar maior exemplo com obras, que com palavras.

16 Se naõ nos permittir os eſtudos a noſſa profiſſaõ, amaremos pelo menos as peſſoas de letras: e ſe naõ formos ſabios, eſtimemos aquelles, que o ſaõ.

17 Teremos ſempre com todos a meſma conſideraçaõ, e reſpeito, que deſejamos para nós.

18 Se fôrmos dados, e de converſaçaõ agradavel, todos goſtaráõ da noſſa amizade.

19 A noſſa rectidaõ, e verdade nos daráõ credito em toda a parte; e a noſſa palavra maior fa-

ci-

cilidade nos negocios, do que todas as escrituras publicas.

20 Quando nos virmos em alguma tribulaçaõ domestica, a occultaremos o mais que podermos; e se por acaso vier ao conhecimento das mais pessoas, conservaremos sempre o noſso exterior alegre. Este o meio de fazermos crêr que a noticia, que corre da noſsa afflicçaõ, e tristeza, naõ nos merece attençaõ, ou cuidado algum.

21 Naõ teremos maior inimigo, que nós mesmos, se nos entregarmos ás noſsas paixões.

22 Receberemos os noſsos parentes, e amigos com ar alegre, e affavel; porque recebellos de outra sorte, será privar-nos do gosto de os vêr.

23 Naõ nos confiaremos, senaõ naquellas pessoas, que se distinguem pelo seu merecimento, juizo, e bondade: devemos considerallas, como as unicas estrellas capazes de alumiar-nos nas trevas, que os negocios do mundo espalharem sobre os diversos incidentes da noſsa vida: e consideraremos todas as mais como estrellas errantes, que dem luz, mas cahem repentinamente.

24 A modestia nos noſsos moveis, equipagens, e palavras manifestará ter regrado o noſso entendimento, e naõ ter paixaõ alguma o noſso coraçaõ.

25 O maõ estylo de proceder de hum homem mais consiste no que elle occulta, do que no que elle mostra. Aproveitemo-nos deste conselho, e naõ nos fiemos em falsos exteriores; porque estes cedo, ou tarde nos enganaráõ, e mostraráõ claramente o que somos.

26 A posse dos bens naõ nos dá aquelle deſcanço, que gozamos, quando os naõ deſejamos; e naõ ha couſa taõ difficil de perſuadir, como o deſprézo das riquézas, ſe naõ tiramos os motivos do eſsencial da Religiaõ Chriſtã.

27 Naõ he o naſcimento, nem os bens, e taõ pouco, os grandes empregos, que nos haõ de fazer conſideraveis neſte mundo: mas ſim o uſo, que diſto fizermos.

28 Grangearemos amigos á força de os ſervir, e obrigar; porém quanto mais liſongearmos as noſsas paixões, tanto menos as poderemos refrear.

29 Tudo neſta vida he contingente, e da meſma ſórte o noſso naſcimento: e naõ ha couſa taõ certa como a morte, e todavia obramos de hum modo, como ſe ella foſse a unica couſa incerta.

30 Vivamos ſempre como velhos, para que nunca nos arrependamos da noſsa mocidade.

31 O luxo, e o jogo ſaõ duas grandes origens de miſerias: e por pouca communicaçaõ, que no mundo tenhamos, melhor o conheceremos, do que ſe póde explicar.

32 Devèmos advertir, que o ſaber perder algumas vezes, he ganhar, e que em certas occaſiões, quando cedemos de alguma parte do noſſo intereſse, obramos como ſabios, e diſcretos.

33 Nunca fallaremos a peſsoa alguma do máo eſtado dos ſeus negocios, ſe naõ tivermos vontade, e juntamente poſses para a ſervir, ou remediar; obrariamos imprudentemente, ſe obraſsemos

o

e contrario disto, dando pezar, e afflicçaõ a huma pessoa, que naõ nos dá motivo para isso.

34 Todo aquelle, que se enfada, ou offende sem razaõ, dá a conhecer a imperfeiçaõ do seu juizo, e mostra que naõ sabe viver. Naõ usaremos em tempo algum com os nossos amigos de hum falso pondonor: porque isto seria romper com elles intempestivamente, e sem razaõ, e desmentiriamos em hum só dia a pureza de huma amizade de muitos annos.

35 Quando estivermos em companhia de mais pessoas, nunca contaremos aquellas loucuras, ou parvoices, que tivermos ouvido, ou lido; porque seria mostrar que he o nosso juizo inferior á nossa memoria.

36 As desgraças em si mesmas naõ saõ grande mal, quando as sabemos soffrer: nem se tornaõ importunas, ou fastidiosas senaõ pela tristeza, e melancolia, que por ellas tomamos.

37 Para vivermos contentes basta-nos ter só o necessario; o superfluo he inutil, e muitas vezes nos causa maior damno, que proveito.

Póde ser que este conselho naõ seja do nosso agrado, mas nem por isso nos offende, porque o necessario, de que fallamos, vem a ser aquella necessidade, que cada hum tem conforme a sua pessoa, ou o cargo, que occupa. Tudo, o que possuirmos além deste necessario, póde ser que nos cause alguns sentimentos, os quaes redundem em nosso prejuizo.

38 O mundo só he perigoso, quando amamos as suas maximas. Se fizermos huma seria reflexaõ

do que nelle se passa, isto nos dará huma lição continua, para fugir do mal, e abraçar o bem.

39 NUNCA compraremos os favores, e beneficios dos Principes por alguma baixeza, ou vileza indigna do nosso nascimento, e educação.

50 HE do caracter das pessoas grandes usar de civilidade com todos: e muitas vezes se familiarisaõ de hum modo, que nos confundem. Quanto mais este caracter for do nosso gosto, tanto mais daremos boa idéa do que somos.

14 A DEMASIADA docilidade em qualquer pessoa, mostra ser ella estupida, e insensivel, e a grande severidade denota crueldade. He preciso, que sejamos doceis, e severos conforme as occasiões: a prudencia nos dará a conhecer até onde huma, e outra devem chegar, sem que pareça extremo, ou excesso.

42 SE NAÕ fizermos diligencia por ter algum prestimo, nenhum caso faráõ de nós.

43 HUM sujeito fogoso, muito esperto, e sem juizo, he semelhante a hum cavallo, que naõ se governa pelo freio, e que expõe o cavalleiro a toda a sórte de perigos. Devemos pois lançar fóra esta grande viveza, se a tivermos, e fazer com que antes passemos por homem feito antes do tempo, do que por hum rapaz imprudente, e louco, que diz muitas cousas, e naõ olha para as consequencias, que dahi se seguem.

44 AS PAIXÕES trazem sempre comsigo a injustiça, e o proprio interesse, que põe em perigo os que se deixaõ dominar dellas; do que devemos sempre

pre desconfiar, ainda quando ellas nos parecem muito justas, e razoaveis.

45 Por mais notaveis, que sejamos pelo nosso exterior, e gentileza, se o juizo, e costumes naõ forem correspondentes, seremos com muita razaõ comparados a huma pintura de nenhum valor, posta em hum bello caixilho.

46 Naõ basta só ser valerosos nas occasiões: he preciso tambem que tenhamos huma boa regra de proceder em todas as nossas acções. O homem sabio faz mais serviço ao Estado, que cem braços armados: e mais faz hum Capitaõ experimentado, do que mil soldados intrepidos

47 Se pela nossa industria, e trabalho tivermos ajuntado muito cabedal, e naõ nos servirmos decentemente delle, seremos comparados a huma alampada, que se apagou por lhe terem deitado muito azeite.

48 Devemos acostumar-nos a soffrer com paciencia as nossas desgraças, e afflicções.

49 Nunca faremos cousa, que nos possa desacreditar. A má reputaçaõ traz sempre comsigo a desordem, e o vicio, o qual he hum fumo, que nos mostra onde está o fogo.

50 Se fizermos huma boa acçaõ, e esta fôr manifesta, naõ poderá estar muito tempo sem recompensa. Hum dia virá, que nos tratem como Mardocheo (*Esther*, *Cap.* 6.): e que a gloria do Principe o obrigue a favorecer-nos.

51 Devemos perdoar aos nossos parentes, e amigos mil bagatelas, se quizermos viver bem com elles: e he indispensavel esta indulgencia, se qui-

remos conservar-nos em boa harmonia com elles.

52 Grande sentimento tinha hum Imperador, quando se passava algum dia, sem elle ter dado signal de sua bondade, ou liberalidade: naõ he necessario ser senhor do mundo para ter os mesmos sentimentos: mas devemos ter por perdidos todos aquelles dias que passarmos sem ter feito acçaõ, que boa seja.

53 Naõ esperemos receber outras provas de amizada da parte dos nossos amigos, senaõ as mesmas, que dermos a seu respeito.

54 Em quanto podermos viver dos bens, que possuimos, e do que adquirimos pelos nossos empregos, naõ nos sujeitemos a Principe algum: porque grande sujeiçaõ he o depender destes. Os Principes saõ como o fogo, e por isso naõ nos devemos chegar muito a elles.

55 Devemos reflectir muitas vezes sobre a rosa, que ao mesmo tempo que he linda, e leva taõ distante de si a sua doce fragrancia, he cercada de espinhos. Isto basta para capacitar-nos, que naõ ha bem algum neste mundo, nem grandeza, ou gosto, que naõ seja acompanhado de hum desgosto, e mortificaçaõ.

56 Quanto menos descançarmos em procurar o estabelecimento da nossa familia, tanto maior descanço lhe daremos. O fugir do descanço presente, he procural-lo para o futuro.

57 Quando a nossa pompa, jogo, e meza diminuirem, notaremos com muita facilidade que o numero dos amigos tambem diminue.

58 Naõ

58 Naõ ha emprego, que naõ poſſamos pretender, mas tambem naõ ha nenhum; em que poſſamos ſer bem ſuccedidos, ſe naõ fizermos profiſſaõ da honra, e da bondade.

59 Faremos boa eſcolha daquellas peſſoas, a quem podemos fazer bem: porque de ordinario ha muitas, que eſtimaõ mais as dadivas, e os beneficios, do que a meſma peſſoa, que lhos faz.

60 Naõ conſideremos o prazer de hum dia como prazer, quando trás delle ſe houver de ſeguir o arrependimento de muitos annos.

61 Se naõ tivermos outro merecimento mais que o do nome, com que nos appellidamos, e familia de que deſcendemos, os noſſos avós nos daráõ honra, mas nós nenhuma a elles.

62 Aquillo, que dermos, ſeja ſempre com agrado, e de boa vontade: porque entaõ nos ficaráõ em dobrada obrigaçaõ: e recuſemos com tanta modeſtia, e civilidade o que recuſarmos, que demos occaſiaõ a que nos louvem, e eſtimem.

63 Naõ devemos ter outra paixaõ mais, que a de naõ ter nenhuma, e o noſſo goſto, e divertimento conſiſta em renunciar, e deſprezar todos os divertimentos.

64 Tenhamos boa fé para com todos geralmente, mas com tanto que naõ ſeja abonadora da de outrem: e ſó nos devemos fiar tanto niſto, quanto no-lo permittirem a noſſa prudencia, e genero de proceder das peſſoas, com quem tivermos algum negocio.

65 Diremos ſempre a verdade; porque eſ-

to

ta he respeitada, e temida, onde naõ he amada.

66 Obraremos em todas as cousas com juizo, prudencia, e bondade, para que em tudo sejamos bem succedidos: pois quando menos o cuidarmos, ajuntaremos aos nossos interesses o que o mundo chama fortuna, e destino: e o nosso merecimento fallará tanto em nosso abono, que se nos fará justiça, e por elle seremos conhecidos.

67 Os desgostos, perdas, e afflicções succedem em todos os tempos, e em todos os Paizes, e por esta razaõ devemos lembrar-nos, que ninguem disto se póde chamar isento.

69 Cuidaremos muito nos nossos negocios, se quizermos ser nelles bem succedidos.

69 Quanto mais felizes formos neste mundo, tanto mais em perigo estaremos de perder-nos.

70 A nossa linguagem, e coraçaõ nunca devem desconcordar em nós. Faremos sempre com que as nossas palavras, e acções estejaõ em perfeita intelligencia, e que as nossas obras sustentem tudo quanto dissermos.

71 Se naõ tivermos fortuna, que importa? Nem por isso se deixa de viver com honra, quando ella falta: e algumas vezes o merecella vale mais que possuilla.

72 Quanto maior figura fizermos neste mundo, tanto mais notados serãõ os nossos defeitos. O homem de qualidade naõ faz figura consideravel sem que se lhe siga algum prejuizo, ou damno; porque quanto mais levantado he o seu ca-

ra-

facer, tanto menós nos esquecemos do que o deshonra.

75 Todos nascemos senhores dos nossos olhos, e da nossa lingua. Por esta razaõ devemos evitar, que a corrupçaõ dos costumes naõ faça com que se senhoreem de nós estes membros.

74 Se tivermos alguma boa qualidade, naõ nos elogiemos a nós mesmos; porque naõ serão acreditadas as nossas palavras.

75 Naõ façamos por nossos amigos cousa, que seja contra a nossa honra, e consciencia: porque mais nos devemos amar a nós mesmos, do que aos nossos amigos.

76 Devemos temer ainda os mais leves principios de qualquer habito vicioso; porque a desordem he como huma bolinha de neve, que todos os dias vai engrossando.

77 Se quizermos conservar-nos na amizade dos amigos, e parentes, naõ lhes vendamos cavallos, nem móveis, nem tambem lhos compremos a elles.

78 A inclinaçaõ, que principiamos a ter ao vinho, e ao jogo, se nos representará no seu principio como huma formiga, que facilmente poderemos esmagar: mas com o andar do tempo esta inclinaçaõ nos parecerá tamanho elefante, e taõ forte, que naõ nos atreveremos a combatello: e até nos lisonjearemos tanto desta paixaõ, occultando juntamente a nós mesmos a inclinaçaõ, que lhe tivermos, que viremos a persuadirnos de serem vãos, e infructuosos quantos esforços fizermos para triunfar della.

79 Se

79 Se desejamos o descanço do espirito, e a paz do coraçaõ, devemos procurallo, onde se acha: o mundo porém só lhe sabe o nome.

80 A VERDADEIRA gloria anda sempre embraçada com a sciencia, bons costumes, e virtude. Esta he a unica, que devemos desejar, e que nos merece huma séria reflexaõ, para achar o meio de adquirilla.

81 A DIFFERENÇA, que ha entre hum homem de bem, que vive commodamente, e outro que só com muito trabalho póde subsistir, vem a ser, que hum dá, e o outro naõ pede facilmente.

82 QUANDO naõ se falla de hum homem, he signal que elle naõ tem merecimento, nem virtude. Os que naõ se distinguem pelos seus dotes, naõ tem zelosos, nem invejosos; e se nós os tivermos, naõ nos desgostemos por isso; que he bom signal.

83 VIVEREMOS gostosamente com os bens, que possuirmos, se nos contentarmos com elles sem apetecer mais. Este bem he hum regato, cujas aguas saõ puras, e aprasivelmente correm: mudará porém de natureza, se á força de augmentar as suas aguas, o convertermos em huma impetuosa torrente.

84 NUNCA principiaremos a fallar, sem que primeiro saibamos o que havemos de dizer, e por que razaõ o queremos dizer. Saõ as palavras frechas, que só devem atirar-se ao alvo, que nos propozermos.

85 SE formos avarentos, vãos, ou colericos, fa-

faremos com que a noſſa caſa ſeja huma eſpantoſa ſolidaõ: e por pouco que vivamos em deſordem, as peſſoas ſabias, e prudentes fugiraõ da noſſa companhia, e naõ veremos outras, ſenaõ as devaſſas.

86 REFLECTIREMOS muitas vezes no que temos ſido, e no que havemos de ſer. Huas ou tres reflexões ſérias déſta natureza nos ſeraõ mais uteis, do que milhares dellas feitas ſobre outras materias.

87 NAÕ ſer contente do proprio eſtado, nem dos ſeus bens, he chegar com a inſolencia ao ponto de queixar-ſe de Deos, e da ſua providencia.

88 As riquezas nos ſaõ dadas para paſſar a vida goſtoſa, e tranquilamente: mas a vida naõ foi dada para ajuntar riquezas.

89 FAREMOS com que a honeſtidade, e civilidade ſejaõ ſempre do noſſo goſto, porque eſte he o meio de bem gozallas, e de naõ temer as ſuas conſequencias.

90 RECOBRAREMOS na velhice, o que tivermos perdido na mocidade: e ſe nos tivermos perdido em todo o curſo da vida, procuremos hum bom guia para o fim dos noſſos dias.

91 POR mais heroica que ſeja huma acçaõ, nunca deve paſſar por grande, quando naõ he effeito de hum grande deſignio.

92 NINGUEM he taõ ridiculo pelas qualidades, que em ſi tem, como pelas que affecta ter; e mais conveniente nos ſeria moſtrar-nos taes, quaes ſomos, do que quereremos parecer o que naõ ſomos.

93 AIN-

93 AINDA que demos algum protexto ás noſſas afflicções, muitas vezes o intereſſe, e a vaidade ſaõ os que as cauſaõ.

94 QUANDO os grandes homens ſe deixaõ abater pela continuaçaõ de ſeus infortunios, moſtraõ que até entaõ ſó os ſoportavaõ pela força da ambiçaõ, e naõ da ſua alma: e que poſta de parte huma grande vaidade, os Heróes ſaõ ſeitos, como os demais homens.

95 AINDA que a maior parte das amizades, que ſe adquirem no mundo, naõ mereçaõ o nome de amizade, com tudo podemos cultivallas conforme as noſſas neceſſidades, á maneira de hum commercio, que naõ tem fundamento certo, e em que qualquer commummente ſe engana.

96 O AMOR do proximo he o mais eſtudo, e o melhor de todos os ſentimentos humanos, e taõ neceſſario na ſociedade civil para a felicidade da noſſa vida, como no chriſtianiſmo para a felicidade eterna.

97 O CONHECER cada qual até onde póde chegar a ſua deſgraça he huma eſpecie de felicidade: e nenhuma couſa ſerve tanto para a felicidade da vida, quanto o conhecer as couſas como ellas na realidade ſaõ. Eſte conhecimento todavia ſe adquire pelas frequentes reflexões, que fazemos ſobre tudo o que ſe paſſa no mundo.

98 PODEMOS igualmente inſtruir-nos pelos defeitos, que vemos nas outras peſſoas, como pelas ſuas virtudes. O exemplo da imperfeiçaõ ſerve tanto para fazer-nos perfeitos como o da probidade, e perfeiçaõ.

99 FAL-

99 FALSA he toda a devoçaõ, que sobre a humildade christã naõ he fundada, e sobre a caridade para com o proximo. Muitas vezes he o mêro orgulho de hum Filósofo melancolico, que despresando o mundo, cuida vingar-se do despreso, e desgostos, que delle tem recebido.

100 HA merecimento sem premio, mas naõ premio sem algum merecimento.

Fim da Parte Primeira.

ELE-

ELEMENTOS

DA

CIVILIDADE,

E DA DECENCIA.

PARTE SEGUNDA.

ARTE DE AGRADAR

NA

CONVERSAÇAÕ;

Com Maximas Moraes para reger-nos ſiſſa-damente no mundo.

PROLOGO.

A SOCIEDADE, que faz a vida muito agradavel, requer que nos sujeitemos á algumas considerações para podermos gozar das suas delicias, e attractivos. O ponto essencial nesta pequena Obra he individuar, e explicar estes preceitos á mocidade com sufficiente clareza, para que possa tirar daqui as primeiras luzes daquella civilidade, que nos faz amaveis, que infunde a benevolencia no nosso aspecto; e que ennobrece a nossa alma, moderando-lhe as suas paixões. Esta agradavel qualidade he tão necessaria á sociedade, que a mesma formosura sem ella perde todo o seu valor. Ha pessoas, que sendo favorecidas de todos os dotes da natureza, fazem com que á primeira vista lhes rendaõ todos vassalagem; porém a sua rusticidade causa immediatamente desgosto áquelles, a quem a sua belleza já tinha cativado.

Naõ será preciso que eu prove aqui a vantagem que levaõ aquellas pessoas, que sabem produzir as suas idéas com facilidade, sustentando ao mesmo tempo huma conversaçaõ com agrado; porque todos sabem que a conversaçaõ constitue hum dos mais bellos prazeres da sociedade. Este he pois o motivo, por que se daõ os meios de a fazer agradavel. Estes preceitos foraõ escolhidos dos melhores Authores; os quaes produzaõ hum feliz effeito, e infundaõ no espirito da mocidade, que os lêr, a condescendencia, a civilidade, e a discriçaõ.

AR-

ARTE DE AGRADAR
NA
CONVERSAÇAÕ.

CAPITULO I.

De que deve formar a conversaçaõ.

COMO a conversaçaõ contribua muito para o agrado, e prazer da sociedade, naõ devo deixar de explicar com individuaçaõ todas as circunstancias, que a podem fazer agradavel, ou fastidiosa. Naõ ha prazer mais delicioso, do que aquelle, que gozamos na companhia de pessoas amaveis, que sabem unir o agrado do espirito á pureza dos costumes.

Os NEGOCIOS, os interesses, e as obrigações da sociedade, obrigaõ os homens a communicarse frequentemente huns com os outros. A maior parte das pessoas de qualidade, e as que possuem riquezas, passaõ a vida em visitas; por isso he muito importante a sua instruoçaõ em tudo aquillo, que necessariamente devem saber, para portar-se em todas as occasiões com decencia, e agrado

do. Julga-se muitas vezes do merecimento de hum homem pelo modo, com que elle se porta em huma conversação. Ninguem se cança ordinariamente a descobrir-lhe as suas boas, ou más qualidades: pois se julgaõ unicamente pela figura, que elle faz na sociedade.

Naõ he minha tençaõ fallar daquellas conversações particulares, em que duas pessoas sós, inspiradas pelo amor, ou amizade, dizem tudo quanto o coraçaõ lhes dicta, sem haver entre ellas escolha de materia para tratar, nem indiscriçaõ alguma que temer; porque ambas estaõ seguras, naõ só de se naõ desgostarem, mas tambem de se deleitarem reciprocamente.

Porém naõ succede o mesmo naquellas conversações, em que entraõ muitas pessoas indifferentes, as quaes só se ajuntaõ para gozar do divertimento, e prazer da sociedade: porque estas devem fazer escolha da materia, que haõ de tratar, e juntamente de tudo o que pertencer á consideraçaõ, e respeito que se deve a cada pessoa, conforme o seu caracter; e só poderá agradar na conversaçaõ aquelle, que cumprir com estas obrigações. Nem tudo deve ser indifferentemente o objecto da conversaçaõ. Como he mais facil evitar o erro, do que adquirir a perfeiçaõ, principiemos a examinar aquellas cousas, que naõ devemos dizer nas assembleas.

Devemos fugir sempre, de que a nossa propria pessoa seja objecto da conversaçaõ; e a decencia pede que nunca fallemos de nós mesmos. Que poderiamos dizer a nosso respeito, que naõ nos of-

offendeſſe a modeſtia, ou o amor proprio? Igualmente motivaria a criticalo aquelle homem, que por vaidade quizeſſe moſtrar as ſuas bellas qualidades, e outro que imprudentemente publicaſſe os ſeus defeitos. Neſta regra devemos incluir tudo quanto nos diz reſpeito. Hum homem caſado deve fallar muito pouco, e com muita modeſtia de ſua mulher: huma mãi prudente deve calar as galantarias, e eſperteza de ſeus filhos. Huma Senhora diſcreta deve entregar ao ſilencio tudo aquillo, que diz reſpeito a ſeus domeſticos. Todas eſtas couſas ſaõ méro objecto da preſumpçaõ, e vaidade, e eſtaõ muito fóra de o ſer da converſaçaõ de huma aſſemblea. Importará por ventura a eſta aſſemblea, que tenhamos huma mulher leal, os filhos doceis, e os criados fieis?

Fujamos tambem de contar, como fazem muitas peſſoas, ſucceſſos tragicos, amontoando huns ſobre outros, e com voz taõ dolorosa, como ſe quizeraõ mover-nos a laſtimar as desgraças ſuccedidas ha muitos ſeculos. Se com effeito houvermos de narrar algum ſucceſſo triſte, nunca o façamos com ſemblante alegre: porque niſto inſultariamos as peſſoas deſgraçadas. Nem imaginemos ſer ſempre neceſſario conformar o noſſo ſemblante, e palavras á materia, de que tratarmos. Muitas vezes dizemos com feliz exito, e applauſo algumas galantarias, conſervando a ſeriedade, e indifferença em noſſo ſemblante: e circunſtancias ha, em que ſe tratáõ com excellencia as couſas raſteiras, e em que ſe deſcrevem as ſublimes ſimplesmente: porque acreditando ſe eſtas por ſi meſmas,

mas, pódem agradar ſem ornato algum, e aquellas pelo contrario, neceſſitaõ de auxilio para ſe exaltarem, e engrandecerem.

O MAIS importante conſelho, que ſe póde dar para eſcolher o aſſumpto de huma converſaçaõ agradavel, he ponderar ſempre as peſſoas, com quem fallarmos; porque ſem eſta precauçaõ eſtaremos ſempre em perigo de offender as peſſoas, a quem quizermos agradar. Por iſſo, diante da mocidade, que ſó falla em Operas, Comedias, naõ nos devemos metter em diſcurſos Filoſoficos: nem apreſentar-nos em hum baile na preſença de Senhoras, que ahi concorrem para divertir-ſe, com ſemblante ſerio, e melancolico. Conſultemos a razaõ; porque ſe a houvermos de tomar por guia, poucas materias, a meu ver, haverá, que naõ poſſaõ ſer objecto de huma converſaçaõ. As ſciencias, a guerra, a politica, a moral, a hiſtoria ſaõ baſtantes aſſumptos para formar huma converſaçaõ, naõ ſó divertida, mas tambem inſtructiva com tanto que nos expliquemos de hum modo, claro, e natural, ſem metter-nos em diſcutir, e aprofundar todas as couſas; pois importunos nos fariamos, quando quizeſſemos eſpecular com miudeza todas as circunſtancias de alguma materia importante, perſiſtindo ſempre no meſmo aſſumpto. Todos carecemos da variedade: porque nella conſiſte o agrado. As ſciencias, e os negocios importantes naõ devem ter tamanha parte nos noſſos diſcurſos, como o decóro, e o divertimento.

Nos conſelhos de guerra, ou de eſtado, tratáõ-ſe os negocios relevantes com muita gravidade:

de: o Advogado, ſendo conſultado ſobre algum proceſſo, attrahe todas as attenções pelas leis, e coſtumes que cita; o Medico porém em qualquer conferencia ſobre alguma enfermidade, eſpanta, e atemoriſa com as ſuas palavras Gregas. Nas converſações porém, naõ devemos tocar as materias ſenaõ de paſſagem, com elegancia, e ſem oſtentaçaõ de ſciencia.

Tem Belinda aſſemblea em ſua caſa, concorrem a ella peſſoas de toda a parte: já he baſtantemente numeroſa a companhia, e ainda os comprimentos, e ceremonias naõ eſtaõ acabados, quando chega aviſo de ter chegado Eraſto. Toda a aſſemblea ſabe que a ſua converſaçaõ he muito agradavel, e para o ouvirem, convida-o Belinda a que lhe explique a cauſa de hum fenomeno, que ha dias ſe tinha viſto; o que elle faz com clareza, e brevidade. Movem-ſe a eſte reſpeito algumas queſtões, a que elle reſponde com agrado, e acerto. Obſervando porém que a ſua converſaçaõ dá goſto, e diverte os circunſtantes, entra inſenſivelmente a explicar os differentes ſyſtemas, que ha néſta materia: e como ſabe que falla diante de Senhoras, nenhum termo da Arte lhe eſcapa da bocca, e explica com tal clareza as couſas mais eſcuras, que as faz muito intelligiveis; ornando-as juntamente de comparações taõ naturaes, e agradaveis, acompanhadas de penſamentos taõ graciоſos, e deleitaveis, que toda a companhia ſe intereſſa tanto neſte diſcurſo Filoſofico, como na relaçaõ da mais engraçada, e divertida hiſtoria. Vendo entaõ que o eſcutaõ com tanto goſto, e at-

attenção, explica tambem o syſtema dos modernos, e o faz com taõ ſublime, e perſuaſiva eloquencia, que a alma voa, por aſſim dizer, a eſtas verdades: repreſenta os movimentos, e as diſtancias dos corpos immenſos com imagens taõ ſenſiveis, que ás peſſoas, que o ouvem, já lhes parece que ſe elevaõ com elle á immenſidade dos Ceos. Porém como naõ tenho a louca vaidade de fazer alarde da ſua erudiçaõ, e o motivo, que o obrigou a diſcutir todas eſtas couſas pelo menor, era ſó ſatisfazer á curioſidade da aſſemblea, finaliſa o ſeu diſcurſo no meſmo inſtante que a conhece ſatisfeita. E declinando depois deſtas grandes virtudes, e taõ ſublimes penſamentos, a converſaçaõ em bagatelas; niſſo meſmo falla Erafto com muita graça, e ao meſmo tempo lhe eſcapaõ da bocca mil conceitos, que o fazem muito agradavel.

Todos os preceitos, que ſe pódem dar nesta materia, ſeráõ inuteis, ſe os naõ adaptarmos ao uſo do mundo. Os conſelhos, e a leitura naõ baſtaõ ſómente para adquirirmos eſte talento. As maximas dos homens mais doutos tambem o naõ daõ, nem pódem fazer hum homem civil, e affavel. Qualquer, por mais entendido que ſeja em deſenhos, proporções, figuras, e coloridos, naõ póde ſer pintor, ſem ſervir-ſe do pincel. Da meſma ſórte, ninguem poderá agradar na converſaçaõ, ſe o ſeu diſcurſo naõ for acompanhado de hum deſembaraço, e clareza, e juntamente de hum modo ſimples, e ſincero, que infunda aquelle agrado, o qual ſó ſe adquire praticando com as peſſoas, que o tem.

Mas

Mas que ha de fazer hum mancebo falto de luzes, que entra na ſociedade do mundo, da qual naõ tendo mais que hum limitado conhecimento, por falta de experiencia ſe expõe a cahir naquelles defeitos, que ridiculiſaõ as peſſoas que por deſgraça cahem nelles, que ha de fazer, torno a dizer, eſte mancebo para os evitar? Deve conſervar ſempre hum porte modeſto, e agradavel, e ter juntamente muita circunſpecçaõ. Deve ver, e ouvir tudo, fallar pouco, e naõ ſe aventurar a dizer o ſeu parecer ácerca daquellas couſas, em que naõ for intelligente. Com eſta circunſpecçaõ adquirirá hum naõ ſei que, que agrada a todos, e ſó ſe aprende com o uſo; e virá a ſer hum homem amavel, ſe a iſſo ajuntar a pratica das maximas, que vou expôr nos Capitulos ſeguintes.

CAPITULO II.

De civilidade, que devemos uſar na converſaçaõ; e das ceremonias, que ſe haõ de evitar.

He a civilidade o vinculo mais ſagrado da ſociedade, a qual conſiſte na uniaõ da prudencia, e diſcriçaõ, para ſe dar a cada hum o que lhe he devido. Eſta virtude naõ conſiſte ſó em huma ſimples apparencia no exterior, pois deve ter o ſeu principio em noſſa alma; o que ſuccede a hum ſujeito de bom diſcernimento, que ſabe refrearſe, que domina os ſeus penſamentos, e palavras, que goſta de fazer a todos juſtiça, e de ſacrifi-

car

ter antes os seus interesses, do que prejudicar os de outrem: que nem he ceremoniatico, nem impertinente, nem lhe importa averiguar o sentido de qualquer palavra equivoca; e que sabe em fim compadecer-se dás fraquezas de huns, e soportar os defeitos de outros. Ainda que eu naõ constituo a civilidade no exterior das pessoas, com tudo elle mesmo a annuncia: razaõ por que o naõ devemos desprezar. Devemos obrar de sorte, que as primeiras impressões, que fizermos, nos sejaõ vantajosas, para que por este meio possamos dispôr as pessoas, com quem tratarmos, a gostar mais dos sentimentos da nossa alma, e dos agrados do nosso genio. O que póde contribuir mais para estas favoraveis disposições, he o modo agradavel, e meigo, que qualquer mostra em tudo quanto diz, e faz.

Se eu tiveste a felicidade de ter bastante talento para fazer hum homem culto, e civil, quereria que tiveste impresso no parecer, e costumes certo caracter de modestia, e decencia, que fallasse com mansidaõ, e suavidade; que aformoseasse os seus discursos com aquelle agrado meigo, que toca mais os corações, do que os ouvidos; e que todas as suas palavras fossem outras tantas expressões de estimaçaõ, para com seus amigos, de consideraçaõ, e respeito para com seus superiores, e de benevolencia para com seus inferiores. Desta maneira naõ daria desgosto algum, e naõ seria facil deixar de agradar ás pessoas, que frequentasse.

Quizera tambem que observasse pontualmente

te as regras da civilidade; a qual naõ só pede que tratemos com reſpeito as peſſoas de diſtincto caracter, mas tambem nos prohibe fallar com ellas do meſmo modo, que aos noſſos iguaes. A eſte reſpeito ha de mais diſſo grande numero de pequenas circunſtancias, que naõ ſe pódem determinar. Muitas vezes a occaſiáõ, ou lugar em que nos achamos, motivaõ mil pequenas attenções, que ſó o uſo do mundo nos dá a conhecer: porém todos eſtes pequenos preceitos devemos obſervar com tal ſubtileza, que naõ ſe deixem perceber de peſſoa alguma; pois de tal maneira deve proceder o homem de bem, que todas as ſuas acções pareçaõ naturaes, ſem arte, nem affectaçaõ.

Pede a politica que reſpeitemos o uſo do Paiz, em que vivemos. Quem fizeſſe eſcrupulo de dizer a outro, ſou voſſo muito humilde ſervo, ſó porque no ſeu interior naõ tem ſentimentos conformes a eſta ptoteſtaçaõ vaga, ſeria tido por louco, e intratavel. Nunca eſtas palavras ſe tomáõ em ſentido rigoroſo: porque ordinariamente ſe pronunciáõ ſem penſar na ſua ſignificaçaõ; e por iſſo vemos quotidianamente peſſoas que ſe abraçáõ, e fazem mil proteſtações ſemelhantes, e com tudo confeſſaõ dahi a pouco que mal ſe conhecem. Devemos porém ſeguir antes eſte uſo, do que mudallo; porque naõ he tanto noſſo o vicio, como do ſeculo: e o mais que podem fazer a eſte reſpeito as peſſoas ſabias, e prudentes, he portar-ſe com muita circunſpecçaõ, e ſiſo. Quando todos geralmente cahem em algum er-

erro, ninguem merece reprehensaõ; e por mais extravagante que seja huma moda, muito mais se faria aquelle, que recusasse sujeitar-se a ella. Poderia por ventura este homem só oppôr-se ao consentimento geral da sua naçaõ? He logo certo que devemos observar necessariamente todas aquellas ceremonias, de que naõ podemos decentemente dispensar-nos: porque além de nos naõ podermos fazer agradaveis, faltando a ellas, nos exporemos a offender aos que imaginassem que naõ cumprimos com todos os obsequios, que lhes saõ devidos. Por esta razaõ a authoridade do uso deve prevalecer nesta materia, e importa sujeitar-nos a ella como a huma lei.

A CIVILIDADE nos ordena tambem, que nas visitas, que fizermos, attendamos á idade, e condiçaõ das pessoas, e ao estado em que ellas se achaõ. Se as acharmos doentes, ou occupadas, devemos então mostrar os nossos sentimentos, mais por via de prudencia em retirar-nos, do que de cumprimentos importunos; de outra sórte nos exporiamos a incommodallas.

DEVEMOS dar attençaõ a qualquer pessoa, que na conversaçaõ nos dirigir o seu discurso; de nenhuma sórte a interromperemos, mas antes lhe responderemos a proposito, e por mais dilatado que seja o seu discurso, nunca nos mostraremos impacientes, ou desgostosos.

HE incivilidade, que ordinariamente se commette nas conversações, o dirigir sempre o discurso a huma mesma pessoa, mostrando para com ella-

ella muita attenção, e desvello, e para com as outras indifferença, e desprezo.

Se a qualquer pessoa escapar na conversação algum termo frivolo, ou pueril, que denote ignorancia, ou má educação, nunca a insultaremos, como fazem alguns com huma gargalhada; mas antes devemos compadecer-nos da sua fraqueza, ou ignorancia; nem tambem sejamos taõ crueis, que queiramos ridiculizar mais esta pessoa com motejos malignos, e insultantes. Qual será a razaõ, por que bavemos de alegrar-nos com a sua loucura?

Nunca faremos pondonor de defender os nossos sentimentos, por mais justos que nos pareçaõ, com tal rigor, e severidade, que pareça em nós obstinação. Hum pouco de respeito, e urbanidade he quanto bastará para adquirir-nos a estimação, e benevolencia de todos.

Por grosseiros, e incivis passariamos, se nos mostrassemos indifferentes com as Senhoras na sua presença; porque dessa sórte lhes dariamos a entender, que nem saõ bellas, nem amaveis; e seria tambem isto hum meio de privallas daquellas agradaveis idéas, que tanto lisongeaõ o seu amor proprio.

Façamos sempre por conformar-nos com o gosto, e genio de todos, a fim de vêr o fundo, e conhecer até onde chegaõ os seus talentos, e dar-lhe por este meio occasiões de manifestallos. Naõ devemos ter tanto cuidado em brilhar na conversação, como em fazer com que brilhem os demais, subministrando-lhes occasiões para

ra

ta isso, e elogiando prudentemente aquelles predicados mais amaveis, e exquisitos, que elles tiverem. Por este meio de todos nos faremos desejados, e será infinitamente agradavel a nossa conversação. Todos estes modos civis realção o nosso merecimento, e lhe adquirem a maior estimação; e por maiores que sejão os nossos talentos, se faltarmos á civilidade, perderemos aquella estimação, e agrado, que as bellas qualidades costumão adquirir-nos.

O DESEJO, que alguns mostrão de fazer ostentação do que sabem, e desdourar os outros com hum pomposo apparato de erudição, he signal de louca vaidade. Aquelle, que he culto, e civil, costuma sempre conformar as suas palavras com o caracter das pessoas, com quem falla, abatendo-se a si, e familiarisando-se, quando a razão o pede. Não pretende parecer mais sabio que ellas: e por isso dando de mão aos ornatos de huma sciencia vã, e superficial, amolda-se pelo genio dos mais, fazendo com que elles pareção mais discretos, do que na realidade são. Esta invenção os lisongea, e inclina a hum homem, cuja conversação lhes he grata; vindo a conseguir maior estimação com esta politica, do que com a sua erudição. Raras vezes será applaudido, quem pretender brilhar sempre na conversação, e fazer-se admirar de todos. Em todos nós he natural huma occulta diſplicencia daquellas pessoas, que nos excedem. Com effeito, para adquirir o agrado dos homens, devemos ajudallos, fazendo sobresahir os seus talentos: porque contentes se au-

ſentaõ da noſſa companhia, quando de ſi meſmos eſtaõ ſatisfeitos; e facilmente ſe perſuadem do noſſo, ſe nos conſideraõ perſuadidos do ſeu merecimento.

Difficultosa couſa he deſcobrir a rázaõ, porque as peſſoas mais ſabias ſaõ ordinariamente menos cultas. Nota-ſe nos ſeus coſtumes, e acções certa ruſticidade, e groſſeria: de ſórte, que nem ſaõ doceis, nem agradaveis, nem comprazenteiras. Parece todavia, que a ſciencia devêra contribuir muito para adoçar, e civilizar-lhes o eſpirito; porém a experiencia moſtra com evidencia produzir ella hum effeito inteiramente contrario nos ſabios de profiſsaõ; ou porque elles desdenhem de familiariſar-ſe com o reſto do genero humano, naõ querendo ſervir-ſe da ſua ſciencia em converſações ordinarias; ou porque naõ queiraõ ſujeitar-ſe áquellas miudézas, que os deveres da vida civil nos ordenaõ; ou porque na realidade as ignorem, e nos ſeus modos ſe deviſe huma tal ſeveridade, que os motiva a receaſſe das ſociedades mais cultas.

Tal aſpereza tem de ordinario o genio da mocidade, tal groſſeria, que ſaõ bem contrarias á civilidade. Cuſta-lhes muito a ſujeiçaõ, e o reſpeito: e qual ſerá o meio de que deve ſervir-ſe para domar o ſeu eſpirito? Frequentar por algum tempo as peſſoas de merecimento, e reſpeito: porque a condeſcendencia, que com ellas tiver, e o deſejo de merecer a ſua eſtima, e agrado, inſenſivelmente a levantará áquelle gráo de politica, e civilidade, que taõ neceſsario ſe faz

na

na sociedade. Façamos logo por adquirir essa agradavel qualidade, pois he o vinculo mais amavel da sociedade, que desterra as nossas paixões violentas, evita as disputas, a aversaõ, e o odio: apaga tambem a colera, e adoça muitas vezes o humor bilioso daquelles, que naõ pódem deixar de admiralla, vendo-a praticar os outros.

Para mostrar-nos porém mais cultos, evitaremos aquellas ceremonias importunas, e enfadonhas, que huma boa companhia detesta, e abomina. Devemos evitar aquelles excessos inuteis de palavras, e de humilhações, que ninguem tóma por sinceros. Evitemos tambem aquellas elogios extremados, de que os homens prudentes se envergonhaõ, e naõ nos embaracemos com grandes comprimentos: porque nunca pódem agradar os que saõ muito extensos, e ornados de termos muito exquisitos.

CAPITULO III.

Da pureza da lingua, e do modo de fazer huma narraçaõ.

Para agradar na conversaçaõ, naõ ha cousa mais essencial, e ao mesmo tempo mais desprezada, como a pureza da lingua. O conhecimento da nossa lingua, e a clareza da pronunciaçaõ, tal agrado infunde nas nossas palavras, que lisonjea os ouvidos. He desgraça que se mandem ensinar aos meninos com grande despeza as linguas mortas, e se despreze aquella, de que elles se devem ser-

vir toda a vida. Daqui vem, que bem poucas pessoas sabem explicar-se com graça, energia, e pureza: defeito de quasi todas as Nações da Europa. Se naõ tivermos hum certo conhecimento da nossa lingua, difficultosamente adquiriremos aquelle estylo polido, que nos lisonjea, e encanta. Naõ posso descobrir meio mais conveniente para remediar a ignorancia, que a maior parte dos homens tem dos primeiros elementos de sua lingua, do que o tomar muito sentido no ponto da conversaçaõ, e escolher os pensamentos, e expressões, que forem mais convenientes. Devemos evitar os discursos jocosos, quando se fallar de cousas sérias; e fugir de ostentar sisudeza, e gravidade nas assembleas, em que reina a alegria. Quem tudo quizesse provar com argumentos inconstestaveis de nenhuma sórte divertiria às senhoras de poucos annos, a quem só a palavra argumento poderia atemorisar: e muito menos agradariaõ os que intempestivamente quizessem mostrar o seu talento, e erudiçaõ dizendo cousas alegres, e jocosas diante de pessoas afflictas.

Devemos escolher os termos mais proprios da nossa lingua, para explicar-nos com clareza. Naõ seria menos defeituoso usar de palavras antiquadas, do que seguir huma moda antiga, e abandonada inteiramente de todos. Se a prudencia nos ensina a rejeitar palavras, que naõ estaõ em uso, tambem nos prohibe usar daquellas, a que os nossos ouvidos ainda naõ estaõ acostumados. Confesso que he preciso, quando huma lingua por huma parte perde algumas palavras, que naõ só as re-

recopere por outra, mas tambem se enriqueça de outras novas: mas a authoridade de introduzir novas palavras em huma lingua, só se concede ás pessoas mais doutas, e a huma Academia. Naõ basta todavia escolher só aquelles termos, que o bom uso approva: mas devemos preferir aquelles, que forem mais proprios para dar idéa das cousas, que quizermos exprimir. Devemos tambem procurar com muita attenção aquellas palavras, que mais agradaõ ao ouvido, que tenhaõ suavidade, ou magnificencia conforme a materia o pedir. O nosso modo de fallar deve accommodar-se á intelligencia de todos, evitando os termos affectados; porque estes fazem o discurso mais escuro, e menos intelligivel: usaremos sómente das palavras recebidas, e approvadas, conformando-nos inteiramente com o uso, sem exceder.

He muito conveniente, que saibamos tambem os termos pertencentes ás artes, para servirmos destes nas conversações, em que vierem á proposito. Naõ he preciso que nos sirvamos de todos estes termos: mas só daquelles que o uso tiver feito mais familiares áquellas pessoas, que tiverem alguma noticia, ou litteratura.

Os TERMOS figurados, além de ter certa graça, servem de ornato ao discurso: representaõ-nos na imaginação os objectos, a que estaõ ligados, com mais clareza do que os termos, que lhe saõ proprios, e naturaes: de sorte que até daõ alma ás mesmas cousas inanimadas. Se alguem differ, fallando de algum lugar desagradavel, oh! que assim he triste este lugar? pintallo-ha tom muita pro-

propriedade. Quando fallarmos de alguma couſa, que a modeſtia naõ nos permitte nomear claramente, devemos uſar de circumloquios, ou maſcarar de tal ſorte os termos, com que quizermos explicar-nos, que os ouvidos melindroſos naõ ſe poſſaõ offender. Em taes occaſiões he muito conveniente, que tenhamos cuidado no tom da voz, e em certos ſorriſos, que pódem explicar muito, e offender aquella urbanidade, de que hum homem de bem nunca deve afaſtar-ſe. Evitaremos com muito cuidado as galantarias triviaes, e que eſtimulaõ, è principalmente todo o genero de equivocos; pórque todas eſtas couſas denotaõ pouco diſcernimento, e decóro.

Naõ imitemos áquellas peſſoas, que naõ querem fazer eſforço algum para agradar, nem ſervir-ſe dos termos proprios para ſignificar o que querem dizer: devendo entender, que a máo eſtylo de fallar, he cruel ſupplicio para as peſſoas de bom goſto. Os melhores conceitos perdem ametade do ſeu valor, quando naõ ſe explicaõ em bons termos. Naõ he minha tenção dizer niſto, que nos ſeja preciſo eſcolher todas as palavras, nem tambem ter eſcrupuloſo cuidado de as collocar em taõ boa ordem, como ſe houveramos de compôr alguma obra fechados no gabinete: porém devemos unir, quanto fôr poſſivel, a elegancia, e pureza das palavras, a hum eſtylo claro, e natural. Com huma pouca de applicaçaõ, coſtumar-nos-hemos a eſte eſtylo, adquiriremos em fim aquelle agrado, que tem as peſſoas, que ſe explicaõ com ſinceridade civil, e evitaremos tambem aquelles diſcurſos

sos grosseiros, e incultos, que enfadaõ, e desgostaõ; ainda que fundados sejaõ sobre bons assumptos. Dizia *Vaugelas*: que à má razaõ fazia muitas vezes menos damno, do que a má palavra: porque para se conhecer a falsidade de hum discurso, algumas reflexões saõ precisas: mas huma ruim palavra he logo notada por todos.

Nas contendas, e debates, he que principalmente nos devemos servir dos termos polidos, para compensar de algum modo o amor proprio daquelles, a quem offendemos, quando lhes contrariamos os seus sentimentos.

Mais difficultoso he, do que se pensa, contar bem hum feito, huma historia, e huma novidade. Exageremos, quasi sempre as cousas, que contamos, para dar-lhes mais pezo, e fazellas mais verosimeis; porém este costume mais procede destas exagerações ferem pela maior parte o signal da pequenheza de quem conta; ou de huma louca ousania, que sempre procura fazer-se admirar em tudo quanto diz, e faz. Quando contarmos alguma cousa, naõ escutaremos as palavras: porque he defeito, que dá indicios de satisfaçaõ propria. Pouco importa, que nos demos por bem pagos de nós mesmos, pois que esta mal fundada opiniaõ fica de ordinario bem castigada com hum desprezo geral.

Naõ obra com prudencia aquelle, que para agradar na conversaçaõ, se serve de equivocos indecentes nos seus discursos; pois por mais disfarçados, que elles sejaõ, sempre fazem máo effeito no animo de quem os ouve, e denotaõ a malicia

cia do coraçaõ, de quem os diz. Isto mesmo he faltar tambem ao respeito ás Senhoras: pois ainda as menos prudentes se offendem disso, e querem ser sempre respeitadas em publico; porque huma palavra livre, ainda que lhes naõ seja inteiramente dirigida, sempre as enoja, e no exterior se mostraõ envergonhadas.

Quando no nosso discurso houver alguma circunstancia, que nos pareça graciosa, nunca sejamos os primeiros em rir, para advertirmos a quem nos ouve, que alli está toda a galantaria do discurso: mas antes pelo contrario, devemos então ficar mais sisudos: porque huma galanteria dita em tom grave, faz muito melhor effeito: e além disto, quando prevenimos os outros com o nosso riso, quebrantamos-lhes o desejo de o fazerem tambem.

Nunca nos jactemos de brilhar nas conversações, por meio de discursos admiraveis: mas contaremos o que soubermos de hum modo simples, e natural, sem procurar frivolos applausos nos olhos das pessoas, que nos escutaõ. Cuida o ignorante que engana os outros, fallando-lhes de hum modo estrondoso; persuade-se que adquire a maior reputaçaõ pelas menores bagatelas, que diz de hum modo alegre, e satisfeito, e que mostra claramente ser tudo quanto narra, sublime, e maravilhoso: porém a desgraça he, que os sentimentos da assemblea saõ inteiramente contrarios aos seus.

Nunca fallemos com muita precipitaçaõ, para que o tom da voz naõ se altere, e por consequencia desagrade. Fujamos de levantar a voz: o que

muj-

muitas vezes naſce de querer á força de gritar, fazer os outros ao noſſo ſentimento. Eſte defeito he muito mais inſoportavel, quando he acompanhado de huma altiveza orgulhoſa, que denota deſprezo das peſſoas, a quem fallamos.

Devemos abſter-nos da monotonia: porque enfada, e cauſa aborecimento. Procuremos ſempre dar ás noſſas palavras huma doce harmonia, que inſenſivelmente varie de tom, para que ſejaõ gratas ao ouvido. Pronunciaremos correctamente todas as ſyllabas, e por conſequencia fugiremos de ciciar; porque nos embaraça huma parte da pronunciação. Eſte defeito póde-ſe tolerar em huma ſenhora formoſa; mas he inſoportavel em hum homem. De balde ſe esforçaõ os caſquilhos por introduzir eſta moda: porque as peſſoas prudentes a evitaráõ, como objecto de riſo.

Se houvermos de fazer alguma narração diante de huma aſſemblea, que nos eſcuta com attenção, falla-hemos de ſórte, que ſeja natural, ſimples, e breve; tendo cuidado de naõ omittir alguma das circunſtancias mais intereſſantes: e ſe ao meſmo tempo ſe nos offerecer a deſcripção de alguma couſa, augmentaremos a attenção da aſſemblea, pintando-lhe taõ bem os objectos, de que fallarmos, que lhe pareça vellos na realidade. Nunca uſaremos de expreſſões exceſſivas, nem exageraremos couſa alguma. Se eu trouveſſe, por exemplo, de fallar de hum rio, e diſſeſſe que com ſua tortuoſa corrente atraveſſa hum prado, naõ quereria dizer niſto, que ahi faz muitos rodeios para aformoſear eſte bello lugar, e que pareçe deixallo com repug-

pugnancia. Esta linguagem he propria da poesia, e naõ de huma conversaçaõ, onde tudo deve ser natural, facil, e sem affectaçaõ.

CAPITULO IV.

Da Conversaçaõ com as Senhoras, e como devemos condescender com ellas.

TODOS concordaõ, em que nenhuma cousa aproveita tanto a hum mancebo estimavel, como a sociedade de alguma Senhora benemerita, e que nenhum póde desviar melhor a mocidade de cahir em huma desordem, do que a communicaçaõ daquellas pessoas, cujos sentimentos se inclinaõ ordinariamente para a virtude. Examinemos porém o modo como devemos haver-nos com as Senhoras, e seja-me permittido entrar na exposiçaõ de algumas circunstancias, que a pezar de serem frivolas para hum Filosofo, naõ deixaõ todavia de ser interessantes para hum mancebo, destinado para a sociedade das senhoras, e que quer gozar de todo o prazer, que ellas sabem infundir lhe.

SEJA a primeira maxima que aponto; que devemos sempre fazer muito por haver-nos com agrado a respeito do que nos grangea as primeiras attenções das pessoas em cujas casas entrarmos. Toda a mocidade aprende ordinariamente a saudar: porém a maior parte dos mestres saõ muito affectados, e naõ se abaixaõ, nem levantaõ sem regra: tudo nelles he compassado, e em tudo mostraõ os preceitos da arte. Os homens de qualidade

usaõ

não o contrario ; porque saudão com mais naturalidade , e de hum modo mais facil , dando ao semblante , e ás acções toda a graça , e liberdade , que ellas podem.

Na conversação das Senhoras , não devemos fazer ostentação de tudo quanto houvermos aprendido nos Collegios com grande custo por espaço de dez annos ; porque ellas não nos entenderão , e por-consequencia lhes seremos enfadonhos. Mas fallar-lhes-mos de modas , e bagatellas , e então o agrado da sua linguagem nos admirará : ouvil-as-hemos explicar as cousas mais minimas de hum tal modo , que lhes dá bastante graça. Ainda que não inventão novas palavras , com tudo os termos , de que se servem , parecem totalmente nóvos , e muito proprios para explicar , o que ellas nos querem dizer. E posto que as Senhoras não tenhão passado a mocidade nos Collegios , nem por isso deixão de ter melhor gosto , e mais constante , que a maior parte dos homens , e hum discernimento muito mais regular para as cousas delicadas , e exquisitas. Tudo o que he claro , natural , e intelligivel , para ellas he sensivel ; porém o que he escuro , languido , violento , e embaraçado , logo as desgosta. Entendem muito bem da melindrosa sciencia dos bellos sentimentos , em que excedem a todos os homens , e na sua conversação he que a mocidade sente desembaraçar-se todas as faculdades da sua alma , e que melhor as póde dirigir á civilidade. Se quizermos adquirir as virtudes sociaes , podemos conseguillo na sociedade das Senhoras. Sem enfraquecer-nos o espi-

ri

rito o modificaráõ, infundindo-nos juntamente os coſtumes certa amenidáde, que naõ ſe adquire ſó na ſociedade dos homens, e dando á noſſa ſciencia certo luſtre, que nunca poderemos conſeguir pela liçaõ dos livros. Para provar eſta verdade, façamos huma comparaçaõ de dous homens ſabios, hum dos quaes naõ tenha viſto outra couſa mais, que os ſeus livros, ao meſmo tempo que o outro tem unido ao eſtudo a converſaçaõ das Senhoras benemeritas. Eſte homem, que ſó em perſpectiva tem viſto Senhoras diſcretas, e diſtante dellas quando for obrigado a praticallas, parecerá hum tanto ſerdo, ſe for de mediocre talento: vêr-ſe-ha embaraçado, e em ſituaçaõ taõ triſte, que mal poderá abrir a bocca: e ainda que a ſua agilidade ſeja grande, nunca parecerá mais de mediana, pelo trabalho que ha de ter em deſembaraçar-ſe por falta de uſo: de ſórte que, ſendo alias inſtruido, paſſará por diante, e taõ conſtrangido ſe verá quando fallar, que parecerá eſtrangeiro no ſeu proprio paiz. Finalmente couſa nenhuma haverá mais inſipida, nem mais affectada, quando queira aventurar-ſe a fazer alguns comprimentos. O ſabio porém, que ajuntar ao eſtudo a ſociedade, e converſaçaõ das Senhoras diſcretas, naõ ſe lhe vê o roſto enrugado, tem hum naõ ſei que de alegre, e agradavel: e ſuas acções, por deſembaraçadas, e ſem conſtrangimento, fazem-lhe a fiſionomia mais viva, e menos melancolica. Quando falla, he de huma maneira taõ natural, com tanta facilidade, e taõ pontualmente, aclarando de tal ſórte as couſas mais eſcuras, e

dif-

difficultosas, que bem poderia dizer-se que a natereza se explica pela sua bocca. O mesmo silencio deste sabio tem seu tanto de discreto: porque de tal modo ouve as cousas, que dá lugar para entender que a quanto se lhe diz está vendo o fundo: e desta sorte mostra capacidade, e penetração, lisonjeando o amor proprio de quem ouve.

A PEZAR do grande respeito, que tenho ás Senhoras, confesso, que ellas a meu vêr, bem que os homens frageis sejaõ, saõ muito mais frageis, e credulas que elles. Como estejaõ de ordinario preoccupadas da boa opiniaõ, que de si fazem, mostraõ-se agradecidas a quem lhes lisonjea o amor proprio, e naõ pódem soffrer que as desenganem. Aquelle, que intentasse abrir-lhes os olhos sobre certos defeitos, expor-se-hia a ser tido como inimigo, tanto mais tremendo, quanto maior fosse o desejo de privallas das suas illusões. Por isso eu daria aos seus defeitos o nome daquellas virtudes, que lhes fossem mais semelhantes. Chamaria a avareza economia: louvaria em huma Senhora magra hum corpo airoso, e faria com que passasse por huma boa, e natural disposição, a mais ampla corpulencia. Humas vezes me declararia a favor das que saõ brancas, e louras, e outras me mostraria enlevado na viveza, e desembaraço das que saõ morenas, conforme a qualidade das companhias, onde se achassem estas differentes bellezas: e pela mesma razaõ fugiria de fallar de algum defeito diante de quem o tivesse semelhante.

AJUN-

AJUNTAREI a tudo isto a condescendencia, como a que constitue o prazer da sociedade; sem ella naõ acharemos amizade entre os homens, conversaçaõ alguma agradavel nas assembleas, nem ainda nas partidas de jogo, no passeio, ou em outros semelhantes divertimentos. E posto que a condescendencia haja de obrigar-nos a preferir hum divertimento a outro, como por exemplo, o jogo ao passeio, deixando ao mesmo tempo a escolha do jogo ao arbitrio de quem quizermos obsequiar, todavia esta condescendencia nunca ha de ser tal, que della se nos siga algum prejuizo; visto que degeneraria em fraude, e lograçaõ, e por consequencia em vez de agradecer-nos, rir-se-hiaõ de nós.

A CONDESCENDENCIA tem tal agrado, que quasi sempre nos he impossivel poder-lhe resistir. Facilmente nos affeiçoamos áquellas pessoas, que saõ agradaveis, de genio meigo, que se conformaõ aos nossos sentimentos, que applaudem quanto dizemos, e naõ se desgostaõ dos nossos caprichos, e impertinencias. Porém quando esta condescendencia he extremada, passa a ser fastidiosa, e a fazer com que nos desprezem. Aquelle, que naõ ousasse contradizer huma Senhora, quando ella diz claramente qualquer desproposito, mais seria de adulador, que de companheiro.

O EXCESSO de sinceridade he algumas vezes taõ perigoso, como a condescendencia muito languida, e affectada; e hum dos defeitos mais ordinarios das conversaçoes he naõ querer ninguem ceder ao seu visinho. Cada hum faz timbre de defen-

fender as suas opiniões, ainda que estas sejaõ acerca de bagatelas, e tal força, e severidade mostra neste ponto, que passa a ser obstinação. Que ganharíamos nós, quando nos concedem esse ponto quimerico, que he o objecto da nossa disputa? Sahir esta pessoa irritada, e indignada contra nós, quando com huma pouca de condescendencia podiamos ganhar a estimação, e amizade de todos.

A CONDESCENDENCIA, assim como todas as mais virtudes, tem seus limites. Muito bem conhecem as Senhoras até onde ella deve chegar, e por isso tratão com altiveza aquelles que se humilhaõ diante dellas com demasiada condescendencia; e estimaõ os que de nenhuma sórte lhe cedem por motivo de grande baixeza, e que naõ adoraõ os seus caprichos. Nenhuma cousa nos fará mais agradaveis, nem desejados com tanta vehemencia, como huma condescendencia civil, e pratica com todos os requisitos necessarios: isto he, naõ havendo affectação nas nossas acções, nem cousa, que denote lisonja alguma grosseira.

NAÕ nos acostumemos a dizer frivolas lisonjas a todas as Senhoras em geral, sem distinção da sua qualidade, ou merecimento: porque he isto fazer hum papel mais de papagaio, do que de sujeito amavel; além de que estas lisonjas saõ insipidas para huma Senhora discreta: pois a linguagem do sentimento só tem por fim explicar os pensamentos da nossa alma. Procuremos todas as occasiões de obsequiar ás Senhoras conforme as circunstancias o pedirem, usando principalmente com ellas de huma benigna condescendencia; e façamos mui-

to por dar a todas as noſſas expreſſões, a ſeu reſpeito, aquelle meigo attractivo, que tem ſempre o ſegredo de agradar.

CAPITULO V.

Do modo como a decencia nos manda proceder, quando fallarmos, e comermos em companhia.

A SCIENCIA das attenções para com as peſſoas he, por aſſim dizer, a alma da ſociedade: por quanto he eſta ſciencia a que nos motiva a dar a cada hum o que lhe pertence, regrando juntamente de tal ſórte todas as noſſas acções, que nunca poderemos fazer couſa, que deſagrade a ninguem. Baſtará ſómente obſervar os preceitos da civilidade, para nenhum de nós outros ſer criticado, nem dar motivo, a que peſſoa alguma com razaõ poſſa queixar-ſe. Devemos pôr grande attenção em ſaber diſtinguir o que convém do que he dado evitar. Infinitas ſaõ as attenções, e ceremonias, que o uſo do mundo requer. O ſexo, a idade, a profiſſaõ, e o caracter, o tempo, e o lugar determinaõ differentes obrigações: e todas eſtas definições devemos conhecer, e ſujeitar-nos a ellas. A meza tem ſuas attenções particulares, e qualquer peſſoa que quizeſſe diſpenſar-ſe dellas, expor-ſe-hia a paſſar por groſſeiro, dando indicios de ignorar os uſos da boa ſociedade. Devemos pois haver-nos nella com gravidade, e decóro, ſem lançar os olhos avidamente para

as

as viandas, como se as quizeramos tragar. Naõ he dado tomar a liberdade de servir-nos da melhor cousa, que a ella vier, e muito menos estender o braço para chegar aos pratos mais distantes, principalmente se nos virmos necessitados a fazello por diante de pessoas respeitaveis. Se estivermos ao lado de huma, ou mais Senhoras, teremos o cuidado de servillas, ou fazer que as sirvaõ de tudo o que mais as póde lisonjear. Ao senhor da casa pertence fazer as honras do banquete, e por isso a nenhum outro he dado mettersse a fazer os pratos, se para isto naõ for rogado: e entaõ o dève fazer com bom modo, escolhendo sempre o melhor para offerecer aos convidados.

Posto que os homens presentemente naõ cáiaõ tanto no defeito de beber demasiado, como em outro tempo, devemos todavia abominar sempre este insoportavel excesso, a fugir de ser causa de que outrem cáia nelle. Semelhante excesso he muito contrario á civilidade: porque bem pouco agradavel será o homem, a quem o vinho principiar a desordenar a razaõ. Naõ he por ventura acçaõ vergonhosa fazer hum homem alarde de despejar mais garrafas, que o resto da companhia, sem advertir que nesta ridicula porfia o mais civilisado cortezaõ naõ poderá resistir ao mais brutal mariola? Todos sabem que os Lacedemonios tinhaõ muito particular cuidado em inspirar horror, e aversaõ á bebedice: e por isso expunhaõ os seus escravos bebados á vista de seus filhos: e naõ achavaõ cousa mais propria para motivallos a abor-

aborrecer eſta intemperança, do que os tremulos paſſos, a imperfeita pronunciaçaõ das palavras, e outras extravagancias, a que a bebedice nos ſujeita.

Naõ imitemos os que gritaõ continuamente, deſafiaõ os outros a comer, e beber, e fazem muito por mudar em furor aquella alegria, que ordinariamente reina nos banquetes. Semelhantes ſujeitos cuidando merecer, por eſte modo, todos os applauſos, e ficar-lhes tanto mais obrigado o dono da caſa, quanto maior fôr o alvoroto, e confuſaõ, que cauſarem, daõ occaſiaõ á deſordem.

Louvar com exceſſo, e inſipida exageraçaõ as iguarias, que nos vem á meza, he huma baixeza, que denota má educaçaõ. Aquelle, que dá hum banquete, naõ deve tomar a ſi o louvar os guiſados, e delicadeza das viandas, e vinhos com que regala os convidados, porque he iſto indiſcreta vaidade.

Outro exceſſo ha tambem que evitar, quando comemos em caſa alhêa, e he moſtrar averſaõ a couſa alguma, e exagerar os ſumptuoſos banquetes, em que nos temos achado: porque iſto em certo modo he deſpreſar com ſubtileza as couſas, que vem á meza.

Quando eſtivermos á meza, fugiremos cuidadoſamente de todos aquelles diſcurſos, que pódem cauſar tédio aos convidados. O que falla em doenças aſqueroſas, remedios, e medicamentos, fálta á decencia, e commette incivilidade: porque todas eſtas couſas eſpertaõ idéas, que provocaõ a vo-

vomito, e tiraõ o appetite. Tambem devemos evitar os discursos ácerca de certos insectos, cuja vista, e lembrança naõ pódem soffrer as pessoas melindrosas.

Ninguem he obrigado a dar divertimentos, nem banquetes: porque nenhuma lei o determina: porém quando o chegarmos a fazer, seja com bom modo, e agrado, de fórte que nunca se devize em nosso semblante signal algum de tristeza, ou desgosto pela despeza, que houvermos feito. Todos sahimos descontentes de hum divertimento, quando nelle se confunde a mesquinheza com a magnificencia. A economia, que he mal ordenada, e fóra do tempo, desdoura a quem dá o banquete, e perturba a alegria do congresso. Razaõ he que nos mostremos alegres, e gostosos: mas esta alegria nunca deve exceder os seus limites: porque he indecencia dar taes gargalhadas de riso, que atordoem os circunstantes. Naõ imitemos a *Liodoro*, a quem a menor galantaria faz rir taõ desproposítadamente, que naõ está na sua maõ o refrear-se, impossibilitando-se ao mesmo tempo do uso da razaõ; porque o excesso o póe em convulsões.

A desmesurada alegria, e contentamento, he hum defeito que se deve evitar na sociedade civil. Paradoxo parecerá esta maxima: pois o contentamento, e alegria nunca pódem perturbar hum divertimento: mas he todavia bem certo, que os sisudos, e prudentes naõ pódem soffrer aquelles, em quem continuamente reina huma alegria insensata, que os move a dar grandes risadas,

das, ſem ſaber porque. O eſpirito alegre he muito agradavel, mas naõ deve exceder os limites da decencia.

QUANDO dermos algum banquete, naõ ſeremos o primeiro em louvar a delicadeza dos guizados, nem a bondade do vinho com que brindarmos os convidados. Fugiremos tambem de cahir no extremo contrario, pedindo perdaõ aos convidados, com huma modeſtia affectada, do máo tratamento que tiveraõ. Todas eſtas ſubtilezas, além de naõ nos darem honra, deraõ em nós huma louca vaidade. O caracter do eſpirito nobre he conſervar ſempre em taes occaſiões hum modo natural, e agradavel, ſem vangloriar-ſe imprudentemente da magnificencia de hum banquete, e fugir de mendigar frivolos louvores com deſculpas intempeſtivas. O meio mais ſeguro de agradar aos convidados, he alivialos de qualquer incommodo, que os poſſa opprimir, deixando-os naquella decente liberdade, que na meza he permittida, porque niſſo meſmo conſiſte o maior prazer, e agrado.

CAPITULO VI.

Dos que fallaõ muito.

NAÕ ha couſa mais importuna, do que hum homem que falla muito, e que ſem attender a peſſoa alguma, interrompe os que principiaõ a fallar, como ſe eſtes lhe uſurpaſſem o direito que lhe pertence. Muito difficultoſo ſerá poder eſte ho-

homem dizer por muito tempo cousas tão agradaveis, e explicar-se com tal acerto, e pontualidade, que mereça todas as attenções, e dê gosto a quem o ouve.

A CONVERSAÇAÕ he huma especie de trato, em que cada hum deve entrar com o seu tanto: isto he, fallar, e ouvir quando lhe tocar: e por isso o que quer fallar sempre, obra huma injustiça a respeito dos que formaõ huma assemblea. Se hum grande fallador pretende ostentar de discreto, e fazer-se estimar, e admirar, engana-se: porque escandalisa aquelles a quem obriga a guardar silencio, os quaes naõ pódem soffrer a authoridade, que elle toma, nem o gráo de superioridade, que quer usurpar. Raras vezes succede agradar por muito tempo ás pessoas judiciosas hum homem muito fallador. Cuida este que se distingue, e lança a poeira aos olhos dos mais com a torrente inexhaurivel de suas palavras, ao mesmo tempo que desgosta a todos com o seu demasiado fallar.

Lizidoro com o seu talento, e erudiçaõ, acha o segredo de desgostar a todos. Huma pluma nova, que traz no chapeo, lhe dá materia para fallar aturadamente hum dia todo. Em hum instante nos transporta á Africa para vermos os Abestruzes, que nos fornecem de suas plumas: ao passar pela visinhança de Tunes lamenta a ruina da famosa Carthago, e logo expõe a causa da destruiçaõ desta opulenta Cidade, fallando largamente sobre a guerra destas duas soberbas Republicas, que combateraõ pelo Imperio do Univer-

so.

ſo. Faz o elogio dos *Scipiões*, dos *Fabios*, dos *Flaminios*, dos *Varrões*, de hum *Amilcar*, de hum *Annibal*, de hum *Syphax*, e dos *Maciniſſas*; e depois de tudo iſto levanta-ſe até a fundaçaõ deſta deſgraçada Carthago; conta que Dido a fundára, para evitar as crueldades de Pigmaliaõ, e falla depois dos amores deſta Rainha: faz o elogio do Poeta, que os fez immortaes pela bondade do ſeu Poema, e repete muitos cantos delle para dar melhor a conhecer quaõ digna de admiraçaõ he eſta Obra.

Este o modo como hum grande fallador, para ſuſtentar a ſua loquacidade, junta inconſideradamente a hum frivolo diſcurſo as mais ſólidas, e importantes paſſagens da hiſtoria, e com eſta extravagante miſtura dá motivo para ſer criticado, e cauſa aborrecimento, por mil circunſtancias, que vai amontoando, ſem connexaõ alguma com a materia de que ſe trata.

Muito mais inſoportavel, que hum grande fallador, he a mulher, que falla muito. Tem as mulheres menos talentos que os homens, e por iſſo dizem muito menos em mais palavras, porque enchem os ſeus diſcurſos de muitas couſas frivolas.

Entra *Arpálice* em caſa de *Lucinda* com apparencia de moleſtia, queixando-ſe de huma dór de peito, que lhe tolhe a reſpiraçaõ, e aſſim roga a *Lucinda* que a diſpenſe de manifeſtar-lhe o grande goſto, e contentamento, que recebeo pelo adiantamento de ſeu filho. Proteſto-vos, continúa ella, que ſó neſta occaſiaõ tivera eu o maior prazer,

em

em dispensar-me de hum silencio, que em outra qualquer circunstancia gosto de guardar. Muito alhea estou de ser do numero dessas senhoras, que querem fallar sempre: pois quando alguma por desgraça principia hum discurso, he preciso que ninguem mais falle, em quanto alli estiver. Mas em fim que ha de dizer em taõ dilatado tempo? Naõ seria melhor, e mais suave, respirar, e deixar fallar as demais pessoas? Depois de ter mostrado huma roupa, e obtido a approvaçaõ da côr, que importa á assemblea, que ella a compraffe em casa deste, ou daquelle mercador, e que a peça lhe custasse mais, ou menos? Será tambem preciso, que esta falladora mostre os seus toucados, e faça adevinhar o custo delles, e a loja em que os comprou? Que felicidade naõ he a minha, de nunca ter sido tentada a alterar a minha saude por fallar muito, e atordoar toda huma assemblea! Quizera antes deixar os prazeres do seculo, do que ser taõ incommoda, como estas falladoras eternas. Bem sabeis, ainda diz mais *Arpálice*, sem tomar a respiraçaõ, que muitas senhoras, que naõ quero nomear, porque naõ sou maldizente, quebraõ a cabeça desde pela manhã até á noite ás pessoas, que tem a desgraça de achar-se com ellas em alguma assemblea. Onde iraõ ellas buscar tantas bagatelas? Porque entre nós, naõ saõ mais sabias do que huma infinidade de Senhoras, que fallaõ menos. Prohiba-se-lhes o fallar de seus adornos, que logo ficaraõ caladas. Quanto a mim, se o desejo obrigasse a entreter-vos com estas bagatelas, eu vos faria observar este vestido que trago, que he sem

du-

duvida huma das mais bellas fedas, que fe póde achar em Paris. Hora vede-a; que quanto mais a examinardes, tanto mais vos agradará; naõ direi que cuftou mais, ou menos do que na realidade dei por ella: pois femelhantes mentiras naõ fe achaõ em mim: naõ confeffais vós, que a maior parte das fenhoras faõ bem pouco finceras nefte ponto? Quanto a mim, nunca direi que eíta feda he mais cara, do que na verdade cuftou, como o poderia fazer a minha vifinha; eíta Senhora nefte particular he infoffrivel. Cuidará ella que adquire maior eftimaçaõ, quando huma peffoa fe perfuade de que o feu veftido cuftou mais cáro, do que o de outra? Naõ temerá que lhe fucceda pelo contrario, paffando por louca na mente daquellas peffoas, que fe capacitarem de que ella comprou muito cáro? Nunca eípereis tambem que eu vos venha dizer, que o meu veftido cuftou menos do que vale: porque naõ me quero jactar de muito economica, para achar marido. Hum tenho eu, que o naõ trocaria por outro: e naõ póderei imaginar a condefcendencia, que elle tem para comigo: a cada momento me eftá dando cem novidades agradaveis: todos os dias me quer levar á opera, á comedia, e ha dous annos que eftamos juntos, ainda me naõ fallou do governo da caía, fenaõ para o approvar. He verdade que até o preíente lhe naõ tenho dado motivo algum de queixa: nunca vê em fua caía eftes amantes de profiffaõ, ou para melhor dizer, eftes ociofos, que naõ tem outra occupaçaõ mais, do que paffear de rua em rua, para dizer requebros,

bros, e lisonjas a quantas mulheres encontrão. Póde ser que naõ achem em mim formosura capaz de os attrahir; mas eu vejo diariamente mil namoradas, que naõ tem mais agrados que eu, e naõ obstante isso estaõ sempre rodeadas de hum grande numero de amantes. Isto dizia *Arpálice*, quando huma tosse violenta lhe tolhe o fallar, e faz com que toda a assemblea se livre da sua loquacidade, aproveitando-se cada hum desta occasiaõ para ausentar-se desgostoso de quanto esta Senhora disse. Sirva-nos de exemplo a ridicula figura, que fazem *Lizidoro*, *e Arpálice*, para que refreemos o desejo de querer continuamente fallar á custa da prudencia, e attençaõ das pessoas, que nos escutaõ.

Ao MESMO tempo que evitarmos o defeito da loquacidade, fugiremos de cahir em outro contrario a este, que he o de taciturno, o qual destroe a conversaçaõ. Naõ sei qual destes dous defeitos he mais abominavel n'hum mancebo, se hum indiscreto acanhamento acompanhado de hum aspecto vergonhoso, e embaraçado, que lhe naõ deixa abrir a bocca para fallar; se huma presumpçaõ atrevida, que pretende brilhar sempre, sem dár tempo a que os mais digaõ huma minima palavra; hum e outro saõ igualmente máos, e por isso fugiremos com muito cuidado de ser taciturnos, ou grandes falladores.

CAPITULO VII.

Como hum homem, que paſſa por mentiroſo, ou he groſſeiramente ſincéro, naõ póde agradar na converſaçaõ.

A CONVERSAÇAÕ de hum homem, que naõ acreditamos, brevemente nos deſgoſta. Taõ amavel he a verdade, que ainda aquelles meſmos, que naõ a praticaõ, goſtaõ de vella praticar aos outros. A ficçaõ agrada ſó na fabula, e na poeſia, e ainda entaõ he preciſo, que haja alguma veriſimilhança; pois faltando eſta em qualquer narraçaõ, nunca poderá merecer grande attençaõ. Por iſſo aquelle, que prétende agradar pela ſua converſaçaõ, quanto a mim deve unir certo caracter de ſinceridade ao agrado de ſuas expreſſões, e eſtylo. Deſte modo he que hum diſcurſo agrada, e perſuade: e nas couſas, a que ſe naõ dá credito, ſuccede pelo contrario: porque enfadaõ, e impacientaõ a quem as ouve.

Mas como ſe poderá diſtinguir huma ſinceridade effectiva da que he apparente? Ainda que as peſſoas diſſimuladas uſem de toda a ſua aſtucia para maſcarar a verdade, com facilidade á deſcobrem ſempre as peſſoas judiciosas. O que quer paſſar por ſincero, ſem que na verdade o ſeja, muitas vezes ſe dá a conhecer por aquellas meſmas diligencias, que faz para encobrir-ſe: naõ omitte couſa alguma, que poſſa ſer a favor dos ſeus deſignios; mas quantos eſforços faz para perſuadir-

nos,

nos, saõ immediatamente descobertos : e ninguem deixa de o notar de affectado , e ardiloso nas suas expressões. O homem candido, e sincero procede de huma maneira contraria a esta : pois chega aos fins onde põe as miras , sem rodeio algum. Certo ar de candura imprime a sinceridade nas pessoas, o qual se lhes vê nos olhos , e acções , em todos os gestos ; pois em vez de recorrer aos ornatos da linguagem, rejeita-os como inuteis , por ser inimiga da ostentação. Por isso mesmo nem ao menos se digna de mostrar tudo o que em si he ; e posto que falle sem arte , e com resolução , e confiança , nunca deixa de fazer-nos impressão. Mas o homem dissimulado , além de naõ agradar a quem o ouve , ninguem se fia nelle , huma vez que se descobrem os seus artificios ; porque todos imaginaõ estar sempre de animo de enganar. Effeitos muito differentes produz a sinceridade , pois se insinúa agradavelmente , e nos faz sentir as impressões , com que nos quer persuadir.

Á vista desta pintura fugiremos sempre de cahir na mais leve mentira ; porque o caracter de hum homem mentiroso he sempre odioso , e digno do maior deprezo. Pessoas ha que todavia tal habito contrahem de mentir, que naõ se pódem abster disso, ainda nas cousas mais indifferentes : e por esta razaõ , além de expôr-se á zombaria ; ainda quando fallaõ verdade , ninguem os acredita. Feliz aquelle , que aborrecendo a mentira, vive persuadido de ser este vicio taõ baixo , e indecoroso , que por maior que seja o merecimento de hum homem , he bastante para fazello perder toda a

reputaçaõ. Em vaõ ſe eſforçaõ os homens por ſuſtentar a mentira: pois que a verdade, cedo, ou tarde sempre ſe vem a deſcobrir. As trapaças, por mais bem compoſtas que ſejaõ, logo chegaõ a deſcobrir-ſe por alguma circunſtancia naõ anteviſta. *Fulvia*, que ſendo a mais bella peſſoa do mundo, e dotada de hum genio ſummamente alegre, taõ grande inclinaçaõ tem á mentira, que nem a menor couſa póde dizer ſem mentir, e por iſſo ningem acredita o que ella diz: de maneira que as verdades mais conſtantes na ſua bocca paſſaõ por fabulosas.

Naõ ha couſa mais nociva a hum homem, que quer ſer admittido nas boas ſociedades, como a mentira: pois lhe deſtroe toda a reputaçaõ. A mentira põe o mentiroſo em tormento, e lhe inquieta o animo, para naõ cahir em alguma contradiçaõ que o deſcubra; mas a verdade he ſimples, e igual; de ſorte que para qualquer ſer verdadeiro, aſſaz he dizer o que ſabe.

Ha mentiras, que ſaõ deſculpaveis, como por exemplo quando ſe trata de impedir, ou apaſiguar alguma diſputa, sem offenſa de peſſoa alguma. Negar huma imprudencia commettida, ou mudar huma couſa para dar-lhe differente parecer, quando iſto póde produzir o bem, ou evitar o mal, he louvavel: e até as meſmas liſonjas, quando naõ ſaõ baixas, ou exceſſivas, ſe tornaõ em mentiras uteis, que huma boa intenção faz compativeis com o caracter de probidade.

Em qualquer outra circunſtancia deve todo o homem de bem ter por lei, o dizer ſómente o que pen-

pensa, fugindo sempre de cahir na menor falsidade, ou affectação nos seus costumes. Tambem deve fugir do artificio, do disfarce, e de qualquer dito malicioso: pois a sinceridade cumpre que esteja sempre debaixo da sua lingua, com tanto que naõ use indiscretamente della: e naõ obriga a ninguem a dizer loucamente quanto sabe, nem a declarar-se diante de pessoas curiosas, que fazem muito por penetrar os nossos segredos. Devemos pois limitar a nossa sinceridade; porque naõ ha cousa mais indiscreta, nem mais importuna na conversação do que o homem que diz sinceramente quanto lhe vem ao pensamento.

Para ser sincero, naõ he preciso approvar, nem tomar a liberdade de vituperar tudo com grande liberdade: e assim como naõ se dá cousa mais perniciosa, e detestavel do que huma lisonja baixa, e maligna, assim tambem naõ a ha mais importuna, do que a sinceridade, quando he grosseira, e diz tudo sem consideração, nem prudencia.

A extremada sinceridade he algumas vezes taõ perigósa, como a condescendencia muito languida, e affectada. Aquelles, que tomaõ a liberdade de dar de rosto a outrem com tudo quanto pensaõ a seu respeito, tornaõ-se objectos de horror em todas as conversações. Por que razaõ havemos de metter-nos a dar conselhos a quem naõ os pede? He este o meio mais seguro de fazer-nos aborrecidos. Ninguem quer ser reprehendido, mas sim lisongeado, e applaudido; e por isto barbara sinceridade seria o fallar a qualquer nos seus defei-

feitos naturaes. Que razaõ haverá para dizer a huma Senhora que tem o corpo contrafeito, e a outra que está muito gorda, ou muito magra, ou que naõ tem decente pórte, ou que põe a cós muito mal? Isso he meio de fazer, com que fujaõ de nós como da peste.

CAPITULO VIII.

Como os maldizentes, e os graciosos saõ abominaveis na converſaçaõ.

SAÕ os maldizentes geralmente aborrecidos: todos os conſideraõ quaes féras ſelvaticas, e os temem; mas nem por iſſo fogem delles como dos Tigres, e Pantheras, antes ſuccede pelo contrario: porque eſtes ſaõ os que mais brilhaõ em huma aſſemblea, e naõ obſtante ſerem ouvidos com maligna ſatisfaçaõ, todos ſe recreaõ com a ſua converſa. A maior parte dos homens goſtaõ mais de ouvir quatro ſatyras, do que hum bom panegyrico. Liſongea-ſe com iſto o noſſo amor proprio, pois goſtamos de ouvir fallar dos defeitos alheios, por nos parecer que aſſim ſe tornaõ menos conſideraveis os noſſos; e ſe nos conſideramos dotados de alguma boa qualidade, temos a ſatisfaçaõ de ver-nos elevados á cima daquelles, de quem ſe contaõ os vicios.

TODAVIA a murmuraçaõ he o veneno da ſociedade. Quando naõ tem objecto verdadeiro, com que ſuſtente a converſaçaõ, imagina-o; mascarando todas as couſas á ſua fantazia. De maneira

que

que á prudencia do General de hum exercito, que se retira, chama fraqueza: pinta o valor com apparencias de crueldade, e a huma constancia heroica chama obstinação brutal: e quanto ás Senhoras, ainda as trata com mais severidade: porque estas, bem que desejo tenhão de vingar-se, não tem tanta possibilidade para o fazer. Esta a razão, porque a piedade, e devoção na bocca de hum murmurador, passa por hypocrisia: a modestia por honestidade affectada: e a mansidão, e brandura, por tolice. Á vista desta pintura podemos julgar o horror, que causa hum maldizente de profissão: e por isso o homem desta casta devia ser desterrado da sociedade, mórmente por ser esse hum vicio, que denota espirito baixo, e coração rasteiro, abjecto, e indigno de hum espirito nobre.

He todavia a murmuração materia de quasi todas as conversações: porque sempre nellas se acha quem a fomente, e applauda: e por desgraça acontece não ter muita gente tanta agudeza, e desembaraço, senão quando a conversação tende á satyra. O maldizente costuma sempre exagerar os defeitos alheios, para fazer os sujeitos mais odiosos, e diminuir-lhes a reputação: e quando a maldade não acha em que morder, passa ao excesso de corromper as intenções, e censurar até o tom da voz. Que excesso de inhumanidade, que chega a enfurecer-se desta sórte contra a reputação das pessoas, censurando-lhes as acções mais innocentes, e mostrando-as claramente com as mais vivas, e monstruosas côres.

TAL he a corrupçaõ, que ſujeitos ha, os quaes pretendem merecer por via da ſatyra a reputaçaõ de grande engenho, e agradavel converſaçaõ: do que ſe ſegue naõ perdoarem a peſſoa alguma, nem ainda aos ſeus melhores amigos. As peſſoas deſta caſta coſtumaõ muitas vezes chegar com a ſua malignidade ao ponto de *principiar* a fazer alguns elogios áquellas peſſoas, de quem querem dizer mal com maior efficacia, para que *naõ* eſtando os animos prevenidos, poſſa o veneno fazer mais triſte effeito.

O CARACTER de dizer mal, e deſacreditar geralmente a todas as peſſoas de merecimento, he muito terrivel. Com tudo ha peſſoas taõ perverſas, que ou por malicia, ou porque julgaõ as outras por ſi, chegaõ a envenenar, e *corrompem* as mais ſantas, e mais regulares acções; pois as conſtituem ſuſpeitoſas, e malicioſamente lhes accreſcentaõ certas circunſtancias, que as fazem paſſar por criminoſas. Parece que *Aminta* tem huma ſciencia infuſa de todas as couſas mais particulares, que ſe paſſaõ entre as familias. Quando naõ tem que contar, compõe immediatamente algumas *hiſtorias*, e tem traça para as reveſtir de certas circunſtancias, que enganaõ as peſſoas mais *illuminadas*, e perſuadem as mais incredulas; de nenhuma peſſoa diz bem, nem ſoffre que os demais o digaõ: pois para tapar-lhes a bocca, tem ſempre prompta huma ſatyra, a qual profere com ar maligno, e envenenado. Monſtro deteſtavel he *Aminta*, que devera ſer lançada da ſociedade.

TALVEZ, direis vós, que a murmuraçaõ *tenha* al-

algumas vezes seu lugar ; pois reprehende os vicios, e faz com que elles se escondaõ á nossa vista. Mas naõ somos nós os que devemos ter a temeridade de encarregar-nos deste emprego : porque he muito perigoso. Naõ ha duvida , que a murmuraçaõ nos póde dar materia para alguns ditos agudos , e agradaveis , em que o nosso entendimento tenha occasiaõ de brilhar ; porém levar-se-hia muito a mal, quando por este meio nos quizessemos constituir criticos , descobrindo os defeitos alheios , e ampliando-os ao mesmo tempo.

Se o maldizente olhasse para si , veria muitas vezes na sua propria pessoa aquelles mesmos defeitos , que taõ asperamente exagera nos outros.

Dous meios proponho aqui , pelos quaes podemos abster-nos da murmuraçaõ , a qual , conforme a Escritura, he a abominaçaõ dos bons, quando para os máos he culpavel prazer. O primeiro he : que devemos acostumar o nosso entendimento á contemplar os homens pelas suas melhores qualidades ; porque nenhum ha , que naõ tenha o seu fórte , e o seu fraco , suas virtudes , e seus defeitos ; julgando sempre bem do seu estylo de proceder , e de suas intenções, desculparemos , e encobriremos suas fraquezas , e fallaremos sempre a seu favor. O segundo he naõ dar attençaõ aos maldizentes , nem applaudir os seus ditos damnados. Nunca a maledicencia he taõ temeraria, como nas occasiões em que acha quem a approve , e applauda ; porém a gravidade de hum semblante serio , e desgostoso faz gelar a lingua do maldizente.

Os BONS ditos nem sempre tem por objecto a zom-

zombaria, e deſtes podemos uzar em todas as occaſiões, e em toda a qualidade de aſſumptos. Mas como nos ſervimos delles mais para a ſatyra, do que para o louvor, por iſſo principiaremos a fallar daquelles, que ſe fundaõ em zombaria. Hum bom dito quando vem à propoſito, he qual vivo relampago, que brilha na converſaçaõ, e tanto mais agrada, quanto mais ſatyrico he. Porém por mais excellente que ſeja hum bom dito, nunca eu quizera ſer o author delle; porque neceſſariamente ha de offender aquelle ſobre quem cahe. Infeliz o que tudo ſacrifica ao leve goſto de dizer bons ditos deſta caſta; porque immediatamente ſe caracteriſa de inimigo, e horror da ſociedade!

Ha porém outra eſpecie de bons ditos, que ſaõ totalmente iſentos de epigrammas, e nos manifeſtaõ o talento, e juizo de quem os diz. Taes ſaõ os que ſe contaõ dos antigos, e entre outros a reſpoſta que deo *Alexandre Magno* a *Parmenião*. Eſte valido, para obrigar ſeu amo a acceitar os offerecimentos, que *Dario* lhe fazia a favor da paz, parecendo-lhe, que lhe eraõ vantajoſos: Senhor, diſſe-lhe, eu vos proteſto que ſe fora *Alexandre*, com muito goſto acceitaria eſte offerecimento. E eu tambem, reſpondeo *Alexandre*, ſe fora *Parmenião*. Eſta reſpoſta claramente nos manifeſta a grande ambiçaõ deſte conquiſtador, que naõ podia ſatisfazer-ſe, ſenaõ com o Imperio de toda a terra.

Algumas vezes ſe póde tambem dizer hum bom dito por alluſaõ, quando nos divertimos ácerca daquellas palavras, que tem entre ſi ſemelhança,

e

e repetidas variaõ de ſentido. Tal foi a inſcripçaõ, que ſe pôz em muitas peças de artilheria, quando o Marechal de Meilheray da caza da Porta, era Commandante em chéfe de artilheria. *Eſta chove, quando ſe recuſa abrir a porta.* Deſtes bons ditos podemos ſervir-nos, quando ſe nos offerecer a occaſiaõ: mas naõ devemos habituar-nos a iſto.

CAPITULO IX.

Do modo como ſe pódem introduzir alguns elogios na converſaçaõ, e da circunſpecçaõ com que nella devemos haver-nos.

MAIS facil he fallar das maximas, de que nos ſervimos ordinariamente para elogiar alguem, do que dizer a delicadeza, e elegancia, com que ſe pódem guizar os elogios, para fazellos agradaveis. Taõ melindroſa he eſta materia, que naõ ſoffre mediocridade. Os elogios frouxos excitaõ mais deſgoſto, do que reconhecimento, nas peſſoas a quem ſaõ dirigidos; porém ſe elles pelo contrario ſaõ exceſſivos, enchemos de confuſaõ aquelles, que queremos exaltar a huma gloria, que naõ lhes he devida, e nos fazemos desprezar dos demais, como miſeraveis liſonjeiros.

NEM todos tem aquelle agrádo, que he neceſſario para fazer hum elogio com delicadeza: e muitas vezes ſuccede, que muitos naõ cumprem com a ſua obrigaçaõ: porque para agradar ſaõ preciſas mais ceremonias, do que ordinariamente ſe pen-

penſa. Como o uſo dos comprimentos he taõ ordinario, que todos ſe prezaõ de os ſaber fazer, por iſſo elles ſe tem feito taõ triviaes, que ninguem lhes dá attençaõ. Com tudo os elogios ſaõ neceſſarios: porque todos goſtaõ dos louvores. Grande goſto ſentimos, quando ouvimos dizer couſas, que liſonjeaõ o noſſo amor proprio: e ainda as peſſoas mais ſeveras eſtimaõ as que ás cortejaõ, e tomaõ hum grande cuidado de notar-lhes as boas qualidades que tem: e eſte he o meio mais ſeguro de ganhar o ſeu affecto.

Em vaõ ſe cança o Sabio por advertir-nos que a noſſa reputaçaõ naõ depende do capricho dos homens, nem dos frivolos elogios, que nos fazem, mas ſó das boas acções, que fazemos. A reputaçaõ de tudo decide, e a eſtimaçaõ do mundo nos liſongea, e ſoborna: por iſſo naõ nos deve cauſar admiraçaõ alguma, que ella ſeja procurada com tanto cuidado, e cobiça.

Para hum elogio ſer agradavel, deve ſer feito com certo ar de gravidade, e com deſembaraço, uſando de termos ſimples, e familiares. Podemos dizer ás peſſoas, com quem tratamos, tudo quanto ſe póde imaginar mais decente, e agradavel, ſem ſervir-nos daquella linguagem, que ſó he propria para comprimentos. Os elogios affectados ſempre ſaõ groſſeiros. Todos nos afadigamos de ordinario, por achar, e procurar as couſas mais extraordinarias, para elogiar qualquer peſſoa: pois em hum elogio, que fazemos a huma Senhora, lhe dizemos que he ſabia, que brilha, que tem grande talento, e que he capaz de em-

pren-

prender as cousas mais arduas; porém naõ pensamos em louvar-lhe a modestia, a prudencia, e regularidade, e a vigilencia, que tem sobre sua familia; sendo todavia estas as qualidades, que a devem fazer mais respeitavel, e mais digna dos nossos elogios. Todos aquelles dons, que recebemos da natureza, pódem servir de materia para os nossos elogios: como por exemplo, hum espirito nobre, hum coraçaõ sincero, constante, e generoso, hum entendimento sublime, vasto, e penetrante, huma memoria feliz, hum juizo sólido, em fim hum melindroso discernimento.

Dous saõ os defeitos, que devemos evitar: hum he o naõ louvar cousa alguma, e o outro o louvar tudo em geral. O primeiro denota genio melancolico, a quem tudo desagrada, pois nada acha de seu gosto: sendo huma especie de injustiça recusar os applausos a quem os merece. O segundo he indicio de huma grosseira lisonja, indigna do homem de bem. Porém, quando houvermos de fazer algum elogio, daremos grande attençaõ á qualidade da pessoa, com quem fallarmos, e do mesmo modo ás circunstancias do lugar, tempo, e materia, de que tratarmos. Admirar quanto se diz, he sinal de loucura, ou de huma affectaçaõ, que se chega muito para a lisonja. Os sujeitos de bom gosto, e sinceros, admiraõ pouco, e naõ saõ prodigos de seus louvores. Naõ poderemos por ventura elogiar a huma pessoa, quando ella o merece, sem fazer grandes exclamações? Estes elogios excessivos nem honraõ a quem os faz, nem a quem os recebe. Nunca

ca elogiemos a huma peſſoa por qualidades, que ella naõ tem, porque he injuriada maliciosamente: nem procuremos tambem, debaixo de louvores apparentes, deſcobrir certos defeitos occultos.

Grande vantagem he em qualquer ſujeito o ter huma preſença amavel; porém naõ baſta ſómente a noſſa diligencia para adquirirmos eſta vantagem com perfeiçaõ: he preciſo que a natureza a principie em nós, e que depois cultivemos eſtas favoraveis diſpoſições, as quaes podemos polir, e aperfeiçoar, ſe praticarmos com os que a tem, imitando-os na ſua converſaçaõ, e coſtumes.

Naõ he ſó o bom ſemblante, o que nos faz ter huma preſença agradavel. Todos os dias eſtamos vendo ſujeitos bem apeſſoados com feições regulares, e nem por iſſo nos agradaõ. A preſença, que eu quizera definir, he alma do bom ſemblante; pois influe agrado em todas aquellas couſas, que o requerem, como por exemplo, no geſto, nos veſtidos, na converſaçaõ, e no modo de apreſentar-nos em qualquer parte. A maior parte da mocidade preſume que a tem, e que triunfa na arte de fazer-ſe amavel; mas he desgraça que naõ lhe ſuccede taõ bem, como ella penſa; pois a ſua pouca moderaçaõ, e ardor de eſpirito, faz com que em tudo ſeja extremada. O ar da civilidade, de que fallamos, pede huma pouca de moderaçaõ, e brandura, e a mocidade tem certo porte arrebatado, que ſe conforma com o caracter de hum homem civil: e

or-

ordinariamente he muito prompta em abraçar as modas, e paſſar neſte ponto a exceſſo.

Para qualquer de nós ſer agradavel na converſação, naõ he preciſo que nos limitemos a dizer ſómente couſas ſubtis, e ſublimes; nem carecemos tambem de moſtrar grande ſciencia, e vaſto engenho: aſſaz he fallar de hum modo claro, e natural, ſem affectação, nem violencia nas palavras. As Senhoras ſabem dar huma tal graça, e galantaria a tudo quanto dizem, que iſto faz com que a ſua converſação encante. Dellas podemos aprender, o que nem a leitura dos melhores authores, nem a converſação dos homens ſabios, póde já mais enſinar-nos.

Muitos entendem que a gentileza conſiſte em tratar as Senhoras com familiaridade; de maneira que, em vez de haver-ſe com ellas reſpeitoſamente, tanto nas acções, como nas palavras, tomaõ algumas liberdades indeſculpaveis: e he tal a ſua ruſticidade, que chegaõ a jurar diante dellas, como fazem as peſſoas da baixa plebe. Naõ ha couſa taõ contraria ao caracter amavel, como a incivilidade: pois taõ aborrecivel ſe faz hum homem incivil, quanto he amavel aquelle, que nas ſuas acções he culto, e civil.

CA-

CAPITULO X.

Em que ſe moſtra, que para agradar na converſaçaõ, he preciſo ſer muito prudente, e obſervar pontualmente a decencia.

A CONVERSAÇAÕ da mocidade, por mais graça que os ſeus poucos annos lhe poſſaõ dar, naõ he de ordinario a que mais nos agrada; porque além de naõ ter ainda o juizo bem cultivado para ſuſtentar huma converſaçaõ, he commummente acelerada no fallar, moſtrando mais vehemencia, que moderacaõ, e prudencia. Porém outra couſa ha nella muito mais conſideravel, e he que raras vezes examina o que faz, e diante de quem falla: e como tem pouco conhecimento do que he diſcriçaõ, por iſſo muito ſe lhe difficulta o ſer civil, e agradavel, ſem ſer diſcreta. Faz a diſcriçaõ com que hum homem ſeja Senhor de ſi, e de ſuas acções, palavras, e olhos, e do movimento do ſeu roſto, por maneira que nada lhe eſcapa contra a decencia, ou que poſſa offender aquelles, que entretem com elle alguma converſaçaõ: e por iſſo naõ diz abſolutamente ás peſſoas, com quem falla, ſenaõ aquellas couſas que convém ao tempo, e ao lugar. Confeſſo que ſeria muito difficultoſo o conhecer o interior das peſſoas, de que ſe compõe huma aſſemblea. Os homens pela maior parte preſumem de circunſpectos, em occultar as ſuas intenções. Além diſto o noſſo genio muda; ou porque a noſſa ſaude

ſe

se altera: ou porque a ambiçaõ, o amor, ou o jogo nos saõ propicios, ou adversos: ou porque os differentes intereſſes nos inſpiraõ differentes inclinações. Naõ he com tudo neceſsario que nos appliquemos a conhecer o interior dos homens, ou a penetrar os ſegredos de ſeu coraçaõ; para chegar a alcancar, ſe elles na realidade saõ o que parecem. Aſſaz he que ſaibamos qual he a ſua qualidade, para uſar com elles do reſpeito, e decóro, que ſe lhes deve: e que examinemos a ſua capacidade, para naõ fallar atrevidamente diante de peſsoas mais ſabias que nós. Que idéa fariamos de hum mancebo, que fizeſse huma pergunta em ar de familiaridade a huma peſsoa reſpeitavel? Indiſcreto ſerá o homem de mediocre capacidade, que quizer esforçar-ſe por dizer grandes couſas com expreſſões muito maiores. Expõe-ſe a que lhe digaõ, como dizia hum Antigo, que quer fallar muito melhor do que póde.

Teremos muito cuidado em que naõ nos eſcape alguma palavra, que poſſa ſer mal interpretada por certas peſsoas, que coſtumaõ viciar quanto os outros dizem. Naõ nos intromettamos nos ſegredos daquelles, que nos negaõ eſſa liberdade, nem levemos a mal, que elles naõ nos deſcubraõ o interior de ſeu coraçaõ: pois ſó entre os intimos amigos naõ deve haver recato de huns para outros. Muito peior ſeria ſe uſaſſemos de rodeios, e ſubtileza para arrancar-lhes os ſegredos, que naõ nos quizeſſem confiar. Eſta curioſa indiſcriçaõ he intoleravel, e faz com que ſejamos havidos por ſujeitos de perigoſa ſociedade. Quem deſco-

bre

bre o segredo, que lhe foi confiado, naõ he homem de bem; e muito indiscreto he o que manifesta defeitos, que observou.

Quando as pessoas unidas pela amizade chegaõ a romperla, commummente se enfurecem humas contra as outras, e cada huma pretende fazer approvar o seu proceder, e razões, para mostrar a injustiça da outra. A que dá motivo á defunção, para se sahir bem costuma descreditar a outra o mais que póde: porém o que mais reprehensivel se faz, he que algumas pessoas costumaõ abusar dos segredos, que lhes foraõ confiados no tempo da amizade, descobrindo alguns, que deveriaõ ser sepultados em eterno silencio, por attenção á amisade que n'outro tempo tiveraõ. Neste caso naõ devemos attender tanto á situação, em que huma pessoa se acha a nosso respeito, como aos reciprocos sentimentos da estimação, e amisade, que nos uniaõ hum ao outro. He huma especie de perfidia o servir-nos do segredo de hum homem, ainda quando deixa de ser nosso amigo, para procurar a nossa vantagem.

O primeiro pensamento, que o amor proprio nos inspira, quando nos mostraõ alguma obra, he querer achar sempre nella alguma cousa que censurar. Este primeiro movimento nem sempre he livre: pois muitas vezes nos escapa a nosso pezar, mórmente quando este amor proprio nos motiva a olhar com desgosto para tudo o que realça os outros, e nos póde constituir inferiores a elles. A discriçaõ he parte para que occultemos, e dissimulemos estes sentimentos, e nos tolhe de cri-

criticar severamente huma obra, em que se achaõ grandes bellezas. Hum dos defeitos mais ordinarios da maior parte dos homens, e principalmente da mocidade, he o querer ajuizar de tudo, para persuadir aos outros, que tem grande entendimento, e delicadeza de engenho: mas a precipitação, com que ajuizaõ, faz justamente o contrario do que pretendem. Porque ao mesmo tempo que naõ querem que se presuma que ignoraõ alguma cousa, estaõ mostrando huma crassa ignorancia naquellas materias de que se trata, reprovando as melhores passagens de huma obra, e louvando as peiores sem discernimento, e sem regra. O homem discreto evita estes juizos precipitados, e naõ se expõe á zombaria de huma assembléa, ajuisando sobre pontos, de que naõ tem conhecimento. Nunca nos arrisquemos a dizer o nosso sentimento sobre huma materia, de que naõ tivermos claro conhecimento: deste modo daremos a conhecer, se o nosso discernimento he bom, ou máo. A temeridade, com que muitas pessoas se mettem a julgar denodadamente toda a qualidade de assumptos, he o mais evidente signal de limitado juizo. Estas decisões extravagantes daõ a conhecer o seu máo gosto, e de ordinario saõ effeitos de huma louca ousania.

CA-

CAPITULO XI.

Da zombaria, e do gracejo.

HAVIDA foi sempre a zombaria como o sal da conversaçaõ, que a faz mais agradavel, por motivo de certa graça que lhe dá. O uso porém della, quando naõ hé acompanhado de certas circunstancias, que a modifiquem, e lhe tirem a aspereza, taõ difficultoso he, e taõ temeroso, que motiva a discordia na sociedade, e rompe aquellas amisades, que pareciaõ mais sólidamente estabelecidas. A zombaria mais delicada, e engenhosa he, que diverte as pessoas indifferentes, sem offender as que lhe servem de objecto. Difficultoso he este passo; e como poderemos nós emendar as loucuras, e os defeitos de outrem, sem o offender?

De ordinario quando gracejamos com alguma pessoa, naõ he nossa tençaõ offendella; porque sempre o faremos mais para divertir, e mover a riso á assemblea, do que para mortificar pessoa alguma. Por isso, tanto que conhecermos que hum gracejo causou embaraço a alguma pessoa, mudaremos immediatamente de discurso.

Creio, fallando geralmente, que a zombaria nunca deve ser permittida: porque aquelles, que fingem soffrella, sempre se desgostaõ no interior, e por isso importa haver grandeza de animo para qualquer consentir que o motejem diante daquelles, que o estimaõ. Finalmente he muito difficil

ficultoso poder-se guizar de tal sórte huma zombaria, que deixe de desgostar alguem, ou irritar aquella pessoa, a quem ella se dirige. Os genios, que saõ inclinados á zombaria, fazem rir algumas vezes, mas naõ se fazem amar.

Por mais que seja o merecimento de hum homem de bem, nem por isso deixará de expór-se ás insipidas zombarias de hum máo gracioso. Os nescios applaudem isto, mas he porque saõ nescios; e as pessoas de bem, que nunca julgaõ das cousas com preoccupaçaõ, sempre lhe fazem justiça, e se compadecem daquellas, que as pretendem ridiculizar. Tambem ha certas circunstancias, em que devemos ser comprazenteiros, e soffrer a zombaria, se naõ quizermos passar por extravagantes; e ridiculos. O que se enfada por cousas, que muitas vezes se dizem levemente, e sem intento de offender pessoa alguma, mostra que naõ sabe viver, nem conhecer os seus interesses. Tambem mostra ser muito grosseiro, o que por huma galantaria innocente logo rompe em palavras offensivas. O meio, mais seguro para vingar-nos do chocarreiro, he huma prompta, e delicada resposta, que o castigue, e destrua com as suas proprias armas. Se a zombaria exceder os limites, poderemos dar a entender com hum ar sério, que ella nos desagrada, e que temos razaõ para offender-nos.

Se nos dermos algumas vezes á zombaria, usemos de subtilezas agradaveis acompanhadas de hum ar risonho; de maneira que divirtamos a companhia, sem offendella, nem apartar-nos daquelle ca-

caracter de urbanidade, que sempre devemos conservar. E nunca a desgraça do nosso vizinho seja o objecto da nossa zombaria, mas sim da nossa compaixaõ: porque o zombar de huma pessoa desgraçada da natureza, em lugar de ser objecto de nosso divertimento, torna se n'huma especie de inhumanidade. Se nós naõ nos fizemos, que razaõ haverá para que vituperemos os defeitos corporaes, como praticariamos com hum esculptor, por ter feito huma estatua mal proporcionada?

Muitos ha, que julgaõ ser-lhes licito zombar dos que se mostraõ contentes de si proprios; dos que vivem preoccupados de hum falso merecimento; n'huma palavra, dos que a extremada vaidade faz dignos de riso; e que naõ se póde perdoar a hum fanfarraõ; a esses presumidos, que se fazem necessarios, e gabaõ de ter contribuido para a fortuna de muita gente com o seu crédito; áquelles cusquilhos, que excedem nas modas, e finalmente a hum avarento, a quem a insaciavel cobiça faz morrer de frio, e fome em meio da abundancia. Naõ quizera eu tomar a mim a censura dos defeitos de tanta gente; porque me faria seu inimigo, e disso naõ tiraria proveito algum. Desprezemos todos elles defeitos, e quando o nosso prazer seja menor por naõ os ter criticado, sempre daqui nos resulturá mais segurança, e tranquillidade.

Todos os homens amaõ naturalmente o recreio, e divertimento, e por isso antepõem ás sociedades sérias a dos chocarreiros, ou graciosos; porém estimaõ mais aquellas, que esta. O car-

cer de chocarreiro, ou gracioso tem hum naõ sei que de rasteiro, e affectado, que o faz desprezado. Hum sujeito deste caracter, difficultosamente o póde sustentar; porque se arrisca a muito, e se expõe a ser ridiculisado. A galantaria, quando naõ se diz com circunspecçaõ, faz o mesmo effeito que a zombaria. He preciso muito discernimento para se saber distinguir o agradavel do insipido, assim como importa haver certa elegancia natural, que ache, por assim dizer, como á maõ, e sem muito trabalho, as galantarias que se haõ de dizer; porque quando saõ forçadas, nunca fazem bom effeito. Geralmente fallando, creio que o caracter de chocarreiro naõ convém tanto a hum homem de bem, como aquelles miseraveis, que se soffrem nas assembléas; porque algumas vezes fazem rir.

Nem imagine alguem que todos pódem gracejar impunemente. Convenho em que naturalmente gostamos de tudo o que nos diverte, e recrea, e que nos custa muito a crêr que hum homem serio póde agradar tanto, como o que brinca com galantaria, e falla com graça em assumptos de toda a casta. Naõ falo de hum homem, que está sempre de semblante carregado, que conta quantas palavras diz, que nunca se despe de certa gravidade importuna, e que influe melancolia nas pessoas mais divertidas, desejosas de rir, e brincar. Porém he certo que hum gracioso de profissaõ, que só pensa em dizer cousas jocosas, em vez de divertir aborrece, e que o homem de bem naõ deve aventurar-se com facilidade a fazer este papel.

De-

Devemos distinguir as galantarias delicadas, e agradaveis das baixas, e insulsas. Grande empreza he o querer divertir, e alegrar as pessoas sabias, e prudentes, que naõ se riem fóra de proposito. O que faz rir o povo, e as pessoas de entendimento superficial, produz muitas vezes effeito contrario nas pessoas sensatas; a quem agradaõ sómente as cousas naturaes; e as chocarrices raras vezes o saõ. Estas consistem pela maior parte em hyperboles affectados, subtilezas, e equivoços, a que tiraõ a sua significaçaõ natural, para dar-lhes outra, conforme o capricho de quem os diz.

Creio todavia que hum homem de bem nunca se despe do seu caracter, quando zomba engenhosamente em assumptos alegres, em que a galantaria póde ser agradavel. Porém nunca elle se adiantará a gracejar com aquellas pessoas, de quem naõ tiver a certeza de que o levaráõ a bem: porque muitas vezes as que se mostraõ alegres, estaõ interiormente desgostosas, e fazem todo o possivel por vingar-se disso mesmo: do que nascem a cada passo mil consequencias funestas. Huma graça, que muitas vezes se diz imprudentemente, he causa de muitos desgostos, e destes se segue hum grande arrependimento. Por isso os objectos da galantaria devem ser cousas indifferentes, que naõ digaõ respeito a pessoa alguma. Que razaõ haverá, para que voluntariamente, e com muito gosto adquiramos hum inimigo por motivo de huma palavra? naõ consiste o caracter do homem de bem em ridiculizar pessoa alguma: porque he este taõ máo emprego, que traz sempre comsigo perniciosas

as consequencias. A maior parte dos que se riem á custa de outrem, o fazem em obsequio de certas pessoas, a quem desejão agradar. Porém he muito má politica procurar a amisade de huns, expondo-se ao odio dos outros.

Quando tomarmos a liberdade de dizer alguma galantaria, devemos fazer distincção da natureza dos objectos, de que se falla: porque loucura seria, se gracejassemos quando se trata de materias muito sérias, ou quando fallamos com pessoas, que se achaõ em alguma afflicção: excepto se tivermos o talento de aformosear o nosso discurso com tal agrado, que as possamos distrahir do objecto da sua afflicção, e divertillas da magoa.

Se com effeito quizermos tomar esta liberdade, como convém ás pessoas de bem, he preciso que esta seja engenhosa, e agradavel, e naõ diser cousa que seja pueril, baixa, ou inconsiderada. Devemos entaõ explicar-nos com graça, e elegancia, procurando o tempo opportuno para que ella faça melhor o seu effeito, em attenção ás pessoas com quem estivermos, e á materia de que se tratar. Quando concorrerem todas estas circunstancias, e ao mesmo tempo nos lembrar alguma cousa agradavel, que possa divertir huma companhia alegre, e gostosamente, julgo que então fraremos huma especie de injustiça, se a deixarmos de dizer, seja qual fôr o caracter, ou emprego que tivermos. Nunca sejamos bobos, ou iciosos de profissaõ; porque he fazer hum par muito máo: naõ ha duvida que faz rir; mas tambem, nos faz desprezar, e por fim sempre vem

a cauſar algum deſgoſto. O homem, que he verdadeiramente alegre, e agradavel, ſabe uſar da ſeriedade, e da alegria, e agradar juntamente ſem perder huma certa decencia, que ao meſmo tempo que nos conſerva o reſpeito, e a eſtimaçaõ de todos, nos faz dignos da ſua confiança, e muitas vezes he o meio mais conveniente para fazer com que ſejamos ternamente amados. Aquelle, que aſſim ſabe agradar, he muito proprio para trocar em prazer, e alegria a ſeriedade de huma aſſembléa.

CAPITULO XII.

Se na converſaçaõ he permittido reprehender alguem, ou criticar algumas peſſoas.

VEMOS quotidianamente errar muita gente nas converſações, aſſim na linguagem, como na civilidade, e julgo que muito embaraçado ſe veria aquelle, que pretendeſſe emendar eſtes defeitos. Melhor he, a meu vêr, ſer benigno, e cortez, fallar, e deixar fallar os outros, do que enfadallos, e mortificallos ácerca de huma palavra, e querer moſtrar ácerta ſuperioridade de genio, ao meſmo tempo que em nós naõ ſe diviſa mais que vaidade, e inquietaçaõ. Confeſſo que, ſe em huma aſſembléa qualquer dos meus amigos fallaſſe irregularmente, quizera eu antes deixallo ficar no ſeu erro, do que moſtrar-lho nella occaſiaõ. A decencia nos prohibe o interromper a qualquer peſſoa, ou ſeja para mudar de aſſumpto, ou para reſpon-

der

der-lhe, antes que ella tenha acabado o seu discurso: porque interrompendo-a, lhe mostramos pouco respeito, ou pouca prudencia, e quando seja para responder-lhe antes que ella inteiramente se tenha explicado, he huma presumpção esta, que motiva a ridiculizar-nos: por quanto talvez que não tenhamos ainda comprehendido o que ella nos queria dizer. Muitas pessoas ha, que querendo passar por instruidas, costumão apenas se conta alguma novidade, dizer que ha muito tempo a sabião. Este modo de proceder he muito incivil. Que razão haverá para privar a qualquer pessoa do gosto de contar hum facto, ou huma novidade? Não he outra cousa mais do que excitar-lhe o desgosto, e a indignação A ninguem pertence o decidir com altiveza sobre as materias, que fazem o objecto da conversação. Os homens sabios são considerados como importunos, e pedantes, quando querem governar os outros, e erigir-se soberanos. Os nescios, que querem fallar de cousas, que não entendem, além de mostrar a sua ignorancia, vem a ser despresados, e aborrecidos: e o sabio, que falla a proposito, que não faz pompa da sua sciencia, e não tem a ambição de ser admirado como sábio, adquire pela sua circunspecção o affecto, e estima de toda huma assembléa.

Raras vezes succede que as pessoas, vaidosas do seu merecimento, o achem tambem nas outras, ou lhes fação justiça. Cuidão estas que este merecimento imaginario as levanta acima de tudo, e as dispensa do uso da civilidade, como se tudo lhes fora devido, e a ninguem devessem cousa al-

guma. Esta presumpçaõ he huma especie de cegueira, que lhes embaraça o conhecimento de si mesmos, e faz com que achem sempre que censurar em tudo quanto as outras dizem. Tambem costumaõ cahir muitas vezes em erros crassos, ainda as de maior talento, e eu creio que seria perigoso o reprehendellas: porque o desgosto que sentem, por terse enganado, he a causa por que teimaõ em sustentar a sua extravagancia, e tratão asperamente os que lhes mostraõ os seus erros. Quando sustentarmos alguma opiniaõ falsa, nunca despresemos obstinadamente todas as razões, que nos derem para mostrar-nos o erro, em que estamos, pois semelhante obstinaçaõ he o motivo de ouvir-se muitas vezes nas conversações disputas bem ridiculas; e seriamos considerados na sociedade como destituidos de hum discernimento capaz de distinguir o verdadeiro do falso, ou notados de huma pertinacia indesculpavel.

Se alguem imprudentemente nos interromper, quando fallarmos, perguntando-nos que he o que dizemos, nunca nos mostremos escandalisados desta incivilidade; mas antes lhe repetiremos o mesmo, que temos dito, de hum modo mais claro, e intelligivel. Esta moderaçaõ ao mesmo tempo que nos honra, adoça o genio aspero daquelle, que nos estimulou.

Naõ quizera eu mostrar precipitaçaõ em julgar de algumas obras novas, que se mostraõ nas companhias; porém se fosse obrigado a dizer o meu parecer, naõ me inclinaria para a indulgencia, nem tambem cahiria em excesso de severidade. Nestas

tas circunstancias o partido, que devemos tomar, he hum justo meio. Quando se levantar alguma questaõ, naõ devemos nunca adiantar-nos a dizer o nosso parecer: e quando for occasiaõ disso, pode a prudencia que o exponhamos de sorte, que naõ se divise em nós o desejo da preferencia. Devemos ceder aos que por superioridade de engenho tem adquirido decisiva reputaçaõ: porque se obrassemos de outro modo, faltariamos a nós mesmos, e nos exporiamos a ser censurados. Ha mil occasiões, em que he mui indifferente a huma assembléa, se o que se diz he, ou naõ verdade; se hum caso foi succedido de hum, ou de outro modo, ou se tem, ou naõ fundamento. Na mocidade naõ póde haver muita circunspecçaõ: porque he menos moderada. Muitos ha, que se aproveitaõ apaixonadamente das menores circunstancias para ir-lhe á maõ: porém succede muitas vezes, que esquentando-se-lhes o cerebro, vem a conversaçaõ a fazer-se estrepitosa, e toda a companhia se desgosta.

Se alguem nos der alguma obra para examinar, e pedir juntamente o nosso parecer, ou se nos acharem dignos de aconselhar, entregando-nos algum manuscrito para o rever, antes de imprimir-se, devemos dizer ingenuamente tudo o que entendermos a esse respeito: pois nos fariamos indignos de confiança, se usassemos de outra sorte. Fugiremos porem de esquadrinhar erros n'huma obra, que tenha a maior approvaçaõ: porque isto, além de estorvar a hum author o regosijo da sua gloria, offenderia tambem a huma infinidade de pessoas

foas intelligentes, que fe tiveſsem declarado a favor deſta obra.

SEMPRE fe entendeo que *Alcides* tinha grande conhecimento em toda a qualidade de materias, ao meſmo tempo que elle em nenhuma fallava, que naõ foſse por monoſyllabos. Mas quando elle entrou a preſumir de ſabio, e a decidir como Doutor ſobre todas as obras, moſtrou a fraqueza do ſeu juizo. Approva tudo o que huma obra tem de máo, e reprova-lhe as ſuas bellezas; de fórte que tem deſenganado o publico, que o conſiderava como hum engenho da primeira jerarquia. Devemos advertir que nem ſempre he vantajoſo o deixarnos fonhar, nem tambem dar a conhecer o que na realidade ſomos.

CAPITULO XIII.

Como na converſaçaõ devemos dominar o noſſo genio para agradar aos outros.

PODEMOS geralmente dizer que o genio melancolico he o flagello da ſociedade, e o que deſterra todo o ſeu prazer. O genio melancolico faz com que huma peſſoa nunca ſeja contente de ninguem, nem ainda de ſi meſma, formando continuamente queixas ſem fundamento, e fazendo-ſe aborecivel a todos pelas ſuas extravagancias. Hum ſujeito deſte temperamento ſempre imagina que lhe faltaõ ao reſpeito, que lhe he devido; de fórte que profere as mais afiadas injurias, pelo me-

menores bagatelas, que a melancolia o motivou a augmentar como monstros. Os comprimentos mais lisonjeiros, e as mais affaveis palavras, lhe parecem suspeitosas. Os maiores serviços lhe saõ insensiveis; os grandes successos naõ o satisfazem: tem sempre alguma cousa que o desgosta, e tudo leva a mal para se inquietar, e affligir: finalmente nasceo naõ só para atormentar-se a si mesmo, mas tambem aos outros. Hum homem melancolico reprova indifferentemente tudo o que lhe he util, ou prejudicial. A inclinaçaõ, que tem a censurar, lhe fecha os olhos para naõ vêr os seus proprios interesses, e o augmento de seus amigos naõ tem nada de sensivel para elle, ao mesmo tempo que se lamenta pelas pessoas, que lhe saõ mais indifferentes. Os homens constituidos em cargos publicos saõ o principal alvo de seus caprichos: por mais que façaõ, e por melhores que sejaõ suas acções, sempre as interpreta mal para ter occasiaõ de censural-las, e os caracterisa de pouco discernimento, quando fazem alguma mercê, ou os accusa de injustos, se saõ obrigados a castigar o crime.

As PESSOAS mais judiciosas tambem tem algumas vezes seus momentos de melancolia, e desgosto, que lhes daõ bastante trabalho para poderse sofrear. Creio que obrariaõ prudentemente se se deixassem ficar em sua casa, e naõ fizessem visita alguma, quando se achaõ nesta situaçaõ. Que razaõ haverá para dever a huma assemblea o desgosto, que nos tyrannisa? He este hum meio de fazer-nos considerar como pessoas fastidiosas, e im-

importunas. O caracter de hum homem teimoso he taõ insoffrivel, e prejudicial á sociedade, quanto he vantajosa a docilidade de genio para conciliar a benevolencia, e o agrado de todos. Feliz aquelle, a quem a natureza dotou desta brandura! Porém aquelles, a quem a recusou, saõ tambem dignos da nossa estimaçaõ, quando fazem por adquirilla.

Quem sabe dominar o seu genio naõ costuma chegar á presença de pessoas possuidas da melancolia, com semblante alegre, e risonho; mas se entra em casa de hum Principe, ou de outra pessoa semelhante, que gosta do divertimento, muda então daquelle semblante, cuja tristeza, e austeridade pareciaõ condemnar o jubilo, e o prazer. Conforma-se com facilidade ao genio daquelles, com quem trata: diante dos sábios louva as sciencias; mas quando conversa com hum guerreiro, que naõ tem mais predicado, que o da sua valentia, faz sómente menção daquelles Capitães, cujo esforço de animo, e valor, os fizeraõ unicamente victoriosos. Se a pessoa, a quem elle quer agradar, ajunta ao estudo das Bellas-Letras a sciencia da guerra, cita-lhe as instrucções, que Aristoteles deo a Alexandre, a eloquencia que a Cesar fizera célebre antes de suas conquistas, e a politica de Scipiaõ, a quem dizem ser Terencio devedor da que vemos nas suas Obras. Humas vezes antepõe as sciencias á valentia, e outras a valentia ás sciencias, conforme as differentes pessoas, que lhe entretem a conversaçaõ: mostra-se sério, ou alegre nas materias indifferentes, e se inclina

ne a este, ou áquelle sentimento, conformando-se sempre ás differentes circunstancias.

A MUDANÇA, que he fundada sobre a razaõ, naõ deve ser censurada como extravagante. A cada instante estamos vendo que os negocios do mundo pedem que em hum mesmo dia fallemos por differentes modos: e assim no meu entender faltaria á civilidade, se naõ me alegrasse com hum amigo, que se cala vantajosamente, e huma falta commetteria muito mais consideravel, se naõ me mostrasse sensivel na afflicçaõ de hum meu parente, o qual me noticiasse a perda de seu filho unico. Hum homem, que cuida sómente nos seus interesses, e naõ se embaraça com os alheios, bem póde renunciar o mundo, e retirar-se com a sua indolencia para algum ermo. Ninguem deve ir a huma assembléa, para mostrar paixaõ contraria á que nella reina: nem apparecer com tal semblante, que dê indicios de reprovar os sentimentos, de que toda huma companhia está preoccupada. Naõ se daria causa taõ opposta ás maximas da sociedade, como semelhante procedimento, e todo aquelle que o seguisse, expor-se-hia a naõ adquirir já mais amigo algum. A cada instante se nos offerecem mil occasiões de ir com as opiniões daquelles, a quem pretendemos agradar; e este o meio mais seguro de ganhar a amizade com quem vivemos. Quanto a mim, nenhum mancebo deve arrepender-se do tempo, que empregou, e trabalho, que teve em instruir-se no modo de seguir engenhosamente os sentimentos dos outros: nisto he que se conhece a prudencia das pessoas civilisadas;

por-

porque nunca approvaõ cousa, que naõ seja justificada com razões, e por este motivo naõ pódem deixar de ser agradaveis aquelles, cujos sentimentos approvaõ, mostrando juntamente aos circunstantes, que nos seus discursos naõ ha affectação, nem lisonja.

Ainda que possamos dominar o nosso genio, com tudo nunca abusemos desta faculdade para viciar os nossos sentimentos, sustentando a mentira, ou louvando aquellas acções ou palavras, que naõ o merecem. Mas devemos servir-nos della para sacrificalla á dos outros, renunciando os nossos desejos, a fim de conformar-nos com o gosto daquelles, a quem quizermos dar provas da nossa submissaõ, e refreando as nossas inclinações, para as sacrificar á decencia; visto que deste modo he que as nossas acções servem de mostras do nosso respeito. Em taes circunstancias fugiremos de manifestar o nosso sentimento, naõ só por palavras, mas nem ainda por meio do proprio silencio com o mais minimo signal. Se alguma pessoa, a quem eu naõ quizera desagradar, elogiasse hum homem incivil, que me tivesse feito alguma affronta, ou que ella naõ conhecesse bem, buscaria meios para vencer o meu resentimento, e a hum impulso da generosidade ajuntaria certo sentimento, que me fizesse calar, quando naõ me podesse conformar com o opiniaõ daquelle, a quem quizera agradar.

Na companhia das Senhoras he que devemos principalmente dominar o nosso genio; porque estas querem muita condescendencia, e respeito: e este he o unico meio de agradar-lhes. A belleza,

de

de que saõ dotadas, e as continuas lisonjas, com que os entretenos, fazem com que ellas tratem os homens com huma especie de tyrannia. Mas este seu imperio acaba com a sua belleza, e encantos; e então se manifestaõ os seus desejos claramente, e até muitas vezes desagradaõ. O meio porém que huma Senhora deve seguir para agradar sempre na sociedade, he conservar o seu caracter, guardando em tudo o decóro, e sobre tudo dar-se a respeitar. Mil cousas disfarçamos áquellas pessoas, que saõ dotadas de agrado, e attractivos, as quaes naõ perdoariamos ás que se achaõ já em idade avançada. Aquellas Senhoras, que já tiverem passado a sua mocidade, devem ser mais circunspectas, e austéras, e nunca devem affectar de engraçadas. Porém, quando ellas naõ saõ formosas, nem moças, importa que sejaõ sisudas por politica, e que se lembrem de ser passado o tempo de agradar. Triste he sempre esta situaçaõ, e causa molestas lembranças á maior parte das Senhoras, cuja belleza foi muitas vezes lisongeada: mas razaõ tem para consolar-se, lembrando-se de que o seu juizo, e capacidade póde substituir os agrados do rosto, e entreter numerosas companhias em sua casa, por meio dos seus bons costumes, condescendencia, e boa conversaçaõ, da mesma sórte que o faziaõ pela belleza: porque sempre he procurada, e todos desejaõ ter amizade de huma pessoa dotada de talento, e capacidade. Com o tempo se consome a formosura, as côres mais bellas, como sejaõ vistas de continuo, vem por fim a aborrecer; mas a boa conversaçaõ nunca enfastia, quando

do

do, he ornada de todos os agrados, que as peſſoas ſábias, e engenhoſas dáõ a quanto dizem. Bem que em idade decrepita eſteja Artemiſa, continuamente ſe vê rodeada das peſſoas mais diſtinctas da Corte, e apenas tem força para reſpirar, e reſponder ás perguntas, que ſe lhe fazem: com tudo a ſua converſaçáõ taes agrados tem, que as peſſoas de bom goſto naõ lhe pódem reſiſtir; a memoria lhe ſubminiſtra promptamente quanto ella tem viſto no decurſo de ſua vida, e pela ſua narraçáõ ſe ouvem mil circunſtancias curioſas. O ſeu eſpirito conſerva quanta viveza tinha, a peſar do abatimento do corpo, que a idade lhe tem debilitado, e conſumido de tal ſórte, que della ſe póde dizer, que ainda he moça na melhor parte da ſua alma, viſto que mais velha pareça, e mais decrepita que a Sybilla.

CAPITULO XIV.

Em que ſe moſtra que para fallar com acerto das paixões, vicios, e virtudes, he neceſſario paſſar ordinariamente do diſcurſo geral ás diſtincções particulares.

O ESPIRITO Filoſofico, que ſe diffunde por toda a parte, faz com que a moral ſeja muitas vezes o objecto das converſações. Quando ſe trata de virtudes, ou paixões, devemos neceſſariamente, para fallar com acerto, recorrer ás ſuas diſtincções particulares: porque as differentes religiões tem eſtabelecido differentes virtudes. Na Gre-

Grecia vio-se em outro tempo huma Republica, na qual era perdoado o roubo, com tanto que fosse feito com subtileza. Por isso somos obrigados a fazer distincção, quando se falla da virtude em geral: por naõ ser ella igualmente respeitada de todas as nações, e porque nem todas a consideraõ da mesma sórte, e eu naõ sei se difficultosa cousa seria dizer precisamente o que ella he. Confesso que a virtude encerra em si certa equidade natural, geralmente approvada: mas naõ he menos certo ser ella diversamente praticada. Nunca houve obrigaçaõ mais indispensavel, do que aquella, que manda aos filhos que sirvaõ a seus pais, principalmente quando elles se achaõ em idade avançada, ou afflictos com alguma molestia. Todos os Póvos da Europa observáraõ sempre taõ justa maxima: e todavia os Scythas, que eraõ senhores de huma vasta extensaõ de terra, chamavaõ inhumanos, e crueis áquelles filhos, que consentiaõ que seus pais estivessem padecendo huma doença incuravel; e por esta razaõ costumavaõ darlhes a morte com huma pancada no peito, a que chamavaõ *golpe de graça*, e achavaõ ser muito justo o terminar desta sórte as dores de seus pais. Ainda chegava a mais excesso a supposta caridade, pois em vez de os queimar, ou enterrar, comiaõ seus corpos, imaginando que naõ havia acçaõ taõ pia, como a de dar a seus pais tal sepultura, para os converter na sua propria substancia, e fazellos reviver em si mesmos, quanto lhes fosse possivel. Esta piedade filial, consideramos nós como extravagante, e seria condemna-

da

da á morte qualquer peſſoa, que entre nós obſervaſſe o coſtume dos Scythas.

Creio que naõ ſe deve diſtinguir menos; que os coſtumes dos paizes, os vicios, e virtudes ſegundo as profiſſões das peſſoas. Huma virtude nunca nos faz taõ recommendaveis, como quando ſe conforma com a noſſa profiſſaõ. Aquelle, que ſe contagia ao ſerviço dos altares, deve ſempre preferir o conhecimento da religiaõ ás demais ſciencias; e he preciſo que ſeja muito virtuoſo para fazer com que as ſuas palavras, e acções nos peſſaõ dar bom exemplo. A hum militar he dado o diſtinguir-ſe por outro modo: pois que a ſua virtude deve ſer o valor, e tudo quanto diz reſpeito á diſciplina militar, ou á arte de fortificar, ſua principal applicaçaõ. Além diſto importa notar, que naõ ſe deve chamar valente hum homem, que levado de hum furor temerario faz alguma acçaõ boa; nem accuſar de fraco aquelle, a quem hum terror panico atemoriza em alguma occaſiaõ. Quanto ao verdadeiro valor, cumpre que em todas as occaſiões eſteja o animo diſpoſto para vencer os obſtaculos, que ſe oppozerem aos noſſos deſignios; aſſim como ninguem deve paſſar por fraco, ſenaõ quando tiver o coſtume de fugir ſempre ao perigo. Eſte o modo, como devemos diſcorrer ácerca das virtudes, e dos vicios. O Magiſtrado naõ poderá adquirir nome de juſto por ter feito juſtiça huma só vez: pois para merecer eſte titulo he preciſo que tenha hum firme, e conſtante deſejo de dar a cada hum o que lhe pertence. Qual ſerá logo eſſa virtude, de que geralmente ſe fal-

Elle nas conversações? Confesso que não he fa-
il responder a esta pergunta; e todavia creio fir-
mamente que a virtude, de que fazemos tão al-
to conceito, e que tão proprio confideramos para
nos-nos felizes, he justamente o que chamamos
justiça, e deve ser a virtude universal: pois se
tivessemos todo o fundamento de equidade preci-
so para a sociedade civil, não haveria processos,
nem Magistrados; cada hum cumpiria com a sua
obrigação, começando pelo culto que a Deos he
devido. Os vassallos obedeceriaõ aos seus sobera-
nos; os filhos a seus pais: e como ninguem que-
reria o que não lhe pertence, ninguem fallaria em
roubos, nem homicidios, e até a murmuração
seria desterrada de todas as sociedades.

Discorramos agora ácerca das paixões. A maior
parte dos homens confideraõ a ambição, o amor,
e o odio como a origem de todos os males, e
a sua violencia he de ordinario a que nos encami-
nha á commetter as injustiças, que ou merecem
castigo, ou manchaõ a reputação. Confesso que
a violencia das paixões nos arrasta muitas vezes
ao crime; mas naõ poderaõ ellas tambem servir-
nos de grande soccorro para elevar-nos a huma
virtude heroica? Se naõ houvesse ambição, naõ
veriamos Alexandres, nem Cesares, nem se fariaõ
aquellas brilhantes acções, que nos adquirem im-
mortal reputação. De maneira que em lugar de
condemnar as paixões, quizera eu antes que se
fizesse bom uso dellas, para que se nos tor-
nem uteis.

Todos amamos os effeitos da clemencia, e

da

do compaixaõ : admiramos o que produz o amor da gloria , e a fugida da infamia , e por mais desacreditado que seja o temor , em mil occasiões constitue huma parte da prudencia : por meio delle he que antevemos , e evitamos os males. Que naõ poderiamos notar ainda , se examinassemos as demais paixões ? O amor , por exemplo , que dificuldade naõ ha para dar delle huma idéa geral ? Posto que esta paixaõ seja universal , poucas pessoas ha todavia , que possaõ mostrar o que ella he. Diz hum filosofo antigo , que o amor he hum naõ sei que , que vem naõ sei donde , e que se vai naõ sei como. Delle tambem fez hum celebre Poeta outra descripçaõ bem pouco clara , nos versos seguintes :

Ha huma doce attracçaõ , huma sympathia ,
Que duas bellas almas allia ,
Que as attrahe suavemente , e as prende ,
Por hum modo , que naõ se comprehende.

Deixando porém aquellas subtilezas , que só servirião de cançar o espirito , e sem metter-nos a examinar qual seja a natureza das paixões , devemos concluir , que as paixões naõ devem ser condemnadas ; porque em si saõ indifferentes , e se algumas vezes succede perturbarem o curso de nossa vida , em outras pódem prestar-nos para muito : o ponto essencial está em sabellas distinguir bem ; pois para fallar judiciosamente das virtudes , e paixões , devemos attender ás differentes circunstancias , que as pódem mudar.

CA-

CAPITULO XV.

Se he conveniente o preparar-se huma pessoa para as conversações ordinarias: e com que veneração, e respeito se deve fallar das cousas santas, e dos negocios do Estado.

A LEITURA, que podemos fazer diariamente, e as pessoas com quem tratamos a cada instante, pódem servir-nos de preparação insensivel, e continua para as conversações, em que por acaso nos encontramos: e por estes dous meios he que a nossa memoria se enriquece de infinitas noticias, que depois nos participa nas occasiões necessarias.

A HISTORIA, e as Bellas Letras saõ o thesouro, onde devemos ir prevenir-nos das cousas, que ornaõ o nosso espirito para entreter huma conversação com agrado. No estudo da Historia, e Bellas-Letras acharemos o util, e o agradavel. Que poderoso motivo naõ he este para obrigar hum mancebo á applicação dellas! Que melhor materia poderia elle escolher? A maior parte da mocidade reconhece todas estas vantagens, e naõ deixa de ter hum vehemente desejo de possuillas. Vê claramente que com esta instrucçaõ se levanta acima dos homens, que naõ a tem; que ella lhe subministra os meios mais agradaveis, e infalliveis para sustentar huma conversação com agrado. Porém a maior parte dos que amaõ as Bellas-

las-Leeras, e querem cultivallas, ignoraõ por infelicidade sua os meios, de que devem valer-se para tirar dahi o fructo, que esperaõ. Muitos pretendem instruir-se nesta sciencia sem trabalho, nem applicaçaõ: huns estudando sem methodo, e sem regra, se contentaõ sómente de colher as primeiras flores, que se lhes offerecem á vista, sem fazer para isso esforço algum, recusando os meios de pôr-se em estado de conhecer a essencia do bom, e os caminhos que para elle pódem guiar-nos. Outros leem com tanta velocidade, e distracçaõ misturando nos seus estudos tantas partes differentes, que ainda quando tivessem á vista aquelles pensamentos, que os deviaõ interessar, explicados com a maior clareza, nunca as novas imagens, que a sua natural inconstancia continuamente lhe estaõ representando, dariaõ lugar a que elles tivessem huma verdadeira idéa das Bellas-Letras, e adquirissem o bom gosto, para utilisar-se de tudo aquillo, que os póde lisonjear.

As OBRAS de litteratura representaõ-se á nossa vista de hum modo muito aprasivel, e ao mesmo tempo muito facil, e nos offerecem as suas bellezas de hum modo taõ claro, e notavel, que parece á mocidade, preoccupada a favor dellas, ser bastante procurar as passagens mais agradaveis destas Obras, e lêllas simplesmente para instruir-se com perfeiçaõ nas Bellas-Letras. Mas além deste costume ser parte para que lhe escapem muitas bellezas, de nenhuma sórte a guia ao conhecimento da origem, e principios das que lhe fizeraõ mais impressaõ: e por isso nunca a mocidade goza, se-

naõ

ião de huma parte de suas riquezas, e até disto mesmo ignora a razaõ.

O nosso sentimento se augmenta á proporção das idéas, e noticias que adquirimos, as quaes desembaraçaõ as faculdades da nossa alma; porém o estudo da arte, e das regras, deve dirigillas para que naõ nos exponhamos a cometter algum erro sobre os principios do bom, e a tomar o falso pelo verdadeiro. Que bellas cousas naõ ha nas artes, que sendo reconhecidas como taes por pessoas intelligentes, vem a ser insignificantes para aquelles, que ignoraõ as regras que as produziraõ! Que bellas passagens, que admiraveis pensamentos, que bellezas taõ exquisitas, e ao mesmo tempo imperceptiveis a muitos por falta do conhecimento do bom!

Com effeito o conhecimento das regras das Bellas-Letras he muito essencial para conhecer toda a sua belleza, e pôr-nos em estado de fallar nas conversações com acerto. Aquelle que naõ se sujeita ás regras, e aos principios, erra muitas vezes; e por isso hum mancebo, que se applica ás Bellas-Letras, deve aprender os seus principios, e preceitos para conhecer melhor as suas bellezas, e usar dellas com agrado nas conversações, em que se achar.

Qualquer pessoa, que imprudentemente intentasse ter sempre assumptos promptos para toda a qualidade de conversações, deveria fazer huma collecçaõ de todas as cousas notaveis, que tivesse lido, e ouvido, antevendo nesta collecçaõ o que houvesse de dizer nesta, ou naquella assem-

blea.

bres. Mas naõ poderia muitas vezes executar o ſeu projecto, porque nem ſempre ſuccederia fallar-ſe de couſa alguma, que tiveſſe connexaõ com as bellas couſas, que antevira.

Hum homem conheci eu, que fallava com muito deſembaraço, e nem por iſſo agrada a ninguem: porque todos entendiaõ que tinha eſtudado o que dizia: donde infiro que eſta opiniaõ naõ contribuia para elle adquirir huma reputaçaõ muito agradavel. Occaſiões ha todavia em que devemos preparar-nos antes para entreter huma converſaçaõ ordinaria, ainda quando houveſſe de perceber-ſe que quanto dizemos, foi eſtudado: por exemplo, ſe ſucceder que algum Embaixador venha de Paizes remotos, e pouco conhecidos, provavel he que delle ſe falle em todas as converſações; e neſte caſo obraremos com acerto, ſe nos inſtruirmos em huma materia, que ha de ſer o objecto da maior parte das aſſembleas. Será muito conveniente ſaber a extenſaõ, e ſituaçaõ do paiz, donde nos vem eſta embaixada: vêr em alguma relaçaõ de viagens; as forças, e o governo daquella naçaõ: inſtruir-nos a reſpeito do intereſſe, que ella póde ter em procurar a noſſa alliança: ſe he para obter a noſſa protecçaõ, ou para eſtabelecimento de algum commercio. No caſo que appareça algum fenomeno, podemos tambem, por meio da Fyſica, inſtruir-nos neſta materia, para ficarmos em eſtado de ſuſtentar huma tal converſaçaõ.

A EXCESSIVA liberdade, que algumas peſſoas tomaõ de fallar com irreverencia das couſas ſantas,

e

sagradas, e dos Miniſtros de Jeſus Chriſto, do seu culto, e das suas ceremonias, caracteriſa hum homem de impio, e ingrato. Deſgraçado aquelle, que ſe atrever com lingua ſacrilega a ridiculiſar a Religiaõ, querendo brilhar de erudito á cuſta dos Santos Myſterios, que devéra reſpeitar! Naõ brilhará tanto nelle a ſua erudiçaõ, como a corrupçaõ de ſeu coraçaõ. Oh! que aſſim he taõ temerario aquelle, que tudo pretende ſujeitar á razaõ! Inſenſato! que naõ podendo conhecer o myſterio da ſua natureza, quer decidir o do ſeu Deos! Finalmente, quando fallarmos em pontos de Religiaõ, faremos de ſorte, que ſe conheça a noſſa piedade, e pureza do noſſo coraçaõ, e a noſſa gratidaõ para com a Divina Providencia. Todo o homem deve eſtar ſinceramente penetrado das obrigações, que deve ao Ente Supremo, que o creou, e o póz em eſtado de participar da ſua gloria eterna; e que por tantos beneficios, que continuamente lhe communica, ſó lhe pede hum limitado reconhecimento.

Quando fallarmos de algum erro, ou bereſia, nunca ajuntaremos a eſte diſcurſo couſas, que poſſaõ fazer agradaveis eſtes meſmos erros; porque muitas vezes faõ mais perigoſas, que as opiniões dos devaſſos. Para convencer eſtes ultimos, baſtaria taõ ſómente movellos a conſiderar o curſo do Sol, o movimento dos aſtros, e as producções da terra; e veriaõ entaõ, que o homem naõ era capaz de dar ao Univerſo eſta ordem que lhe admiramos, viſto que em ſi meſmo naõ póde regular huma ſimples digeſtaõ; e ignorou muito

to tempo a circulaçaõ, que nas ſuas veas faz o ſangue. Naõ confeſſaremos por ventura que aquelle, que taõ bem governa huma taõ grande maquina, deve ſer infinitamente ſabio, e poderoſo; e ſendo tal, poderemos recuſar-lhe as noſſas adoraçoẽs, e o culto que ſe lhe deve? Com tudo, quando defendermos o melhor partido em materia de Religiaõ, naõ daremos moſtras de ouſanos por eſta vantagem; mas diremos as noſſas razões judicioſamente, com gravidade, e ſem affectaçaõ.

Sendo os Soberanos as imagens de Deos na terra, devem os ſubditos uſar para com elles da meſma circunſpecçaõ. Hum homem de bem tem ſempre verdadeiro amor á Patria, ao Principe, a ſeus Miniſtros, e Confidentes. No acto da indiſcriçaõ naõ ha amigos; porque ha muitos falſos, e promptos a ſacrificar tudo á ſua fortuna. Huma palavra indiſcreta póde occaſionar-nos terriveis deſgraças. Ha homens taõ faltos de honra, que ſob protexto de amizade, chegaõ a provocar-nos por meio de falſidade, para arrancar-nos os penſamentos, e os mais occultos ſegredos do coraçoõ. Semelhantes perfidias, ao meſmo tempo que cauſaõ horror, nos daõ a conhecer a eſcrupuloſa pontualidade, com que devemos obſervar huma rigoroſa circunſpecçaõ em tudo o que diz reſpeito ao governo. Bem podemos dizer o noſſo ſentimento ſobre a politica das outras Nações, com tanto porém que conheçamos as ſuas maximas, e intereſſes: mas quando diſcorremos ſobre o eſtado do meſmo Paiz, em que vivemos, parece-me que nunca devemos adiantar-nos nas noſſas conjecturas, nem

a investigar muito as cousas; e muito menos a decidir sobre o proceder de hum Ministro, reprovando, ou ridiculisando as suas acções. Oxalá que o exemplo da infelicidade de tantos Varões illustres nos conservasse dentro dos limites, que a prudencia acaba de dictar nos!

MAXIMAS MORAES

PARA REGER-NOS SISUDAMENTE NO MUNDO.

I. *Dai ao Creador o que lhe he devido.*

1 ESTA maxima nos ensina a primeira obrigação do homem, que he adorar incessantemente com humilde fé, e gratidaõ o Ente Soberano, e infinitamente perfeito, que nos tirou do nada, e nos conserva, enche de graça, e deve ser a nossa recompensa na outra vida. Naõ pede Deos sacrificios cruentos; mas huma consciencia pura, e simples, huma submissaõ sem reserva aos seus santos Mandamentos: elle o unico tributo, que elle nos pede. E quem póderá recusar-lho sem commetter a mais infame ingratidaõ?

2 O RESPEITO, e submissaõ que devemos aos que a Providencia pôz no mundo para governar-nos, nunca deve prejudicar as nossas obrigações para com Deos. Devemos dar-lhes o que lhes per-

ten-

tence, isto he, sujeitar-nos ás suas Leis, em quanto ellas forem compativeis com a Lei de Deos. O admittir alguma excepçaõ a este respeito, he querer pór a creatura em parallelo com o Creador.

II. *Antes que faças, olha o que fazes.*

1 QUE poderemos esperar de huma empreza inconsideradamente formada? Se tem feliz exito, he acaso: e de ordinario acontece o mesmo, que com huma casa, que sendo feita á pressa, facilmente se arruina, e só deixa ao author della o arrependimento, e a vergonha. Huma cousa bem insignificante póde muitas vezes fazer perigar o projecto mais bem ideado. Por isso devemos ter em tudo muita cautela. Parece-me que a prudencia dicta a todo o homem sensato, que naõ se exponha á execuçaõ de huma empreza, sem ter a certeza do seu feliz exito.

2 TOMEMOS o exemplo de hum conquistador, cuja ambiçaõ faz com que elle devore na idéa os bens de seus visinhos; e vaidoso com suas forças lança-se como hum caudaloso rio, que tudo quer absorver. E que lhe succede? He certo que ao primeiro impeto nada lhe resiste, pois por onde passa tudo arruina, e assola, fazendo ao mesmo tempo correr rios de sangue; mas enfraquecendo-se-lhe as forças pouco a pouco, fazem com que em breve tempo se ache inteiramente esgotado até na propria nascente. Este exemplo nos dá a conhecer muito bem a importancia desta maxima

e

e de mais disto, nunca havemos de arredar a vista, em todas as nossas acções, do que devemos a Deos, á Patria, ao proximo, e a nós mesmos.

III. *Frequentai sómente as pessoas virtuosas.*

1 SENDO as primeiras impressões as que mais permanentes saõ, por isso devemos acautelar-nos desde a mais tenra idade, e fugir do perigo das más companhias; porque frequentando os viciosos, corremos o risco de fazer-nos taes, como elles, segundo diz o Proverbio: *que ninguem póde demorar-se na loja do que vende perfumes, sem trazer comsigo o cheiro delles.* Se o nosso estado nos obriga a fazer sociedade com esta qualidade de gente, praticaremos o mesmo, que o destro Medico, que se arma de preservaticos, para naõ ser infectado dos males contagiosos.

2 POR melhor que seja o nascimento de huma pessoa, sempre lhe he difficil resistir ao máo exemplo. O vicio á primeira vista nos póde ser odioso, mas a continuaçaõ faz com que nos familiarisemos insensivelmente com elle, e pouco a pouco nos vai attrahindo; de sórte que abandonando a virtude nos achamos no ponto do precipicio, sem ter reparado no caminho, que para elle nos guiou. E quantos mancebos ha, que fazendo esta fatal experiencia, se perderaõ depois sem remedio algum! Que cuidado, e exactidaõ naõ devem ter os Pais, e Mestres, em observar os primeiros passos da mocidade, para preservalla da corrupçaõ!

IV. Nunca tenhais presumpçaõ dos vossos feli-zes talentos.

1 HE muito natural ao homem o enfatuar-se do seu proprio merecimento; pois sempre imagina ter mais do que tem, e por pouco que se applaudaõ alguns de seus talentos, sempre os engrece mais que a voz publica, contemplando-se qual ave feniz. Que miseria! Quero suppôr que hum homem tenha em si todos os talentos dos outros que se poderá dizer delle, senaõ que he semelhante a huma loja de mercador, onde só ha fazenda para mostrar: ou tambem a huma arvore carregada de folhas, sem fructo algum?

2 Aquelle, que tiver alguns talentos naturaes, terá por ventura mais occasiaõ de gloriar-se do que o pavaõ por ter nascido com huma bella cauda? Quanto aos talentos adquiridos, exceptuando aquelles que saõ verdadeiramente uteis ao bem publico, os outros fazem o mesmo effeito nos homens, que a tintura nos panos: porque esta os orna sem os fazer melhor, do que na realidade saõ. Entra em ti, ó presumido; e se te naõ podes vêr com teus proprios olhos, consulta os de teu visinho, e elles te diráõ que essas qualidades, que em ti admiras, ou te saõ inuteis, ou naõ servem para fazer-te mais virtuoso do que és, ou nocivas, se á maneira dos Anjos máos, em vez de attribuillas a Deos, tiras dahi alguma vaidade.

V.

V. Antes de obrar, consultai o sentimento dos outros.

1 DIZ o Proverbio: *que melhor anda huma pessoa em dous pés, do que em hum.* Da mesma fórte se póde tambem dizer, que melhor se pensa com duas cabeças, do que com huma: e por isso, a pezar de suas vastas luzes, e de huma grande experiencia, nunca o homem se póde lisongear de huma noçaõ taõ geral, que lhe apresente todos os objectos em igual distancia, e o ponhaõ em estado de naõ precisar de conselho. Donde se segue ser muito util, ao menos em certas occasiões, o naõ guiar-nos pela nossa propria cabeça, sem que primeiro consultemos o parecer dos outros.

1 INUTIL he pedir conselho, quando naõ estamos determinados a seguillo. Huma sabia desconfiança de nós mesmos nos fará evitar o erro, e suas consequencias. O General, que só faz conselho de guerra por ceremonia, e a quem hum louco amor proprio cega até o ponto de julgar-se mais sabio, que todos os seus Officiaes, expõe se ao perigo de cahir em muitos erros; e por huma muito natural consequencia se põe no perigo de pagar muito cara a propria presumpçaõ, e comprar, á custa de sua reputaçaõ, o tardio conhecimento da sua incapacidade.

VI. *Cedei civilmente, quando alguem porfiar contra os voſſos ſentimentos.*

1 HE licito, ſegundo as circunſtancias, diſcutir as razões, que ſaõ neceſſarias para ſuſtentar, ou deſtruir huma opiniaõ, com tanto que iſto ſe faça com toda a moderaçaõ, e ſuavidade; porém querer alguem, ſó pela ſua propria authoridade, fazer inclinar a balança para a ſua parte, e captivar os ſentimentos alheios, além de ſer contra todas as regras da prudencia, e civilidade, he attribuir a ſi huma ſuperioridade offenſiva, que nunca deixa de grangear baſtantes inimizades.

2 *Annibal* a ninguem mais, que á orgulhoſa obſtinaçaõ de *Varraõ*, foi devedor da victoria da célebre batalha de *Cannas*, que pôz Roma em preço de perder-ſe. Outros admiraveis exemplos nos offerece a Hiſtoria em grande numero, os quaes provaõ quaõ funeſta póde ſer para todo hum Eſtado a obſtinaçaõ de hum ſó homem. He deſgraça naõ ter ella feito converſaõ alguma, e que os erros de huns mais ſirvaõ de modelo que imitemos, do que de liçaõ para corrigir-nos.

VII. *Dai attençaõ ao que ſe vos diz.*

1 POUCA civilidade, e falta de educaçaõ moſtra ter aquelle, que eſtá abſtracto, quando lhe eſtaõ fallando, mórmente se he reſpeitavel a peſſoa, que lhe falla. Naõ ſe dá todavia couſa mais ordinaria que iſto; e peſſoas ha, que preſumem de

de abſtractas, principalmente a mocidade, cuja attenção he taõ difficil de fixar, como o azougue. Falla muitas vezes hum Meſtre por dilatado tempo a ſeus diſcipulos, e imaginando que elles o tem eſcutado com attenção, faz-lhes repetir o que lhes tem dito; mas com o deſgoſto de vêr que até entaõ naõ fallára com peſſoa alguma.

2 JULGUEMOS os outros por nós meſmos. Que penſariamos de huma peſſoa, que nos déſſe pouca attenção, quando lhe fallaſſemos? He certo que nos offenderiamos, e a tratariamos de incivil, e groſſeira; pois conſiderando a ſua diſtracção como ſignal de deſpreſo, teríamos muita razaõ para iſſo. Façamos logo por obſervar ao menos a civilidade, e naõ obrar cóuſa, que nos outros nos pareça reprehenſivel.

VIII. *Nunca preſumais de ſabio.*

1 QUERER affectar qualidades de homem ſabio, he fatuidade ridicula, por ſer caracter bem difficultoſo de ſuſtentar; e que muitas vezes tem feito arrepender a muitos, que o tem repreſentado: porque em vez dos applauſos, que ſe lhe ſonjeavaõ de merecer, ſoffrêraõ o deſpreſo, e as apupadas dos eſpectadores. A razaõ he bem facil de perceber; e he, que a ſua repreſentação naõ era natural. Eſta qualidade de peſſoas ſaõ conſideradas como certos taverneiros, que procuraõ ter boas tabletas para attrahir a quem paſſa: porém ſucede que os que alli entraõ, depois de provar o vinho, achando-o deteſtavel, immediatamente formaõ tenção de nunca mais lá tornar.

O

2 O HOMEM, que he verdadeiramente ſabio, naõ tem preſumpçaõ da ſua ſciencia; de ſorte que bem alheio de ſer preſumido, he humilde, prudente, e modeſto; Contenta-ſe de ter erudiçaõ para ſi, e naõ para moſtrar aos outros; e por iſſo he muito mais eſtimado, do que aquelles ſujeitos ſuperficiaes, que ornando-ſe de algumas paſſagens de bons authores, e fazendo alardo de huma erudiçaõ, que naõ lhes pertence, ſaõ tratados como a Gralha da Fabula. . . . Homens ha, que paſſariaõ por ſabios, ſe naõ pretendeſſem moſtrar que o eraõ.

IX. *Naõ falleis a peſſoa alguma em eſtylo mais elevado, do que a ſua comprehenſaõ.*

1 ESTA maxima ſe dirige áquelles, que affectaõ de eruditos, e ſaõ de outra claſſe differente da dos que acabamos de fallar. O fim, por que o fazem, he o meſmo: mas a ſua loucura tem alguma differença: porque eſtes tem a extravagancia de penſar, que quanto menos os entendem, tanto mais brilhaõ, e por iſſo affectaõ ſempre eſtylo ſublime: crendo que ſe abatem, quando fallaõ de huma maneira, que todos os percebaõ. Naõ he iſto o meſmo, que dançar para que hum cégo o veja, e cantar para ſer ouvido de hum ſurdo?

2 PRIMEIRAMENTE a civilidade que apropriemos ſempre a noſſa converſaçaõ áquelles, com quem fallarmos, para que nos façamos intelligiveis a todos: por quanto, ſe nos mettermos a fallar em Algebra a

hum

hum aldeaõ, ou em Fyſica a hum menino, naõ haverá couſa mais propria para os fazer bocejar a hum, e outro; e iſſo he querer adquirir gloria com pouco cuſto, e excitar cocegas a ſi meſmo, para ter occaſiaõ de rir. De hum perfumido deſta caſta dirá o ignorante o meſmo, que huma criada dizia de hum Pregador: Fallou como hum oraculo! Que diſſe elle? Naõ ſei; porque lhe naõ percebi huma ſó palavra. Mas o homem de juizo dirá: He hum tolo.

X. Uſai de ſinceridade, e rectidaõ em voſſos diſcurſos.

1 Hum homem de bem he intereſſado em moſtrar-ſe ſempre o que na realidade he; pois perderia muito, ſe uſaſſe do menor diſfarce. Falla ſempre com ſinceridade, e obra como falla, ſemelhante áquelle *Drazio*, de que faz menção *Plutarco*: o qual em vez de querer fazer a ſua caſa impenetravel aos olhos de ſeus viſinhos, pelo contrario a deſeja aberta, de ſórte que todos vejaõ o que elle faz dentro della. E quaõ poucos *Drazios* ha no ſeculo preſente!

2 Porque ſera taõ rara entre os homens a rectidaõ, e a ſinceridade? Sem duvida que ouço allegar a ſua corrupçaõ natural. Convenho niſſo, mas eſta naõ he ſó a origem do mal: pois que eſte procede tambem da indiſcriçaõ de muitos Paes, e Mães, que converſaõ diante de ſeus filhos; e como a murmuraçaõ he o peccado, que mais nos liſonjea, por iſſo vem a ſer quaſi ſempre a materia

da

da conversação: e devendo os pais expôr á vista de seus filhos exemplos sómente de piedade, justiça, probidade, &c., obraõ inteiramente o contrario dizendo-lhes: *Lá quebrou fulano, cicrano he hum mentiroso, e hum homem sem credito, &c.* De sorte que vêm os meninos a conhecer muitas vezes todos os vicios, antes de ouvir fallar em huma só virtude. Daqui podemos tirar a consequencia.

XI. *Cumprireis inviolavelmente a vossa palavra.*

1. HE a boa fé huma qualidade taõ essencial ao bem da sociedade, que sem ella viveriamos huns com os outros em perpetua desconfiança: pois esta amavel virtude he a que une os homens, a alma do commercio, e a que attrahe a estimação daquelles mesmos, que menos a praticaõ; de sorte que até os salteadores se prezaõ de a guardar entre si. Se ella todavia existira no coraçaõ de todos os que a louvaõ, seria o mundo muito feliz; porém naõ estamos já no tempo daquelles felizes gentios, a que a historia faz taõ bem merecido elogio, os quaes antes queriaõ perder a vida, que faltar á sua palavra.

2. CONSIDERO as obrigações, as escrituras de Notarios, e os mesmos tratados de paz, como outros tantos monumentos de confusaõ, e deshonra da humanidade. Com effeito, se entre os homens reinassem mais sentimentos de honra, e boa fé, teriaõ por ventura necessidade destes autos autenticos para segurança dos seus contratos? Seriaõ precisos travões, permitta-se o termo, para se gu-

gurar as suas promessas? Confessemos logo que outros fallidos ha differentes daquelles, a quem se dá este nome: pois naõ podemos duvidar, que quanto á honra ha muitos mais, que no Commercio.

XII. *Nunca prometta inconsideradamente.*

1 O HOMEM de probidade nunca promette huma cousa, quando moralmente naõ tem certeza de a poder dar, ainda que fosse, como dizem, ouro em barra; pois quando huma vez chega a prometter, nunca falta, bem que ao seu proprio inimigo fosse; e quando a sua reputaçaõ depende da sua promessa, mais depressa sacrificará todos os seus bens, do que faltar á sua palavra. Isto naõ he fazer hum retrato de fantasia, ou de pura imaginaçaõ: que assaz he lêr a Historia Romana, para convencer-nos de que esta grandeza de animo naõ he quimerica.

2 PROMETTER inconsideramente, he pôr-se huma pessoa no risco de perder a honra: porque ainda a pezar das melhores intenções, podemos achar-nos em taes circunstancias, que naõ possamos satisfazer a nossa promessa: o que supposto, que idéa se fará de nós? Mas naõ pára aqui o ponto: porque como para o mal sempre costumaõ augmentar-se os objectos, sem muita difficuldade se dirá entaõ que fomos mentirosos, e de má fé. Que naõ faremos nós para evitar taõ deshonrado nome!

XIII.

XIII. *Sede prestadio, condescendente, benigno, e affavel.*

1. SENDO os homens nascidos para viver hum com os outros, peior seria que o dos brutos o seu proceder, se elles só se unissem para o fim de maltratar-se. Qual era o fim, por que os nossos primeiros Pais se encerravaõ dentro das Cidades, senaõ para que a vida lhes fosse mais aprasivel pelas delicias da sociedade; para socorrer-se mutuamente contra seus inimigos; para participar igualmente dos bens, e dos males; e finalmente para naõ formar, por assim dizer, mais que huma só familia, e viver como irmãos em communidade de bens, obrigações, leis, e costumes.

2. QUE custaria a seguir este admiravel plano aos primeiros fundadores das Cidades? Muito pouco; pois naõ naõ seria preciso mais do que a sua vontade. De maneira que se cada individuo se persuadisse de que a sua particular felicidade dependia da commodidade geral, e contribuisse da sua parte para a massa commum, isto he, cada hum satisfizesse para com seus irmãos as obrigações, que a boa ordem da sociedade requer, he certo que a circulaçaõ do corpo lhe restituiria a despeza, que tivesse feito: da mesma sórte que o mar costuma fazer pelos canaes subterraneos, dando a cada rio o tributo, que lhe paga de suas aguas.

XIV.

XIV. *Mostrai agradavel parecer, e dai-vos benignamente com todos.*

1 O NASCIMENTO, as dignidades, as riquezas, e outras vantagens, se he que assim devo denominar as miserias, naõ serão bastantes motivos para grangear a todos esses, que as logrão, a attençaõ do publico? Pretenderão elles por ventura captivar a minha vassallagem de hum modo altivo, e soberbo, que os faz inaccessiveis? Enganão-se; porque se muito se levantão, de vista os perco, e cançados os olhos de os contemplar em taõ grande distancia, baixaõ para vêr sómente aquelles objectos, que a nossa vista naturalmente póde alcançar: e esta acçaõ de olhar para cima he incommoda, por ser contraria á natureza, que nos formou para olhar sómente para diante.

2 QUANDO hum grande personagem, em vez daquelle desprezo, que gela os corações, e aliena os espiritos, se mostra affavel, e benigno para com seus inferiores, esquecendo-se daquella dignidade, que naõ só lhe he incommoda, mas tambem aos outros, sabe opportunamente humanizar-se, que satisfaçaõ naõ lhe resulta disso! Facilitar o accesso a qualquer pessoa para communicalla sem constrangimento algum; ser de todos respeitado, sem baixeza, e o que mais lisonjea o amor proprio, estar lendo no semblante de todos que he amado, unicamente pelo seu agrado. Ó grandes do mundo! Se o vosso fim naõ

he

he outro mais, de que inſpirar temor, mal conhecereis a voſſa verdadeira grandeza.

XV. *Sede de genio agradavel ſem abatimento da voſſa peſſoa.*

A SOBERBA, e a grande familiaridade ſáõ dous extremos, de que ſe deve fugir, ſe naõ quizermos que nos aborreçaõ, ou deſprezem. Hum homem, que fallar ſempre com arrogancia aos ſeus domeſticos, achará pouco quem o ſirva, ſe naõ fôr por meio de hum grande intereſſe: o outro, que pelo contrario ſe abater até o ponto de familiariſar-ſe demaſiadamente com ſeus domeſticos, ou com qualquer outro inferior, dar-lhe-ha motivo a que ſe eſqueçaõ do que *ſaõ a ſeu reſpeito*, de ſorte que o trataráõ como de igual para igual: e ſe elle fizer o minino eſforço para recobrar a authoridade, voltar-lhe-haõ as coſtas com deſprezo.

Hum ſujeito de caracter, que naõ quizer cahir neſta viciosa alternativa, deve conſervar ſempre gravidade decente, certo exterior, que inſpire reſpeito. Porém importa que eſta gravidade naõ tenha nada de incommoda, nem de *pedante*, e que naõ ſó pareça natural, mas que ſeja tambem acompanhada de hum certo ar de bondade, que deſvaneça o temor de hum inferior, e lhe anime a confiança, ſem o deixar exceder os limites do ſeu eſtado.

XVI.

XVI. *Naõ ojuiseis decisivamente em cousa alguma, sem que primeiro a pondereis.*

1 VEMOS de ordinario nas conversações certa especie de sujeitos, que affectando o ar de hum *Aristarco*, todas as cousas criticaõ: e naõ tendo estes mais que huma leitura superficial, e huma leve tintura das sciencias, se consideraõ juizes consummados: de sórte que naõ se propõe materia alguma, que naõ dependa do seu tribunal, e por esta razaõ se apoderaõ immediatamente della, movem a questaõ como succede, e naõ querendo sujeitar-se ao voto dos mais, sem appellaçaõ alguma julgaõ logo decisivamente, e as mais das vezes o fazem como huns verdadeiros *Midas*.

2 Esta maxima se dirige mais directamente áquelle, que tendo a cargo o fazer observar as Leis, tem na maõ a balança de *Themis* para decidir da sorte dos bens, e das vidas dos particulares. O que ella condemna principalmente he a pressa, com que julgamos temerariamente da regra de viver, e acções do nosso proximo; pois sem dignar-nos de examinar os motivos, nem ponderar as razões, que poderiaõ suspender, ou annullar a nossa decisaõ, lhe fazemos rigorosamente o processo, sem lembrar-nos tambem, que Deos nos julgará da mesma sorte, que julgamos os outros.

XVII.

XVII. *Amai sem interesse.*

1 O INTERESSE, ou o amor de si mesmo, que lhe he equivalente, taõ inherente está á natureza humana, que parece impossivel podellos separar. Naõ he outro o principio, e o primeiro movel de quasi todas as nossas acções. A credulidade entre os homens faz, que elles reciprocamente, se enganem por meio de hum exterior, que lhes offusca o entendimento; de maneira que muitas vezes teriamos occasiaõ de envergonhar-nos de huma acçaõ, que nos houvesse grangeado a estima, e admiraçaõ dos nossos semelhantes, se elles podessem penetrar os motivos, por que a fizemos.

2 A AMIZADE, que se funda no interesse, naõ merece taõ respeitavel nome: pois naõ he outra cousa mais, que huma servil condescendencia para com aquelle, de quem se espera algum favor. Consiste a verdadeira amizade em aproveitar-nos de todas as occasiões de ser prestadios aos outros, sem esperar delles recompensa alguma. De hum taõ completo desinteresse alguns exemplos nos offerece a Historia, mas ah! que o numero destes verdadeiros amigos he o mais limitado que póde haver, e só podemos contar dous, que *forão* iguaes.

XVIII.

XVIII. . . . . *Perdoai sem fraqueza.*

1 O IMPERIO mais glorioſo, diz *Seneca*, he o que hum homem exercita ſobre ſi meſmo. Com effeito, ainda que *Ceſar* abateſſe o ſeu competidor nos campos de *Pharſalia*, e pela derrota de *Pompeo* aſſeguraſſe para ſi o Imperio do Univerſo, naõ vejo niſto couſa que me admire: porque cada ſeculo nos offerece deſtes exemplos: e quantos milagres de braços naõ trabalhaõ para cingir a corôa na cabeça dos conquiſtadores! Mas que Ceſar, ſendo ſenhor do mundo, e da ſua vingança, ſoubeſſe vencer-ſe de ſorte, que chegaſſe a perdoar a ſeus inimigos, iſto o que lhe alcança a victoria mais glorioſa: porque niſto ſó elle tem parte.

2 PERDE para com Deos todo o merecimento aquelle perdaõ, que ſó he concedido por politica: mas que bella acçaõ naõ he perdoar taõ ſómente por pura generoſidade, e ſem cólera! Deſta ſorte pagou *Joſé* com os mais ternos afagos a injuſtiça, e perſeguiçaõ de ſeus irmãos. e *Chriſto* eſpirando na Cruz implorou a clemencia de ſeu Pai a favor de ſeus algozes.

XIX. *Sede obediente aos Grandes ſem baixeza.*

2 INUTIL couſa ſeria diſcutir as cauſas da deſigualdade, que ha entre os homens: aſſaz he que nos limitemos a conſiderar as couſas no eſtado, em que ha muito tempo ſe achaõ. Que o naſcimento

to, as honras, e as riquezas sejaõ méros fantasmas no conceito do sábio, embora; como todas estas cousas tem merecido geralmente a estimaçaõ dos homens, naõ nos he permittido perturbar a ordem estabelecida: mas antes devemos considerallas como dispensaçaõ da providencia, e conformar-nos com ella.

2 Assim como *Christo* nos autorisa com o seu exemplo a dar a *Cesar* o que he de *Cesar*, naõ recusaremos tambem aos Grandes a honra, e o respeito, que se lhes deve. Devemos respeitallos, mas nunca abatendo-nos, quando o fizermos. Que em desprezo tenho aquelle homem, o qual fazendo se mais pequeno á vista dos Grandes, do que hum *Chinaa* ante o seu Idolo, chega com sua fraqueza, e vileza até o ponto de incensar-lhe os defeitos. Todo aquelle, que assim obra, vergonhosamente se vilifica.

XX. *Cultivai desvelado a amizade de todos.*

1 HE injusta cousa pretender obsequios de vossos irmãos, quando naõ fazeis tenção de pagarlhos na mesma moeda. Para isto deve cada hum concorrer da sua parte: pois só por meio de huma compensaçaõ de serviços recipfocos he que se conserva entre os homens essa fraternidade, que constitue a ventura da vida. Se quereis que vos amem, amai tambem aos outros: mas naõ seja com fingida amizade, a que eu quasi que chamára pantomima; por quanto verdadeira deve ser, e activa a amizade, com que haveis de obri-

obrigar em toda a occaſiaõ os voſſos ſemblantes.

2 AMAR ao proximo, e fazer-lhe todo o bem poſſivel, alguma couſa he; e niſſo eſtá o ponto principal, mas naõ he todavia tudo o que ſe requer. Como cada hum tem ſeus goſtos particulares, ſeus defeitos, e ſuas fraquezas, nunca a amizade poderá durar muito tempo, ſe faltar a indulgencia de huns para com os outros. . . . Eſta indulgencia póde encontrar-ſe entre hum pequeno numero de particulares: mas hum corpo, cujos membros todos eſtejaõ intimamente unidos entre ſi, he hum ente miſeravelmente quimerico, que o eſpirito de contradicçaõ embaraçará ſempre, para que naõ ſe effeitue, e realiſe.

XXI. *Evitai os litigios, e naõ intenteis proceſſo algum.*

1 SE a concordia he o mais doce encanto da ſociedade, a diſcordia pelo contrario he o mais terrivel flagello della. Com os primeiros homens nasceo eſta, e tinto foi o berço do mundo no ſangue, que ella fez derramar. E que deſordem naõ tem ella cauſado até o dia de hoje! He eſte humanal epidemico, e de tal ſórte arraigado, que naõ ſe lhe poderá vêr o fim, em quanto no mundo houver homens.

2 HE o proceſſo o horror dos ſabios, a ruina dos loucos, que o promovem, e o patrimonio de tantos Cidadãos, que talvez ſeriaõ inuteis ao Corpo do Eſtado, ſe naõ houvera deſuniaõ nos ſeus membros. Naõ he ſem-razaõ dizer-ſe, que huma

par-

parte do Genero Humano vive das loucuras da outra : e o que cauſa maior admiraçaõ , he que no ſeio da mais illuminada religiaõ , e entre os Povos mais civiliſados , ſejaõ os proceſſos mais frequentes , e mais dilatados , e ruinoſos.

XXII. *Naõ vos informeis dos negocios alheios.*

1 ESTA maxima condemna a imprudencia de certas peſſoas , que ſendo pouco attentas aos ſeus proprios negocios , querem ſaber os alheios. Muitas deſtas ha , que moſtrando-ſe diligentes , e zeloſas , raras vezes o fazem por motivo louvavel , ſendo muitas vezes ſómente por mera curioſidade , e ainda muitas mais com intento de fazer mal ; bem que ſempre debaixo de huma apparencia de amizade ſe inſinuaõ nas familias , affectando tomar á ſua conta os ſeus intereſſes , para melhor ſaber o eſtado , em que elles eſtaõ

2 SEJA qual for o pretexto , que alguem tome, de nenhuma ſorte approvo que hum homem ſe apreſente diante de peſſoas , que naõ o procuraõ , para fallar-lhes dos negocios alheios. Naõ feraõ os negocios , e embaraços da vida para cada hum de nós bem peſada carga , encarregar-nos-hemos ainda mais dos alheios ? Lembremo-nos do Proverbio que diz , que *cada boſorinheiro com a ſua tenda* ; quer dizer , que cada hum ſe deve contentar de ſaber governar a ſua caſa , ſem importar-lhe a do ſeu viſinho.

XXIII.

XXIII. *Dissimulai os vossos negocios sem affectação.*

1 SUJEITOS ha de hum caracter taõ sincero (e eu lhe chamaria imprudente), os quaes semelhantes á cuba das *Danaides*, naõ pódem reter as aguas: porque se lhes acontece bem, ou mal em qualquer negocio, nada lhes dá mais cuidado, do que manifestallo a todas as pessoas de seu conhecimento. Que utilidade lhes poderá resultar desta incontinencia no fallar? Por hum amigo, que se interesse no que lhe diz respeito, acharáõ vinte indifferentes, e talvez inimigos, que abusando da sua confidencia, se aproveitaráõ della para fazerlhes mal.

2 TAÕ indiscreto he aquelle, que descobre o estado dos seus negocios, como offensivo o que se reveste de huma circunspecçaõ affectada, á maneira do que de todos suspeita. A prudencia nos determina hum meio entre o ardente desejo de querer fallar, e a dissimulaçaõ muito clara. Convém que haja desconfiança, porque esta he a mãi da segurança: mas he preciso que cada qual se feche com ella, e obre exteriormente, e falle como se naõ desconfiára de ninguem.

XXIV. *Empresta com agrado, e diserimento.*

1 QUANDO soubermos que algum homem de bem padece necessidade, naõ esperemos que elle nos procure, para remedialla. Imitemos os *Pythagoricos*, os quaes naõ consentiaõ que nenhum de seus

ſeus irmãos cahiſſe em pobreza. Anticipemo-nos para com elles ſoccorrendo-os com mão benigna, e liberal; mas devemos fazello com aquelle agrado, que realça infinitamente o valor de hum beneficio; para que elle ſe poſſa perſuadir, de que obramos a ſeu reſpeito unicamente por affeiçaõ, e nos conſideramos obrigados ao meſmo tempo que o favorecemos.

2 EMPRESTAR ſem diſcernimento, mais he prodigalidade extravagante, do que generoso obſequio. Devemos conhecer a peſſoa a quem favorecermos; porque de outra fórte nos expomos, além de perder o merecimento do beneficio, ou o meſmo beneficio, a crear hum ingrato, e talvez hum inimigo. Eu me explico: ſe empreſtar com o melhor agrado do mundo a hum ſujeito, que me parece ſer homem de bem, e que naõ o he, ſempre tenho o merecimento do beneficio, que fiz: mas elle terá a macula da ingratidaõ de me naõ reſtituir o que lhe empreſtei: e eis-aqui hum beneficio perdido. Pelo contrario, hum homem de bem, a quem eu tiver ſervido de má vontade, ſe indignará do meu modo de obrar, e me pagará o que me deve: porém eu perderei ao meſmo tempo a ſua amizade, e o merecimento de o ter favorecido.

XXV. *Quando a recompenſa he devida, dai-a generoſamente.*

1 ESTA maxima diz reſpeito principalmente aos que governaõ os povos. O melhor uſo, que elles pódem fazer do ſeu poder, he ſaber diſtinguir aquel-

aquelles ſubditos, que pelos ſeus talentos ſe tem feito uteis ao Eſtado. Que ſeria das artes, e ſciencias ſe naõ houveſſe já Mecenas? Ter-ſe-hia eſſa Republica feito taõ tremenda, e adquirido taõ glorioſas vantagens ſobre ſeus inimigos, ſe *Ruyter*, e *Tromp* naõ tiveſſem achado juſtos avaliadores do merecimento?

2 PARA a recompenſa conſervar todo o ſeu valor, deve ſer feita a propoſito, com eſcolha, e acompanhada de tudo o que póde animar a peſſoa, que a recebe, proporcionando-ſe ſempre á acçaõ do ſeu objecto. Deve honrar igualmente tanto a quem a faz, como a quem a recebe: em huma palavra; tanto para à recompenſa como para o caſtigo, deve haver ſempre a meſma igualdade: quero dizer, que em huma, e outra haja huma juſtiça recta, e huma imparcialidade a mais eſcrupuloſa.

XXXI. *Sede ternos, e reſpeitoſos para com aquelles, que vos deraõ o ſer.*

1 ESTA maxima nos enſina, que depois de Deos ninguem tem direito taõ legitimo á noſſa ternura, como aquelles, de quem recebemos o ſer. Que nos importa a nós ſaber o modo, como recebemos delles eſte beneficio? A obrigaçaõ he eſſencial, e por iſſo devemos cumprir com ella, ſe naõ quizermos deſtruir a primeira lei da natureza, a que os meſmos brutos obedecem. Além diſſo devedores lhes ſomos de outra vida muito mais preciosa, que a primeira: iſto he da educaçaõ, ſem a qual o homem apenas ſe differença de hum bruto,

to. Naõ será isto bastante para que elles mereçaõ da nossa parte a mais terna gratidaõ?

2 NAÕ consiste só a nossa obrigaçaõ em amar a nossos Pais, he preciso tambem que os respeitemos: porque o mesmo Deos no-lo ordena, e para isto nos deo expressamente hum mandamento, a cuja observancia une o galardaõ de huma dilatada vida. Este sentimento de respeito já mais nos deve faltar. Naõ ha duvida que todos os Pais tem seus defeitos: porém quaesquer que elles sejaõ, nunca lhes diminuem as prerogativas: porque a bebedice de *Noé* naõ diminuio a culpa de *Cham*.

XXVII. *Lembrai-vos sempre do lugar (*) que vos vio nascer*

1 ESTA Maxima naõ comprehende o homem de merecimento: porque a mudança de fortuna, naõ lhe altera a maneira de pensar; só diz respeito áquelles homens de fortuna, que cégos do esplendor de hum posto, a que o acaso, e a fortuna os levantou, tanto se esquecem de si mesmos, que chegaõ a desmentir a propria certidaõ do seu baptismo, e fazendo toda a diligencia por enxertar a sua mecanica em algum tronco nobre, forjariaõ, se fosse possivel, novo Alfabeto, para nunca mais encontrar as letras do seu primeiro nome.

2 SENDO todos os homens iguaes, tanto no primeiro, como no ultimo periodo da vida, naõ se-

(*) *Falla da familia, e naõ da Patria.*

será couſa extravagante o querer diſtinguir o curto intervallo, que ſepara eſtes dous pontos, pelos vãos epithetos de nobreza, ou mecanica? Se ſois Fidalgo, a minha antiguidade he igual á voſſa. Retrocedamos ambos, e vereis que as noſſas linhas collateraes ſe tornaõ por fim a ajuntar a hum meſmo tronco. De que ſerve logo eſta ſuppoſta diſtincçaõ? Daõ-ſe por ventura differentes nomes aos ramos de huma meſma arvore?

XXVIII. *Compadecei-vos das deſgraças alheias.*

1 PÓDE-SE applicar eſta maxima a reſpeito das deſgraças tanto da natureza, como da fortuna. A reſpeito das primeiras, ſó as chamo taes quando conſtituem a vida triſte, moleſta, e deſgoſtoſa a hum infeliz, que por naſcimento, ou caſualidade, ſe vê condemnado a vêr-ſe ir finando a pouco, e pouco, e neſte caſo merece a minha compaixaõ. Porém, que hum homem ſeja mais ou menos diſforme, ſe iſto he deſgraça, bem inſignificante a conſidero. Conſiſtirá por ventura o merecimento, na côr, ou configuraçaõ do corpo? Ah! e que importa a hum juſto, que ſua alma tenha habitado no corpo de hum negro, ou de hum branco, do que naſceo em *Siam*, ou de hum *Patagaõ*!

2 QUANTO ás deſgraças da fortuna, ſuccede muitas vezes ſerem taes ſó na idéa dos homens: mas baſta que os afflijaõ, e elles ſejaõ meus irmaos, para enternecer-me a ſeu favor. Que couſa mais apraſivel para hum coraçaõ benigno, do que poder adoçar a amargura, e os trabalhos

de

de hum infeliz! Ó ricos! lembrai-vos dos pobres.

XXIX. *Protegei, e amparai ao pobre opprimido.*

1 HE por infelicidade noſſa a fabula do Lobo, e do Cordeito, huma imagem muito ſemelhante ao que todos os dias ſuccede entre os homens, e do tyrannico dominio, que a maior parte dos Grandes uſurpaõ ſobre os pequenos: de fórte que enfatuados do ſeu poder, e elevaçaõ, olhaõ com deſprezo para tudo o que lhes he inferior, abuſando cruelmente da força, para metter debaixo dos pés todo aquelle que ſe atrever a levantar a cabeça. Saõ eſſes taes huns *Nabucodonozores*, diante de quem todos devem humilhar-ſe. Ah, inſenſatos! Viveis ſó para eſte mundo, e naõ vos atemoriſa nada do futuro?

2 Como ſe atreve a blaſonar de Chriſtaõ aquelle, que deſpreza, e mette debaixo dos pés os meſmos, que *Chriſto* reconheceo por ſeus membros? Ó ricos obſtinados, e inſenſiveis! ſeraõ os bens, que Deos vos concede, para delles fazerdes taõ máo uſo? Certo que perecerá eſte idolo, que adorais, e vós outros acabareis tambem: dia virá, em que de balde imploreis a piedade de *Lazaro*.

XXX.

XXX. *Fazei por vencer a melancolia, a que o vosso espirito se entrega.*

1 NAÕ se póde negar que a compleiçaõ influe muito sobre todas as acções de vida; de sórte que huns obraõ bem, e outros mal: porém isto sucede mais por causa do temperamento, do que pela reflexaõ. A vista deste principio naõ se dá cousa mais interessante ao homem, do que o reflectir seriamente sobre si mesmo, e sondar as boas, ou más inclinações, para poder avigorar aquellas, e remediar estas. Por maior que seja a inclinaçaõ, sempre se póde, andando o tempo, e por via da razaõ, vencer inteiramente; ou pelo menos suspender-lhe os effeitos. . . . Muito bem próva a vida de *Socrates* o que acabo de dizer.

2 O HOMEM, que he melancolico por temperamento, naõ póde ter melhor remedio, que a distracçaõ do espirito, o trabalho, ou qualquer exercicio violento. Se a paixaõ reside na alma, a religiaõ lhe sobministra os soccorros mais capazes de a desvanecer. Affaz he ter sufficiente docilidade em observar os seus conselhos, para adquirir a filosofia Christã, que nenhum objecto terreno lhe poderá alterar.

XXXI. *Fazei que o pezo da vossa melancolia naõ cáia sobre pessoa alguma.*

1 SE vos fôr possivel dominar o humor melancolico, que vos offusca a razaõ, altera a saude, torna insipidos os divertimentos, e algumas vezes pezada, e molesta a vida, procurai pelo menos, que este pezo cáia sómente sobre vós, e naõ os outros, como se elles devessem estar responsaveis pelas vossas extravagancias.

2 SE vos apresentardes na companhia dos vossos semelhantes com semblante triste, melancolico, e carrancudo, causar-lhes-heis espanto. Por ventura que se compadeceráõ de vós: mas fugiráõ da vossa companhia: e a sua ausencia, privando-vos do unico remedio do vosso funesto estado, entregar-vos-ha como victima ao vosso maior inimigo, isto he, a vós mesmo. Abri os vossos annaes, e lêde se poderdes sem encher-vos de horror, os nomes abominaveis daquelles famosos desinquietantes, que entregues desta sorte a si mesmos chegáraõ a commetter as maiores crueldades.

XXXII. *Levai a paz, onde reina a discordia.*

1 DEVEMOS empregar todos os nossos talentos em restabelecer, e conservar a paz, e a uniaõ entre os homens, fugindo de imitar aquella peste da sociedade, e esses genios diabolicos, cujo halito envenenado faz lavrar por toda a parte, o odio, e a discordia; porque sem a paz, e sem

a

a caridade fraternal, mais seria a noſſa vida morte continua, e inferno anticipado, do que vida. Naõ temos por ventura baſtantes males involuntarios que ſoffrer; havemos de contribuir tambem da noſſa parte para fazer-nos infelizes, neſte pouco tempo que nos reſta para viver no mundo?

2 He verdade que algumas vezes he perigoſo o caracter de mediador, e muitas vezes qualquer com as melhores intenções do mundo, e deſignio de apaſiguar o odio, que reina entre as partes, ſe mette, a bem dizer, entre a bigorna, e o martello. A prudencia he a que deve guiar o noſſo zelo, e todos devemos ſatisfazer-nos da boa vontade, quando naõ tivermos a certeza de o poder effeituar ſem expôr-nos inutilmente a hum perigo certo.

XXXIII. *Nunca vos vingueis, que naõ ſeja á força de fazer bem.*

1 ESTA maxima he, na minha opinião, a mais bella que encerra a moral chriſtã; pois ſendo praticada em todo o rigor, conforme o Evangelho, exalta o homem ao maior gráo de perfeiçaõ, a que póde chegar. Com effeito, ainda que o homem ſeja naturalmente inclinado á vingança, bem póde ſem grande eſforço eſquecer-ſe de huma injuria; mas fazer conſtante, e ſinceramente bem a hum inimigo, grandeza d'alma he, que dá indicios de hum predeſtinado

2 Quando diariamente dirigimos a Deos a oração,

çaõ, que seu amado filho nos ensinou, com que semblante nos atrevemos a pedir-lhe, *que nos perdoe assim como perdoamos*, se temos o coraçaõ endurecido contra o nosso irmaõ? Naõ he isto insultar o Ente Supremo? Naõ he o mesmo, que dizer-lhe: Vingai-vos de nossas offensas, assim como nós nos vingariamos, se nos fosse possivel? Imitemos pois a clemencia deste Pai amoroso, que só procura vencer, com seus continuos beneficios, a obstinaçaõ do peccador endurecido.

XXXIV. *Reprehendei sem aspereza.*

1 A MODERAÇAÕ, e brandura saõ os meios mais faceis, e seguros para desviar qualquer pessoa do máo caminho, e reconduzilla ao bom, conforme diz o trivial proverbio: *Mais moscas se caçaõ com o mel, que com o vinagre.* A reprehensaõ, seja qualquer que fôr, he huma especie de abatimento para quem a recebe, e muito mais sendo acompanhada de severidade. Esta a razaõ, porque a fim de a tornar util, devemos dourar a pilula: isto he, revestilla de certo ar de bondade, para que mais pareça advestencia, do que correcçaõ.

2 Naõ se dá cousa mais fastidiosa, e importuna, do que o genio aspero, e arrebatado de certos amos, que abusando da passageira desigualdade, que a Providencia pôz entre os homens, tratаõ os seus domesticos como escravos, irandose pela menor falta, que commettem: e mais parecem ter nascido para mandar brutos, do que ho-

homens. Esta qualidade de pessoas fazem-se mais aborrecidas, que temidas. Os criados as servem por necessidade, e lhes obedecem com violencia, deixando-as no mesmo instante, que lhes apparece melhor conveniencia.

XXXV. . . . . *Louvai sem lisonja.*

1 HE o louvor hum tributo, que sem injustiça não se póde recusar ao merecimento; estendo dado a tempo, serve de estimulo á emulação, e de animar os talentos. O homem por mais modesto que seja, nunca se póde despojar tanto do amor proprio, que chegue a ser insensivel aos elogios, que lhe fazem: mórmente quando estes lhe vem de huma bocca não suspeita, e ao mesmo tempo se persuade de os haver merecido. O elogio, diz *Quintiliano*, nutre a ambição, e ainda que esta seja viciosa, todavia faz muitas vezes nascer algumas virtudes.

2 NAõ ha caracter mais desprezivel, que o de hum lisonjeiro, o qual movido de hum vil interesse, transforma os defeitos em virtudes, para fazer huma apotheósis. Muito devemos acautelar-nos contra estas perigosas insinuações. Chamo-as perigosas; e com effeito mais devemos temer hum lisonjeiro, que hum inimigo declarado: porque este, reprehendendo-nos apaixonadamente dos nossos defeitos, nos obriga, por assim dizer, a corrigillos, quando o primeiro, louvando-nos pelas virtudes, que naõ temos, nos faz desprezar os meios de adquirillas.

XXXVI.

XXXVI. *Ride moderamente.*

1 AQUILLO, que em ſi meſmo he innocente, deixa de o ſer quando paſſa a exceſſo. O rir naõ he prohibido, mas antes em certas occaſiões ſe faria objecto de riſo aquelle, que affectando Eſtoica gravidade, ſe moſtraſſe inſenſivel ao prazer de huma converſaçaõ. Pede a civilidade que tenhamos ſempre conſideraçaõ ás peſſoas com quem eſtivermos, para que em materia de riſo ſejamos conformes, e evitemos a applicaçaõ do proverbio de *Salomaõ*, o qual diz: *que he natural em hum louco o rir com eſtrondo.*

2 SUJEITOS ha, que ainda que naõ riaõ com eſtrepito, mais loucos ſaõ, que aquelle de *quem falla Salomaõ.* De ſorte que neſtes ſujeitos parece o riſo hum movimento convulſo, que ſe renova a cada inſtante. Qualquer bagatela os motiva a rir: ſe alguem ri, fazem o meſmo, e a mais parte das vezes, ſem ſaberem porque . . . Finalmente riem de tudo quanto ſe diz, e do que elles meſmos dizem: e o que ainda he mais burleſco, anteципaõ muitas vezes o riſo ao que querem dizer.

XXXVII. . . . . *Soffrer a zombaria*

1 AQUELLES, que mais inclinaçaõ têm á zombaria, de ordinario ſaõ os primeiros, que della ſe offendem. Vemos diariamente chocarreiros de profiſſaõ, que arrogaõ a ſi o privilegio excluſivo de cen-

cenſurar a todos, e bem parecidos ao porco-eſpinho, picaõ por todos os lados com as ſatyras mais offenſivas, ſem poupar nem ainda os melhores amigos, cuja perda lhes he menos ſenſivel que a de hum bom dito. Poréme ſe alguem toma a liberdade de os contrariar, immediatamente ſe perturbaõ, e offendem: de maneira que com eſtes genios mordazes, e ſatyriços, raras vezes ſe armaõ diſputas, de que naõ ſe ſigaõ funeſtas conſequencias.

2 Diz hum Author que a zombaria he ſemelhante ao ſal, de que ſó ſe deve uſar raras vezes, e com modeſtaçaõ. Contribue muito para divertir humа companhia; mas para eſſe fim importa que ſeja natural, e purificada de qualquer expreſſaõ obſcena, e incivil. Deſte modo he que as peſſoas bem educadas devem praticalla entre ſi: e como tenha eſtas qualidades naõ póde deixar de agradar, e cauſar alegria: ſe bem que a mais agradavel he a que huma peſſoa faz de ſi mesmo: porque dahi naõ póde recear conſequencia, que ruim ſeja.

XXXVIII. *Eſtima a cada hum no ſua profiſſaõ.*

1 NINGUEM julga do merecimento de hum comediante pelo papel, que elle faz, mas pelo modo com que o deſempenha. O meſmo ſe deve dizer de todos os homens em geral. Cada hum faz a ſua parte neſte mundo, onde os papeis variaõ continuamente, e aquelle, que repreſenta os primeiros, he muitas vezes menos eſtimavel, que

hum

hum comediante subalterno. Com tudo a estupida platea, quero dizer, o Povo enganado pelas falsas apparencias, applaude commummente mais o papel, que o comediante. Muitas vezes se saudará, ou fará reverencia a hum coche a seis cavallos, e naõ se olhará para hum homem de bem, que vai a pé.

2. A PENNA naõ faz o passaro, diz o Proverbio, cujo sentido he, que as honras, e as riquezas naõ augmentaõ o valor intrinseco do homem, e só servem de manifestar mais claramente ao publico suas virtudes, e vicios. Por estas qualidades he que eu meço a estimaçaõ, ou o desprezo, que faço a seu respeito; e importando-me pouco que seja hum simples official, ou hum grande fidalgo, faço caso da virtude indigente, e detesto o vicio coroado. Respeito hum *Esopo*, e aborreço hum *Nero*.

XXXIX. *Nunca gracejeis em materia de Religiaõ.*

1 SE no mundo ha cousa, que mereça geralmente, e a todo tempo o mais exacto, e profundo respeito, he certamente a Religiaõ; pois he a que fazendo chegar aos pés do Throno da Divindade as nossas submissões, votos, e rógos, faz juntamente com que supportemos as miserias desta vida, na esperança de huma felicidade, que naõ se póde alcançar sem ella. Se os Pagãos tem tanta veneraçaõ á sua Religiaõ, naõ obstante ser falsa, naõ devemos nós nella infinitamente maior a huma Religiaõ, da qual conhecemos com certeza a verdade, e santidade.

2 To-

2 Topo aquelle, que toma a liberdade de dizer a mais leve graça, em materia de Religião dá-me occasião a crêr que não tem nenhuma. Como impio, e inimigo de Deos o considero, e que mil vezes mais culpado que o desgraçado filho de Heli, se atreve a tocar com mão profana, e impura a arca da alliança.

XL. *Moderai os impulsos de cólera no seu principio.*

1 MUITAS pessoas ha de temperamento tão ardido, e impetuoso, que lhes he quasi impossivel vencer os primeiros movimentos da cólera: bem parecidas ao salitre, pois qualquer cousa as inflamma, e põe fóra de si mesmas. Mas estes não são homens, são humas furias. Digna de compaixão he esta casta de gente, e nunca desculpavel nos olhos de Deos. Por que razão não se ha de aproveitar dos bons intervallos, que este frenesi lhe deixa, para fazer muito por prevenir-lhe o accesso, e arrependimento, que immediatamente se lhe segue?

2 No seu Tratado da cólera nos faz *Seneca* hum retrato desta paixão muito mais horroroso, por ser tirado ao natural. O homem colérico, diz elle, tem hum ranger de dentes, a bocca espumante, semelhantes os olhos, o rosto inflammado, os beiços trémulos, os cabellos arripiados, inchadas as vêas, o peito n'huma horrivel agitação, que apenas póde respirar, suas palavras são intercadentes, suas mãos, pés, e finalmente todo o seu corpo está n'huma convulsão. Será este retrato de hum homem, ou de alguma féra raivosa?

XLI.

XLI. *Dizei sempre bem dos peſſoas auſentes.*

AQUELLE, que ſe aproveita da auſencia do ſeu proximo para o diffamar na preſença dos que o eſcutaõ, ou ſeja deſcobrindo os ſeus defeitos, ou imputando-lhos falſamente, he qual matador, que aproveitando-ſe do favor da noite, ſe introduz na camara de hum homem, que dorme, para dar-lhe huma punhalada. Todo aquelle, diz *Horacio*, que corta, e ultraja os ſeus amigos na auſencia, que naõ toma o ſeu partido, ou defenſa, quando lhe offendem a reputaçaõ, e o credito, que procura fazer rir, á cuſta delles, he huma peſte, de que deveis fugir. Aſſim falla hum pagaõ: e ſe nós obſervaſſemos o ſeu conſelho, ficariaõ as Cidades em breve tempo deſertas: que taõ geral he a maledicencia!

Que ſuccede ao maldizente? Damos ouvidas aos ſeus diſcurſos, e muitas vezes até chegamos a fazer-nos ſeus complices, applaudindo-os; porém no interior do coraçaõ o deſpreſamos, tendo a certeza de que ſó eſpera a noſſa auſencia, para virar contra nós as ſuas envenenadas ſetas. Digamos mais: o deſpreſo naõ he ſempre a unica moeda, com que ſe paga ao maldizente: pois algumas vezes recebe ſalario mais ſolido, e naõ menos merecido.

XLII. *Evitai a ingratidaõ, e fede agradecidos.*

1 A GRATIDAÕ, diz *Ciacro*, naõ só he grande virtude, mas tambem a mãi de todas as mais virtudes; e o maior mal, que se póde dizer de hum homem, he censuralo de ingrato. Eis aqui huma porsia bem digna das nossas reflexões, principalmente a respeito de Deos, desse Pai cheio de bondade, e misericordia, que naõ cessa de derramar as suas graças sobre nós a pezar do abuso, que continuamente fazemos dellas. Se a ingratidaõ entre os homens he considerada como hum dos mais odiosos crimes, que nome daremos áquella, com que pagamos os beneficios inestimaveis do Creador?

2 CHEGAMOS a domesticar os brutos mais ferozes, a poder de fazer-lhes bem. Mas o homem mais feroz, que os tigres, e leões, apenas póde soportar a vista de hum bemfeitor. Fazer-lhe bem, he de ordinario huma sufficiente razaõ para merecer-lhe todo o odio. Ó homem! naõ he melhor, que a tua razaõ, o sentimento, o instincto de hum bruto? Poderá de baixo da figura da ingratidaõ ser a tua alma imagem da Divindade.

XLIII. *Jogai sem interesse, e por divertimento.*

1 HE o jogo em si hum divertimento innocente; mas deixa de o ser huma vez que nelle haja interesse. Muitas pessoas enganadas de hum lance favoravel do acaso, ou da esperança de restaurar o per-

perdido, se entregaõ inteiramente a elle, e chegaõ a desprezar os mais importantes negocios, de maneira que a pouco, e pouco, o que no principio era só huma leve paixaõ, torna-se obstinado furor.

2 Considerai as casas de jogo, como humas academias de impiedade, e irreligiaõ, e ainda naõ digo tudo: ou o provo. Entro em huma destas casas: vejo lá hum jogador de profissaõ assentado com as cartas na maõ .... varia a sórte .... muda-lhe de sór .... e eis-aqui a primeira carta perdida .... segunda .... terceira. Jura, blasfema, e rangendo os dentes, faz as cartas em pedaços .... trazem-lhe outras: continua a perder. Irrita-se então, e se encarniça de sórte, que nem o fumo, nem o comer, e beber lhe dá cuidado: porque todo elle he jogo. Finalmente, a pezar de todas as suas trapaças, chega a perder quanto tem, e sem remedio algum .... Levanta-se como hum damnado, sahe dalli para castigar em si mesmo, por meio da desesperaçaõ, a ruina da sua familia, e a impossibilidade, em que se pôz de satisfazer á sua paixaõ.

XLIV. *Sabei perder, e ganhar sem mudar de semblante.*

1 HE o jogo huma pedra de tocar para qualquer conhecer o caracter de hum homem, principalmente se he interesseiro. Muito difficultoso he saber-se contrafazer de sórte, que possa escapar á penetraçaõ de hum espectador entendido. Ha tal, que parece insensivel ao ganho, e a quem a alternativa faz immediatamente descobrir a sua fingida in-

indifferença. Outro, que moſtra hum ar riſonho, motejando o ſeu adverſario em quanto a fortuna o favorece, ao menor revéz muda logo de tom; e ſemblante: e eis-ahi o homem. O dinheiro he o que faz repreſentar eſta pontomima. E que materialiſimo naõ. he o regular os movimentos da alma por ſemelhante buſſola!

2 Naõ he crime arriſcar alguma couſa ao jogo: porém, apaixonar-ſe por iſſo, ſim, e moſtrado tenho já as conſequencias. Naõ ſe deve jogar mais do que ſe póde perder ſem o minimo incommodo, e iſſo importa que ſeja ſem moſtras de fraqueza. Que quem naõ ſe ſente com baſtante animo para zombar dos caprichos da fortuna, deve retirar-ſe inteiramente do jogo, para que o ſeu amor proprio naõ paſſe por alguma metamorphoſe de abatimento.

XLV. *Faze hum uſo dos bens terrenos.*

1 O MELHOR uſo, que ſe póde fazer do dinheiro, já que a loucura dos homens o tem por neceſſario, he empregallo ſómente nas verdadeiras urgencias: iſto he, para pagar pontualmente as noſſas dividas, e ſoccorrer os pobres, e deſgraçados. Deſta maneira uſa o ſabio delle. Porém onde eſtá eſſe ſabio? Já naõ ſe conhece o ſuperfluo: pois o que n'outro tempo ſuſtentava mil peſſoas, apenas chega hoje para a conſervaçáõ de huma ſó familia.

2 DEVEMOS envergonhar-nos de dar aos *Conedás* o nome de ſalvagens, que nós outros merecemos muito mais que elles. Com effeito a feliz ignorancia, em

em que ellas estão de todas estas falsas preciosidades, que á maneira de outros tantos verdugos nos estão continuamente atormentando, não prefere á mesma falsa sciencia, cujo fim he multiplicar os nossos desejos, sem chegar a satisfazellos? Não he paradoxo dizer que ellas vivem n'huma rica pobreza, ao mesmo tempo que vivemos em abundancia indigente?

XLVI. *Nunca deis de rosto a pessoa alguma com o beneficio, que lhe houverdes feito.*

1 QUALQUER beneficio, que se faça, leva sempre comsigo o seu merecimento independente do que he o seu objecto. Se este abusa, ou não delle, nem por isso seremos menos louvaveis. Mostrar-se porém huma pessoa arrependida de ter obrigado a outrem, he despojar-se do jus, que tinha ao seu reconhecimento. Lançar hum beneficio em rosto, diz *Seneca*, he imitar os usurarios. Hum coraçaõ verdadeiramente generoso não póde admittir semelhante baixeza; pois sabe esquecer se igualmente do bem, que faz, e das injurias, que recebe.

2 SOBRE este ponto nos deixou *Marcial* hum Epigramma (L. 5. Cap. 55.) cujo sentido he em substancia o seguinte:

Dos beneficios teus eu vejo o preço,
E te affirmo, Cleon, que não me esqueço
De que te devo ser sempre obrigado;
Mas seria ainda mais do teu agrado

Que

Que eu guardaſſe hum ſilencio o mais profundo.
Tu indiſcreto és, e a todo o mundo
Embocando a trombeta a publicarás
Tanto, que quando eu a bocca abriſſe,
Me reſpondeſſem todos: Que declaras?
O que tu dizes, já Cleon *o diſſe.*
Sabe, que hum bemfeitor, qual te deviſo,
Quando os favores ſeus tanto publica,
De todo o bem, que fez, bem pago fica:
Aſſim falla Cleon, *mais naõ preciſo.*

XLVII. *Naõ uſeis de tyrannia com os voſſos devedores.*

1 ESTA Maxima vos traz á memoria a Parabola daquelle máo rendeiro, de que falla o Evangelho, o qual depois de haver alcançado eſpera, peſa bondade de ſeu amo, vai procurar os que delle dependem, e uſa com eſtes de violencia para obrigallos a pagar o que lhe devem. Crueis crédores, Deos uſa comvoſco da meſma ſórte, que o amo com eſte rendeiro: temei que, imitando o ſeu exemplo, naõ experimenteis o meſmo caſtigo.

2 AINDA torno a allegar os *Canadás*, os quaes razaõ tem para chamar ao dinheiro a ſerpente dos *Europeos*. Elles o abominaõ, como a cauſa de todos os males, que arruinaõ o hoſſo continente: e admiraõ a loucura, que nos faz voar por entre mil perigos, para arrancar eſta ſerpente das entranhas da terra. Felizes *Canadás*, que com menos luzes ſois muito mais ſabios, que nós!

XLVIII.

XLVIII. *Nuõ tenhais inveja da felicidade do proximo.*

1 AQUELLE, que se alegra com a desgraça do seu proximo, e se affige com a felicidade, que lhe succede, naõ só falta a huma das principaes obrigações do christianismo, mas tambem a todo o sentimento de humanidade. Isto he querer imitar o demonio, que cioso da felicidade, de que gozava *Adaõ*, e *Eva* no Paraizo Terreal, pôz em práctica toda a sua malignidade, e naõ descançou em quanto naõ os fez infelizes. Mas ah, e quantas pessoas naõ imitaõ este horrivel modelo?

2 AINDA quando do abatimento do nosso irmaõ dependêra o nosso augmento deveriamos usar inteiramente de generosidade, para naõ comprallo por semelhante preço: e taõ alheios nos cumpre estar de querer estabelecer a nossa fortuna sobre a ruina da sua, que antes o devemos deixar gozar em paz de huma felicidade, de que elle talvez seja mais digno, que nós. Afoguemos pois esta inveja, este bicho roedor, que nos vai minando, e que á maneira da *tenia*, ou *lombriga solitaria*, nos absorbe toda a substancia, e deixa em mortal desfalecimento.

XLIX. *Nunca divulgueis aquillo, que se vos confiar.*

1 HE igualmente perigoso, segundo as circunstancias, encarregar-se qualquer de hum segredo,

ou

ou confiallo a outrem. Porém huma vez que isto succeda, depósito sagrado he, que deve ficar encerrado debaixo da chave do silencio. Declarar o segredo, que hum amigo nos confia, he traiçaõ, e se o fazeis com designio de fazer-lhe mal, a mais damnada perfidia, e a mais deshonrosa: he por assim dizer, embeber-lhe no coraçaõ a espada, que na maõ vos mettêra, como para defendello; e á importancia do segredo, o que determina a gravidade do crime.

2 AINDA que muito geral seja esta Maxima, com tudo naõ deixa de ter mais de huma excepçaõ. Se o segredo, que vos fôr confiado, fôr algum attentado, que se premedite contra a boa ordem do Estado, contra o mesmo Estado, ou contra aquelles, que governaõ, deveis immediatamente procurar por meio dos vossos conselhos, rogos, e ameaços, evitar a execuçaõ delle. Mas se por este meio o naõ poderdes conseguir, já naõ estais obrigado ao segredo, e nestes termos nem hum só instante vos demoreis em desonerar-vos delle, e sacrificar hum amigo, o qual naõ he razaõ que considereis já como tal, desque se fez inimigo da Patria.

L. *Evitai tudo quanto vos póde alterar a saude.*

1. O INTERESSE, que cada qual tem em conservar a saude propria, e aquelle instincto natural, que nos mesmos brutos se dá para evitar o que lhes he nocivo, inutil faz, como parece, esta Maxima. He verdade que de nada serve ella áquelles, que

que sacrificaõ a razaõ ás suas paixões: porêm ao menos póde servir para precaver as desordens, a que tamanha parte da mocidade se entrega. Quantos naõ vemos nós adolescentes, que abusando do temperamento enervaõ as forças, e se por casualidade naõ morrem na mimosa flôr dos annos, apressaõ o termo da sua carreira, e se dispõem para huma velhice prematura, e vergonhosa!

2 Bem cégo cumpre que seja, e bem inimigo de si mesmo aquelle, que voluntariamente se priva de hum bem, mais precioso que todas as riquezas da terra! O que arruina a sua saude, faz-se inutil ao Estado, molesto á sociedade, e vive desgostoso. A vida em tal situaçaõ he carga, de que o ouro naõ allivia o peso. E com effeito, que importa a hum doente o luxo, que o rodea? Será por ventura a gota menos aguda sobre a cama de pennas, que sobre a palha?

III. *Amai a verdade, bem que seja quando zombais.*

1 TAMANHA veneraçaõ devemos ter á verdade, como á religiaõ, á probidade, e á justiça: porque todas andaõ de tal maneira embraçadas, e taõ individua he a uniaõ que tem entre si, que naõ podemos offender a huma, sem ultrajar as outras. Como estas cousas saõ sagradas, naõ podemos sem profanaçaõ convertellas em objecto da nossa zombaria. Semelhante a hum espelho, que o mais leve bafo affaz he para embaçallo, e tirar-lhe o lustre. Acostumemo-nos pois desde a tenra idade a ref-

reſpeitar a verdade em todas as noſſas acções, e diſcurſos, e ainda naquelles meſmos, que menos ſérios ſaõ. Naõ he bem dizer tudo quanto penſamos: mas deve cada hum penſar tudo o que diz.

1 O HOMEM, diz *Cicero*, naſceo para a verdade: quem a ella falta, commette hum crime, bem que ſó fora para ſalvar a vida de alguem. He ella a que conſtitue o homem de bem: o melhor titulo que ſe póde adquirir ſobre a terra, ſem o qual todos os mais titulos naõ ſaõ nada: e taõ impoſſivel he por tanto ſer homem de bem, e mentiroſo, como ſer dia, e noite ao meſmo tempo. Aquelle, que enxovalha a bocca n'huma mentira, por mais leve que ſeja, perde, ou renuncia a primeira destas duas qualidades.

LII. *Soffrei que vos adviſtem os voſſos defeitos.*

1 NINGUEM he perfeito no mundo: mas a todos importa fazer muito por ſer perfeito, quanto á natureza humana he dado. Eſta Maxima nos moſtra o caminho, que vai ter áquelle fim, a que nunca poderemos chegar, em quanto houver em nós vicios para combater. E como os combateremos, ſe naõ os alcançarmos? Como os havemos de alcançar, ſe defviamos os olhos, quando nos apreſentaõ á viſta a ſua imagem? O amor proprio, que nos dá olhos de Lince para deſcobrir os defeitos alheios, os venda para naõ vêr as noſſas imperfeições. Voltemos os alfanjes, que encerraõ os noſſos defeitos, e os alheios, talvez

que

que achemos mais pezado o dianteiro, do que o outro.

2 O AMIGO mais verdadeiro he aquelle, que nos adverte dos noſſos defeitos. Em vez de ſe-lhe deſagradecidos, devemos moſtrar-lhe a mais viva gratidaõ por ſer eſte o melhor ſerviço, que elle nos póde fazer. Deſprezar o bom conſelho de hum amigo, que procura o noſſo bem, he parecer-nos com o que rejeita a maõ benigna, que o quer tirar de hum atoleiro.

LIII. *Fugi igualmente do luxo, e da avareza.*

1 PRESCREVE-NOS eſta Maxima que nos libremos entre eſtes dous extremos viciоſos. He verdade que o luxo alguma couſa tem de menos ofenſivo. O goſto dominante do ſeculo o authoriſa, e o naſcimento, e dignidades naõ teriaõ hoje explendor algum, ſenaõ ſe valeſſem do luxo. He eſte o que diſtingue o grande do pequeno. Mas tenho aſſentado em que todas eſtas razões ſaõ illuſorias, e naõ tenho outra contradicçaõ, que allegar contra ellas, ſenaõ o exemplo dos antigos, e a Doutrina de Jeſus Chriſtó, cujo Evangelho naõ faz menção de palacio algum.

2 Aqui lereis o tragico fim de hum avarento, cuja hiſtoria he moderna, e verdadeira. Mandou eſte avarento fazer no ſeu gabinete hum alçapaõ, em que guardava o dinheiro. Hum dia, que a elle deſceo para adorar o ſeu idolo, ſuccedeo cahir-lhe a tampa em cima, e como era de mólas, fechou-ſe inteiramente: e ei-lo ahi cahido no laço.

De

De balde o procuraõ por toda a parte, até que arrombando-lhe o gabinete, nem ahi apparece. Paſſados alguns dias tornáraõ ao meſmo ſitio, e ſentiraõ grande fetido, cuja cauſa ſe ignorava: até que finalmente chegando por acaſo o carpinteiro, que tinha feito o tal alçapaõ, e moſtrando o lugar delle, abriraõ, e acháraõ o avarento morto ſobre o dinheiro, com hum braço por elle meſmo devorado. Que eſtupenda liçaõ eſta para os ſeus ſemelhantes!

LIV. *Quando for preciſo obedecer, fazei-o com bom modo.*

1 AINDA que o naſcimento de todos os homens ſeja igual, com tudo a converſaçaõ da ſociedade naõ permitte, que elles ſejaõ todos iguaes: e exceptuando hum pequeno numero de peſſoas, todas as demais devem eſtar em maior, ou menor ſobordinaçaõ. Eſta ſobordinaçaõ vem a ſer hum pezado jogo para aquelle, que naõ ſabe regular-ſe no ſeu eſtado: mas o inferior, que tiver prudencia, naõ achará que ella excede dos limites.

2 TODO o homem, em qualquer eſtado que ſe achar, deve advertir que nelle foi poſto pela Providencia, ſem a permiſſaõ da qual naõ lhe poderá cahir hum ſó cabello da cabeça, e que quando lhe parece, exalta os humildes, e abate os ſoberbos. Deve o homem por conſeguinte conformar-ſe com a vontade da meſma Providencia: porque a ella he que eſtá reſponſavel. Que a ſua condiçaõ ſeja nobre, ou naõ na eſtima dos homens,

mens, nem por isso augmenta, ou tira cousa alguma ao seu merecimento pessoal. Naõ he a qualidade a que honra, ou deshonra as pessoas; mas sim o modo como estas cumprem com as suas obrigações. Vale mais que hum máo Rei, hum bom escravo.

LV. *Quando mandardes, fugi de ser altivo.*

1 NAÕ convem a altiveza, nem ainda aos que saõ revestidos do poder soberano. De si mesma he algum tanto offensiva, e só póde produzir o temor, e odio, ainda no coraçaõ de hum escravo, quanto mais, e com maior razaõ no de hum homem livre, cuja obediencia, se naõ he fundada no amor, e respeito, naõ dura mais que aquelle tempo, em que se vê impossibilitado para livrar-se da tyrannia.

2 NUNCA o mundo viu tanta ousadia, se aquelles, que saõ exaltados ás dignidades, se lembrassem que saõ formados do mesmo barro, que os demais homens: que respiraõ o mesmo ar, pizaõ a mesma terra: estaõ, como elles, sujeitos ás enfermidades, e á morte, &c. Mas vendados do esplendor que os rodea, naõ consideraõ que saõ homens, e só se conhecem taes, quando os demais homens estaõ a ponto de riscallos da lembrança. No ultimo momento he que o fantasma de grandeza desapparece para ir aniquilar-se com elle na sepultura.

LVI.

LVI. ***Sede com vossos filhos verdadeiro Pai.***

1 VERDADEIRO Paí chamo eu áquelle, que levado de huma ternura illuminada vé seus filhos taes, quaes elles saó; isto he, com as suas boas, e más qualidades; que faz a sua obrigaçaõ a mais importante, que he cultivar humes, e naõ querer disfarçar as outras: que desda sua tenra idade se applica a instruillos nos bons costumes; a inspirar-lhes o temor de Deos; o respeito á religiaõ, o amor da patria, e do proximo: e finalmente que sendo circunspecto em suas acçõas, e discursos, se lhes dá a si mesmo por seu mestre, e exemplar.

1 Naõ posso deixar de vituperar o indigno procedimento de alguns Pais, que empregando todo o seu affecto com hum só filho, tratáõ os outros, como se fossem estranhos: e por meio desta pecaminosa preferencia, as mais das vezes fundada no capricho, fomentaõ entre os seus filhos hum odio, e huma antipathia, que cedo, ou tarde se descobre. Bem sei que nem sempre podemos dominar a inclinaçaõ, e que de dous filhos, sempre hum he mais querido, que outro; porém a igualdade deve ser apparente: de sórte que nunca elles venhaõ a perceber, que entre elles ha alguma distincçaõ.

LVII.

LVII. *Naõ ſejais muito ſevéros, quando reprehenderdes os defeitos de voſſos filhos.*

1 SEMELHANTE a hum jardineiro cuidadoſo, que no ſeu jardim naõ deixa creſcer herva alguma nociva, deve hum bom Pai pôr todo o cuidado em obſervar os defeitos de ſeus filhos para arrancar a todos as raizes, antes que ellas cheguem a brotar. E todavia a maior parte dos pais cahem na vergonhoſa fraqueza, quando naõ ſeja de liſongear, pelo menos de disfarçar os primeiros erros de ſeus filhos; e com ſua cruel indulgencia deixaõ aos vicios toda a liberdade de fazer os mais triſtes progreſſos.

2 TAÓ nociva he a extremada ſeveridade, como a exceſſiva indulgencia. O coraçaõ de hum menino he ſemelhante ao arbuſto, o qual devemos dobrar, e naõ quebrar. Se o voſſo filho mentio (pois a mentira he o primeiro peccado que ſe deſcobre), e o temor do caſtigo he motivo delle negar a culpa, tirai-lhe eſte temor, para que na confiſſaõ della conheça ter certo o ſer-lhe perdoada, e naõ tornará mais a mentir. A hum Pai prudente facil ſerá conſeguir o fim de deſarraigar-lhe os outros defeitos, ſe ſouber obſervar hum juſto meio nas ſuas correcções.

LVIII.

LVIII. *Faxei que as voſſas virtudes lhes ſirvaõ de liçaõ.*

1 TODOS aprendemos a peccar, da meſma ſórte que aprendémos a fallar. Ainda que o homem ſeja naturalmente inclinado ao mal, he certo ſer o máo exemplo a ſemente daquellas inclinações, que nelle rebentaõ, e até entaõ as ignorava. Será por ventura maravilha, que os vicios nos venhaõ por herança, quando os exemplos delles ſe perpetuaõ de idade em idade? Nunca de nós ſeriaõ conhecidos, a maledicencia, ouſadia, intemperança, luxo, &c. ſe diſto naõ houveramos tomado as lições de noſſos Pais. Ó Pais deshumanos! ſerá poſſivel que os voſſos filhos recebaõ das voſſos mãos a fatal peçonha, que os mata!

2 ASSAZ deſgraçado ſeria o mundo, ſe aos máos exemplos dos Pais houveſſemos de attribuir todos os vicios dos filhos. Naõ, naõ deixo de crêr que muitos ha virtuoſos: mas como pódem ſeus filhos ler-lhes ſemelhantes, ſe quaſi nunca os vem, e os entregaõ nos primeiros annos ao cuidado de alguns domeſticos eſtragados? Será tempo de applicar o remedio depois que o mal ſe fez incuravel?

LIX. *Adverti que a educaçaõ de voſſos filhos he a ſua riqueza.*

1 NINGUEM duvida da verdade deſta Maxima; mas poucos ha, que a pratiquem. Muitos

Pais, em vez de eſcolher eſcrupuloſamente as peſſoas mais virtuoſas, a quem dem a cargo o cuidado de ſeus filhos na puericia, os confiaõ a alguns domeſticos, que tomaõ por caſualidade. Perde-ſe o mais precioſo tempo: de maneira que aos ſeis annos ſabe hum menino que ſeu Pai he nobre, que tem lacaios, cavallos, coches, e dinheiro, e ainda naõ ſabe, ſe he filho de hum Chriſtaõ! Impreſſas tem todas as idéas dos vicios, e naõ tem tintura alguma das virtudes moraes!

2 Chega-se o tempo de dar-lhes meſtre para educallos; procura-ſe o que o faz por menor preço, e em vez de hum Pai reconhecer o meſtre como ſegundo Pai de ſeus filhos, como o depoſitario do que lhe he mais acceito; finalmente como aquelle que deve dar a ſeus filhos ſegunda vida mais precioſa, que a primeira; naõ o conſidera ſenaõ como hum jornaleiro, em quem deſcança do pezo, que o embaraça. Regatea mais a educaçaõ de ſeus filhos, que a compra de hum cavallo; e faz mais caſo de hum bom cocheiro, que de hum bom meſtre.

LX. *Naõ fomenteis o odio contra peſſoa alguma.*

1 O ODIO he huma paixaõ monſtruoſa, que faz horror á natureza humana, e por iſſo ſe pinta como huma furia, coberta com huma tunica ſalpicada de ſangue, cuja cabeca he armada de ſerpentes; ſemelhante a eſſes fógos ſubterraneos, que affolaõ o noſſo globo, e ſe inflammaõ pouco á pouco, fazendo hum murmurio ſurdo, até

que

que por fim chegaõ a rebentar com horroroſo eſtrondo. Poder-ſe-ha chamar homem aquelle, que nutre ſemelhante monſtro em ſeu peito?

2 AQUELLE, que aborrece o proximo, naõ ſó lhe deſeja todo o mal, mas tambem ſe diſpõe a procurar todos os meios para o fazer, e por conſeguinte vem a violar no ſeu coraçaõ o preceito do Direito Natural, *naõ faças a outrem o que naõ quizeras que te fizeſſem.* Em que abyſmo de deſgraças naõ precipita o odio aquelle, que o fomenta! He hum novo *Cain*, que ſó reſpira a morte de ſeu irmaõ, o qual ſe acaſo chega a effeituar o ſeu crime, ignominioſo ſupplicio o eſpera; e ſe o temor dos homens lhe refrea o furor, nem por iſſo deixa de ſer hum matador nos olhos de Deos!

LXI. *Se o voſſo amigo ſe queixa, tomai parte na ſua dôr.*

1 O VERDADEIRO filoſofo, iſto he, o verdeiro Chriſtaõ, conſidera o mundo como patria, e o genero humano com familia ſua. Perſuadindo-ſe de que a amiſade ſe deve communicar a todos os paizes habitados, por mais remotos que ſejaõ, taõ ſenſivel lhe he a felicidade de todos os homens em geral, como a ſua propria, e naõ póde ſem enternecer-ſe ouvir fallar de deſgraças, e afflicções: Eſtes os ſentimentos, que deveriamos ter huns para com os outros, e a razaõ, e religiaõ nos eſtaõ dictando; mas a noſſa natural malignidade os ſuffoca. Todos pre-

tendem ter amigos, e ninguem o quer ser dos outros.

2 NAÕ ha couſa taõ propria para alliviar-nos do pezo das noſſas afflicções, como hum amigo, que ſinceramente as quer participar comnoſco; que chora quando choramos: que nos conſola: e com ſuas palavras meigas diffunde em o noſſo coraçaõ hum balſamo, que lhe adoça a amargura. Feliz o que em ſuas neceſſidades encontra ſemelhantes amigos! mas como he difficil encontrar-ſe hum amigo, capaz de conſolar a outro!

LXII. *Abominai o exceſſo da meza, e do vinho.*

1 ESTA Maxima he fundada ſobre a natureza, e a razaõ: devemos porém confeſſar, com deſdouro do noſſo ſeculo, que de huma, e de outra parece que eſtamos eſquecidos. Debalde nos annunciaõ os animaes a ſobriedade: debalde a razaõ nos moſtra as triſtes conſequencias da intemperança, de que diariamente ſomos teſtemunhas: tudo he inutil. A arte de abreviar a vida eſtá mais adiantada que nunca: de maneira que com verdade podemos dizer que muitos homens vivem para comer, e comem para morrer mais de preſſa.

2 QUANTO á bebedice, baſta ſó nomealla para cauſar horror a qualquer homem, que tiver alguma couſa de raſoavel. A bebedice, diz *Seneca*, he huma loucura voluntaria; faz commetter mil deſordens, de que nos envergonhariamos, ſe eſtiveſſemos em noſſo juizo. He, digamos aſſim, o ther-

thermometro de todos os vicios, que os põe evidentes, e lhes aponta a quantidade dos grãos. O homem bebado he huma besta brava, de quem eu naõ posso fazer melhor comparaçaõ, do que a do animal, que representa o symbolo da golodice.

LXIII. *Temei sobre tudo o veneno das cofas da devassidaõ.*

1 SE a honra, e a religiaõ naõ fossem motivos bastantemente poderosos para impedir-nos a frequencia daquelles lugares infames, cujo nome só faz horror á modestia, onde a innocencia faz o mais triste, e o mais vergonhoso naufragio, e donde ninguem sahe sem hum grande arrependimento: pelo menos o interesse da nossa propria conservaçaõ delle nos deveria desviar para sempre os passos. Naõ mostra ter perdido todo o sentimento, quem voluntariamente se expõe a ser suicida?

2 He para admirar, que nos paizes, onde se professa huma religiaõ taõ pura como a christãa, naõ se use do maior rigor com estes templos da abominaçaõ, e contra as immundas victimas da devassidaõ. Muito importa a todos os Estados extirpar esta peste taõ fatal para a povoaçaõ, como a mesma guerra. Naõ he preciso ser grande calculador para provar que ella faz morrer successivamente tantos Cidadaõs, quantos póde levar repentinamante, e de hum só golpe a mais sanguinolenta batalha.

LXIV. *Anai á vossa pessoa com hum amor sem contradicçaõ.*

1 INDIGNAMENTE abusaõ os homens do seu poder, pretendendo constranger suas mulheres á fidelidade mais pontual, castigando-as severamente quando commettem alguma falta, ao mesmo tempo que elles tomaõ a liberdade de se desmandar escandalosamente. He possivel que hum marido se considere deshonrado por huma falta de sua mulher, quando elle mesmo louva com excesso as suas proprias desordens! Legisladores injustos, ou para melhor dizer, ó tyrannos, será por ventura menor o crime para vós outros, que para vossas mulheres? Será o Alcoraõ o vosso Codigo?

2 He perseguido por justiça, e preso muitas vezes hum homem, que recusa cumprir huma obrigaçaõ contrahida perante hum Notario, e duas testemunhas, e soffre-se que tantos maridos faltem impunemente á fé, que á face da Igreja juraraõ a suas esposas? A assignatura de hum homem ha de ter mais força, que a Lei de Deos?

LXV. *Sede conformes em soportar os embaraços da vossa casa.*

1 A QUEM se attribuirá a culpa de tantos casamentos infelizes? Á mulher, que tem a brandura, e modestia por herança? Eu naõ sou o patrono do seu sexo: a justiça unicamente he a que me obriga a dizer que os maridos quasi nunca tem ra-

razaõ. He sem duvida que no mundo há muitas mulheres lascivas: mas naõ se dirá que as casas do caffé, do jogo, tavernas, &c., saõ as escólas das mulheres.

2 HAVERÁ estado mais delicioso, nem mais agradavel, que o de casado, quando a ternura, a estimaçaõ, e a reciproca confiança firmaõ a uniaõ? Hum marido, que sabe conhecer, e avaliar o merecimento de huma mulher virtuosa, e applicada ás suas obrigações, será preciso que procure maior thesouro no mundo? Nella achará, o que talvez naõ acharia em todo o mundo: hum terno amigo, que toma igual parte na sua alegria, hum amante consolador nas suas penas, hum fiel depositario de seus segredos, e hum zeloso conselheiro nos seus negocios.

LXVI. *Obedeci ás leis, e sede bom Cidadaõ.*

1 AS leis fazem o mesmo effeito na sociedade, que os alicerces em hum edificio, e as mólas em hum relogio: porque estas sustentaõ o peso de toda a sua economia, e lhe regulaõ todos os movimentos: ou servindo-me de expressaõ mais natural, assim como o cégo necessita de hum bordaõ, para seu arrimo, e guia, da mesma sórte os homens em geral precisaõ de leis para os encaminhar, e reduzir á razaõ. Estas constituem a segurança publica, e particular: de maneira que cada individuo tanto interesse tem na sua conservaçaõ, como os membros na saude do corpo.

2 NAÕ chamo Cidadaõ áquelle, que habita no lu-

lugar em que naſceo; mas ſim ao que ſe conforma com as leis, e coſtumes do Paiz em que ſe acha; que conſiderando-o como Patria, contribue o mais que póde para a felicidade do publico, e ſó ſe ſerve dos ſeus talentos, em utilidade daquelles com quem vive. Eſte o verdadeiro Cidadáõ. O homem de bem he Cidadáõ, e deve ſer conſiderado como tal em toda a parte, em que ſe achar.

LXVII. *Preparai-vos inceſſantemente para morrer como Chriſtáõ.*

1 POR QUE razáõ tantos Filoſofos Gentios, e outros grandes homens da antiguidade, que ſó pela unica idéa he hum Deos, reconheciáõ, aſſim como nós, a neceſſidade de huma vida futura para os bons, e máos; por que razáõ, torno a dizer, deſejavaõ a morte como termo de ſeus trabalhos, e principio da ſua felicidade, quando os Chriſtáos pela maior parte encaraõ para ella com tanto temor? A reſpoſta he facil: he porque elles viviáõ como nós deveriamós viver.

2 HE de neceſſidade o morrer. Taõ geral he eſta lei, que naõ admitte privilegio algum. A morte, ſe me he licito uſar de termos profanos, he o ultimo lanço de dados, que decide a partida. Devemos pois eſperalla, e preparar-nos de longe, que ella ſó eſpanta ao que a teme, e ſó intimida ao máo Chriſtaõ. O homem de bem a vê vir ſem apartar della os olhos: pois como ſó viveo para bem morrer, por iſſo morre como viveo.

Fim da Parte ſegunda.

ELE-

ELEMENTOS

DA

CIVILIDADE,

E DA DECENCIA.

PARTE TERCEIRA.

TRATADO

DOS

PRINCIPAES FUNDAMENTOS

DA DANÇA,

EM QUE SE DÃO OS PRECEITOS, NÃO só para bem dançar, mas para andar, Jaudar, e fazer airosamente as cortezias, assim nas assembleas, como em outra qualquer occasião.

TRATADO

DOS

PRINCIPAES FUNDAMENTOS

DA DANÇA.

CAPITULO I.

Da boa moda de pôr bem o corpo.

DE hum bom principio depende tudo para bem ſe aprender: no que pertence aos Meſtres pôr todo o deſvelo, aſſim como aos diſcipulos, commummente na idade, que aprendem a dançar, o ter muita viveza; pois que eſtudando varias couſas ſe eſquecem da maior parte de ſeus exercicios, mórmente da dança, por parecer a alguns naõ ſer taõ neceſſaria como he, viſto que por ella nos traſplantamos, ou pomos neſte mundo com aquella graça, que faz luſtrar a todas as Nações.

SOBRE eſte conceito he que componho eſtas poucas linhas para ſervir de liçaõ, que o Meſtre haja de dar ao ſeu diſcipulo para o levar de paſſo em paſſo, e enſinar-lhe todos os differentes móvimen-

tos

tos dos braços, a fim de o conduzir a tempo a cada hum dos differentes paſſos da Dança.

Como ſeja eſſencial o ſaber bem dar ao corpo huma airoſa poſtura, agora explicaremos o que para eſte fim ſe deve obſervar. He preciſo ter a cabeça direita ſem conſtrangimento algum, os hombros bem levados atraz, com o que fica parecendo mais largo o peito, e com maior graça o corpo: os braços cahidos até a altura dos quadriz, as mãos nem abertas, nem fechadas, a cintura firme, as pernas muito eſtendidas, e os bicos dos pés voltados para fóra. Com eſtas precauções, eſpero que naõ cáiaõ no vicio de eſtar conſtrangidos, ou violentos: o que convém evitar, aſſim como o fugir de toda a affectaçaõ. O bom porte naõ requer mais, que aquella natural formoſura, e ar deſembaraçado, que ſó a Dança he capaz de infundir.

CAPITULO II.

Do modo de andar bem.

ESTANDO o corpo deſcançado na quarta poſtura, fica prompto para fazer tudo o que delle ſe requer, ou ſeja para andar, ou fazer huma cortezia, ou ſeja para dançar. E como o modo de andar bem ſeja couſa muito util, pois que delle dependem os primeiros principios da Dança, que naõ he outra couſa ſenaõ hum grande ar, importará que os curioſos ponhaõ toda a ſua attenção no modo facil, que agora diremos, e que naõ abrange mais

mais que os proprios movimentos, que a natureza faz.

Supponho, que o pé esquerdo esteja diante formando huma quarta postura, he preciso neste caso descançar o corpo em cima delle, e dobrando ao mesmo tempo o joelho direito levantaremos o calcanhar pelo movimento, que faz o corpo descançando sobre a perna esquerda, e logo toda a perna direita: o que se faz pelo joelho, que estando dobrado, estender-se-ha, passando a perna para diante, havendo todavia cuidado de naõ a levar mais longe, que a distancia de hum pé, que he a quarta postura, com o que damos proporçaõ ao passo, e de pôr o calcanhar no chaõ antes do bico do pé: o que faz adiantar o corpo sobre o pé, que se põe no chaõ, ao mesmo tempo que pondo-se o bico primeiro, faria retirar o corpo para traz, e cançaria por extremo. As pernas devem estar muito estendidas a seu tempo, e os quadriz voltados para fóra, porque todas as demais partes inferiores naõ ha duvida que se voltaõ por si mesmas; visto que este ajuntamento demanda, e governa os joelhos, e os pés.

O que acima se diz he, que as pernas devem estar estendidas a seu tempo, e que quando se passa huma, ou outra, estendendo muito os joelhos, naõ se pódem cruzar os passos. Este o defeito, a que muitas pessoas estaõ sujeitas por falta de attençaõ: porque voltados assim os joelhos para fóra, e as pernas estendidas impedem o natural, que ellas tem a voltar-se para dentro, e costuma ter a roda do joelho em melhor situaçaõ. Disse, que

de-

devem eſtender-ſe as pernas, paſſando-as para diante huma da outra, para evitar o defeito de apartallas, ou fechallas muito. Quem tomar todas eſtas precauções, tenha de certo que naõ ha de cahir em nenhum dos defeitos acima ditos.

IMPORTA que cada hum dê ao andar hum tempo, que nem ſeja muito apreſſado, nem muito vagaroſo, porque o muito vagaroſo dá indicios de hum ſujeito melancolico, e o muito apreſſado tem ſeus reſaibos de loucura. Devemos por tanto evitar eſtes dous extremos; e já fica dito, que convem ter a cabeça direita, e a cintura firme: por eſte meio ſe manterá o corpo em ſituaçaõ vantajoſa, e naõ poderá balançar, e ſó os braços ſe deixaráõ cahir até a altura dos quadriz, tendo ſempre o cuidado, quando ſe fizer o paſſo do pé direito, de dar ao braço eſquerdo hum pequeno movimento para diante; o que faz balançar naturalmente. Como muitas peſſoas pódem ignorar eſta acçaõ por falta de attençaõ, iſto me obrigou a fazer eſta reflexaõ, por ſer muito eſſencial.

CAPITULO III.

Das poſturas, e da ſua origem.

O QUE chamamos poſições, ou poſtura naõ he mais, que huma juſta proporçaõ, que ſe inventou para apartar, ou aproximar os pés em meſurada diſtancia, poſto o corpo em ſeu equilibrio, ou aſſento, ſem eſtar conſtrangido, ou ſeja que ſe ande, ou dance, ou ſeja eſtando de pé firme. Eſtas poſ-

poſturas foraõ inventadas pelo deſvelo do Senhor Bocham, Compoſitor das Danças da Opera de Pariz, o qual tinha ideado o methodo de dar certo regramento neceſſario a eſta arte, que antes delle era deſconhecida. Com a ſua penetraçaõ deſcobrio eſte Varaõ de ſublime engenho que couſa nenhuma era mais importante para manter o corpo em airoſa aptidaõ, e os paſſos em meſurada grandeza, do que o introduzir eſtas cinco poſturas, que devem ſer tidas como outras tantas regras indiſpenſaveis, que devem ſeguir-ſe. E como o ſeu fim ſeja dar aos paſſos huma juſta porporçaõ para conſervar o corpo em ſeu aſſento: tratarei de cada huma em particular, moſtrando juntamente a ſua utilidade.

Primeira Poſtura.

DEVE o corpo neſta poſtura eſtar ſempre direito, deſcançado ſobre as duas pernas muito eſtendidas, os calcanhares juntos hum ao outro, e os bicos dos pés voltados igualmente para fóra em huma meſma linha. Serve para tomar os movimentos, quando devemos dobrar-nos: porque todos os paſſos, que ſe principiaõ por hum meio cortado, deſta poſtura devem ſer tomados.

Segunda Poſtura.

ESTA ſegunda poſtura enſina a diſtancia, que ſe deve obſervar nos paſſos abertos, que ſe fazem para os lados. As duas pernas naõ devem eſ-

estar mais apartadas huma da outra, que a distancia de hum pé entre os dous: e esta he a justa proporçaõ do passo, e a verdadeira posiçaõ do corpo sobre as duas pernas. Serve esta postura para os passos abertos, que se fazem de ilharga, juntamente com a quinta. E he de notar, que os dous pés devem estar sobre huma linha recta, as pernas estendidas, e os pés voltados igualmente para fóra.

Terceira Postura.

ESTA serve para os passos fechados, e se lhe chama encaixada, naõ sem razaõ, pois só será perfeita, quando as pernas estiverem muito estendidas huma junto da outra, os pés bem fechados, de fórte que naõ se possa vér por entre elles a luz do dia; e que estejaõ taõ apertados como huma caixa: o pé esquerdo deve estar adiante, os dous tornezelos por cima hum do outro. He esta postura das mais necessarias para dançar bem: ensina a manter-se firme, e estender os joelhos: e esta regularidade he necessaria, por ser a que dá toda a formosura á Dança.

Quarta Postura.

SERVE a quarta postura para regrar os passos tanto para diante, como para traz, dando-os na justa proporçaõ, que se deve observar assim ao dançar, como ao andar. Devemos observar que nesta postura, os dous pés haõ de estar hum diante

te do outro, na diſtancia de hum pé, a fim de poder ter os joelhos; e as pernas eſtendidas ſem as cruzar, principalmente quando ſe dança: porque fazendo hum movimento, e cruzando o pé, quando vamos para diante, ſuccede naõ poder levantar-nos com a meſma facilidade, e de mais diſſo fugir o corpo do ſeu equilibrio: e quanto ao andar ſe ſe cruzaõ os pés, o corpo anda hirto, e parece muito mal em qualquer peſſoa: obſervaçaõ eſta a que ſe deve dar toda a attençaõ.

Quinta Poſtura.

ESTA ultima poſtura ſerve, como deixamos dito, para os paſſos cruzados, que ſe devem fazer para os lados, quer ſobre a direita, quer ſobre a eſquerda, e he inſeparavel da ſegunda: eſtas duas poſturas ſaõ as que mandaõ ir de ilharga, ſem voltar, ficando o corpo ſempre em preſença: e para fazello bem he preciſo, que o calcanhar do pé, que cruza, naõ paſſe o bico do pé, que ſe encontra para diante, ou para traz: o que ſeria contra as regras, e motivo para o corpo naõ ſe encontrar em ſeu aſſento ſe cruzaſſemos mais do que pede a proporçaõ. Naõ fallo das falſas poſturas, porque me parecem inuteis, e deixo eſte trabalho aos Meſtres para que as expliquem aos ſeus diſcipulos. Além de que eſtas ſó ſervem nos paſſos de volta, ou Danças de Theatro, ou como dizem vulgarmente, Danças altas.

CA-

CAPITULO IV.

Das cortezias em geral.

HUMA das couſas mais neceſſarias para qualquer péſſoa de qualquer eſtado, ou condiçaõ que ſeja, he ſaber tirar bem o chapeo, e fazer huma cortezia com graça, e airoſamente. A iſto naõ ſe applicaõ muitas peſſoas quanto convém, ao meſmo tempo que tudo nos convida a fazer bem huma, e outra couſa: iſto o que faz que nos admirem, e nos attrahe as attenções, e até concorre para que cada hum nos tenha em eſtima olhando para nós como para huns homens, que ſouberaõ aproveitar-ſe da boa educaçaõ, que lhes foi dada.

COMO as cortezias ſe fazem de differentes modos, ſegundo as occaſiões, em que ſe encontraõ as peſſoas, darei a explicaçaõ de cada huma em particular, conforme a acçaõ principal, que deve fazer o corpo, depois de ter mostrado o modo de tirar, e pôr o chapeo: inſtrucçaõ eſta muito util á mocidade, com quem he preciſo ter muita paciencia, e trabalho para poder obrigalla a comprehender as conſequencias deſtes movimentos principaes.

COMO naõ ſe póde fazer cortezia alguma, ſem que ſe tire o chapeo antes de a principiar, eſta ſerá a materia deſte Capitulo, o qual enſinará o modo de o tirar, e pôr a fim de evitar os defeitos, em que qualquer póde cahir por falta de attenção.

Eſ-

Estando o corpo posto, segundo as regras, que adiante vaõ apontadas, querendo saudar alguem he preciso levantar o braço: seja o direito, ou o esquerdo, segundo a occasiaõ: e levando-o á altura do hombro, com a maõ aberta, dobraremos o cotovelo para tomar o chapéo: o que se faz com hum meio circulo do cotovelo ao chapéo, aproximando a maõ á cabeça, a qual naõ deve fazer movimento algum, pondo o dedo polegar junto á testa, e os quatro sobre o retorcido do chapéo, apertando o polegar, que com o seu movimento levanta o chapéo, e os quatro o seguraõ na maõ: e entaõ levantando o braço algum tanto tiraremos o chapéo da cabeça, e estendendo o braço, dexallo-hemos cahir para o lado quanto o mesmo braço permittir.

Todos estes differentes movimentos se dirigem unicamente a ensinar os differentes tempos, e medidas, que devem observar-se, ou naõ: e he de notar que em todas estas acções, importa naõ haver alguma detença em cada tempo, pois pareceria muito mal: quer-se que naõ haja dilaçaõ nenhuma, e que estes tempos sejaõ quasi imperceptiveis, de maneira que fiquem parecendo huma só acçaõ em tres tempos: e isto melhor se percebe por cada huma das posturas principaes, que saõ: levar o braço ao lado de si, dobrar o cotovelo, aproximar a maõ á cabeça, tirar o chapéo, e deixallo cahir quanto o braço permittir

Para o pôr he preciso observar a mesma regra. Naõ deve a cabeça fazer demonstraçaõ alguma para o receber: o braço, e a maõ he que o de-

devem pôr, tendo o cuidado de naõ o apertar muito, pela difficuldade, que haveria depois em tiralla; nem elle deve servir de outra cousa senaõ de coroar a cabeça: o que dá maior graça. Devemos tomar muito sentido em naõ o tomar pela cópa, nem pelo bico dos lados, como tenho visto fazer a muitas pessoas, e muito menos levar o braço, fronteiro á cara, ou abaixar a cabeça, tirando-o sem graça; o que faz muito máo effeito.

O MODO, que me parece mais agradavel para o levar com graça á cabeça, he póllo sobre ella, hum pouco mais a cima das sobrancelhas, apertando a maõ moderadamente sobre o retorcido. Naõ devemos assentallo só por de traz: e he preciso ficar mais baixo para diante duas ou tres linhas, do que para traz; o botaõ deve estar sobre a parte esquerda, e o bico a cima do olho esquerdo, para que a cara fique descoberta.

O LEVALLO muito para traz, faz parecer hum homem mentecapto: e muito para diante, dá hum ar de tristeza, e de pensativo, ao mesmo tempo que o levallo como se diz, fará parecer hum homem modesto, e temperado.

CAPITULO V.

De cada cortezia em particular.

TENDO fallado no Capitulo precedente sobre o modo de pôr, e tirar o chapeo, resta-me fallar de cada cortezia em particular, dando a conhecer

a differença, e o modo de as fazer a tempo, segundo as differentes occaſiões, que ſe offerecem todos os dias.

E PRINCIPIANDO por aquellas, que ſe fazem para diante; devemos ter o corpo direito, reſpar o pé adiante, ou ſeja o eſquerdo, ou o direito, até a proporçaõ ordinaria, que he a quarta poſſura, bem entendido, que o corpo naõ ſe deve inclinar, ou dobrar, ſenaõ depois de ter principiado a raſpar o pé, e entaõ deve o corpo ſeguir a perna, e o pé paſſar muito de vagar para diante, porque deſcançando o corpo ſobre o que fica atraz, eſtá o joelho obrigado a dobrar-ſe pelo peſo do corpo. A perna, que ſe encontra adiante, deve eſtar muito eſtendida, e a inclinaçaõ ſe faz mais, ou menos profunda, ſegundo a qualidade das peſſoas, que ſe ſaudaõ, inclinando juntamente a cabeça: o que he huma das partes mais eſſenciaes da cortezia. Ao dobrar a cintura naõ ſe deve eſtender o joelho, que ficar atraz, porque aſſim faria levantar o quadril, e o corpo ficaria torto, eſtando o joelho dobrado: todas as demais partes ſe ſoſtem por ſeu oppoſto.

QUANDO ſe levantar o corpo da ſua inclinaçaõ, ſeja com o meſmo vagar, que quando ſe inclinou, deixando deſcançar o corpo ſobre o pé, que ſe encontra adiante, para que o pé que fica de traz poſſa com maior liberdade paſſar adiante, ou levar-ſe para o lado: o que ſe faz ordinariamente para traz, como ſe explicará quando tratarmos do modo de fazer as cortezias á entrada de qualquer caſa, onde ha qualquer ajuntamento de peſſoas.

QUAN-

Quanto ás cortezias de paſſagem devem fazer-ſe do meſmo modo que aquellas, que ſe fazem para diante; exceptuando porém que ſe deve perfilar algum tanto o corpo, da parte donde eſtaõ as peſſoas, que ſe querem ſaudar, raſpando o pé adiante, para a meſma parte onde ellas eſtaõ, ou ſeja ſobre a direita, ou ſobre a eſquerda, dobrando a cintura, e inclinando a cabeça ao meſmo tempo.

Como ellas corteſias ſe praticaõ em differentes occaſiões, razaõ he que moſtrem as paragens, onde ſe devem fazer com maior attençaõ, como por exemplo ao paſſar por huma rua, e entaõ ſó ſe deve fazer muito ligeiramente; o que he, propriamente fallando, huma cortezia de paſſagem.

Aquellas, que ſe fázem nos paſſeios publicos, ou outros ſemelhantes, onde ſe encontraõ ordinariamente peſſoas de diſtincçaõ, naõ ſe devem fazer com a meſma ligeireza: mas ſim com maior moderaçaõ, porque moſtraõ maior graça.

Tambem devemos notar, que quando ſe paſſeia, ordinariamente o chapeo anda debaixo do braço eſquerdo, e ſe algumas peſſoas ſuperiores nos ſaudaõ, devemos tomar o chapeo com a maõ direita, e fazer a cortezia muito inclinada: o que moſtra maior reſpeito.

Outra reflexaõ muito neceſſaria he, quando ſe dobra o corpo, naõ inclinar tanto a cabeça, que naõ ſe poſsa vêr a cara, por ſer iſto groſseria: pois obriga a peſſoa a duvidar ſe he ella, a que ſe ſauda: pelo contrario, antes de principiar

a cortezia ſe deve olhar modeſtamente para a peſſoa; e a iſto ſe chama apreſentar a ſua cortezia, antes de a principiar.

Bem perſuadido eſtou de que naõ ſe tomando todas eſtas precauções, naõ ſe fazáõ as cortezias com toda a graça, que ellas merecem. E como naõ haja couſa menos culpavel para bem inſtruir-nos, do que repetir o que queremos ſaber; a eſta occupaçaõ he que a illuſtre mocidade deve applicar-ſe bem, a fim de adquirir a felicidade, que ſe requer, para naõ vêr-ſe embaraçada como muitas vezes ſuccede nas companhias extraordinarias, em que poucas vezes ſe acha.

As cortesias, que ſe fazem para traz, ſaõ differentes daquellas, que ſe fazem para diante, e como ſaõ mais reſpeitoſas, pedem maior attenção, e bem recompenſado fica todo o trabalho com o goſto de vêr-nos diſtinguir d'entre o vulgar.

Supponhamos que o chapeo eſteja na maõ, o pé na quarta poſtura, o corpo ſobre a perna eſquerda, e conſeguintemente a direita prompta para mover-ſe, e fazer para o lado a ſegunda poſtura: pondo o calcanhar no chaõ, o que facilitará o corpo a pôr-ſe ſobre ella, inclina-ſe o corpo, e levantando-o, raſpe-ſe o pé direito, cujo calcanhar ſe levantará com muito vagar até chegar o pé á terceira poſtura para traz; no que eſtá o tempo deſta cortezia.

Tambem tenho viſto a algumas peſſoas dobrar a cintura, e raſpar o pé ao meſmo tempo: naõ duvido que ſeja iſto muito bom; mas o modo, que tenho dito, parece-me mais graciozo, dá maior

ar,

ar, e he o mais praticado entre todas as peſſoas de diſtinçaõ.

Se alguem diſſer que eſta cortezia he contraria á que ſe faz para diante, diz bem: e para fazer o primeiro movimento ſe ha de raſpar o pé para diante, e dobrar juntamente o corpo, a fim de naõ parecer cortada a cortezia. As que ſe fazem para traz demoſtraõ primeiramente o corpo dobrado, e inclinada a cabeça, antes de raſpar o pé ſem muita dilaçaõ; porque as cortezias devem fazer-ſe ſeguidamente, e ſem affectaçaõ: e para pôrnos no coſtume de as fazer bem, bom he repetillas muitas vezes, fazellas com hum, e com outro pé, para adquirir facilidade: e eſte deſembaraço he o que ſe requer.

CAPITULO VI.

Do modo de andar das Senhoras, e como devem apreſentar-ſe.

NAÕ duvido, que me culpaſſem de ignorante, e indifferente, ou de ſaber enſinar ſómente os homens, ſe naõ moſtraſſe zelo, e attençaõ na inſtrucçaõ do ſexo amavel, que he a alma da Dança, e lhe dá todo o luſtre, que ella tem. E parece que entaõ he naturalmente mais engraçada; porque ſem a preſença das Senhoras naõ he a dança taõ animada: ellas ſaõ as que produzem aquelle ardor, e nobre emulaçaõ, que entre nós, e ellas ſe encontra, principalmente quando dançamos com as que executaõ bem eſte nobre exercicio.

Cou-

Couſa nenhuma me parece mais agradavel em huma companhia, do que vêr dançar ſerio duas peſſoas de hum, e outro ſexo: que applauſos para ellas! e que goſto para os circunſtantes!

Tudo quanto fica dito nos Capitulos precedentes, reſpeita igualmente a hum, e outro ſexo. Saõ neceſſarias as meſmas reflexões para as Senhoras: todas devem voltar os pés para fóra, e eſtender os joelhos, ainda que muitas peſſoas pretendem, que naõ ſe lhes conheçaõ eſtes defeitos. Mas para tirar eſte engáno, principalmente ás Senhoras de pouca idade, que por desmazelo, ou pouca curioſidade naõ o fazem, quero ſó o ſeu proprio voto. Ponhaõ-ſe diante de hum eſpelho de veſtir, e andem alguns paſſos, obſervando o modo de bem andar, que deixamos prescripto para os homens, ver-ſe-haõ com outro ar, e conheceráõ, que tendo a cabeça direita, fica o corpo com maior firmeza, e com os joelhos eſtendidos os paſſos ſaõ mais ſeguros. Tenho obſervado, e a meu vêr com muita razaõ, que para ſaber levar bem a cabeça, he neceſſario que huma Senhora, por muito engraçada, que ſeja no ſeu modo de levar a cabeça, fará julgar differentemente de ſi, ſe naõ a levar direita, e o corpo bem poſto: e ſe aſſim o fazer, ſem affectaçaõ ſe dirá: Eis-aqui huma Senhora, que tem ar muito nobre. Mas ſe a deixar ir com negligencia, ſerá tida por preguiçoſa: ſe a deixar cahir para diante, por bizonha, e ſe a levar muito baixa, por penſativa, e vergonhoſa: e outras muitas couſas, que naõ eſcrevo por naõ ſer prolixo. Deſejo que todas as

Se-

Senhoras pratiquem o modo facil, que acabo de descrever, para que naõ caiaõ em defeito algum dos que deixo ditos.

Para bem andar he preciso ter a cabeça direita, os hombros baixos, os braços retirados para traz, acompanhando bem o corpo: mas dobradas as mãos huma em cima da outra, com hum leque na maõ, sem affectaçaõ.

CAPITULO VII.

Das cortezias de differentes modos.

As Senhoras naõ tem o mesmo embaraço, que os Senhoras para fazer as suas cortezias: basta que saibaõ apresentar o corpo, e voltar os pés para fóra, raspar a tempo, dobrar os joelhos igualmente, ter a cabeça direita, o corpo firme, e os braços bem postos, que he o mais essencial.

Deve-se distinguir tres modos de cortezias tanto para ellas, como para nós: a saber, cortezia para diante, cortezia de passagem, e cortezia para traz, que he aquella, que mostra maior respeito, porque se faz de pé firme, e se dobra o corpo mais profundamente.

Principiarei por aquella, que se faz para diante: nesta cortezia, he preciso raspar o pé, seja o direito, ou o esquerdo, até a quarta postura, firmando o corpo sobre as duas pernas, curvando vagarosamente os joelhos, sem dobrar a cintura, antes pelo contrario, o corpo deve estar muito direito sem balancear, o que succede muitas vezes,

pelos pés estarem mal postos, ou voltados para dentro, ou tambem muito apartados. Curvado que tenhaõ bastantemente, devem levantar-se com o mesmo vagàr; no que se termina esta cortezia.

Quanto ás cortezias de passagem, ellas se devem fazer igualmente: exceptuando, que quando se passa por diante de huma pessoa, se devem dar dous ou tres passos, antes de principiar a cortezia, olhando para a pessoa que se deve saudar, voltando-se algum tanto o corpo, raspando o pé da mesma parte até a quarta postura, dobrando, e levantando-se muito vagarosamente, tendo sempre o cuidado de deixar descançar o corpo sobre o pé que passou adiante, a fim de poder andar com o pé, que fica para traz.

Como estes cortezias se praticaõ em os passeios, ou em outras partes de ceremonias, devemos observar, que quando saudamos algumas pessoas superiores, em lugar de fazellas de passagem devem fazer-se para traz; o que mostra maior respeito.

Estas cortezias se fazem levando o pé seja o direito, ou esquerdo, para a ilharga até a segunda postura, raspando o outro pé até á primeira, juntaõ-se os dous calcanhares hum ao outro, dobrando os joelhos igualmente muito abaixo, e levanta-se o corpo com o mesmo vagar, com que se curvou.

Havendo de fazer huma segunda; devemos deixar descançar o corpo sobre o pé, que se levou á segunda postura, a fim de fazer facilmente o mesmo com o outro pé, e ter cuidado de naõ raspallo, e dobrallo ao mesmo tempo; o contrario

rio tiraria o corpo de seu assento, e obrigaria a balancear.

Disse que os dous calcanhares devem estar juntos, hum ao outro, para que dobrando os joelhos, e tendo-os voltados para fóra, naõ se adiante mais hum do que outro, e raspando o pé para traz á terceira, ou quarta postura, faz apparecer hum joelho para diante, e facilita a voltar-se para dentro: defeito que se deve evitar.

CAPITULO VIII.

Das cortezias que se devem fazer á entrada de huma casa.

QUANDO entramos em huma casa, ou sala, he preciso tirar o chapeo com a maõ direita, entrar dous, ou tres passos para dentro, por naõ embaraçar-nos entre a porta, e para tomar tempo de apresentar as nossas cortezias. Feita a primeira para diante, levantaremos o corpo; e deixando-o cahir sobre o pé que se passou adiante, levaremos o que está detraz, sobre huma mesma linha á segunda postura, para fazer a cortezia para traz.

Acabadas estas duas cortezias, entraremos, e encontrando-se pessoas assentadas sobre a direita, e a esquerda, se devem fazer as cortezias de passagem de huma, e outra parte, caminhando pelo meio da companhia, até chegar ao assento, para nós destinado, e antes de assentar nos, faremos huma cortezia para diante a todos os circunstantes,

que eſtaõ preſentes na ſala. Mas ſe houvermos de fallar com alguma das peſſoas, chegar-nos-hemos a ella, fazendo as meſmas cortezias, que fizemos á entrada, e ao apartar-nos della faremos duas cortezias huma para traz, e outra paſſando, como á entrada; porque a civilidade aſſim o pede: o que naõ tem excepçaõ, e neſte ponto o uſo do mundo he o melhor meſtre.

Depois de haver enſinado o modo de fazer as cortezias á entrada de huma caſa, para proſeguir na inſtrucçaõ neceſſaria, cumpre dar á nobre mocidade huma idéa dos bailes, ou brincos, e da boa maneira de haver-ſe bem nelles, e com toda a cortezia, ou ſeja que nos convidem para dançar, ou que convidemos alguem; e eſta ſerá a materia do ſeguinte Capitulo.

CAPITULO IX.

Da boa mostira, que ſe deve obſervar com cortezia em os bailes arregrados.

COMO em todo eſte Tratado naõ levo a mira n'outra couſa, ſenaõ em inſtruir a illuſtre mocidade no modo da haver-ſe bem nas occaſiões, a que o uſo do mundo a chama, e dando os bailes huma certa liberdade pela facilidade, que todo o mundo tem de introduzir-ſe nelles, e muitas peſſoas ſe encontraõ, a maior parte das quaes oufamas por hum certo naõ ſei que, e alguma preſumpçaõ de diſtincçaõ, e, que ſendo mais pouco civiliſadas, tomaõ naõ obſtante certa licença, que ti-

tira toda a boa ordem, que se deve observar: por este motivo escrevo neste lugar as ceremonias, que se devem praticar, para que por meio dellas grangeem a benevolencia de todas, e se portem com nobre politica.

Como nos bailes arregrados, sempre ha hum Rei, e huma Rainha, para se seguir as regras, saõ elles os que principiaõ a dançar, e acabado o primeiro minuete convida a Rainha outro Cavalleiro para dançar com ella, e depois de haver dançado, o Cavalleiro vai guiar a Rainha ao seu lugar, pergunta-lhe com quem deseja que se dance, e fazendo huma cortezia para traz vai ter com a pessoa, que a Rainha nomeou, e faz-lhe a sua cortezia para a convidar a vir dançar.

Mas se a pessoa convidada está divertida com alguma, e naõ se levanta no mesmo instante, he preciso ir esperalla ao lugar onde se principia a dançar, e assim que a Senhora vier tomar o seu lugar, deixalla-ha passar por diante: attenção, que a vida civil quer que se observe: e acabado o minuete, ou outra dança, independente das cortezias costumadas, o Cavalleiro fará outra, e irá assentar-se para dar lugar ás pessoas, que devem dançar.

Sendo obrigado a dançar outra vez, se vos pertencer convidar, convém fazello á mesma pessoa, que vos convidou a primeira vez; porque de outro modo seria faltar á politica; o que he grande defeito. Esta régra deve igualmente entender-se a respeito das Senhoras.

Quando vos convidarem para dançar, deveis

ir

ir ao lugar, onde se principia a dança, fazer as cortezias, e naõ sabendo dançar, desculpar-vos-heis com o pouco uso, que tendes feito da dança, ou dizendo que ha pouco tempo, que principiastes a aprender, ou que naõ tendes tido occasiaõ de tomar mestre; deste modo acabadas as cortezias, ireis guiar a Senhora ao seu assento, e logo fareis cortezia a outra Senhora, para a convidar a vir fazer as cortezias comvosco, por naõ desfazer a ordem do baile.

Mas se vos rogarem a dançar, qualquer que seja a instancia, que se vos fizer, depois de tervos escusado hũma vez naõ deveis dançar, em quanto continúa o baile; porque seria offender a pessoa, que primeiramente vos convidou; o que se deve entender, assim de hum como de outro sexo. Os que tem a cargo reger o baile, ou o que faz a obrigaçaõ de Mestre-Sala, deve ter muita attençaõ, em mandar dançar cada hum quando lhe toca, a fim de evitar a confusaõ, e os desgostos: e se se apresentarem alguns mascarados, os mandará dançar primeiro, para que os da sua companhia os sigaõ igualmente, preferindo estes aos mais; porque debaixo destes vestidos, muitas vezes se occultaõ pessoas da primeira distincçaõ.

Naõ duvido, que tomando todas estas precauções, tanto os que assistem a estes bailes, como os que fazem as convocações, se façaõ distinguir por seus bons modos, e suas boas cortezias.

O que encommendo principalmente á mocidade; e por isso muitas vezes se lhes mandará fa-

fazer eſtes divertimentos, em que ſe obſervaõ as regras, que ſeus Meſtres lhes tem enſinado, a fim de que ſe diſtingaõ dos mais, que naõ tem tido, nem frequentado tal arte.

CAPITULO X.

Das cortezias antes de dançar.

POSTO que as cortezias, que ſe fazem antes de dançar, ſaõ as meſmas, que ſe fazem para traz; todavia pedem algumas inſtrucções particulares, e por iſſo darei aqui as regras, que ſe devem obſervar para as fazer bem, porque em qualquer companhia que ſeja, de ordinario ſaõ muito curioſas as peſſoas em olhar para quem lhe a dançar: e quando alguem ſe apreſenta com ar, graça, e gala, faz admirar os circunſtantes; e ainda que naõ dance com perfeiçaõ, pelo menos tem o merecimento de ſaber fazer bem huma cortezia.

DEVEM eſtar as duas peſſoas poſtas ao lado huma da outra, n'huma meſma linha, e na quarta poſtura: a Senhora ficará á direita, e o Cavalheiro á eſquerda. O qual terá o chapeo na meſma maõ, e a Senhora os braços eſtendidos ſobre os lados de modo, que os cotovelos cáiaõ quaſi ſobre os quadris, mas naturalmente: deve tomar a ſaia com o dedo polegar, e o dedo ſeguinte, com as mãos voltadas para fóra ſem eſtender, nem ter apertada a ſaia. Vejo-me de algum modo obrigado a aviſar, que ſe devem ter as luvas

vas calçadas, antes de principiar a dançar, e ainda antes de ir convidar huma Senhora; porque he incivilidade fazer esperar a pessoa, que deve dançar comvosco.

PARA principiar, deve o homem levar o pé direito á segunda postura, dobrando o corpo ao mesmo tempo: e ao levantallo, raspará o pé esquerdo, cujo calcanhar estará levantado, para traz do direito hum pouco mais, que a terceira postura: o que faz descançar o corpo; e assim se termina a primeira cortezia.

PARA fazer a segunda, leva-se o pé direito diante do esquerdo, hum pouco mais, que a quarta postura, e voltando sobre o pé direito, levanta se o esquerdo, que fica atraz, e faz com que o corpo faça hum meio circulo para ficar com o corpo voltado para a Senhora, descançando o corpo sobre os dous pés, que ficaõ na primeira postura; e levando novamente o esquerdo n'huma mesma linha á segunda postura, a saudará: e ultimamente levantando o corpo, raspará para traz do esquerdo até a terceira, ou quarta postura: e aqui acaba a segunda cortezia.

QUANTO á Senhora, que tem o pé esquerdo na quarta postura; deve-o levar á segunda, e raspando seguidamente o direito até á primeira postura, dobrará igualmente os dous joelhos para os lados, como acima fica dito. Feita a primeira cortezia passa o pé esquerdo diante do direito, hum pouco mais, que a quarta postura, para voltar sobre elle, e levantando o pé direito, que lhe fica por de traz faz com o corpo hum meio

cir-

circulo para pôr-se fronteira ao homem na primeira postura: levantará então o direito a fazer huma segunda, e raspando logo o esquerdo até a primeira, curvará, e depois levantar-se-ha vagarosamente: e assim acaba a cortezia.

Advirto, que devem olhar modestamente hum para o outro, naõ só no tempo das cortezias, mas em quanto dançarem; porque isso dá maior graça, e he signal de mais respeito; além de que o olhar durante a dança, para os que estaõ de fóra, he huma especie de desprezo, que fazeis da pessoa, que dança comvosco.

CAPITULO XI.

Dos passos do minuete.

HE preciso saber, que os passos que chamamos de minuete, se compõem de quatro passos, os quaes se principiaõ por dous meios cortados: a saber o primeiro do pé direito, e o segundo do pé esquerdo, depois dos passos andados sobre os bicos dos pés, hum do direito, e outro do esquerdo: o que se executa durante dous compassos de solfa a tres tempos, dos quaes hum se chama Cadencia, e outro Cantra-cadencia. Para bem os comprehender, deve-se dividir em partes iguaes: o primeiro compaso da solfa serve para o primeiro meio cortado, e o segundo compasso para o segundo meio cortado, e os dous passos andados: o que próva que naõ se deve gastar mais tempo para os fazer, do que aquelle que se

se gasta em fazer o primeiro meio cortado.

Estando adiante o pé esquerdo, e o corpo sobre elle, para fazer os passos dianteiros, aproxima-se o pé direito ao esquerdo até a primeira postura, dobrando os dous joelhos, sem pôr o pé direito no chaõ; raspa-se até a quarta postura para diante, e ao mesmo tempo levanta-se sobre o bico, ficando estendidas as duas pernas: o que faz o equilibrio: logo se assenta o calcanhar direito no chaõ, dobrando igualmente ambos os joelhos, e raspando o pé esquerdo para diante até a quarta postura, levar-se-ha o corpo sobre elle para dar os dous ultimos passos sobre o bico dos pés; advertindo porém que no quarto passo se deve pôr o calcanhar esquerdo no chaõ, a fim de tomar o outro passo de minuete com maior firmeza.

Os passos de minuete, que se fazem para traz, saõ quasi os mesmos, que aquelles, que se fazem para diante, exceptuando que ao primeiro meio cortado do pé direito a perna esquerda fica estendida adiante da direita, e dobrando sobre ella para o segundo passo, o calcanhar esquerdo se aproxima ao pé direito: e dobrando ambos os joelhos raspa-se o pé esquerdo até á quarta postura, andando os dous ultimos passos sobre os bicos dos pés.

Quanto aos passos de minuete, que se fazem para o lado direito, e que se pódem chamar passos de minuete abertos, por ser o primeiro raspado para a segunda postura, devem-se fazer do mesmo modo, que os que se fazem para traz

traz: mas com differença porém que eſtes ſe fazem direitos para traz ſobre huma linha recta; e os do lado direito ſe fazem ſobre huma linha horiſontal, andando para a direita.

Os PASSOS de minuete, que ſe fazem para o lado eſquerdo, ſaõ differentes; porque ſaõ cruſados, bem que ſe façaõ ſobre huma meſma linha, andando da direita para a eſquerda.

Posto o corpo ſobre o pé eſquerdo, dobraõ-ſe ambos os joelhos, raſpando o pé direito para diante, ou para traz até á quinta poſtura: levanta-ſe o corpo ſobre elle, e leva-ſe a perna eſquerda para o lado direito a ajuntar os dous calcanhares hum ao outro, e dobrando ambos os joelhos raſpa-ſe o pé eſquerdo até a ſegunda poſtura; levanta-ſe então o corpo para fazer os dous paſſos andados, o direito em quinta poſtura para traz, e o eſquerdo na ſegunda; o que termina o paſſo. Eſte o modo mais facil para fazer com perfeiçaõ todos os paſſos de minuete.

Com eſtes differentes paſſos bem feitos devemos formar huma figura arregrada, a que ſe chama minuete, da qual ſomos devedores ao ſenhor Pecour, que lhe deo toda a graça, que tem; mudando a fórma de S, que era a ſua principal figura, na de Z, em que os paſſos contados por o afiguras mantém as peſſoas, que dançaõ com a meſma regularidade.

CA-

comprehender esta cadencia, que he a alma da Dança, e muitas vezes só depende de huma pouca de applicação.

Disse que os passos de minuete se devem fazer durante dous compassos de solfa, em tres tempos ligeiros, porque assim se encontra huma verdadeira, e huma falsa cadencia: a primeira he a boa, e a segunda he a falsa: e como os minuetes saõ ordinariamente de oitó, ou de doze compassos: a boa está no principio, a falsa no fim.

Esta cadencia ensina-se batendo com a maõ direita na esquerda, levantando a maõ ao segundo compasso (ou falsa cadencia) o que se deve continuar por estes dous tempos iguaes.

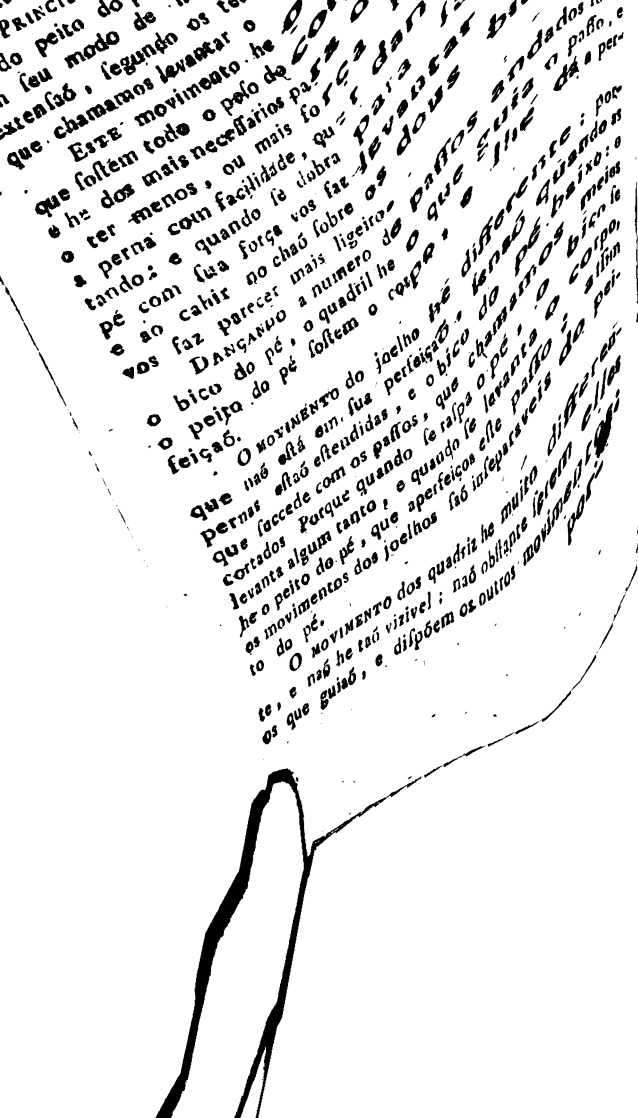
CAPITULO XIII.

Discurso sobre os movimentos em geral.

Como o mais essencial para dançar bem he saber tomar os movimentos: para os fazer com acerto he preciso conhecellos, e para os conhecer, saber o fundamento delles: o que agora explicaremos, segundo as regras da arte.

Ha tres movimentos desde a cintura até os pés, que saõ o dos quadriz, dos joelhos, e dos peitos dos pés; destes principaes movimentos se formaõ todos os differentes passos da Dança; mas só se achaõ em sua perfeiçaõ, quando as juntas, dobrado que se tenhaõ, voltaõ á sua primeira situ-

çaõ



porque os joelhos, e os pés naõ se pódem voltar sem primeiramente estarem voltados os quadriz: o que he incontestavel, por ser esta junta superior ás demais.

Ha passos, em que só os quadriz se movem: como saõ os batidos terra a terra, nos entrechachados: e as cabriolas, que saõ huns passos de danças altas. Quando se fazem no ar só os quadriz he que fazem mover as pernas para as fazer com toda a perfeiçaõ, ficando estas muito estendidas, e entaõ o peito do pé, e os joelhos naõ se movem de nenhum modo.

CAPITULO XIV.

Discurso sobre o movimento dos braços.

NAÕ ha cousa mais vantajosa para as pessoas, que tem inclinaçaõ a dançar bem, e disposiçaõ para o executar, do que applicar-se a mover bem os braços. He certo que hum bom Mestre o deve saber ensinar a tempo, segundo a constrúcçaõ da pessoa que aprende a dançar: por exemplo fazellos levantar, se a pessoa he pequena, e se he de estatura alta, fazellos levar na altura dos quadriz: e se fôr proporcionada, deve os ter na altura da bocca do estomago. Estas regras saõ do Senhor Bocham.

Direi sómente, que se deve ter muito cuidado, em que os braços acompanhem bem o corpo: porque assim como a moldura de hum retrato, se naõ he feita de modo, que possa dizer com elle, naõ parece bem, assim, de qualquer modo que a pes-

pessoa, que dança, fizer os passos com toda a sua perfeiçaõ, se naõ tem os movimentos dos braços arregrados, suaves, e moderados, e naõ mostrar boa opposiçaõ, a sua dança naõ parecerá taõ animada, e por consequencia ha de fazer o mesmo effeito, que o retrato fóra da sua moldura.

Contaõ-se nos braços tres movimentos, do mesmo modo que nas pernas, e saõ relativos hum ao outro: a saber, o movimento do pulso, do cotovelo, e do hombro: os quaes he preciso que concordem com os das pernas. Porque se se fazem meios cortados, aberturas de pernas, e outros passos que se tomaõ mais do peito do pé, que dos joelhos, saõ os pulsos os que se movem: ao mesmo tempo que se os passos saõ muito dobrados, como saõ o de Buré, tempo de *Courante*, ou passo grave, passos de Sisonas, contra-tempos, e outros passos, que pedem contraste, ou opposiçaõ, o cotovelo he o que se deve mover por estar mais apparente; pois naõ se deve dobrar o cotovelo, sem que seu movimento seja acompanhado do movimento do pulso, assim como do movimento do peito do pé, o do joelho, que naõ se póde acabar, sem estar o corpo muito levantado sobre o bico do pé.

Quanto ao movimento do hombro, naõ he taõ apparente, se naõ he nos passos *tombés*, ou cahidos, aos quaes parece, que as forças vos faltaõ para o movimento, que faz o corpo: assim os hombros por seus movimentos mostraõ, que os braços cahem.

Estes movimentos dos hombros se manifestaõ nas

nas opposições, em que os braços estando estendidos obrigaõ o hombro a retirar-se algum tanto para traz. Por exemplo: quando se passa pela ilharga de algumas pessoas, o hombro por si mesmo se volta para traz.

FIM.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS.

PARTE PRIMEIRA.

Elementos da Civilidade, e da Decencia.

CAP. I. *Da honesta compostura do corpo, e dos vestidos, e aceio.* 2

CAP. II. *Do modos de saudar, ou de fazer as cortesias, e da sua correspondencia.* 8

CAP. III. *Do modo de passear, e da civilidade, que se deve observar com aquellas pessoas, que encontrarmos no Passeio.* 12

CAP. IV. *De algumas acções, que dizem respeito á conversação, e da conversação em companhia de muitas pessoas.* 17

CAP. V. *Das Visitas.* 39

CAP. VI. *Do modo como se deve entrar em casa de hum Grande, e o que se deve observar a seu respeito em todas as occasiões.* 46

CAP. VII. *Da decencia, e civilidade, que se deve observar de superior para inferior, e entre pessoas iguaes.* 57

CAP. VIII. *Do que devemos observar, quando estivermos á meza.* 68

CAP. IX. *Do que se deve observar em jornadas, ou quando formos em carruagem, a cavallo, ou em cadeirinha, como tambem de companhia com alguma pessoa de qualidade.* 81

CAP.

CAP. X. *Do que se deve observar nos Espectaculos publicos, no Baile, no Jogo, e em tudo o que diz respeito ao Canto, e aos instrumentos de Musica.* 85
CAP. XI. *Do que devemos observar, quando escrevermos alguma Carta.* 92
CAP. XII. *Da Hospitalidade.* 98
CAP. XIII. *Das palavras indirectamente incivis.* 106
CAP. XIV. *Do bom genio, e condescendencia, e das falsas escusas, que lhes saõ directamente oppostas.* 109
CAP. XV. *Da Importunaçaõ.* 117
CAP. XVI. *Da falsa civilidade, e do uso que devemos fazer, em todas as occasiões, das regras da decencia, e civilidade.* 122

SENTENÇAS MORAES, *para reger-nos sabiamente no Mundo.* *desde a pag.* 124 *até* 139

PARTE SEGUNDA.

Arte de Agradar na Conversaçaõ.

CAP. I. *Do que deve formar a conversaçaõ.* 142
CAP. II. *Da civilidade, que devemos usar na conversaçaõ; e das ceremonias, que se haõ de evitar.* 148
CAP. III. *Da pureza da lingua, e do modo de fazer huma narraçaõ.* 155
CAP. IV. *Da Conversaçaõ com as Senhoras, e como devemos condescender com ellas.* 162
CAP. V. *Do modo como a decencia nos manda proceder, quando fallarmos, e comermos em companhia.* 168

CAP.

CAP. VI. *Dos que fallão muito.* 176
CAP. VII. *Como hum homem, que passa por mentiroso, ou he grosseiramente sincéro, não póde agradar na conversação.* 178
CAP. VIII. *Como os maldizentes, e os graciosos são abominaveis na conversação.* 182
CAP. IX. *Do modo como se pódem introduzir alguns elogios na conversação, e da circunspecção com que nelle devemos haver-nos.* 187
CAP. X. *Em que se mostra, que para agradar na conversação, he preciso ser muito prudente, e observar pontualmente a decencia.* 192
CAP. XI. *Da zomboria, e do gracejo.* 196
CAP. XII. *Se na conversação he permittido reprehender alguem, ou criticar algumas pessoas.* 202
CAP. XIII. *Como na conversação devemos dominar o nosso genio para agradar aos outros.* 206
CAP. XIV. *Em que se mostra que para fallar com acerto das paixões, vicios, e virtudes, he necessario passar ordinariamente do discurso geral ás distincções particulares.* 212
CAP. XV. *Se he conveniente o preparar-se hum pessoa para as conversações ordinarias: e com que veneração, e respeito se deve fallar das cousas santas, e dos negocios do Estado.* 217

MAXIMAS MORAES, *para reger-nos sisudamente no Mundo.*

I. *Dai ao Creador o que lhe devido.* 221
II. *Antes que faças, olha que fazes.* 224
III. *Frequentai sómente as pessoas virtuosas.* 225
IV. *Nunca tenhais presumpção dos vossos feliz talentes.* 226

V.

V. *Antes de obrar, consultai o sentimento dos outros.* 227
VI. *Cuidei civilmente, quando alguem porfiar contra os vossos sentimentos.* 228
VII. *Dai attenção ao que se diz.* ibid.
VIII. *Nunca presumais de sabio.* 229
IX. *Naõ falleis a pessoa alguma em estylo mais elevado, do' que a sua comprehensaõ.* 230
X. *Usai de sinceridade, e rectidaõ nos vossos discursos.* 231
XI. *Cumprireis inviolavelmente a vossa palavra.* 232
XII. *Nunca promettais inconsideradamente.* 233
XIII. *Sede prestadio, condescendente, benigno, e affavel.* 234
XIV. *Mostrai agradavel parecer, e dai-vos benignamente com todos.* 235
XV. *Sede de genio agradavel sem abatimento da vossa pessoa.* 236
XVI. *Naõ ajuiseis decisivamente em cousa alguma, sem que primeiro a pondereis.* 237
XVII. *Amai sem interesse.* 238
XVIII. . . . . *Perdoai sem froqueza.* 239
XIX. *Sede obediente aos Grandes sem baixeza.* ibid
XX. *Cultivai desvelado a amizade de todos.* 240
XXI. *Evitai os litigos, e naõ intenteis processo algum.* 241
XXII. *Naõ vos informeis dos negocios alheios.* 242
XXIII. *Dissimulai os vossos negocios sem affectaçaõ.* 243
XXIV. *Emprestai com agrado, e discernimento.* ibid.
XXV. *Quando a recompensa he devida, dai-a generosamente.* 244

XXVI. *Sede ternos, e reſpeitoſos para com aquelles que vos deraõ o ſer.* 24
XXVII. *Lembrai-vos ſempre do lugar (*) que vos viu naſcer.* 24
XXVIII. *Compadecei-vos das deſgraças alheias.* 24
XXIX. *Protegei, e amparai ao pobre opprimido.* 24
XXX. *Fazei por vencer a melancolia, e que o voſſo eſpirito ſe entregue.* 24
XXXI. *Fazei que o pezo da voſſa melancolia naõ cáia ſobre peſſoa alguma.* 25
XXXII. *Levai a paz, onde reina a diſcordia.* ibid
XXXIII. *Nunca vos vingueis, que naõ ſeja á força de fazer bem.* 25
XXXIV. *Reprehendei ſem aſperezà.* 25
XXXV. . . . *Louvai ſem liſonja.* 25
XXXVI. *Ride moderadamente.* 25
XXXVII. . . . . *Soffrei a zombaria.* ibid
XXXVIII. *Eſtimai a cada hum na ſua profiſſaõ.* 25
XXXIX. *Nunca gracejeis em materia de Religiaõ.* 25
XL. *Moderai os impulſos de cólera no ſeu principio.* 25
XLI. *Dizei ſempre bem das peſſoas auſentes.* 25
XLII. *Evitai a ingratidaõ, e ſede agradecidos.* 25
XLIII. *Jogai ſem intereſſe, e por divertimento.* ibid.
XLIV. *Sabei perder, e ganhar ſem mudar de ſemblante.* 26
XLV. *Fazei bom uſo dos bens terrenos.* 26
XLVI. *Nunca deis de roſto a peſſoa alguma com o beneficio, que lhe houverdes feito.* 26
XLVII. *Naõ uſeis de tyrannia com os voſſos devedores.* 26
XLVIII. *Naõ tenhais inveja das felicidades do proximo.* 26

XLIX. *Nunca divulgueis aquillo, que se vos confiar.* ibid.
L. *Evitai tudo quanto vos póde alterar a saude.* 265
LI. *Amai a verdade, bem que seja quando zombais.* 266
LII. *Soffrei que vós advirtaõ os vossos defeitos.* 267
LIII. *Fugi igualmente do luxo, e da avareza.* 268
LIV. *Quando for preciso obedecer, fazei-o com bom modo.* 269
LV. *Quando mandardes, fugi de ser altivo.* 270
LVI. *Sede com vossos filhos verdadeiro Pai.* 271
LVII. *Naõ sejais muito severos, quando reprehenderdes os defeitos de vossos filhos.* 272
LVIII. *Fazei que as vossas virtudes lhes sirvaõ de liçaõ.* 273
LIX. *Adverti que a educaçaõ de vossos filhos he a sua riqueza.* ibid.
LX. *Naõ fomenteis o odio contra pessoa alguma.* 274
LXI. *Se o vosso amigo se queixa, tomai parte na sua dôr.* 275
LXII. *Abominai o excesso da meza, e do vinho.* 276
LXIII. *Temei sobre tudo o veneno das casas de devassidaõ.* 277
LXIV. *Amai a vossa pessoa com hum amor sem contradicçaõ.* 278
LXV. *Sede conformes em soportar os embaraços da vossa casa.* ibid.
LXVI. *Obedecei ás leis, e sede bom cidadaõ.* 279
LXVII. *Preparai-vos incessantemente para morrer como Christiaõ.* 280

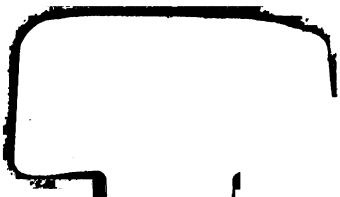
PAR-

PARTE TERCEIRA.

Tratado dos principaes fundamentos da Dança.

CAP. I. *Da boa moda de pôr bem o corpo.* 282
CAP. II. *Do modo de andar bem.* 283
CAP. III. *Das posturas; e da sua origem.* 285
CAP. IV. *Das cortezias em geral.* 289
CAP. V. *De cada cortezia em particular.* 291
CAP. VI. *Do modo de andar das Senhoras, e como devem apresentar-se.* 295
CAP. VII. *Das cortezias de differentes modos.* 297
CAP. VIII. *Das cortezias que se devem fazer á entrada de huma casa.* 299
CAP. IX. *Da boa maneira, que se deve observar com cortezia em os bailes arregrados.* 300
CAP. X. *Das cortezias antes de dançar.* 303
CAP. XI. *Dos passos do minuete.* 305
CAP. XII. *Dos movimentos dos braços, que se devem executar nos passos dos minuetes.* 308
CAP. XIII. *Discurso sobre os movimentos em geral.* 309
CAP. XIV. *Discurso sobre o movimento dos braços.* 310

H3

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building